

ROBERT E. HOWARD

A ESPADACHIM

E OUTRAS AVENTURAS HISTÓRICAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROBERT E. HOWARD

A ESPADACHIM

E OUTRAS AVENTURAS HISTÓRICAS





A ESPADACHIM
e outras
Aventuras Históricas



ROBERT E. HOWARD

Ilustrado por
JOHN WATKISS

Tradução de Fernando Neeser de Aragão.
Créditos: site Crônicas da Címéria

ÍNDICE

Espadas para a França
A Estrada das Águias
Agnes, A Espadachim
A Sombra do Abutre
Falcões Sobre o Egito
A Princesa Escrava
Amante da Morte

ESPADAS PARA A FRANÇA

Título Original: BLADES FOR FRANCE

I

Quem Encontrei: Homens Usando Máscaras



— RAPAZINHO, o que faz com uma espada? Há, por Saint Denis, é uma mulher! Uma mulher com espada e elmo!

E o grande velhaco de barba negra parou, com a mão no cabo da lâmina, e ficou boquiaberto e espantado ao me ver.

E eu lhe devolvi o olhar fixo sem me embarçar. Uma mulher, sim, e era um lugar solitário, uma sombria clareira de floresta, distante de habitações humanas. Mas eu não usava gibão, largos calções curtos e botas espanholas meramente para me exhibir; e o capacete morion sobre meus cachos vermelhos, e a espada que pendia do meu quadril, não eram simples enfeites.

Olhei para aquele sujeito que encontrei por acaso na floresta, e gostei pouco dele. Era bastante grande, com um rosto maligno e cicatrizado; seu morion

estava lavrado a ouro e, sob seu manto, brilhavam uma couraça e nesgas. O manto era uma veste notável, de veludo cipriota, habilmente trabalhado com fios de ouro. Aparentemente, o dono havia cochilado sob uma enorme árvore próxima. Havia um grande cavalo ali, amarrado a um galho, com ricos arreios de couro vermelho e rédeas douradas. Suspirei diante da visão, pois eu havia caminhado muito desde a aurora, e meus pés em minhas longas botas doíam.

— Uma mulher! – repetiu o patife, pasmo – E vestida como um homem! Tire esse manto esfarrapado, moça; quero te ver melhor! Diabos, você é uma vadia linda, alta e flexível! Venha, tire seu manto!

— Pare com isso, cão! – eu o adverti asperamente – Não sou nenhuma vagabunda chorona para sua diversão.

— Quem, então? – ele me devorava com os olhos.

— Agnes de La Fere. – respondi – Se você não fosse um forasteiro aqui, saberia a meu respeito.

Ele sacudiu a cabeça:

— Não, eu sou novo por aqui. Eu me chamo Chalons. Mas não importa. Um nome é tão bom quanto outro. Venha cá, Agnes, e me dê um beijo.

— Idiota! – Minha raiva sempre pronta estava começando a arder às ocultas – Será que devo matar metade dos homens da França, pra os ensinar respeito? Veja! Visto estas roupas, mas como vestimentas e instrumentos de minha profissão, e não para chamar a atenção dos homens. Eu bebo, luto e vivo como um homem...

— Mas amará como uma mulher! – ele disse e, pulando subitamente em minha direção como um grande urso, ele tentou me arrastar para seu abraço, mas recuou de uma bofetada que lhe partiu os lábios e fez correr um fio de sangue por sua barba negra.

— Cadela! – ele rugiu em breve fúria, seus olhos queimando – Vou lhe aleijar por isso!

Ele avançou novamente em minha direção, com suas grandes mãos se fechando, mas quando desembainhei minha espada, ele subitamente pareceu sóbrio pelo que viu em meus olhos e, como se finalmente percebesse que isto não era brincadeira, recuou e puxou sua própria lâmina, lançando seu manto para longe.

Nossas lâminas se encontraram com um estrondo que ecoou pela floresta, e quase o matei no primeiro golpe. Foi mais por sorte que ele deteve

parcialmente minha estocada feroz, e a ponta de minha espada lhe atravessou toda a pele da mandíbula, de modo que o sangue lhe jorrou na parte da armadura que lhe protegia o pescoço. Ele gritou feito um cão louco, mas o ferimento lhe deu juízo e o fez perceber que não estava diante de uma brincadeira de criança.

Ele brandiu sua lâmina com toda a força e habilidade, e não o achei um espadachim médio. Bom para mim, que havia aprendido a arte pela melhor lâmina da França, pois este patife de barba negra era forte, habilidoso, e cheio de truques sujos e subterfúgios assassinos, através dos quais eu soube que ele não era um homem honesto, mas um sicário, um daqueles matadores pagos que vendem suas espadas a qualquer um que possa lhes pagar o salário.

Mas eu não era inocente naquele jogo, e minha rapidez de olhos, mãos e pés era tal, que nenhum homem poderia igualar. Falhando em todos os truques e estratégias, o barba-negra tentou me derrubar com pura força bruta, despejando golpes trovejantes sobre minha guarda com toda a sua força. Mas isto não lhe foi de melhor serventia, porque, apesar de eu ser mulher, meu corpo era como se fosse de molas de aço e ossos de baleia, e tinha a arte de desviar seus golpes antes que eles fossem bem começados e, deste modo, evitar sua fúria total. Dentro em pouco, sua respiração começou a assobiar através de seus dentes expostos, a espuma começou a se misturar com o sangue em sua barba, e sua barriga a ofegar sob sua couraça.

Então, quando sua força e fúria começaram a falhar, ataquei implacavelmente e, abrindo sua guarda, enfiei a ponta de minha espada no meio de sua barba negra, acima da armadura, cortando jugular, traquéia e espinha numa só estocada, de modo que ele morreu enquanto caía.

Limpando minha lâmina, ponderei sobre minha próxima ação, e logo lhe esvaziei a bolsa, encontrando algumas moedas de prata ali dentro; e fiquei desapontada com a pobreza dali, pois eu estava sem dinheiro e faminta. Mesmo assim, seriam suficientes para um jantar em alguma estalagem na floresta. Então, vendo que meu manto estava, como ele dissera, gasto e esfarrapado, peguei o dele, o qual admirei bastante por causa da rara qualidade do acabamento a ouro que o decorava. Quando o levantei, uma máscara de seda negra caiu dele, e pensei em deixá-la onde caiu, mas pensei melhor e a enfiei no meu cinto. Envolvi o cadáver em meu manto velho e o arrastei para dentro dos arbustos, onde não seria visto por nenhum possível transeunte; e, montando o cavalo, cavalguei na direção para a qual eu estava viajando, muito grata pelo alívio dos meus pés cansados.

Enquanto eu avançava pelo anoitecer, fiquei meditando sobre os eventos que ocorreram comigo desde que eu, como uma garota ignorante do campo, havia esfaqueado o homem com o qual meu pai estava me forçando a me casar, e fugi da aldeia de La Fere, para me tornar uma espadachim e uma fanfarrona

de calças.

Realmente, a violência e morte pareciam seguir meu caminho. Guiscard de Clisson, que me ensinou a arte da espada, e com quem eu estava cavalgando para as guerras da Itália, morrera baleado numa emboscada armada por sicários pagos pelo Duque d'Alencon, os quais pensaram que ele fosse meu amigo Etienne Villiers. Etienne sabia da intriga contra o Rei Francis no pacto do duque e, por causa desse conhecimento, sua vida estava a prêmio. Agora eu também estava sendo caçada por Renault d'Valence, o líder daqueles assassinos pagos, desde que souberam que eu era a única além deles a saber dos verdadeiros fatos sobre o assassinato de De Clisson.

Pois Valence sabia que, se todos soubessem que ele e seus sicários haviam matado De Clisson, o famoso general dos mercenários, d'Alencon enforcaria todos eles para acalmar os amigos de De Clisson. O corpo de Guiscard apodrecia no rio onde os sicários o haviam lançado, e agora d'Valence me caçava por conta própria, ao mesmo tempo em que perseguiu Etienne para o duque.

Villiers e eu havíamos corrido, nos escondido e esquivado como ratos fugindo de cães, desejosos de adentrar a Itália, mas até agora sendo encurralados naquele canto do mundo por causa do medo pelos nossos inimigos, os quais esquadrihavam o reino à nossa busca. Agora mesmo, eu estava em meu caminho para um encontro com Etienne, que havia ido furtivamente à costa, a fim de encontrar, se pudesse, um certo pirata chamado Roger Hawksly, um inglês que assolava as costas; fomos forçados a tais extremos, pois éramos obrigados a sair do país, de qualquer modo que pudéssemos, vez que era certo não podermos evitar para sempre os cães de caça em nosso rastro. Eu fiquei de encontrar meu camarada à meia-noite, num certo ponto da estrada que serpenteava até a costa.

Mas, enquanto cavalgava pelo crepúsculo, não encontrei arrependimento em meu coração por ter trocado minha vida de trabalho servil pela de perambulação e violência. Era a vida para a qual o misterioso Destino havia me guiado, e eu me ajustei a ela tão bem quanto qualquer homem: bebendo, brigando, jogando e lutando. Com pistola, adaga ou espada, eu havia demonstrado várias vezes minha bravura, e eu não temia homem algum que caminhasse pela terra. Melhor uma curta vida de aventura e selvageria, do que uma longa e enfadonha labuta de fadiga doméstica me esmagando a alma, tendo filhos e me encolhendo sob o porrete de um homem a quem odiasse.

Assim eu meditava, quando cheguei a uma pequena taverna, situada ao lado da estrada da floresta e cuja luz fez minha barriga roncar novamente. Eu me aproximei cautelosamente, mas não vi ninguém na sala principal, exceto o garoto que lavava os pratos e uma jovem garçonete; então, deixei meu cavalo aos cuidados de um criado no estábulo, e caminhei para dentro da taverna.

O lavador de pratos ficou boquiaberto enquanto me trazia um grande caneco de vinho, e a moça arregalou os olhos, até estes parecerem que iam saltar das órbitas; mas eu estava acostumada a tais olhares, e simplesmente mandei que ela me trouxesse comida, enquanto eu me sentava à mesa, com meu manto ao redor dos ombros e meu morion ainda em minha cabeça – pois me era bastante útil ficar alerta e totalmente preparada o tempo todo.

Agora, enquanto comia, eu parecia ouvir portas se abrindo e fechando furtivamente na parte de trás da taverna, e um baixo resmungar de vozes chegava aos meus ouvidos. Eu não sabia o que isto anunciava, mas eu estava ocupada em terminar minha refeição e fingi não dar atenção quando o dono da taverna, um homem silencioso e moreno em avental de couro, saiu de algum quarto interno, me olhou fixamente e logo se retirou novamente para o interior da taverna.

Não muito tempo depois do seu desaparecimento, outro homem adentrou a taverna por uma porta lateral – um homem pequeno, de aspecto severo, com feições morenas e agudas, vestido de forma sombria e envolto num negro manto de seda. Senti os olhos dele sobre mim, mas não aparentei olhar para ele, exceto pelo fato de eu ter soltado furtivamente minha espada na bainha. Ele veio apressadamente em minha direção e sibilou:

— La Balafre!

Como ele estava obviamente falando comigo, eu girei, com minha mão no cabo da espada, e ele recuou, sua respiração lhe silvando através dos dentes. Assim, por um instante, encaramos um ao outro. Então:

— Por Saint Denis! Uma mulher! La Balafre é uma mulher! Eles não me contaram... eu não sabia...

— Bem? – indaguei cautelosamente, sem lhe entender o espanto, mas sem pensar em deixar que ele soubesse.

— Bem, isto não importa. – ele finalmente disse – Você não é a primeira mulher a usar calças e uma espada. Pouco importa qual dedo puxa o gatilho, a bala voa até o alvo. Seu mestre me mandou lhe procurar pelo seu manto... eu o reconheci pelo bordado a ouro. Venha, venha, está ficando tarde. Eles lhe esperam na sala secreta.

Agora eu percebia que esse homem havia me confundido com o sicário a quem eu matara; sem dúvida, o sujeito estava se dirigindo a um encontro marcado para algum crime. Eu não sabia o que fazer. Se eu negasse que era La Balafre, seus amigos não me deixariam ir em paz, sem que eu explicasse como consegui o manto dele. Não vi saída, exceto matar o homem de rosto

escuro e cavalgar pela minha vida. Mas, com suas palavras seguintes, toda a situação mudou.

— Ponha sua máscara e envolva bem o manto ao seu redor. – ele disse – Ninguém sabe que você está aqui, exceto eu, e isso porque seu manto me foi descrito. Foi tolice sua se sentar aqui, abertamente, na taverna, onde qualquer homem poderia lhe ver. A tarefa que temos a fazer é de tal natureza, que todas as nossas identidades devem estar escondidas, não apenas esta noite, mas de hoje em diante. Você me conhece apenas como Jehan. Você não conhecerá nenhum dos outros, nem eles a você.

Diante destas palavras, um louco capricho imediatamente tomou conta de mim, nascido da curiosidade imprudente e feminina. Sem dizer nada, me levantei, coloquei a máscara que eu havia encontrado no corpo do verdadeiro La Balafre; envolvi-me no manto, de modo que ninguém pudesse saber que eu era uma mulher, e segui o homem que chamava a si mesmo de Jehan.

Ele foi à frente, através de uma porta nos fundos da sala, à qual ele fechou e trancou atrás de nós, e, puxando uma máscara semelhante à minha, ele a colocou. Logo, tirando uma vela de uma mesa, ele seguiu à frente por um corredor estreito, com pesados retábulos de carvalho. Finalmente, ele parou, apagou a vela e bateu cuidadosamente na parede. Houve um som de remexer com as mãos no outro lado, e uma luz fraca brilhou, enquanto um falso painel era deslizado para o lado. Gesticulando para que eu o seguisse, Jehan deslizou através da abertura e, depois que entrei, ele a fechou atrás de nós.

Eu me vi num compartimento pequeno, sem portas nem janelas visíveis, embora lá devesse haver algum sistema sutil de ventilação. Uma lanterna oculta iluminava a sala com uma luz vaga e fantasmagórica. Nove figuras se amontoavam contra as paredes em cadeiras – nove figuras bem envoltas em mantos escuros, chapéus emplumados ou morions negros bem puxados para baixo, para encontrarem as máscaras negras que lhes escondiam os rostos. Somente seus olhos ardiam através dos buracos nas máscaras. Ninguém se mexia nem falava. Parecia um conclave do condenado.

Jehan não falou, mas gesticulou para que eu tomasse meu lugar numa cadeira, e então ele deslizou pelo compartimento e puxou outro painel para trás. Através desta abertura, outra figura entrou furtivamente – mascarada e envolvida num manto como o resto, mas com uma sutil diferença no porte. Ele caminhava como um homem acostumado a comandar e, mesmo em seu disfarce, havia algo levemente familiar nele.

Ele andou altivamente até o centro da pequena câmara, e Jehan gesticulou em nossa direção nos bancos, como se para dizer que estavam todos prontos. O forasteiro alto acenou com a cabeça e disse:

— Você recebeu suas instruções antes de vir para cá. Vocês sabem, todos vocês, que só precisam me seguir e obedecer minhas ordens. Não façam perguntas; vocês estão sendo bem pagos; basta saberem disso. Falem o mínimo possível. Vocês não me conhecem, e eu não lhes conheço. Quanto menos cada homem conhecer de seus companheiros, melhor para todos. Assim que nossa tarefa estiver completa, a gente se dispersa, cada homem por si. Entendido?

Dez cabeças encapuzadas balançaram sombriamente à luz da lanterna. Mas eu recuei em minha cadeira, me envolvendo mais ainda no manto; ele foi mais entendido do que sabia. Eu tinha escutado aquela voz, em circunstâncias impossíveis de serem esquecidas; era a voz que havia gritado ordens aos assassinos de Guiscard de Clisson, enquanto eu estava ferida numa fenda do penhasco e os repelia com minhas pistolas. O homem que comandava esses vilões contra os quais eu lutara era Renault d'Valence, o homem que queria minha vida.

Quando seus olhos de aço, ardendo dentro da máscara, passaram por nós, eu inconscientemente me retesei, agarrando o cabo de minha espada sob meu manto. Mas ele não me reconheceria em meu disfarce, nem que ele fosse o próprio Satã.

Gesticulando para Jehan, meu inimigo se levantou e caminhou até o painel pelo qual havia entrado. Jehan acenou para nós, e seguimos d'Valence pela abertura em fila única, como uma procissão de silenciosos fantasmas negros. Atrás de nós, Jehan apagou a lanterna e nos seguiu. Tateamos nosso caminho em total escuridão por um curto espaço de tempo, e logo uma porta se abriu e os ombros largos de nosso líder se emolduraram por um instante contra as estrelas. Saímos num pequeno pátio atrás da taverna, onde 12 cavalos pastavam inquietos e escavavam o chão. O meu estava entre eles, embora eu houvesse dito ao criado para alojá-lo no estábulo. Evidentemente, todo mundo na taverna da Meia Lua estava sob suas ordens.

Sem uma só palavra, montamos e seguimos d'Valence pelo pátio e para dentro de uma trilha que guiava através da floresta. Cavalgávamos em silêncio, exceto pelo bater dos cascos dos cavalos no chão duro, e o ocasional ranger de couro ou tinir de arreios. Tomávamos a direção oeste, para a costa, e logo a floresta se diluía em moitas e árvores dispersas, e a vereda diminuía e desaparecia num labirinto de arbustos. Aqui já não cavalgávamos em fila única, mas num grupo irregular. Para onde cavalgávamos, eu não sabia nem me importava muito. Devia ser algum trabalho do Duque d'Alencon, vez que seu braço-direito d'Valence estava no comando. Mas eu sabia que, enquanto d'Valence vivesse, minha vida e a de Etienne não valeriam uma peça de cobre quebrado.

Estava escuro. A lua ainda não havia se erguido, e as estrelas estavam ocultas

por massas rolantes de nuvens, as quais, embora nem turbulentas nem muito negras, ainda ocultavam a luz do céu em seu incessante rolar de horizonte a horizonte. Um vento noturno gemia através das árvores, enquanto eu lentamente movia meu cavalo cada vez mais perto do de Renault d’Valence, agarrando meu punhal sob meu manto.

Agora, eu estava parando ao lado dele, e o ouvi murmurar para Jehan, que cavalgava emparelhado com ele:

— Ele foi um idiota em desrespeitá-la, quando ela podia torná-lo mais grandioso que o rei da França. Se Roger Hawksly...

Erguendo-se em meus estribos, enfiei meu punhal entre seus ombros, com toda a força de tendões preparados para uma tarefa desesperada. Sua respiração se extinguiu numa arfada, ele caiu de ponta-cabeça da sela e, naquele instante, dei a volta com meu cavalo, puxando-o pelas rédeas, e o espreei fortemente.

Com um erguer e mergulhar desesperado, ele correu precipitadamente através das figuras que nos cercavam, derrubando cavalos e cavaleiros para os lados; mergulhou através das moitas e foi embora, enquanto eles tateavam por suas lâminas.

Atrás de mim, ouvi pragas e gritos sobressaltados, o tinir do aço, a voz de Jehan bradando maldições e d’Valence, sufocado e ofegante, rosnando ordens. Amaldiçoei minha sorte. Mesmo com o impacto do golpe, eu sabia que havia falhado. D’Valence usava uma camisa de cota-de-malha sob seu gibão, assim como eu. O punhal havia quase dobrado nele, sem feri-lo. Foi somente a força terrível do golpe que o derrubara, meio sem sentidos, do seu cavalo. E, conhecendo o homem como eu conhecia, eu sabia que ele provavelmente estaria logo em meu rastro, a não ser que sua outra ocupação fosse urgente demais para permiti-lo – e seu negócio teria que ser deveras urgente para interferir na vingança pessoal de d’Valence.

Além disso, se Jehan contasse a ele que “La Balafre” era uma jovem de cabelos ruivos, ele certamente reconheceria sua velha inimiga Agnes de Chastillon.

Então, soltei as rédeas do cavalo e cavaleguei num galope arrojado, sobre extensões cobertas por moitas e através de bosques dispersos, esperando a qualquer momento ouvir o rufar de cascos de cavalos atrás de mim. Cavaleguei para o sul, em direção à estrada onde fiquei de encontrar Etienne Villiers, e cheguei até ela mais rápido do que eu esperava. A estrada corria na direção oeste até a costa, e havíamos seguido paralelamente o curso dela.

Talvez a uma milha na direção oeste ficasse uma cruz de pedra, ao lado da

estrada, onde esta se dividia – uma bifurcação correndo para oeste, e a outra para sudoeste –, e era lá que ocorreria o encontro.

Etienne Villiers. Faltavam algumas horas até a meia-noite, e eu não pretendia esperá-lo em local aberto até ele chegar, para que d'Valence não viesse primeiro. Assim, quando cheguei até a cruz, eu me escondi entre as árvores que cresciam lá, num denso amontoado, e me sentei para aguardar meu camarada.

A noite estava quieta, e eu não ouvia sons de perseguição; esperava que, se os sicários houvessem me perseguido, eles tenham me perdido na escuridão, a qual era uma fácil enganadora.

Amarrei meu cavalo em meio às árvores e, eu mal havia me acororado entre as sombras da beira da estrada, quase ouvi o rufar de cascos. Mas este barulho veio do sudoeste, e era apenas um cavalo. Agachei-me ali, de espada na mão, enquanto o rufar ficava cada vez mais alto e próximo; e logo, a lua ascendente, despontando através das nuvens rolantes, mostrou um cavaleiro galopando ao longo da estrada branca, seu manto ondulando atrás dele. E reconheci a figura esbelta e o gorro emplumado de Etienne Villiers.

II

Como uma Amante do Rei se Ajoelhou Para Mim

ELE PAROU diante da cruz, e praguejou entre dentes, falando em voz suavemente alta, como de costume:

— Muito cedo; faltam horas. Bem, eu a esperarei aqui.

— Você não precisará esperar muito. – eu disse, saindo das sombras.

Ele girou em sua sela, pistola na mão, e logo riu e desmontou.

— Por Saint Denis, Agnes. – ele disse – Eu não deveria me surpreender em lhe encontrar em qualquer lugar, a qualquer hora. O que, um cavalo? E não é um cavalo esquelético! E um belo manto novo! Por Satã, amiga, você teve sorte... foram os dados ou a espada?

— A espada. – respondi.

— Mas por que chegou aqui tão cedo? — ele perguntou — O que isto pressagia?

— Que Renault d’Valence não está longe de nós. — respondi e ouvi sua respiração sibilar entre dentes, e vi sua mão se fechar novamente ao redor da coronha da pistola. Então, eu o contei rapidamente o que havia acontecido e ele balançou a cabeça.

— O Diabo tome conta dele. — ele murmurou — Renault é duro de matar. Mas ouça: tenho uma história estranha para contar e, até que eu a termine, este lugar é tão bom quanto outro. Aqui podemos olhar e ouvir, e a morte não pode deslizar sobre nós por trás de portas fechadas e através de corredores secretos. E, quando minha história for contada, devemos chegar a um acordo sobre nosso próximo ato, pois não podemos mais contar com Roger Hawksly.

“Ouça: noite passada, logo ao erguer da lua, eu me aproximei de uma pequena baía isolada, na qual eu sabia que o inglês havia ancorado. Nós, velhacos, temos meios de conhecer segredos, como você sabe, Agnes. A costa nos arredores é acidentada, com penhascos, promontórios e enseadas. A baía em questão é cercada por árvores, que crescem sob inclinações acidentadas até a própria beira da água. Andei furtivamente através delas, e vi o navio. O Amigo Resoluto estava realmente ancorado, e todos a sua bordo estavam aparentemente em sono embriagado. Esses piratas são tolos, especialmente o inglês, que mantém baixa vigilância. Eu podia ver homens estirados no convés, com barris quebrados perto deles, e julguei que aqueles que deveriam estar de vigia haviam se embriagado até ficarem indefesos.

“Então, enquanto eu ponderava se os chamava ou se nadava até o navio, ouvi o som abafado de remos e vi três lanchas darem a volta no promontório e se precipitarem sobre o navio silencioso. Os botes estavam apinhados de homens, e eu vi o brilho de aço ao luar. Sem serem vistos pelos piratas adormecidos, eles pararam ao lado do navio, e eu não sabia se gritava ou ficava quieto, pois achei que pudesse ser Roger e seus homens retornando de algum ataque-surpresa.



“Ao luar, eu os vi subirem aos montes pelas correntes do navio: ingleses, sem dúvida, vestidos com roupas de marinheiros comuns. Então, enquanto eu os olhava, um dos bêbados no convés acordou, ficou boquiaberto e logo se ergueu subitamente, cambaleando e gritando um aviso. De dentro do porão e da cabine, saíram correndo Roger Hawksly e seus homens em suas camisas, meio adormecidos, agarrando espantados suas armas; e, sobre o parapeito, se aglomeravam aqueles recém-chegados, que caíam sobre os piratas de espada na mão.

“Foi mais um massacre do que uma luta. Os piratas, meio adormecidos e

evidentemente meio bêbados também, foram quase todos mortos. Vi seus corpos lançados ao mar. Uma minoria mergulhou na água e nadou até a praia, mas a maioria morreu.

“Então, os vitoriosos içaram âncora e alguns deles, retornando para os botes, rebocaram o Amigo Resoluto para fora da enseada e, olhando de onde eu estava, logo o vi estender suas velas e sair ao mar. Em seguida, outro navio deu a volta no promontório e o seguiu.

“Nada sei dos sobreviventes da tripulação pirata, pois eles fugiram para dentro da floresta e desapareceram. Mas Roger Hawksly não é mais dono de um navio e, se ele vive ou morreu, eu não sei, mas temos de encontrar outro homem que nos leve até a Itália.

“Mas há um mistério nisso: alguns dos ingleses que se apossaram do Amigo Resoluto não eram mais do que marinheiros rudes. Mas outros não eram. Eu entendo Inglês; reconheço uma voz de alta linhagem quando a ouço, e calças de alcatrão nem sempre conseguem esconder uma classe social elevada de um olho agudo. A lua estava brilhante como o dia. Agnes, aqueles marujos eram liderados por nobres disfarçados em roupas comuns”.

— Por quê? – perguntei.

— Sim; por quê? É fácil ver como o truque foi feito. Eles navegaram até o promontório, onde ancoraram fora da vista da enseada, e mandaram homens em botes para tomarem a presa deles. Mas por que correr tal risco? A sorte estava de um lado; do contrário, Hawksly e seus lobos-do-mar estariam sóbrios e alertas, e os teriam expulsado da água quando chegassem. Mas há também outra explicação: discrição. Isto também explica os nobres em camisas e calças de marujos. Por algum motivo, alguém desejava destruir os piratas rápida, silenciosa e secretamente. Qual o motivo para isso, eu não sei, vez que Hawksly era um homem odiado tanto por franceses quanto ingleses.

— Ora, quanto a isso... Ouça!

Na estrada, da direção leste, soava o bater de cascos em corrida. Nuvens haviam rolado novamente sobre a lua, e estava escuro como Érebo ⁽¹¹⁾.

— D’Valence! – sibilei – Ele está me seguindo... e sozinho. Dê-me uma pistola! Ele não vai escapar desta vez!

— É melhor termos certeza de que ele está só. – advertiu Etienne, enquanto me entregava uma pistola.

— Está só. – rosnei – É apenas um cavaleiro... mas, se o próprio Diabo cavalgasse com ele... há!

Uma forma veloz avultava na noite; naquele instante, um único raio de lua atravessou as nuvens e iluminou fracamente o cavalo galopante e seu cavaleiro. E atirei à queima-roupa.

O grande cavalo empinou e caiu de ponta-cabeça, e um grito lastimoso cortou a noite. Foi ecoado por Etienne. Ele havia visto, assim como eu, no clarão do tiro, uma mulher se agarrando às rédeas do cavalo que corria.

Corremos para a frente, vendo uma figura esguia se mover no chão ao lado do cavalo – uma figura que se ajoelhava e erguia indefesa os braços, choramingando de medo.

— Você está ferida? – ofegou Etienne – Meu Deus, Agnes, você matou uma mulher...

— Acertei o cavalo. – respondi – Ele ergueu a cabeça no momento em que atirei. Aqui, deixe-me cuidar dela!

Curvando-me sobre ela, eu lhe ergui o rosto, um pálido oval na escuridão. Sob meus dedos calejados, suas roupas e pele pareciam suaves e maravilhosamente finas.

— Está gravemente ferida, moça? – indaguei.

Mas, ao som de minha voz, ela soltou um grito ofegante e lançou seus braços ao redor de meus joelhos.

— Oh, você também é uma mulher! Tenha piedade! Não me machuque! Por favor...

— Pare de choramingar, rapariga! – ordenei impacientemente – Não há nada para lhe ferir. Seus ossos estão quebrados por causa da queda?

— Não, eu só estou machucada e abalada. Mas... oh, meu pobre cavalo...

— Eu lamento. – murmurei – Não mato animais voluntariamente. Eu estava apontando para seu montador.

— Mas por que você me mataria? – ela chorou – Não lhe conheço...

— Sou Agnes de Chastillon – respondi –, a quem alguns homens chamam Agnes, a Escura de La Fere. Quem é você?

Eu a havia erguido de pé e soltado, e agora, enquanto ela se erguia diante de nós, a lua irrompeu subitamente das nuvens e inundou a estrada com luz

prateada. Olhei maravilhada para as vestes de nossa cativa e para a beleza de seu rosto oval, emoldurado numa glória de cabelo que parecia espuma escura; seus olhos escuros brilhavam como jóias negras ao luar. E um grito estrangulado veio de Etienne.

— Minha senhora! – Ele tirou o gorro emplumado e se ajoelhou – Ajoelhe-se, Agnes; ajoelhe, garota! É Françoise de Foix!



— Por que uma mulher honesta iria se ajoelhar para uma rameira real? – indaguei, enfiando meus polegares em meu cinto, e abrindo e firmando minhas pernas enquanto a encarava.

Etienne ficou subitamente mudo, e a jovem parecia se encolher diante de minha sinceridade camponesa.

— Levante-se, eu lhe imploro. – ela disse humildemente a Etienne, e ele o fez, de gorro na mão.

— Mas isto foi imprudente demais, minha senhora. – ele disse – Ter vindo sozinha e à noite...

— Oh! – ela gritou subitamente, agarrando as têmporas, como se lembrada de sua missão – Agora mesmo, eles devem estar matando-o. Oh, senhor, se você for um homem, ajude-me!

Ela agarrou Etienne pelo gibão e o sacudiu, na angústia de sua insistência.

— Escute! – ela suplicou, embora Etienne fosse todo ouvidos – Vim aqui esta noite, sozinha como você vê, para tentar consertar um erro e salvar uma vida.

“Você me conhece como Françoise de Foix, a amante do rei...”.

— Eu já lhe vi na corte, onde eu nunca fui sempre um estranho. – disse Etienne, falando com uma estranha dificuldade – Eu lhe conheço como a mais bela mulher de toda a França.

— Eu lhe agradeço, meu amigo. – ela disse, ainda se agarrando a ele – Mas o mundo vê pouco do que acontece por trás das portas do palácio. Dizem que eu manipulo o rei, Deus me ajude... mas eu juro que sou apenas um peão num jogo que não conheço... a escrava de uma vontade maior que a de Francis.

— Louise de Savoy. – murmurou Etienne.

— Sim, a qual, através de mim, governa o filho dela e, através dele, toda a França. Foi ela quem fez de mim o que sou. Do contrário, eu seria, não a amante de um rei, mas a esposa honesta de algum homem honesto.

“Ouça, meu amigo; oh, ouça e acredite em mim! Esta noite, um homem está cavalcando em direção à costa e à morte! E a carta que o atraiu para lá foi escrita por mim! Oh, sou uma coisa detestável, para servir deste modo a alguém que... que me ama...”

“Mas não sou dona de minha própria vontade. Sou a escrava de Louise de Savoy. O que ela me ordena fazer, ou eu faço ou pago por isso. Ela me domina, e eu não ousa me opor a ela. Esse... esse homem estava em Alençon, quando recebeu a carta suplicando a ele que me encontrasse numa certa taverna próxima à costa. Ele só foi por minha causa, pois ele conhece seus poderosos inimigos. Mas ele confia em mim... oh, Deus tenha piedade de mim!”.

Ela soluçou histericamente por um instante, enquanto eu assistia surpresa, pois eu jamais conseguiria chorar em toda a minha vida.

— É uma conspiração de Louise. – ela disse – Ela outrora amou este homem, mas ele a desprezou, e ela planeja a ruína dele. Ela já o despojou de títulos e honra; agora, ela o quer despojar da própria vida.

“Na taverna do Falcão, ele será encontrado, não pela minha miserável pessoa, mas por um bando de sicários pagos, os quais lhe matarão os servos, o levarão prisioneiro e entregarão ao pirata Roger Hawksly, o qual foi bem pago para se livrar dele para sempre”.

— Por que tanto planejamento e trabalho elaborado? – indaguei – Certamente, uma adaga nas costas também poria fim à tarefa.

— Nem mesmo Louise ousa ser tão aberta. — ela respondeu — O... o homem é muito poderoso...

— Só existe um homem na França, a quem Louise odeia tão ferozmente. — disse Etienne, olhando fundo nos olhos de Françoise. Ela curvou a cabeça, e depois a ergueu e devolveu o olhar com seus brilhantes olhos escuros.

— Sim! — ela falou de forma simples.

— Um golpe para a França — murmurou Etienne —, se ele falhasse... mas, minha senhora: Roger Hawksly não estará lá para recebê-lo. — E ele contou rapidamente o que havia visto na costa.

— Então os sicários irão matá-lo pessoalmente. — ela disse com um estremecimento — Eles jamais ousarão deixá-lo partir. São liderados por Jehan, o braço-direito de Louise...

— E por Renault d'Valence. — murmurou Etienne — Agora vejo tudo; você esteve com aquele bando, Agnes. Eu me pergunto se d'Alencon sabe da conspiração.

— Não. — respondeu Françoise — Mas Louise planeja alçá-lo ao mesmo posto de sua vítima; por isso, usa seu homem de maior confiança, Renault d'Valence, para seus planos. Mas, oh, estamos perdendo tempo! Por favor, não vão me ajudar? Cavalguem comigo até a taverna do Falcão. Talvez possamos resgatá-lo... talvez possamos alcançá-lo a tempo de afastá-lo dali antes que eles cheguem. Eu saí às escondidas, e cavaleguei a noite inteira a toda velocidade... por favor; ajude-me, por favor!

— Françoise de Foix nunca precisou pedir duas vezes para Etienne Villiers. — disse Etienne, naquela estranha voz não-natural, erguendo-se ao luar, gorro na mão. Talvez fosse a lua, mas havia uma estranha expressão em seu rosto, suavizando as linhas de sarcasmo e vida selvagem, e fazendo-o parecer outro homem, mais nobre.

— E você, *mademoiselle*! — A beldade da corte se voltou para mim, com seus braços estendidos — Você não quer se ajoelhar para mim, Agnes Escura. Veja; eu me ajoelho para você!

E assim ela o fez — ajoelhada no pó, suas mãos brancas entrelaçadas e seus olhos escuros brilhando com lágrimas.

— Levante-se, garota. — eu disse constrangida, envergonhada por algum motivo indistinto — Não se ajoelhe para mim. Farei tudo o que puder. Nada sei de intrigas da corte, e o que você me contou zombe em minha cabeça até me deixar tonta, mas o que pudermos fazer, faremos!

Com um soluço, ela se levantou, lançou seus braços macios ao redor do meu pescoço e me beijou nos lábios, me deixando mais envergonhado ainda. Era a primeira vez em que eu me lembrava de qualquer pessoa me beijando.

— Venha. – eu disse asperamente – Estamos perdendo tempo.

Etienne ergueu a jovem até a sela de seu cavalo e montou atrás dela, e eu montei o grande cavalo negro.

— O que planeja? – ele me perguntou.

— Não tenho planos. Seremos guiados pelas circunstâncias que nos confrontam. Cavalgaremos o mais rápido possível para a Taverna do Falcão. Se Renault perdeu muito tempo procurando por mim... como, sem dúvida, fez... ele e seus sicários podem ainda não terem alcançado a taverna. Se eles alcançaram... bem, nós somos apenas duas espadas, mas podemos fazer nosso melhor.

E assim, me pus a recarregar a pistola que eu havia tomado de Etienne, e era uma tarefa tediosa, na escuridão e trabalhando duro. Assim, não sei qual a conversa que houve entre Etienne e Françoise de Foix, mas o murmúrio de suas vozes me alcançava de tempos em tempos, e na voz dele havia uma suavidade desconhecida – estranha num velhaco como Etienne Villiers.

Então, nós finalmente alcançamos a taverna do Falcão, a qual avultava rígida contra a noite, escura exceto por uma única lanterna na sala principal. O silêncio reinava completamente, e havia o cheiro de sangue recém-derramado.

Na estrada diante da taverna, jazia um homem em farda de criado, seu rosto branco encarando as estrelas e salpicado de sangue. Próxima à porta, jazia uma forma num manto negro; e os fragmentos de uma máscara negra, encharcada de sangue, jaziam ao lado dela, assim como um chapéu emplumado. Mas as feições do homem não passavam de uma máscara horrível de carne cortada, retalhada e irreconhecível.

Logo dentro da porta, jazia outro criado, seus miolos escorrendo da cabeça esmagada e um cabo quebrado de espada ainda agarrado por sua mão. O interior da taverna era uma desolação de bancos quebrados e mesas esmagadas, com grandes gotas de sangue sujando o chão. Um terceiro criado jazia contorcido no canto, seu gibão ensangüentado mostrando uma dúzia de furos de espada. Sobre tudo, o silêncio pairava como uma mortalha.

Françoise caíra com um gemido, ao ver o horror de tudo aquilo, e agora Etienne meio a guiava, meio a carregava nos braços.

— Renault e seus degoladores estiveram aqui. – ele disse – Eles pegaram sua presa e partiram. Mas para onde? Todos os servos teriam fugido aterrorizados, não retornando até o amanhecer.

Mas, perscrutando aqui e ali, de espada na mão, vi algo escondido sob um banco derrubado e, puxando-o para fora, descobri uma aterrorizada serva jovem, a qual caiu de joelhos e gritou por misericórdia.

— Pare com isso, rapariga. – eu disse impacientemente – Ninguém lhe fará mal. Mas diga logo o que aconteceu.

— Os homens mascarados. – ela choramingou – Eles entraram subitamente pela porta...

— Você não ouviu os cavalos deles? – indagou Etienne.

— Renault iria avisar sua vítima? – perguntei impacientemente – Sem dúvida, deixaram suas montarias a pouca distância daqui e vieram silenciosamente a pé. Prossiga, garota.

— Atacaram o cavaleiro e seus servos. – ela chorou ruidosamente – O cavaleiro que havia chegado ao início desta noite e que se sentou silenciosamente para beber seu vinho, e parecia em dúvida e reflexão. Quando os mascarados entraram, ele se ergueu de um pulo e gritou que foi traído...

— Oh! – Era um grito de tormento de Françoise de Foix. Ela apertou as mãos e se torceu, como se agonizasse.

— Então, houve luta, matança e morte. – lamentou a criada – Mataram os servos do cavaleiro, e o amarraram e levaram...

— Foi ele quem desfigurou o sicário que jaz do lado externo da porta? – indaguei.

— Não; ele o matou com uma bala de pistola. O líder dos mascarados, o homem alto que usava uma camisa de cota-de-malha sob seu gibão... ele despedaçou o rosto do morto com a espada...

— Sim. – murmurei – D’Valence não desejaria deixá-lo ser identificado.

— E este mesmo homem, antes de partir, enfiou a espada em cada um dos servos moribundos, para ter certeza de que estavam mortos. – ela soluçou aterrorizada – Eu me escondi sob o banco e assisti, pois estava aterrorizada demais para correr, como fez o dono da taverna e os outros criados.

— Para qual direção eles foram? – exigi, sacudindo a desventurada garota em

minha intensidade.

— Por... por ali! – ela arfou, apontando – Pela velha estrada até a costa.

— Você, por acaso, ouviu algo que possa dar uma pista sobre o destino deles?

— Não... não... eles falaram pouco, e eu estava muito assustada.

— Pelos cascos do diabo, garota! – exclamei furiosa – Tal trabalho nunca é feito em silêncio. Pense melhor... lembre-se de algo que disseram, antes que eu lhe deite em meus joelhos.

— Tudo o que me lembro – ela ofegou – é o que o líder alto disse ao pobre cavaleiro, quando o amarraram... tirando seu elmo numa majestosa reverência: “Meu senhor”, ele disse, zombeteiro, “seu navio lhe aguarda!”.

— Eles certamente queriam colocá-lo a bordo do navio. – exclamou Etienne – E o lugar mais próximo para o desembarque de um navio é a Enseada do Corsário! Eles não devem estar muito longe de nós. Se eles seguiram a velha estrada... como certamente fariam, sem conhecerem a região como eu... isso tirará deles meia hora a mais para alcançarem a cova do que de nós, seguindo um atalho que conheço.

— Então vamos! – gritou Françoise, novamente reanimada pela esperança de ação. E, poucos momentos depois, cavalgávamos pelas sombras em direção à costa. Seguíamos uma trilha indistinta, cuja entrada era oculta por densas moitas e que serpenteava por uma aresta rochosa, descendo para o mar entre matações e árvores retorcidas.

Assim, chegamos a uma enseada, cercada por inclinações ásperas e densamente arborizada; e, através das árvores, vimos o lampejo de água e o tremeluzir da lua furtiva em velas largas. E, deixando nossos cavalos – e Françoise com eles – engatinhamos para a frente, Etienne e eu, e logo vimos uma praia aberta, iluminada pela lua, a qual, àquela hora, brilhava através das nuvens encaracoladas.

Sob as sombras das árvores, havia um grupo de silhuetas negras e sombrias e, para fora de um bote, recém-puxado para a praia (ainda podíamos ver a espuma flutuando na água que remoinhara em seu rastro), se movia uns 20 homens em roupa de marujo. Mais distante no mar, havia um navio com o luar brilhando em seu acabamento dourado. Etienne praguejou em voz baixa.

— Lá está o Amigo Resoluto, mas aquela não é sua tripulação. Eles são comida para os peixes. Esses são os homens que o tomaram. Que jogo do diabo é esse?

Vimos um homem sendo empurrado para a frente pelos sicários mascarados – um homem alto e bem-formado, que, mesmo com a camisa rasgada e manchado de sangue, e com os braços amarrados para trás, tinha o porte de um líder entre homens.

— Por Saint Denis. – cochichou Etienne – É ele mesmo.

— Quem? – eu indaguei – Quem é esse sujeito para cujo resgate arriscaremos nossas vidas?

— Charles... – ele começou, e logo se interrompeu: – Ouça!



Havíamos nos retorcido para mais perto, e a voz de Renault d’Valence chegou claramente até nós:

— Não, não foi esse o acordo. Eu não lhe conheço. Deixe que Roger Hawksly, seu capitão, desembarque. Quero ter certeza de que ele conhece as instruções.

— O Capitão Hawksly não pode ser incomodado. – respondeu um dos marinheiros em Francês com sotaque; era um homem alto, com porte orgulhoso – Não precisa temer; lá, é o Amigo Resoluto; aqui, os valentões de Hawksly. Você nos deu o prisioneiro. Nós o levaremos a bordo e zarparemos. Você fez sua parte; agora, faremos a nossa.

Eu arregalava os olhos em fascinação, por nunca antes ter visto ingleses. Aqueles eram todos homens altos e robustos, com espadas grandes afiveladas em seus quadris, e aço brilhando sob seus gibões. Eu nunca tinha visto tais marinheiros de aparência orgulhosa, nem marujos tão bem-armados. Eles haviam capturado o homem a quem Etienne chamara de Charles, e o

arrastavam até o bote – aquele trabalho parecia ser supervisionado por um homem corpulento num manto vermelho.

— Sim – disse Renault –; o Amigo Resoluto fica lá. Eu o conheço bem; do contrário, eu jamais entregaria meu prisioneiro a você. Mas não lhe conheço. Chame o Capitão Hawksly, ou traga meu prisioneiro de volta.

— Chega! – o outro exclamou arrogantemente – Já disse que Hawksly não pode vir. Você não me conhece...

Mas d'Valence, que ficara escutando atentamente a voz do outro, gritou aguda e ferozmente:

— Não, por Deus, acho que lhe conheço, meu senhor! – E, arrancando a touca de marinheiro que o homem usava, ele viu um gorro de aço por baixo, sobre um orgulhoso rosto aquilino.

— Então! – exclamou d'Valence – Você queria pegar meu prisioneiro, mas não para matá-lo, e sim para usá-lo como um porrete sobre a cabeça de Francis! Eu posso ser um patife, mas trair o meu rei... jamais!

E, agarrando uma pistola, ele atirou a queima-roupa, não no lorde, mas no prisioneiro Charles.

Mas o inglês lhe empurrou o braço para cima, e a bala foi desviada.

No instante seguinte, tudo era tumulto e confusão, quando os sicários de Renault entraram correndo em resposta aos seus tiros, e os ingleses os enfrentaram corpo-a-corpo. Vi as lâminas brilharem e relampejarem ao luar, enquanto Renault e o lorde inglês lutavam, e subitamente a espada de Renault estava tingida de vermelho e o inglês estava caído, expirando sua vida sobre a areia.

Agora eu via que os homens que haviam arrastado o prisioneiro Charles haviam corrido para dentro do conflito, deixando-o nas mãos do homem corpulento em manto vermelho, que o arrastava, apesar dele se debater, em direção ao bote que fora trazido à praia. Agora eu ouvia o ruído de toletes e, olhando em direção ao navio, vi outros três botes se dirigirem à praia.

Mas, enquanto olhava, eu sussurrei para Etienne e saímos do esconderijo, correndo silenciosamente através da extensão de areia branca, em direção ao par que se debatia perto da praia. Por todo o nosso redor rugia a luta, enquanto os sicários – superados numericamente, porém perigosos como lobos – retalhavam, desviavam golpes e estocavam junto com os indiferentes ingleses.

Quando entramos na luta, os ingleses correram em direção a cada um de nós.

Etienne atirou e errou – pois o luar é ilusório –, e, no momento seguinte, estava lutando espada a espada. Não atirei antes que a boca de minha pistola quase tocasse o peito de meu inimigo e, quando puxei o gatilho, a pesada bala lhe atravessou a cota-de-malha sob o gibão como se fosse papel, e a espada erguida caiu inofensiva sobre a areia.

Mais algumas passadas me levaram a Charles e seu captor, mas, enquanto eu os alcançava, alguém ficou diante de mim. Enquanto homens lutavam, matavam e praguejavam loucamente, d'Valence nunca perdia a visão de seu objetivo. Percebendo que não conseguiria recapturar seu prisioneiro, ele estava disposto a matá-lo.

Agora ele havia aberto seu caminho através da briga, e corria com propósitos sombrios através das areias, sua espada gotejante na mão. Correndo em direção ao prisioneiro, ele deu um talho assassino em direção à sua cabeça desprotegida. O golpe foi detido desajeitadamente pelo homem corpulento de manto vermelho, que começou a berrar por ajuda, numa voz ofegante e com pouco fôlego, a qual não foi notada na gritaria da confusão. Ele havia detido tão inadequadamente, que a espada lhe foi arrancada da mão. Mas, antes que d'Valence pudesse golpear de novo, eu me aproximei silenciosa e rapidamente pelo lado, e estoquei em sua direção com toda a minha força, visando lhe furar o pescoço acima da armadura. Mas a sorte me traiu novamente: meu pé escorregou na areia, e a ponta da espada lhe raspou inofensivamente a malha.

Instantaneamente, ele se virou e me reconheceu. Havia perdido sua máscara, e seus olhos dançavam com uma espécie de loucura indiferente, sob o luar.

— Por Deus! – ele gritou, com uma risada feroz – É a vadia espadachim ruiva.

Enquanto falava, ele detia minha lâmina sibilante e, sem mais palavras, nos colocamos a trabalhar, girando e estocando. Ele tirou sangue da minha mão da espada e de minha coxa, mas eu o golpeei com tal fúria que minha lâmina lhe atravessou o morion e o couro cabeludo sob este, de modo que o sangue lhe brotou sob a borguinhot e lhe escorreu pelo rosto. Outro golpe como esse teria dado fim a ele, mas ele, olhando rapidamente para o lado, viu que a maioria de seus sicários estava morta, e ele numa situação desesperadora. Assim, com outra risada selvagem, ele pulou para trás, saltou para o lado; abriu seu caminho através de quem tentasse matá-lo, com meia dúzia de golpes fracassados, e, escapado de um salto, ele desapareceu dentro das sombras, das quais logo emergiu o ruído de um cavalo correndo.

Agora, eu corria até o prisioneiro, cujo braço o homem corpulento em vermelho ainda agarrava, ofegando e arfando, e, cortando as cordas que lhe amarravam o braço, eu o empurrei em direção à floresta. Mas fui tão férrea

que meu empurrão foi mais forte do que eu pretendia, e o deixei estatelado de quatro.

O homem de manto vermelho guinchou selvagememente e saltou para agarrar novamente seu prisioneiro, mas eu o pus de lado com uma bofetada e, erguendo Charles, eu o mandei correr. Mas ele parecia meio atordoado por um golpe ao acaso da parte plana de uma lâmina na cabeça. Mas agora Etienne, com a espada gotejando vermelho, correu para diante e, agarrando o braço do prisioneiro, o apressou em direção à floresta.

E o homem de manto vermelho, evidentemente desesperado, recorreu às táticas de d'Valence, pois, erguendo sua espada, ele correu até as costas de Charles e deu um talho em sua direção. Mas, enquanto ele o fazia, eu o golpeei sob a axila com tal força que ele rolou na areia, gritando como um porco atravessado. Agora, vários dos ingleses paravam em suas corridas à minha direção, gritavam de horror e corriam para erguer o sujeito; pois alguns dos anéis de seu colete de malha haviam se partido sob minha lâmina, e ele havia sido levemente ferido, de modo que o sangue lhe escorria do gibão.

Eles gritaram um nome que soou como “Wolsey”, e interromperam sua perseguição para levantá-lo e cuidar de seu ferimento, enquanto ele os xingava. E eu e Etienne carregamos o homem resgatado, entre nós dois, para dentro da floresta e para os cavalos onde Françoise nos aguardava.

Ela se erguia como uma sombra branca sob as árvores mosqueadas pela lua e, quando ele a viu, recuou com uma exclamação.

— Oh, Charles – ela exclamou –; tenha piedade! Não tive escolha...

— Confiei em você mais do que nos outros. – ele disse, mais triste do que com raiva.

— Meu Senhor Duque de Bourbon – disse Etienne, tocando-lhe o ombro –; é meu privilégio lhe contar que qualquer erro cometido foi consertado esta noite tão bem quanto possível. Se Françoise de Foix lhe traiu, ela arriscou a vida para lhe resgatar. Agora eu lhes imploro: peguem estes cavalos e montem, pois ninguém sabe qual pode ser o próximo acontecimento. Era o Cardeal Wolsey quem liderava aqueles homens, e ele não é fácil de ser derrotado.

Como um homem num sonho, o Duque de Bourbon montou, e Etienne ergueu Françoise de Foix até a outra sela. Eles se afastaram a galope, cavalgaram através do luar e então desapareceram. E eu me virei para Etienne.

— Bem – eu disse –, com todo o nosso cavalheirismo, estamos aqui de volta a onde começamos, sem dinheiro nem meios de alcançar a Itália; e mais, você ainda se desfez de seu cavalo! Qual será a nossa próxima aventura?

— Eu tive Françoise de Foix em meus braços. — ele respondeu — Depois disso, qualquer aventura não passa de anticlímax para Etienne Villiers.

FIM

A ESTRADA DAS ÁGUIAS

Título Original: THE ROAD OF THE EAGLES



I

Embora os canhões tivessem parado de soar, o trovejar deles ainda parecia ecoar assombrosamente por entre as colinas que se sobressaíam da água azul. A uma légua da costa, o perdedor daquela sombria batalha naval nadava nas ondas escarlates; fora do alcance de um tiro de canhão, o vencedor se afastava enfraquecido. Era uma cena bastante comum no Mar Negro, no ano de Nosso Senhor de 1595.

O navio, que girava como um bêbado no deserto azul, era uma galera de esporão alto, como as que eram usadas pelos temíveis corsários berberes. A morte havia feito uma sombria colheita ali. Homens mortos se alastravam na popa alta; pendiam flácidos sobre o parapeito marcado; jaziam entre as ruínas do castelo da popa; despencaram sobre a pista que transpunha o poço, onde os remadores estraçalhados jaziam entre seus bancos despedaçados. Mesmo na morte, estes últimos não tinham a aparência de homens nascido para a escravidão – eram homens altos, com feições morenas e aquilinas. Em cercados ao redor da base do mastro, cavalos enlouquecidos de medo lutavam

e relinchavam insuportavelmente.

Amontoados na popa estilhada, estavam os sobreviventes – 20 homens, muitos deles pingando sangue dos ferimentos. O ranço da pólvora queimada e sangue fresco pairava sobre o navio, como uma mortalha. Aqueles homens eram um estranho bando pitoresco – muitos deles altos e magros, como homens que passavam suas vidas na sela de um cavalo. De fato, eles não pareciam estar totalmente em casa na água. Eram bronzeados pelo sol, não tinham barba e seus bigodes pendiam abaixo de seus queixos; suas cabeças estavam raspadas, exceto por um rabo-de-cavalo no topo do crânio. Estavam vestidos com botas e calças folgadas de couro, nanquim ou seda; alguns usavam *kalpaks*, gorros de pele de cordeiro; outros usavam gorros de aço, enquanto muitos não usavam nada na cabeça. Alguns vestiam camisas de cota-de-malha, outros estavam nus até suas cinturas envoltas por faixas, seus ombros largos e musculosos quase enegrecidos pelo sol. Tinham lâminas desembainhadas em suas mãos – cimitarras turcas e longos sabres húngaros. Seus olhos escuros eram inquietos; havia algo de águia em todos eles – algo selvagem e indomável, dos elementos fundamentais da Vida.

Eles estavam ao redor de um homem que jazia moribundo na popa. O bigode caído deste homem era acinzentado. Seu rosto era cheio de velhas cicatrizes. Seu manto estava puxado para trás, sua camisa manchada pelo sangue que fluía de um corte de espada no lado.

— Onde está Ivan... Ivan Sablianka? – ele murmurou.

— Aqui está ele, *asavul*. – respondeu o coro, enquanto um guerreiro alto se aproximava a passos largos.

— Sim, aqui estou, tio. – o homem grande torceu incerto seu bigode. Era o homem mais alto ali, e de constituição pesada. Vestido como os outros, ele diferia estranhamente dos demais. Seus olhos grandes eram azuis como as águas de um mar profundo, seu rabo-de-cavalo e bigode gracioso de cor de ouro tecido. Ele havia perdido o elmo e, em seu enorme punho, segurava a grande arma que lhe dava nome: *sablianka* – pequena espada.

Ele se inclinou para ouvir as palavras do moribundo *asavul*.

— Ele fugiu de nós, caros irmãos. – este sussurrou – Algum dos capitães ainda vive?

— Não, pequeno tio. – respondeu um guerreiro magro e moreno, o qual amarrava uma rude bandagem ao redor do antebraço talhado – Tashko levou um tiro, e...

— Não; eu vi os outros morrerem. – murmurou o homem mais velho –

Sou o único oficial entre vocês, e estou morrendo. Ivan... irmãos... sua tarefa ainda não acabou. Não posso ir com vocês, mas vocês não devem vacilar. Quando ficamos ao redor do corpo mutilado de Skol Ostap, nosso atamã, nas margens do Pai Dnieper, todos nós juramos por nossa honra cossaca que não descansaríamos até trazermos de volta ao *Sjetch* a cabeça do demônio que matou a ele e a nossos camaradas. Agora, após o termos seguido pelo Mar Negro na galera que tomamos dele, ele nos derrotou e se afasta cambaleante; não, ele não pode cavalgar muito longe num cavalo que desunhamos com balas de canhões. Ele correrá para dentro da costa. Vocês têm cavalos... sigam! Para Istambul ou para o inferno! Ivan, você agora é o sargento. Vá! Morra ou traga a cabeça de Osman Pasha... que... matou... Skol... Ostap...

A cabeça raspada caiu sobre o peito cicatrizado. Os cossacos se levantaram e murmuraram sob seus bigodes. Olharam em expectativa para Ivan Sablianka. Ele mastigava reflexivamente o bigode, olhava rapidamente para a vela triangular que pendia no ar sem vento, e encarava o litoral. Além da de seu inimigo, nenhuma outra vela estava visível no mar; nenhum porto ou cidade naquela selvagem costa solitária. Pequenas colinas cobertas por árvores se erguiam da linha d'água, erguendo-se rapidamente até montanhas azuis à distância, nas quais os picos de cumes nevados eram avermelhados pelo sol poente. Havia uma razão pela qual Ivan deveria saber mais sobre mares e navios que seus camaradas, mas ele não tinha idéia exata sobre onde estavam. Eles haviam cruzado o Mar Negro; portanto, estavam agora em território muçulmano; essas colinas estavam, sem dúvida, cheias de turcos – em sua mente, ele englobava todas as raças maometanas num único e desdenhoso termo.

Com os olhos protegidos por sua mão larga, ele mirou a embarcação que recuava lentamente – uma duplicata daquela onde estavam. Sua tripulação estava feliz o suficiente por ter escapado do aperto da morte. Ivan sabia que ela estava inutilizada além de qualquer reparo, embora em melhor forma do que o navio incapacitado que afundava sob seus pés. O corsário se dirigia a um arroio que serpenteava das colinas, entre penhascos altos. A embarcação se movia devagar, adernando para pôr o leme a bombordo, mas Ivan acreditava que ela conseguiria. Na popa, ele ainda conseguia distinguir uma figura que fazia sua garganta ribombar – uma figura alta, em cuja malha e elmo o sol poente cintilava. Ivan se lembrava do rosto sob aquele elmo, vislumbreado no frenesi caótico da batalha – de nariz aquilino, olhos cinzas e barba negra –, aticando, no cossaco, uma sensação ilusória de semi-recordação. Aquele era Osman Pasha, até recentemente o flagelo do Levante e o mais renomado de todos os corsários argelinos.

Ivan examinou a costa. Ele não poderia ir até a desembocadura do arroio, mas acreditava que poderia desembarcar a galera num promontório inclinado, mais próximo deles. Ele foi até uma das direções de varredura.

— Togrukh e Yermak, peguem a outra. — ele mandou — Demetri e Konstantine, acalmem os cavalos. O resto de vocês, cães-irmãos, enfaixem seus cortes, e depois entrem no poço e remem o melhor que puderem. Se algum daqueles porcos argelinos ainda estiver vivo, acerte-o na cabeça.

Devagar e laboriosamente, eles desembarcaram o navio. O sol estava se pondo, as longas sombras dos penhascos mudando do azul-escuro para a púrpura aveludada. Uma névoa suavemente azul pairava sobre a água escura, à qual o pôr-do-sol tornava ametista parda. Algumas estrelas piscavam no céu. A galera pirata havia entrado vacilante na desembocadura do arroio, desaparecendo entre os penhascos sobressalentes.

Ivan e seus companheiros trabalhavam imperturbavelmente. O parapeito do estibordo estava quase inundado, e os cossacos abandonaram os remos e subiram à popa. Os cavalos relinchavam novamente, enlouquecidos de medo pela água que subia. Os cossacos olharam para a margem e se aglomeraram, pois todos sabiam que havia tribos hostis, mas nada disseram. Eles seguiam as ordens de Ivan tão implicitamente quanto se ele tivesse sido eleito atamã por um conclave normal no *Sjetsch*, aquela fortaleza de homens livres no baixo Dnieper.

Foi a única democracia verdadeira que já existiu na terra; uma democracia onde não havia distinção de classe, exceto aquela de bravura e coragem pessoais. Para a fortaleza Saporoska, chegavam homens de todas as terras e raças, os quais deixavam seus passados para trás para se incorporarem à nova raça que se formava. Mudavam de nomes e entravam em novas vidas. Ninguém perguntava seus nomes verdadeiros, nem de onde vinham. Eram de vários sangues. Togrukh, por exemplo, era o filho de um renegado coronel húngaro com uma escrava tártara.

De onde Ivan viera, ninguém sabia nem se importava. Ele havia perambulado para dentro do *Sjetsch* cinco anos antes, falando entrecortadamente a fala dos russos. Havia despertado um pouco de suspeita, no início. Ele afirmava crer em Deus — que era uma das poucas perguntas feitas a um aspirante do forte —, mas relutava em fazer o sinal da cruz. Após um debate, ele se comprometeu a fazer uma cruz no ar com sua espada. Foi muito vigiado por algum tempo, mas logo provou sua honestidade em batalhas contra os turcos e contra os tártaros da Criméia. Qualquer que fosse sua vida e língua anteriores, ele agora era totalmente cossaco. Ele devia ter nascido e sido criado nas estepes do sul.

Sua espada tinha um formato diferente, entre homens onde espadas curvas eram a regra quase universal. Era uma espada reta, de 137 centímetros da ponta ao pomo; larga, de dois gumes, com uma lâmina tanto para enfiar quanto cortar. Não era muito inferior em peso às espadas de pouco mais de 1,20m, usadas pelos guerreiros valacos e germanos, e era para ser brandida

com uma única mão. Da larga travessa à pesada bola de prata que era o pomo, havia um curvo e largo guarda-mão em linhas flamejantes de ferro lavrado a ouro. Menos de meia-dúzia de homens na fronteira conseguiam manejar aquela espada com uma mão só. Ela agora estava nos dedos de Ivan, agora que ele se curvava sobre um remo inutilizado e olhava fixamente para o promontório, o qual ficava cada vez mais próximo a cada subida e balanço da galera vacilante.

II

No vale fértil de Ekrem, algo estava acontecendo. O rio, que serpenteava através de pequenas campinas e plantações, estava sendo tingido de vermelho; e as montanhas, que se erguiam a ambos os lados, testemunhavam uma cena apenas um pouco menos antiga que elas. O horror caía sobre os pacíficos moradores do vale, na forma de magros cavaleiros cruéis de terras estrangeiras. Eles não voltavam os olhos para o castelo que pairava, como se estivesse suspenso na encosta perpendicular no alto das montanhas – havia opressores escondidos lá também.

O clã de Ilbars Khan, o turcomano, expulso da Pérsia para o oeste devido a uma rixa tribal, estava cobrando pedágio entre os aldeões armênios no Vale de Ekrem. Era apenas mais uma incursão dentre outras, por gado, escravos e pilhagem, a fim de impor sua soberania sobre os cães caphares. Ele era ambicioso; seus sonhos abrangiam mais do que a liderança de uma tribo nômade. Chefes já haviam construído reinos nestas colinas antes.

Mas naquele momento, assim como seus guerreiros, ele estava embriagado pela matança. As cabanas dos armênios jaziam em ruínas fumegantes. Os estábulos foram poupados, pois continham forragem para cavalos, bem como as medas de palha. Os cavaleiros magros corriam vale abaixo e acima, apunhalando e soltando suas flechas. Homens gritavam quando o aço acertava o alvo; mulheres guinchavam ao serem puxadas nuas até as selas dos saqueadores.

Os cavaleiros, em suas peles de carneiro e altos *kalpaks* de pele, estavam se aglomerando nas ruas irregulares da aldeia maior – um esquálido agrupamento de cabanas de barro e pedra. Arrancados de seus deploráveis esconderijos, os aldeões se ajoelhavam, implorando em vão por misericórdia, ou corriam em vão, para serem derrubados enquanto fugiam.

Quem mais se destacava nesse divertimento era Ilbars Khan, e desse modo

perdeu a chance de um reino. Ele cavalgava a toda brida entre as cabanas e pela campina, perseguindo um infeliz esfarrapado cujos calcanhares pareciam ter asas por medo da morte. A ponta da lança de Ilbars Khan o acertou entre as espáduas. A haste da lança se quebrou e os cascos trovejantes empurraram o corpo que se contorcia, enquanto o chefe passava.

— *Allah il allah!* — Barbas se embranqueciam com espuma, diante do grito louco por sangue.

Os iatagãs zuniam, terminando no barulho de carne e ossos partidos. Com um grito desvairado, um fugitivo girou, enquanto Ilbars Khan se lançava sobre ele, seu largo caftan se dilatando ao vento como as asas de um falcão. Naquele instante, os olhos arregalados do armênio viram, como num sonho, o magro rosto barbado, com seu fino nariz aquilino; o colete ornamentado a ouro sob o manto esvoaçante, cruzado pelo largo cinto de seda, do qual se projetavam os cabos de marfim de meia-dúzia de adagas, e a manga larga que caía do esguio braço musculoso e erguido, o qual terminava num largo brilho curvo de aço. Naquele instante, também, o turcomano viu a esguia figura curvada e tensa sob os farrapos, os olhos grandes mirando ao longo do cano de um mosquete. Um grito selvagem vibrou dos lábios do homem caçado, afogado no rugir explosivo da espingarda de pederneira. Uma rodopiante nuvem de fumaça envolveu as figuras, na qual um raio brilhante de aço cortou a escuridão como o palpitir de um relâmpago. Daquela nuvem saiu correndo um corcel sem cavaleiro, as rédeas esvoaçando soltas. Um sopro de vento dissipou a fumaça.

Uma das figuras no chão ainda se contorcia; lentamente, ela se ergueu sobre um cotovelo. Era o armênio, com a vida jorrando rapidamente de um corte medonho do pescoço ao ombro. Arfando e lutando duramente por sua vida, ele mirou, com os olhos selvagememente arregalados, a outra forma. O *kalpak* do turcomano jazia a metros de distância, arremessado pelo tiro a queima-roupa; quase todos os seus miolos estavam nele. A barba de Ilbars Khan apontava para cima, como se numa medonha surpresa cômica. O braço do armênio cedeu, e seu rosto se espatifou no chão sujo, lhe enchendo a boca de poeira. Ele a cuspiu, manchada de vermelho. Uma risada medonha lhe escorreu dos lábios espumantes. A risada se ergueu até um grito que assustou os abutres que giravam. Ele caiu para trás, amassando a areia com as mãos e gritando com alegria delirante. Quando os horrorizados turcomanos chegaram lá, o armênio estava morto, com um horrível sorriso congelado nos lábios. Ele reconhecera sua vítima.

Os turcomanos se acoraram ao redor, como abutres de olhos malignos ao redor de um carneiro morto, e conversaram sobre o corpo do khan deles. Sua fala era maligna, como seus rostos, e, quando se levantaram daquele conclave de urubus, estava selado o destino de cada armênio do vale de Ekrem.

Celeiros, medas de palha e estábulos poupados por Ilbars Khan foram incendiados. Todos os prisioneiros foram mortos – crianças de colo lançadas vivas nas chamas, jovens garotas estripadas e arremessadas para dentro das ruas manchadas de sangue. Ao lado do cadáver do khan, crescia uma pilha de cabeças decepadas; os montadores galopavam, balançando as horríveis relíquias pelos cabelos e lançando-as na pirâmide medonha. Cada lugar que pudesse presumivelmente esconder um coitado trêmulo era rasgado e aberto.

Foi empenhado nisto, que um dos homens tribais, espetando uma pilha de feno, percebeu um movimento na palha. Com um grito lupino, ele saltou sobre o feno e arrastou sua vítima para a luz, ganindo em exultação lasciva ao ver seu prisioneiro. Era uma jovem, e não uma atarracada armênia. Arrancando o manto que ela tentava enrolar em sua forma esguia, ele deleitou os olhos de abutre em sua beleza, mal coberta pela roupa de uma dançarina persa. Sobre seu tênu *yasmaq* – seu leve véu –, os olhos dela, sombreados por longos cílios pintados de *khol*, estavam eloqüentes de medo.

Ela nada disse, se debatendo ferozmente e seus membros esguios se torcendo no cruel aperto da mão dele. Ele a arrastou até o cavalo dele... logo, rápida e mortalmente como uma naja atacando, ela puxou uma adaga curva do cinto dele e a afundou, até o cabo, no coração do homem. Com um gemido, ele caiu, suas peles de carneiro tingidas de vermelho, e ela saltou como uma pantera até o cavalo dele, parecendo voar até a sela de crista alta, de tão rápidos que era seus movimentos. O cavalo alto relinchava e empinava, e ela o fez girar com um puxão forte e correu vale acima. Atrás dela, a alcatéia gania, correndo em perseguição ardente. Flechas assobiavam ao redor de sua cabeça, e ela se encolhia enquanto elas zuniam venenosamente por perto, mas ela instigava o corcel a esforços mais frenéticos.

Ela o conduzia diretamente à parede montanhosa do sul, onde uma garganta estreita se abria dentro do vale. Aqui a passagem era perigosa, e os turcomanos cavalgavam num passo menos impetuoso entre as pedras soltas e matacões quebrados. Mas a jovem cavalgava como uma folha soprada por uma tempestade, e foi assim que ela seguiu à frente deles por várias centenas de metros, quando chegou a um amontoado de matacões, nos quais cresciam *tamarixes*, que se erguia como uma ilha acima do nível do chão do desfiladeiro. Havia uma fonte entre aqueles matacões, e homens ali.

Ela os viu entre as rochas, e eles gritaram para que ela parasse. De início, ela pensou que fossem turcomanos; logo, percebeu seu erro. Eram altos e fortes, com cotas-de-malha brilhando sob seus mantos. Seus turbantes estavam enrolados em gorros de aço que se erguiam até uma ponta em forma de espiral. Seus rostos escuros eram fortes e indiferentes. Se os turcomanos eram chacais, esses homens eram falcões. Tudo isto ela viu naquele momento, sua rápida percepção anormalmente aguçada pelo desespero. Ela também viu

as bocas dos arcabuzes entre as rochas, e a luz trêmula de fusíveis ardentes. E ela tomou uma decisão instantaneamente. Saltando do cavalo, ela correu até as rochas e caiu de joelhos.

— Ajude-me, em nome de Alá, o Piedoso, o Compassivo!

Um homem saiu de um aglomerado de moitas e desceu os olhos para ela. E, ao olhar, ela gritou novamente, incrédula.

— Osman Pasha! – Logo, lembrando-se de sua necessidade urgente, ela lhe abraçou os joelhos, gritando: – *Yah kawand*, me proteja! Salve-me desses lobos que me seguem!

— Por que eu deveria arriscar minha vida por você? – ele perguntou indiferente.

— Eu lhe conheci há muito tempo, na corte do padixá! – ela gritou desesperadamente, arrancando o véu – Dancei para você. Sou Ayesha...

— Muitas mulheres já dançaram para mim. – ele respondeu – Não tenho nenhuma rixa com esses cães do deserto.

— Então, vou lhe dar um *talsmin*. – ela disse, em desespero final – Ouça!

E, quando ela lhe sussurrou um nome no ouvido, ele estremeceu como se houvesse sido picado. Rapidamente, ele ergueu a cabeça, fitando-a como se para sondar as profundezas de seus pensamentos mais íntimos. Por um instante, ele ficou imóvel, seus olhos cinzentos se voltaram para dentro e logo, subindo num grande matacão, ele encarou, com a mão erguida, os cavaleiros que se aproximavam:

— Sigam seus caminhos em paz, em nome de Alá!

A resposta deles foi um assobio de flecha ao redor de seus ouvidos. Ele saltou para baixo, agitando a mão. Instantaneamente, os arcabuzes começaram a estrondear de entre as rochas, a fumaça se encapelando ao redor da pequena e arredondada colina coberta por matagal. Doze cavaleiros selvagens rolaram de suas selas e jazeram se contorcendo. O resto recuou, gritando de terror. Giraram e voltaram rapidamente a meio-galope pelo desfiladeiro, em direção ao vale principal.

Osman Pasha se voltou para Ayesha, que havia, com recato, recolocado o véu. Ele era um homem alto, com olhos cinzas como gelo e aço. Havia, em suas maneiras, certa franqueza impiedosa que era rara num oriental. Seu manto era de seda escarlate, e seu corselete de malha metálica era costurado a ouro. Seu turbante verde era preso por um broche com jóias, e seu elmo

espiralado era lavrado em prata. Coronhas ebúrneas de pistolas com encaixes dourados se sobressaíam de seu cinto de couro cru, o qual resplandecia com uma grande fivela dourada, e suas botas eram do mais fino couro espanhol. Água salgada, fumaça de pólvora e sangue lhe manchavam o vestuário, mas a riqueza de suas roupas e armas era notável, mesmo naquela era de vestes exuberantes.

Seus homens estavam aglomerados ao seu redor – 40 piratas argelinos, impiedosos e corajosos como uma raça que sempre caminhava num convés, eriçados de armas de fogo e cimitarras. Numa depressão atrás da baixa colina arredondada, havia cavalos de uma raça inferior.

— Minha filha – disse Osman Pasha, de uma maneira benévola, a qual era desmentida por seus olhos cruéis –, já fiz inimigos nesta terra estranha, e lutei uma escaramuça em sua defesa, por causa de um nome sussurrado em meu ouvido. Acreditei em você...

— Se eu mentir, quero que minha pele seja arrancada de mim – ela jurou.

— Ela será. – ele prometeu gentilmente – Eu cuidarei disso pessoalmente. Você falou o nome do Príncipe Orkhan. O que sabe sobre ele?

— Por três anos, compartilhei seu exílio.

— Onde ele está agora?

Ela apontou para cima, em direção às montanhas que se sobressaíam no vale distante, onde os torreões do castelo estavam mal visíveis entre os penhascos.

— Do outro lado do vale, lá no castelo de El Afdhal Shirkuh, o Curdo.

— Será difícil tomá-lo. – ele refletiu.

— Mande o restante de seus falcões para lá! – ela gritou – Conheço um caminho para lhe levar ao próprio coração daquele castelo!

Ele sacudiu a cabeça:

— Estes que tu vês são todo o meu bando.

Então, vendo-lhe o olhar incrédulo, ele disse:

— Não estou surpreso por você se espantar com minha mudança de sorte. Vou lhe contar...

E, com sua desconcertante franqueza, a qual seus companheiros muçulmanos achavam tão inexplicável, Osman Pasha contou rapidamente sua queda. Ele não contou a ela seus triunfos; eles eram conhecidos demais para serem repetidos. Cinco anos antes, ele havia aparecido subitamente no palco do Mediterrâneo, como um capitão do famoso corsário Seyf ed-din Ghazi. Ele logo superou seu mestre e obteve sua própria frota, a qual não possuía lealdade a governante algum, nem mesmo aos beis ⁽²⁾ berberes. Inicialmente um aliado do Grão-Turco e um convidado bem-vindo da Porta Otomana, ele mais tarde enfurecera o Sultão, por causa de seus ataques-surpresa sobre embarcações turcas.

Uma rixa mortal surgira entre eles e, finalmente, o destino se declarou em favor de Murad. Saqueando ao longo do Dardanelos, o corsário fora pego numa cilada por uma frota otomana, e todos os seus navios foram destruídos, exceto dois. Mas o Sultão lhe poupou a vida, dando a ele uma tarefa que praticamente equivalia a uma sentença de morte. Ele recebeu ordens de navegar pelo Mar Negro, até a desembocadura do Dnieper, e lá destruir outro inimigo do Turco: Skol Ostap, o Atamã dos Cossacos Zaporozhianos, cujas incursões dentro dos domínios turcos haviam deixado o sultão quase louco.

Os cossacos, de tempos em tempos, mudavam seu *Sjetsch* – seu acampamento armado – de ilha em ilha, secretamente, para evitarem ataques-surpresa, mas a sorte estava até certo ponto com Osman. Um traidor grego o havia guiado até a ilha do Dnieper, então ocupada pelos guerreiros livres, e num momento em que muitos deles estavam distantes numa incursão contra os tártaros do outro lado do rio. O rápido ataque havia falhado em capturar Skol Ostap, o qual jazia indefeso devido a um velho ferimento, devido à feroz resistência dos cossacos que estavam com ele. No meio da batalha, os incursores haviam retornado do ataque aos tártaros, e Osman fugiu, deixando um de seus navios nas mãos deles. Ele sabia a punição para quem falha e, ao invés de fugir em direção à frota turca que esperava na costa, ele atravessou o Mar Negro, logo perseguido pelos cossacos em seu navio capturado, usando sua tripulação como remadores. Ele não entendia a ferocidade da perseguição deles, pois não sabia que uma bala explosiva de seu canhão havia matado o ferido Skol Ostap e enlouquecido desse modo seus *kunaks*.

Quando a costa leste ficara visível, os cossacos pararam à distância de um tiro de canhão e, na batalha que se seguiu, somente a revolta dos remadores salvara o dia do corsário.

— Assim, desembarcamos a galé no arroio. Poderíamos tê-la consertado, mas para onde iríamos? As frotas do Sultão detêm a saída pelo Mar Negro, e ele tem uma corda de estrangulamento pronta para mim, quando souber que falhei. Encontramos uma aldeia ao longo do arroio... um tipo de mulçumanos, que labutavam entre vinhedos e redes de pesca. Conseguimos cavalos ali e atravessamos as montanhas, procurando não sabemos o quê... um caminho

para fora dos domínios otomanos, ou um novo reino para governar. Quem sabe?

Eles haviam prosseguido através das montanhas durante dias, preferindo a selvagem desolação de uma terra inabitada ao risco de caírem em conflito com postos avançados turcos. Osman Pasha tinha a idéia de que mensageiros velozes já haviam levado a notícia por todo o império, de que ele estava condenado. Quem quer que os sultões turcos fossem ou não, eles eram meticolosos em sua vingança. Ele vagara sem planos, confiando na sorte. O fatalismo dos turcos não fazia parte de sua natureza.

Ayesha escutou e, sem comentar, começou a contar sua história. Como Osman bem sabia, era costume dos sultões, ao subirem ao trono, assassinar seus irmãos e os filhos de seus irmãos. Bayazid I deu início a esse costume e, independente dos seus aspectos morais, não se podia negar que isto salvava o império de muitas desastrosas guerras civis, com cada príncipe otomano considerando o trono sua regalia. Às vezes, uma prisão tomava o lugar da corda de estrangulamento, como no caso do Príncipe Jem, irmão de Bayazid II, que foi por muitos anos o convidado indesejado, primeiramente dos Cavaleiros de São João, em Rhodes, aos quais o Sultão pagava 45.000 ducados por ano como propina de carcereiro; e, mais tarde, de dois papas sucessivos, o último dos quais, Alexandre Borgia, envenenara o príncipe por uma volumosa soma de ouro do Sultão.

Este precedente foi seguido mais tarde, com o Príncipe Orkhan, filho de Selim o Bêbado e irmão de Murad III. Um curioso paralelo pode ser notado aqui. Exatamente como no caso de Jem e Bayazid, quando o irmão mais fraco venceu o mais forte por força das circunstâncias, aconteceu no caso seguinte. Quando Selim o Bêbado morreu, saindo de sua vida apatetada, Orkhan estava no Egito. Murad estava em Skutari. Na conseqüente corrida até a capital, o resultado é obvio. Há muito era costume entre os turcos dar a coroa a qualquer herdeiro que chegasse primeiro a Constantinopla após a morte do Sultão. Os vizires e beis, temendo a guerra civil, geralmente apoiavam o primeiro a chegar, o qual, por sua vez, comprava os janízaros ⁽³³⁾ com ricos presentes e, com a ajuda deles, punha-se a eliminar seus irmãos. Mesmo com esta vantagem, o fraco Murad jamais conseguiria resistir ao seu mais agressivo irmão, se não fosse por sua concubina favorita Safia, uma veneziana da família Baffo. Ela era a verdadeira governante da Turquia e, com seus ardis, através dos quais os venezianos foram trazidos para ajudarem o Sultão, a arremetida de Orkhan pelo trono foi derrotada, e ele foi exilado.

Inicialmente, ele buscou refúgio na corte persa, e o xá havia prometido ajudá-lo a ganhar a coroa. Mas algumas escaramuças com os temíveis janízaros esfriaram o entusiasmo persa, e Orkhan descobriu que o xá estava se correspondendo com Safia no intuito de o envenenarem. Ele fugiu, mas, ao tentar alcançar a Índia, foi capturado pelos nômades bashkires, que o

reconheceram e venderam às mãos dos otomanos. Orkhan achou que seu destino estivesse selado, mas Murad não ousava matá-lo, pois ele ainda era muito popular entre o povo – especialmente os vassalos, mas sempre turbulentos, mamelucos do Egito, e os *sipahis*, ou independentes donos de terras da Anatólia. Ele foi confinado num castelo próximo a Erzurum, e suprido com todas as luxúrias e formas de dispersão calculadas para suavizar sua índole.

Isto foi gradualmente efetuado, disse Ayesha. Ela era uma das dançarinas mandadas para entretê-lo. Ela se apaixonara violentamente pelo belo príncipe, e trabalhou duramente para lhe devolver a coragem. Ela havia tido um sucesso tão grande – embora não se suspeitasse disso como o motivo principal –, que o príncipe fora rápida e secretamente tirado de Erzurum e levado até as montanhas acima de Ekrem, para lá ficar aos cuidados de El Afdal Shirkuh, um feroz chefe semi-bandido, cuja família havia reinado como lordes sobre o vale por mais ou menos uma geração, saqueando os habitantes, mas sem protegê-los.



— Ficamos lá por mais de um ano – concluiu Ayesha. – O Príncipe Orkhan afundou na apatia. Ninguém o reconheceria como a jovem águia que liderou os cavaleiros egípcios contra os próprios janízaros. Aprisionamento, *bhang* e vinho lhe drogaram os sentidos. Ele fica sentado em suas almofadas, entorpecido por fumaça de *kaif*, só despertando quando canto ou danço para ele. Mas ele tem sangue de conquistadores. Seu avô, Suleyman O Magnífico, renasceu nele. Ele é um leão que está apenas adormecido...

“Quando os turcomanos cavalgaram para dentro do vale, eu fugi do castelo e fui procurar pelo chefe deles, Ilbars Khan, pois eu tinha ouvido falar de sua bravura e ambições. Eu desejava poder encontrar um homem destemido o bastante para libertar Orkhan. Que as asas da jovem águia sintam o vento outra vez, e ele se erguerá e sacudirá o pó de seu cérebro. Será novamente Orkhan, o Esplêndido. Procurei Ilbars Khan, mas eu o vi morto antes que pudesse alcançá-lo; e então, os turcomanos ficaram loucos feito cães. Fiquei com medo e me escondi, mas me arrastaram para fora.

“Oh, meu senhor, ajude-nos! Que importa se você não tem navio e só possui um punhado de homens lhe seguindo? Reinos já foram construídos com menos! Quando souberem que o príncipe está livre – e que tu estás com ele! –, muitos homens se unirão a nós! Os lordes feudais e os timariotes já o apoiaram antes, e não se afastarão dele agora. Não, se eles soubessem o lugar onde ele está confinado, já teriam destruído aquela fortaleza pedra por pedra! O Sultão é apatetado. O povo odeia Safia e seu filho mestiço Muhammad.

“O posto turco mais próximo fica a três dias de cavalgada daqui. O vale de Ekrem é isolado – desconhecido por muitos, exceto os nômades curdos e os infelizes armênios. Aqui, um império pode ser planejado sem incômodos. Você também é um proscrito. Vamos nos unir. Libertaremos Orkhan e o colocaremos em seu trono de direito! Se Orkhan for padixá, toda riqueza, poder e honra serão seus; Murad, por sua vez, só lhe oferece uma corda no pescoço!”.

Ela se ajoelhava diante dele, seus dedos brancos lhe agarrando convulsivamente o manto, seu véu arrancado novamente e seus olhos escuros ardendo com o entusiasmo de seu pedido. Osman Pasha estava em silêncio, mas luzes frias lampejavam em seus olhos de aço. Ele sabia que o que a jovem disse, sobre a popularidade de Orkhan, era verdade; nem ele subestimava o próprio poder. Um fazedor de rei! Era um papel com o qual ele sonhara. E esta aventura desesperada, com morte ou um trono como preço, lhe aticava a alma ao extremo. Súbito, ele riu, e fossem quais fossem os crimes que manchassem a alma do homem, sua risada foi vibrante e prazerosa como uma rajada de vento marinho, se erguendo de forma estranha para os lábios de um muçulmano.

— Precisaremos dos turcomanos nesta aventura. – ele disse, e a garota bateu palmas, com um breve e entusiasmado grito de alegria, sabendo que seu pedido fora atendido.

— Alto, *kunaks*! – Ivan Sablianka freou seu cavalo e olhou ao redor, esticando o pescoço para a frente. Atrás dele, seus camaradas se moviam em suas selas. Estavam num desfiladeiro estreito, flanqueado a ambos os lados por inclinações íngremes e cobertas por moitas e raquíticos abetos. Diante delas, uma pequena fonte girava para cima em meio a árvores irregulares, e escorria por um canal verde devido ao musgo.

— Água, finalmente. – grunhiu Ivan – Os cavalos estão cansados. Desmontem.

Sem dizer uma palavra, os cossacos desmontaram, retiraram as selas e permitiram aos cavalos cansados beberem, antes de satisfazerem sua própria sede. Durante dias, eles haviam seguido a trilha dos argelinos errantes. Desde que deixaram a costa e a aldeia ao longo do arroio, eles só tinham visto um sinal de vida – um amontoado de cabanas de barro, empoleirado no alto entre os penhascos, abrigando indefiníveis criaturas vestidas de pele, as quais fugiram uivando entre as ravinas diante da aproximação deles. Havia sido completamente saqueadas pelos argelinos, de modo que os cossacos tiveram dificuldade em economizar comida para os cavalos. Para os homens, não havia comida. Mas os cossacos já haviam passado fome antes.

As provisões, com as quais eles haviam enchido suas selas antes de deixar a aldeia no arroio, haviam se esgotado. Os argelinos haviam cobrado um pesado pedágio de seus armazéns e celeiros; e os cossacos, chegando depois, os haviam despojado. Havia, nessas montanhas, pouco capim para pasto. Agora os cossacos estavam sem comida, e haviam perdido a trilha dos corsários.

O anoitecer anterior os havia encontrado alcançando rapidamente sua presa, como mostrado pela clareza das pegadas, e eles haviam temerariamente avançado, pensando em atacar de surpresa o acampamento argelino à noite. Mas, com o pôr da lua nova, eles perderam a trilha num labirinto de ravinas e penhascos, e perambularam cegamente e ao acaso. Agora, ao amanhecer, eles haviam encontrado água, mas seus cavalos estavam exaustos, e eles próprios completamente perdidos. Isto jamais aconteceria, se eles estivessem sendo guiados por um verdadeiro *sotnik* ou chefe. Mas eles não tinham palavra para condenarem Ivan, cuja descuidada indiferença os havia levado à sua presente situação.

— Durmam um pouco. – resmungou Ivan – Togrukh; você, Stefan e Vladimir assumem o primeiro turno de guarda. Quando o sol estiver sobre aquele abeto, acordem outros três para fazerem a vigia. Vou fazer um reconhecimento deste desfiladeiro.

Ele se afastou a passos largos garganta adentro, logo se perdendo entre a

vegetação irregular. Logo, o caminho se inclinou para o alto, e as inclinações em ambos os lados se transformaram em penhascos elevados, que se erguiam perpendicularmente do chão alastrado de rochas. E, com uma subtaneidade de parar o coração, uma selvagem figura peluda saltou de dentro de um emaranhado de moitas e matações quebrados, e encarou o cossaco. Ivan sibilou entre dentes, enquanto sua espada cintilava no ar; logo, ele deteve o golpe, ao ver que a aparição estava sem armas. Era um homem magro, com aparência de gnomo e vestido em peles de carneiro. Seus olhos, a mirarem feroz e selvagemmente de um emaranhado de cabelos escorridos, absorviam cada detalhe do gigante cossaco, desde seu rabo-de-cavalo até suas botas de saltos prateados. Examinavam a manchada cota-de-malha, enfiada em suas largas calças de nanquim; as coronhas das pistolas se sobressaindo de seu largo cinto de seda, e a espada em sua mão enorme.

— Deus dos meus ancestrais! – disse o vagabundo, na fala dos cossacos – O que faz alguém da irmandade livre, nesta terra assombrada por turcos?

— Quem é você? – Ivan grunhiu desconfiado.

— Um homem que acabou de ver seu povo massacrado. – respondeu o outro, com uma risada selvagem de louco desespero – Eu era o filho de um *kral* dos armênios... chame-me de Kral. Um nome é tão bom quanto outro para um proscrito. O que faz aqui?

— O que há além deste desfiladeiro? – Ivan perguntou, ao invés de responder.

— Sobre aquela aresta lá longe, a qual encerra a última extremidade, há um emaranhado de ravinas e penhascos. Se você trilhar seu caminho entre eles, avistará do alto o amplo vale de Ekrem, que até ontem era o lar de minha tribo, e que agora contém seus ossos carbonizados.

— Há comida lá?

— Sim... e morte. Uma horda de turcomanos ocupa o vale.

Enquanto Ivan refletia sobre isto, um rápido passo o fez girar para ver Togrukh se aproximando.

-*Hai!* – Ivan franziu a sobrancelha – Você recebeu ordens de vigiar enquanto os *kunaks* dormiam!

— Os *kunaks* estão famintos demais para dormirem. – replicou o sombrio cossaco, olhando desconfiado para o armênio.

— O diabo te morda, Togrukh. – respondeu o enorme guerreiro – Não

posso conjurar carne de carneiro do ar, para eles. Eles devem roer os polegares, até acharmos uma aldeia para saquear...

— Posso lhes guiar até comida suficiente para alimentar um regimento. — interrompeu Kral.

— Não zombe de mim, *ermênio* — Ivan carranqueou —; você acabou de dizer que os turcomanos...

— Não. — gritou Kral — Há um lugar, não muito longe daqui, desconhecido pelos muçulmanos, onde meu povo depositava comida secretamente. Eu estava indo para lá, quando lhe vi entrando no desfiladeiro e lhe reconheci como um cossaco.

Togrukh olhou para Ivan, que puxou uma pistola e a engatilhou.

— Então, vá à frente, Kral — disse o zaporozhiano —; mas, ao primeiro movimento em falso... *bang!*... você ganha uma bala na cabeça.

O armênio riu — uma risada selvagem e desdenhosa — e gesticulou para que eles o seguissem. Ele se dirigiu ao penhasco mais próximo e, tateando entre um agrupamento de moitas quebradiças, revelou o que parecia ser uma fenda rasa na parede. Acenando para eles que estavam atrás, ele se curvou e rastejou para dentro.

— Dentro desse covil de lobo? — Togrukh olhou com suspeita, mas Ivan seguiu o armênio e o outro veio atrás dele. Eles se viram dentro, não de uma caverna, mas de uma fenda estreita, em ofegante escuridão crepuscular. Ivan praguejou e grunhiu, ao alavancar seu enorme tamanho entre as paredes salientes, mas, em poucos passos, ela se alargou até que o gigante pudesse caminhar com facilidade. Quarenta passos depois, eles chegaram a um largo espaço circular, cercado por paredes elevadas que lembravam monstruosos favos de mel.

— Estas eram as tumbas de um povo antigo e desconhecido, que ocupava esta terra antes da chegada de meus ancestrais. — disse Kral — Seus ossos viraram pó há muito tempo. As cavernas estavam vazias, e nelas meu povo depositava comida, para quando houvesse fome e pilhagens. Pegue o quanto quiser; não há mais armênios que precisem dela.

Ivan olhou curioso ao redor de si. Era como estar no fundo de um poço gigante. O chão era de rocha sólida, desgastado até ficar liso e plano, como se pelos pés de 10 mil gerações. As paredes em forma de favo, com fileiras regulares de tumbas por 15 metros em todos os lados, se erguia de forma estupenda, terminando num pequeno círculo de céu azul. Um abutre pairava naquele disco azul, como um pequeno ponto negro.

— Seu povo deveria ter morado nestas cavernas. – disse Togrukh – Assim, quando os turcos viessem... para cortar e retalhar... um homem poderia manter esta fenda externa contra uma horda.

O armênio encolheu os ombros:

— Aqui não tem água. Quando os turcomanos caíram sobre nós, não houve tempo para fugir e se esconder. Meu povo não era guerreiro. Só desejava cultivar o solo.

Togrukh sacudiu a cabeça, incapaz de entender tais naturezas. Kral estava tirando, das grutas mais baixas, comida para homens e animais – sacos de couro com capim, arroz, queijo mofado, carne seca e odres de vinho azedo.

— Vá trazer alguns dos rapazes para ajudarem a carregar o material, *kunak*. – ordenou Ivan, curvando as enormes costas em direção aos calcanhares, para olhar em direção às cavernas mais altas – Ficarei aqui com Kral.

Togrukh se afastou a passos arrogantes, suas solas prateadas batendo na pedra, e Kral deu um puxão no braço encouraçado de Ivan.

— Agora acredita que sou um homem leal, *efêndi*?

— Sim, por Deus. – Ivan respondeu, mastigando um punhado de figos secos – Qualquer homem que me guia até comida é um amigo meu. Mas onde ficavam as aldeias destes antigos? Eles não conseguiriam plantar capim naquele desfiladeiro rochoso lá fora.

— Eles moravam no vale de Ekrem. Há muito, muito tempo, meus ancestrais vieram do norte e os encontraram cultivando o solo. Mataram todos eles e tomaram sua terra.

— Bem – Ivan grunhiu –; é assim que as coisas acontecem. Agora os turcos estão massacrando vocês, camaradas. Mas não se preocupe; um dia, nós, cossacos, cavalgaremos sobre as montanhas e cortaremos as gargantas deles. Cortes, tiros... é assim que as coisas serão. Mas, se o povo antigo morava no vale, por que não sepultavam seus mortos perto dali? Deve ser um longo e íngreme caminho, daqui até o Ekrem.

Os olhos de Kral lampejaram como os de um lobo faminto:

— Esse é o segredo trancado no coração destas montanhas, conhecido apenas pelo meu povo. Mas vou lhe mostrar isto... e mais, se você confiar em mim.

— Bem, Kral – disse Ivan, mastigando com gosto –; nós, zaporozhianos, não precisamos mentir nem esconder, como um judeu. Estamos seguindo aquele demônio negro Osman Pasha, o corsário, que está em algum lugar nestas montanhas...

— Osman Pasha está a não mais que três horas de cavalgada daqui.

— *Há!* – Ivan derrubou a comida que estava mastigando e agarrou a espada, seus olhos azuis resplandecentes.

— *Kubadar*, tome cuidado! – gritou Kral – Há 40 corsários, armados com mosquetes e entrincheirados entre os matacões do desfiladeiro de Diva. E eles se juntaram a Arap Ali e seus 150 turcomanos. Quantos guerreiros você tem, *efëndi*?

Ivan torceu o bigode gracioso sem responder, franzindo fortemente a testa. Ele coçou a cabeça, perguntando-se o que um atamã faria nessas circunstâncias. Pensar intensamente sempre o deixava sonolento, e ele detestava o esforço. Sua cabeça andava à roda e seus braços pesados doíam, com o desejo de puxar sua grande espada e esquecer a fadiga de refletir, na aplicação de gigantescos golpes. Era importante que, embora fosse o maior espadachim do *Sjetsch*, ele nunca antes havia assumido a liderança de seus camaradas. Ele agora praguejava, por causa da necessidade. Era mais sábio que seus *kunaks*, mas ele admitia francamente que não tinha grande evidência de prudência. Como eles, era totalmente temerário e improvidente. Bem liderados, eles eram invencíveis. Sem uma liderança sábia, desperdiçariam suas vidas por um capricho. Ele havia errado ao prosseguir após o escurecer, na noite passada, mas aquele fato provavelmente não ocorrera a nenhum deles. Kral o observava agudamente, lendo os grandes esforços mentais do cossaco em seu largo rosto rude, porém cordial.

— Osman Pasha é seu inimigo?

— Inimigo! – Ivan repetiu ofendido – Vou forrar minha sela com a pele dele...

— *Pekki!* Então venha comigo, *kazak*, e lhe mostrarei o que nenhum homem, exceto na Armênia, já viu em mil anos.

— Do que se trata? – Ivan exigiu, desconfiado.

— Um caminho secreto... e uma estrada mortal para nossos inimigos!

Ivan deu um passo à frente, e então parou.

— Espere. Lá vêm meus irmãos. Ouça-os praguejarem, aqueles cães.

— Mande-os de volta para dentro do desfiladeiro, com a comida. – sussurrou Kral, enquanto meia-dúzia de guerreiros com rabos-de-cavalo saíam a passos arrogantes da fenda e ficavam curiosamente boquiabertos com o que havia ao redor. Ivan os encarou portentosamente, com as pernas calçadas bem abertas, a barriga de fora e os polegares enfiados no seu cinto.

— Peguem isto e arrastem de volta à fonte, *kunaks*. – ele disse, gesticulando de forma magnífica – Eu disse que acharia comida para vocês e os cavalos.

— E quanto a você? – perguntou Togrukh, o qual foi mordido pelo demônio da curiosidade, enquanto mastigava uma tira de *pasderma*, ou carne de carneiro seca ao sol.

— Não se preocupe comigo. – rugiu Ivan – Não sou o *essaul*? Já conversei com Kral. Voltem ao acampamento e comam feijão, diabos!

Depois que o ruído das solas de suas botas desapareceu pela fenda, Kral foi à frente em direção à parede oposta e mostrou a Ivan uma série de degraus entalhados na rocha. Ele os subiu como um gato, enquanto o zaporozhiano seguia mais devagar, desconfiando dos apoios para as mãos. Bem acima da última camada de tumbas, a indistinta escada de mão terminava na entrada de uma caverna, a qual Ivan havia notado lá embaixo. Era muito maior que as outras; nela, Ivan conseguia ficar ereto. Ele viu que, ao invés de ser um mero corte no penhasco, esta caverna recuava e desaparecia na escuridão.

— Os antigos vinham até este poço, carregando seus mortos. – disse Kral – Ele leva até o vale de Ekrem. Outrora, outro poço guiava, de camada em camada, até o chão deste palácio, mas ele foi há muito obstruído pela queda das paredes. Se você seguir este túnel, sairá atrás do castelo do curdo El Afdal Shirkuh, que dá vista para o Ekrem.

— Que proveito nos trará? – grunhiu Ivan.

— Ouça, e eu lhe contarei uma história! – exclamou Kral, acorrendo-se na semi-escuridão, suas costas contra a parede da caverna – Ontem, quando começou a chacina, lutei por algum tempo contra os cães turcos; então, quando meus camaradas foram mortos, eu fugi e, deixando o vale, desci correndo o desfiladeiro de Diva. No meio deste desfiladeiro, há um grande amontoado de matacões, coberto por matagal. Procurei refúgio lá, apenas para encontrá-lo ocupado por um estranho bando de guerreiros. Eu já estava entre eles antes de percebê-los, eles me surraram com os canos de suas pistolas e me amarraram, fazendo-me perguntas sobre quem continuava dentro do vale... pois, enquanto cavalgavam pelo desfiladeiro, eles tinham ouvido os tiros e

gritos, e parado e se entrincheirado na pequena colina arredondada, e estavam prestes a mandar batedores à frente. Eram piratas argelinos, e chamavam seu *emir* Osman Pasha.

“Enquanto me interrogavam, uma garota veio cavalgando feito uma louca, com os turcomanos em seu encalço. Quando ela saltou de seu cavalo e implorou por ajuda a Osman Pasha, eu a reconheci como a dançarina persa que mora no castelo. Ele e seus homens dispersaram os turcomanos com uma rajada de seus arcabuzes, e então ele conversou com a jovem, de nome Ayesha. Eles haviam me esquecido e fiquei deitado próximo, amarrado, e ouvi tudo que diziam.

“Por mais de um ano, Shirkuh havia mantido um prisioneiro em seu castelo. Eu sei, porque já levei sementes e carneiros até o castelo, para ser pago à maneira curda... com maldições e golpes. *Kazak*, o prisioneiro é Orkhan, irmão do padixá Marad!”.

O cossaco grunhiu de surpresa.

— Essa Ayesha se mostrou a Osman, e ele jurou ajudá-la na libertação do príncipe. Enquanto eles conversavam, os turcomanos retornavam com força total e cavalgavam à distância, desejosos de atacar, mas temendo os mosquetes. Osman os saudou e eles conversaram, ele e o chefe deles Arap Ali, que comanda desde que o *khan* deles foi morto; e, finalmente, os turcomanos adentraram as rochas, se agacharam à fogueira de Osman e partilharam pão e sal. E os três planejaram resgatar o Príncipe Orkhan, e colocá-lo no trono otomano.

“Ayesha havia descoberto uma saída secreta do castelo. Neste dia, logo antes do pôr-do-sol, os turcomanos irão atacar o castelo abertamente e, enquanto atraem desta forma a atenção dos curdos, Osman e seus argelinos irão até o castelo pelo caminho secreto. Ayesha terá retornado para Orkhan, e abrirá a porta secreta para eles. Eles levarão o príncipe e cavalgarão para dentro das colinas, recrutando guerreiros. Enquanto conversavam, a noite caiu, eu roí minhas cordas e fugi.

“Você deseja vingança – eis uma chance, tanto para vingança quanto lucro, *yah kahwand!* Vou lhe mostrar como emboscar Osman. Mate-o... mate a garota... e seus seguidores... leve Orkhan e arrebate um bom resgate de Safia. Ele lhe pagará ricamente para deixá-lo fora do caminho, ou para matá-lo”.

— Mostre-me. – grunhiu o cossaco, incrédulo. Kral assentiu. Tateando dentro de uma pilha de mercadorias, ele acendeu uma tocha com pederneira e aço. Então, acenando para Ivan, ele começou a adentrar a caverna. O zaporozhiano puxou sua espada de lâmina larga e o seguiu.

— Nada de truques, Kral – ele avisou –; ou sua cabeça abandonará seus ombros.

A risada do armênio ressoou selvagememente amarga na escuridão:

— Eu trairia cristãos para aqueles que assassinaram meu povo? Você e seus fanfarrões podem apodrecer no inferno, por mim. Mas, através de você, terei vingança. Portanto, siga-me.

Ivan não respondeu, e Kral seguiu à frente, através de uma estrada estreita e para dentro de um túnel além. Aqui, o teto abobadado era mais alto do que um homem podia alcançar, e três cavalos podiam ser montados lado a lado. O chão liso de rocha se inclinava levemente para baixo e, de tempos em tempos, eles chegavam a curtos lances de escadas esculpidos na pedra, os quais davam para níveis mais baixos. Ivan torceu o bigode reflexivamente e olhava ao redor de si. A trêmula luz da tocha brilhava em formas entalhadas ao longo das paredes, em baixo-relevo. Eram quase todas figuras de homens baixos e atarracados, com cabeças redondas e narizes largos. Guerreavam uns com os outros, caçavam leões; traziam presentes para uma fantástica figura antropomórfica, a qual devia ter sido um deus e, em alguns dos entalhes, lutavam homens de uma raça inconfundivelmente diferente – homens mais altos e mais simetricamente formados, com barbas longas e narizes em forma de gancho. Ivan detectou uma leve semelhança entre estas figuras e Kral.

Enquanto avançavam, o cossaco parecia ouvir um murmúrio de água, de tempos em tempos. Ele mencionou isto.



— Já deixamos o túnel que os antigos fizeram. – respondeu Kral – Agora estamos num antigo curso d'água. Outrora um rio corria aqui, cortando a

rocha sólida. Por alguma razão, ele mudou seu curso, só Deus sabe há quantos milênios. É isso o que você ouve, fluindo pela escuridão a pouca distância daqui, mas através de outro canal. Logo, você o verá. Sua nascente é lá entre as montanhas, mas é sobretudo subterrâneo.

Dali a pouco, Ivan ouviu o inconfundível sussurro de água cadente, e à sua frente, o túnel terminava de forma abrupta, no que parecia ser uma sólida parede de rocha. Mas ela era lisa e simétrica demais para ser trabalho da Natureza; era um enorme bloco de pedra, modelado pela mão de homem, e, ao redor das beiradas, deslizava furtivamente uma fina luz cinza. Apagando a tocha, Kral tateou na escuridão, e Ivan o ouviu se esforçar e grunhir. Então, o bloco, que estava sobre um eixo de pedra, girou para o lado e uma camada prateada tremeluziu diante dos olhos do cossaco.

Estavam na entrada estreita do túnel, a qual era oculta por uma camada de água que se precipitava sobre o penhasco lá no alto. Ao pé da cascata, um poço circular espumava e remoinhava, e dele corria um estreito curso d'água desfiladeiro abaixo. Kral apontou uma saliência que saía da abertura da caverna, margeando a beira do poço, e Ivan o seguiu, primeiramente envolvendo com cuidado seu frasco de pólvora e pistolas em sua faixa de seda. Na beirada, a água cadente formava uma camada tão fina que nenhum homem ficava totalmente encharcado ao alcançar o mundo externo. Ivan viu que estava numa garganta estreita, a qual parecia um corte de faca nas colinas. Em nenhum lugar, tinha mais do que 40 ou 50 passos de largura e, em cada lado, penhascos íngremes se erguiam por centenas de metros, mais altos à esquerda que à direita. Não crescia vegetação em lugar algum, exceto por uma franja ao redor da beira do poço, e ao longo do curso do estreito córrego. Este córrego cruzava o chão do desfiladeiro, serpenteando até mergulhar numa fenda estreita no penhasco oposto – até finalmente encontrar seu caminho dentro do rio que atravessava Ekrem, disse Kral. Ivan olhou para trás, em direção ao caminho pelo qual tinha vindo; a cascata escondia completamente a entrada do túnel. Mesmo com o bloco da porta puxado para o lado, ele seria capaz de jurar que as cascatas desciam por uma parede de pedra sem abertura.

Ele seguiu Kral pelo desfiladeiro que não corria reto, mas dava voltas e se retorcia como uma cobra torturada. Dentro de 300 passos, eles perderam a queda d'água de vista, e apenas um murmúrio confuso lhes chegava aos ouvidos. Neste ponto, também, o chão da garganta começava a se inclinar para o alto, numa declividade íngreme. Mais algumas centenas de passos, e o armênio, indo à frente com cautela redobrada, recuou, agarrando o braço de seu companheiro. Havia uma árvore raquítica num ângulo agudo da parede de pedra e, atrás dela, Kral se acorrou, apontando.

Olhando por cima de seu ombro, o zaporozhiano grunhiu. Além do ângulo, o desfiladeiro corria por talvez 80 passos e depois terminava num obstáculo sem abertura. Mas, do lado direito, o penhasco parecia

curiosamente alterado, e ele olhou fixamente por um instante, antes de perceber que estava olhando para uma parede feita pela mão do homem. Estavam quase atrás de um castelo construído num desfiladeiro entre os penhascos. Sua parede se erguia perpendicular desde a beirada de uma fenda profunda; nenhuma ponte se estendia sobre esta brecha, e aparentemente a única entrada na parede era uma pesada porta reforçada com ferro.

— Foi por este caminho que a garota Ayesha escapou. — disse Kral — Esta garganta corre quase paralela ao Ekrem; ela se estreita a oeste, e finalmente adentra o vale além de onde ficavam as aldeias. Os curdos bloquearam a entrada lá com pedras, de modo que não pode ser descoberta do vale externo, a menos que alguém saiba dela. Eles raramente usam esta estrada. E nem mesmo eles sabem do túnel além da queda d'água, ou das Cavernas dos Mortos. Mas aquela porta lá longe é a que Ayesha abrirá para Osman Pasha.

Ivan roeu o bigode. Ele ansiava saquear o castelo, mas não viu meios de chegar até ele. A brecha era larga demais para um homem pular, e de qualquer modo, não havia saliência à qual se agarrar no outro lado.

— Por Alá, Kral — ele disse —, eu gostaria de olhar para esse famoso vale.

O armênio olhou para o tamanho dele e sacudiu a cabeça:

— Há um caminho que chamamos A Estrada da Águia, mas não é para alguém como você.

— Por Deus! — rugiu o gigante cossaco, irritando-se instantaneamente — Um pagão vestido em peles é um homem melhor que um zaporozhiano? Vou para qualquer lugar que você ousar!

Kral encolheu os ombros e guiou o caminho de volta, garganta abaixo, até chegarem novamente à queda d'água. Lá, eles pararam diante do que parecia, à primeira vista, um rego raso, desgastado pela corrosão na parede mais alta do penhasco. Olhando atentamente, Ivan viu uma série de rasos apoios para as mãos, entalhados na rocha sólida. Perplexo, ele torceu o bigode.

— Cachorros lhe mordam, Kral — ele resmungou —; um macaco mal conseguia escalar estas bexigas.

— Subi esta escada de mão, antes de ter visto 15 invernos. — Kral sorriu sem alegria — Abaixei seu cinto, e eu lhe ajudarei enquanto subimos.

O orgulho de Ivan lutou contra sua curiosidade, de forma clara em seu rosto largo, por um instante; então, com um encolher de ombros, ele chutou fora suas botas com solas prateadas e desenrolou seu cinto — um grande comprimento, de metro de seda. Uma extremidade ele amarrou ao cinto da

espada, e a outra ao cinto do armênio. Assim equipados, eles começaram a jornada vertiginosa. Subiam devagar, mas Ivan teve uma sensação desconfortável de que Kral conseguiria subir a “escada de mão” feito um gato, se estivesse galgando sozinho. O cossaco se agarrava aos buracos rasos com os dedos dos pés e as unhas dos dedos das mãos, e repetidas vezes os cabelos de seu rabo-de-cavalo se arrepiavam e seu sangue gelava, quando ele escorregava no penhasco. Meia-dúzia de vezes, somente o suporte de Kral o salvava. Mas eles finalmente alcançaram o topo, e Ivan se sentou, seus pés balouçando sobre a beirada, e tentou recuperar seu fôlego. Ele desceu o olhar para o poço estreito do qual haviam subido, e praguejou. O desfiladeiro se retorcia como uma trilha de cobra sob ele; e, de sua posição, ele olhava, sobre a muralha sul, para o vale de Ekrem, com seu rio dando voltas sinuosas através dele.

A fumaça ainda flutuava preguiçosamente das massas enegrecidas que outrora foram aldeia. Vale abaixo, na margem direita do rio, havia várias tendas de pele. Ivan distinguiu homens se aglomerando ao redor daquelas tendas, parecendo formigas à distância. Pareciam estar selando os cavalos. Ali estavam os turcomanos, disse Kral, e apontou a entrada de um estreito desfiladeiro vale acima, e para o lado sul, no qual, ele disse, os argelinos estavam acampados. Contudo, era o castelo que atraía o interesse de Ivan.

Este castelo estava assentado num promontório de rocha quase sólida, que se sobressaía dos penhascos e se inclinava até o vale. O castelo tinha frente para o vale, inteiramente cercado por um muro maciço, de 6 metros de altura, e guarnecido por torres no lado que recuava contra o penhasco atrás. Um enorme portão, flanqueado em ambos os lados por uma torre perfurada com fendas estreitas para flechas, dominava a inclinação externa.

Deste portão, o penhasco descia até o chão do vale, não tão íngreme que não pudesse ser galgado com facilidade. Mas a subida não oferecia proteção. Homens atacando por baixo estariam vulneráveis a uma varredura de tiros desde as torres. Ivan encolheu seus ombros gigantescos.

— O próprio diabo não conseguiria tomar esse castelo de assalto, nem mesmo com canhões. Ninguém conseguiria arrastá-los inclinação acima, com aqueles cães na muralha atirando. Se os canhões estivessem no desfiladeiro... mas ao diabo com isso; não temos canhões. Como chegaremos ao irmão do sultão naquela pilha de rocha? Leve-nos até Osman Pasha. Quero levar a cabeça dele ao *Sjetsch*.

— Seja cauteloso se deseja conservar a sua própria cabeça, *kazak*. — Kral respondeu sombriamente — Olhe para bem dentro do desfiladeiro. O que vê?

— Uma vastidão de pedra nua e uma margem verde ao longo do curso d'água. — grunhiu Ivan, esticando o pescoço grosso.

Kral arreganhou os dentes como um lobo:

— *Taib!* E você percebe que a margem é mais densa do lado direito, o qual também é mais alto que o outro? Escute! Escondidos atrás da queda d'água, podemos vigiar até os argelinos alcançarem o desfiladeiro. Então, nos esconderemos entre as moitas ao longo do rio e os atacaremos de surpresa, enquanto eles retornam com o príncipe. Nós mataremos a todos, exceto Orkhan, a quem capturaremos. Então, voltaremos ao longo do túnel através das Cavernas dos Mortos, até os cavalos, e retornaremos à sua terra.

— Isso é fácil. – respondeu Ivan, torcendo seu longo bigode – Tomaremos um navio dos turcos; ficaremos deitados à espera, na costa, até vermos um deles ancorar. Então, sairemos a nado na noite, com nossos sabres nos dentes, e escalaremos as correntes dos navios. Retalharemos e apunhalaremos até a morte aquelas almas de cães! É a maneira como será. Deceparemos as cabeças dos *begs* e acorrentaremos o restante aos remos, para nos levar de volta através do mar. Mas o que é isto?

Kral se enrijeceu quando o cossaco apontou. Homens saíam a galope do distante acampamento turcomano, fustigando seus cavalos através do rio raso. A luz do sol brilhava nas pontas das lanças. Nos muros dos castelos, elmos começavam a cintilar.

— O ataque! – gritou Kral, olhando ferozmente – *Jannan!* Eles mudaram seus planos! Eles não iam atacar até o cair da noite! Rápido! Temos que descer o desfiladeiro, antes que os argelinos o alcancem e nos peguem como ratos numa armadilha!

Ele desceu o olhar para o desfiladeiro, o qual desaparecia a oeste como um corte de sabre entre os penhascos, forçando os olhos em busca do brilho de um escudo ou elmo, que pudesse avisar sobre guerreiros que se aproximavam. Até onde conseguia ver, a garganta estava vazia de vida. Ele apressou Ivan sobre o penhasco, e o enorme guerreiro alavancou cuidadosamente seu volume dentro do raso sulco, praguejando amargamente enquanto batia seus cotovelos. A descida parecia ainda mais perigosa que a subida, mas eles finalmente chegaram à garganta, e Kral correu em direção à cascata – uma furtiva figura apressada, grotesca em suas peles de carneiro. Ele suspirou quando alcançaram o poço, atravessaram a saliência e a cascata. Mas, mesmo enquanto chegavam à fantasmagórica penumbra além, ele parou, agarrando o braço coberto de aço de Ivan. Acima do grande movimento da água, seus ouvidos agudos haviam detectado o tilintar de aço na rocha. Eles olharam para fora, através da prateada camada tremeluzente que fazia tudo parecer espectral e irreal, e se esconderam eficazmente dos olhos de qualquer um lá fora. Um estremecimento sacudiu Kral. Por pouco, não haviam ganhado seu refúgio.

Um bando de homens vinha chegando ao longo de desfiladeiro – homens altos e fortes, em cotas-de-malha e elmos amarrados por turbantes. À frente deles, caminhava a passos largos um homem mais alto que os demais, cujo rosto, barbado e aquilino como o deles, ainda diferia sutilmente do de seus seguidores. Seus estreitos olhos cinzentos pareceram mirar diretamente para os ardentes olhos azuis do gigante cossaco, quando o corsário olhou de relance para a queda d’água. Um suspiro profundo se ergueu das profundezas da ampla barriga de Ivan, e sua mão de ferro se fechou convulsivamente no cabo de sua arma. Impulsivamente, ele deu um passo rápido à frente, mas Kral lançou os braços nodosos ao redor dele e se agarrou desesperadamente.

— Em nome de Deus, *kazak!* – ele exclamou num sussurro desesperado – Não jogue fora nossas vidas! Nós os temos numa armadilha. Se você sair correndo agora, eles vão te baleiar como a um rato... e então, quem levará a cabeça de Osman para o *Sjetsch*?

Kral conhecia o espírito temerário dos cossacos, pois havia perambulado entre eles como comerciante, como muitos de sua raça.

— Eu podia baleiar a cabeça dele, daqui mesmo. – murmurou Ivan.

— Não, isso denunciaria nosso esconderijo, e mesmo que você o matasse, não conseguiria pegar a cabeça dele. Paciência... oh, paciência! Eu lhe digo: nós pegaremos todos eles. Nenhum daqueles cães escapará. Ódio? Olhe para aquele abutre magro em peles de carneiro e *kalpak*, ao lado de Osman. Aquele é Arap Ali, o chefe turcomano que matou minha jovem irmã e o marido dela. Você odeia Osman? Pelo Deus dos meus ancestrais, meu próprio cérebro fica tonto de loucura, ao pensar em pular sobre Arap Ali e rasgar a garganta dele com meus dentes! Mas paciência! Paciência!

Os argelinos cruzavam o rio estreito, seus *khalats* enrolados no alto, e segurando seus mosquetes acima das cabeças para manterem as cargas de pólvora secas. Pararam na outra margem, numa atitude de escuta. Dali a pouco, acima do som das águas, os homens na entrada da caverna ouviram um fraco ribombar, o qual vinha do alto do desfiladeiro.

— Os curdos estão atirando desde as torres! – sussurrou Kral. Como se fosse um sinal pelo qual estivessem esperando, os argelinos prepararam suas armas e começaram a subir rapidamente a garganta. Kral tocou o braço do cossaco:

— Aguardai aqui e fique vigiando. Correrei de volta e trarei os senhores irmãos. Será arriscado se eu conseguir trazê-los para cá antes que os piratas retornem.

— Aprese-se, então. – grunhiu o gigante, e Kral escapuliu como uma

IV

Numa vasta câmara, exuberante com tapeçarias trabalhadas a ouro, divãs de seda e bordados travesseiros de veludo, deitava-se o Príncipe Orkhan. Parecia uma figura de voluptuosa indolência, enquanto se reclinava lá em verde camiseta de cetim, *khalat* prateado e chinelos de veludo, com um jarro de cristal com vinho ao alcance. Seus olhos escuros, pensativos e introspectivos eram os de um sonhador, cujos sonhos são tingidos com haxixe e ópio. Mas havia linhas firmes em seu rosto penetrante, ainda não apagadas pela preguiça e dissipação; e, sob o rico robe, seus membros eram bem-proporcionados e firmes. Seu olhar repousava em Ayesha, que agarrava tensamente as barras de uma janela, fitando ansiosamente o lado de fora, mas havia uma aparência distraída nos olhos dele. Ele parecia não perceber os tiros, gritos e clamor que rugiam lá fora. Distraidamente, ele murmurava as linhas escritas por um exilado mais famoso de sua casa:

— *Jam-i-Jem nush eyle, ey Jem, bu Firankistan dir...*

Ayesha se movia inquieta, lançando-lhe um rápido olhar sobre o ombro magro. Em algum lugar desta filha do Irã, ardia o sangue de antigos conquistadores arianos, que não conheciam o *Destino*. Mil gerações de fatalismo oriental não haviam desgastado isso. Exteriormente, Ayesha era uma muçulmana devota. No fundo, ela era uma indomável pagã. Havia lutado como uma tigresa, para evitar que Orkhan caísse no abismo da degeneração e resignação que seus captores haviam preparado para ele. “É a vontade de Alá” – aquela frase, que segue toda uma filosofia turaniana, é ao mesmo tempo desculpa e consolo para o fracasso. Mas, nas veias de Ayesha, corria forte o sangue feroz dos reis loiros que haviam pisado sobre Nínive e Babilônia em sua estrada ao império, e que não reconheciam outro poder senão seus próprios desejos. Ela era o flagelo que mantinha Orkhan picado com vida e ambição.

— É o momento. – ela murmurou, dando as costas ao parapeito – O sol está a pino. Os turcomanos cavalgam inclinação acima, fustigando seus cavalos e soltando suas flechas em vão contra as muralhas. Os curdos atiram neles de cima... ouça o rugir de seus mosquetes! Os corpos dos homens tribais se alastram pelas inclinações, e os sobreviventes recuam... agora, eles vêm novamente, como loucos. Estão morrendo por ti, *yah khawand*! Devo me apressar... tu ainda sentarás no trono, no Chifre Dourado, meu amado!

Prostrando seu corpo esguio diante dele, ela lhe beijou os pés calçados com chinelos num completo êxtase de paixão, e logo se levantou, correu para fora da câmara – através de outra, onde dez gigantes negros mudos montavam guarda noite e dia – e, atravessando um corredor, encontrou-se no pátio externo que ficava entre o castelo e o muro dos fundos. Ninguém tentou pará-la. Ela era livre para ir e vir pelas muralhas o quanto quisesse, embora Orkhan fosse sempre vigiado pelos mudos e não tivesse permissão para sair da câmara, exceto quando acompanhado pelo próprio Shirkuh. Poucas perguntas lhe foram feitas quando ela retornara ao castelo, fingindo sentir grande medo dos turcomanos. Ela havia cuidadosamente escondido sua paixão pelo príncipe, dos olhos de águia do chefe curdo, o qual pensava que ela não fosse mais do que a ferramenta de Safia.

Ela atravessou o pátio e se aproximou da porta que dava entrada para o desfiladeiro. Um guerreiro se apoiava ali, mal-humorado por não poder participar da luta que estava acontecendo. Shirkuh era um homem cauteloso. Os fundos do seu castelo pareciam invulneráveis, mas ele nunca se arriscava desnecessariamente. Ele não tinha culpa de ignorar a presença de uma traidora em seus domínios. Homens mais prudentes que El Afdal Shirkuh já haviam sido enganados e ludibriados por mulheres como Ayesha.

O homem que montava guarda era um usbeque, um daqueles nômades guerreiros turbulentos que serviam a todos os governantes da Ásia como mercenários. Ele era de constituição mais larga que os curdos, seu parentesco com os mongóis evidenciado em seu rosto largo, olhos levemente oblíquos e cabelo escuramente avermelhado. Seu pequeno turbante estava com o nó sobre sua orelha esquerda, e seu cinto largo carregado de facas e pistolas. Ele se curvava, carrancudo, sobre um mosquete, quando Ayesha se aproximou dele, seus olhos escuros eloqüentes sobre o véu tênue.

Ele cuspiu e carranqueou:

— O que faz aqui, mulher?

Ela puxou o leve manto para mais perto, ao redor de seus ombros esguios, trêmula.

— Estou com medo. Os gritos e tiros me assustam, bravo guerreiro. O príncipe está drogado com ópio, e não há ninguém para acalmar meus medos.

Ela seria capaz de incendiar o coração congelado de um homem morto, como estava ali, em sua atitude de medo e súplica trêmulos. O usbeque puxou a barba.

— Não tenha medo, pequena gazela. – ele finalmente disse – Vou te

acalmar, por Alá. – Ele pôs uma mão de unhas negras sobre o ombro dela, e a puxou para perto de si – Ninguém encostará um dedo numa mecha do teu cabelo – ele murmurou –; nem turcomano, nem curdo, nem... ahhh!

Aninhando-se nos braços dele, ela havia lhe tirado rapidamente uma adaga da faixa e a enfiado no pescoço taurino do homem. A mão dele abandonou o ombro dela, para agarrar os cabos no cinto, enquanto a outra agarrava a própria barba, o sangue lhe esguichando entre os dedos. Ele cambaleou e caiu pesadamente. Ayesha se apoderou de um molho de chaves do cinto dele e, sem olhar novamente para sua vítima, correu até a porta. Ela estava com o coração na boca, quando a abriu; então, ela soltou uma exclamação baixa de alegria. Na beirada oposta do abismo, encontrava-se Osman Pasha com seus piratas.

Dentro do portão, havia uma prancha pesada, usada como ponte, mas era pesada demais para que ela a manuseasse. O acaso a havia capacitado a usá-la em sua fuga anterior, quando uma rara falta de cuidado a deixara de um lado a outro do abismo, sem ser vigiada, por poucos minutos. Osman lançou até ela a extremidade de uma corda, e a garota a amarrou às dobradiças de uma porta. A outra extremidade foi agarrada por meia-dúzia de homens fortes, e três argelinos cruzaram a fenda, pendurando-se na corda pelas mãos tão agilmente quanto macacos. Então, eles ergueram a prancha e a estenderam sobre o abismo para que os demais atravessassem. Não havia nenhum defensor à vista. O tiroteio na frente do castelo continuava, sem pausa.

— Vinte homens ficam aqui, vigiando a ponte. – Osman disse bruscamente – Os demais me sigam.

Abandonando seus mosquetes, 20 desesperados lobos-do-mar desembainharam seus aços e seguiram seu chefe. Osman sorria de pura alegria, enquanto os guiava rapidamente, atrás da jovem de pés ligeiros. Tal aventura desesperada e arriscada, dentro do covil do leão, lhe agitava o sangue como vinho. Quando entraram no castelo, um criado se ergueu de um pulo e ficou boquiaberto e paralisado ao vê-los. Antes que ele pudesse gritar, o iatagã afiado de Arap Ali lhe cortou o pescoço, e o bando continuou avançando rápida e temerariamente, para dentro da câmara onde os dez mudos se ergueram bruscamente, agarrando as cimitarras. Houve uma agitação de luta feroz e silenciosa – muda, exceto pelo assobiar e raspar de aço, e o ofegar moribundo dos feridos. Três argelinos morreram e, sobre os corpos retalhados dos defensores negros, Osman Pasha entrou, a passos largos, na câmara interna.

Orkhan se levantou e seus olhos calmos brilharam com um fogo antigo, quando Osman, com um instinto para representações teatrais, ajoelhou-se diante dele e ergueu o cabo de sua cimitarra ensangüentada.

— Estes são os guerreiros que lhe colocarão em seu trono! – gritou Ayesha, fechando as mãos brancas em alegria apaixonada – *Yah Allah!* Oh, meu senhor, que grande momento este!

— Mas vamos partir rapidamente, antes que aqueles cães curdos saibam de nossa presença. – disse Osman, gesticulando para que os guerreiros parassem ao redor de Orkhan, numa sólida massa de aço. Atravessaram as câmaras rapidamente, cruzaram o pátio e se aproximaram do portão. Mas o estrondo do aço havia sido escutado. Quando os incursores estavam cruzando a ponte, uma mistura de gritos selvagens se ergueu atrás deles. Do outro lado do pátio, vinha correndo uma figura alta em seda e aço, e seguida por 50 espadachins usando elmos.



— Shirkuh! – gritou Ayesha, empalidecendo – *La Allah...*

— Abaixem a prancha! – rugiu Osman, pulando até a cabeça da ponte.

Em ambos os lados do abismo, mosquetes relampejaram e rugiram. Meia-dúzia de curdos se contorceu, mas os quatro argelinos, que haviam se abaixado para erguer a prancha e lançá-la no precipício, caíram numa pilha contorcida diante de uma rajada de tiros; e Shirkuh correu pela ponte, seu rosto aquilino convulsionado e sua cimitarra lampejando ao redor da cabeça coberta de aço. Osman Pasha o enfrentou corpo-a-corpo e, num redemoinho brilhante de aço, a cimitarra do corsário raspou a lâmina de Shirkuh, e o fio aguçado cortou a cota-de-malha e os músculos grossos da base do pescoço do curdo. Shirkuh cambaleou e, com um grito selvagem, caiu para trás e de ponta-cabeça, abismo abaixo.

Num instante, os argelinos haviam derrubado a ponte logo após ele, e os curdos pararam, gritando com fúria frustrada, no lado distante da fenda. O que

havia sido a força deles, agora se tornou sua fraqueza. Eles não conseguiam alcançar seus inimigos. Mas, protegidos pelo muro, abriram fogo vingativamente, e mais três argelinos foram derrubados antes que o bando pudesse ficar fora de alcance, dobrando o ângulo do penhasco. Osman praguejou. Dez homens eram mais do que ele esperava perder naquele veloz ataque-surpresa.

— Todos, menos seis de vocês, vão adiante e vejam se o caminho está livre. – ele ordenou – Seguirei mais devagar com o príncipe. *Mirza*, eu não posso trazer um cavalo até o desfiladeiro, mas meus cães lhe carregarão numa liteira de mantos suspensos entre lanças...

— Alá me proíba de montar nos ombros de meus libertadores! – gritou o jovem turco, numa voz ressonante – Não esquecerei este dia! Sou um homem novamente! Sou Orkhan, filho de Selim! Também não esquecerei isso, *Inshallah*!

— *Mashallah*... Deus seja louvado! – sussurrou a jovem persa – Oh, meu senhor, estou cega e atordoada de alegria, em lhe ouvir falar desta forma! Em verdade, você é novamente um homem, e será padixá de todo o Império Otomano!

Eles estavam próximos da queda d'água. O primeiro destacamento havia quase alcançado o rio, quando súbita e inesperadamente como o ataque de uma naja escondida, uma pistola disparou das moitas no outro lado, e um guerreiro caiu com os miolos escorrendo de um buraco em seu crânio. Instantaneamente, como se o tiro fosse um sinal, foi disparada uma saraivada desde as moitas. Os corsários da frente caíram como milho maduro, e o restante recuou, gritando de raiva e terror. Não conseguiam ver sinal de seus atacantes, exceto a fumaça se encapelando pelo rio e os homens mortos aos seus pés.

— Cão! – rugiu Osman Pasha, desembainhando sua cimitarra e se voltando para Arap Ali – Isto é obra sua!

— Acaso tenho fuzis? – guinchou o turcomano, com seu rosto escuro empalidecido – *Ya Ali, alahu!* Isto é obra de demônios...

Osman correu garganta abaixo, em direção aos seus homens desmoralizados, e praguejando loucamente. Ele sabia que os curdos poderiam colocar algum tipo de ponte sobre o precipício e persegui-lo, o que o deixaria pegado entre dois fogos. Quem eram seus agressores, ele não tinha idéia. Garganta acima, na direção do castelo, ele ainda ouvia o estrondo dos mosquetes, e súbito uma grande explosão de disparos pareceu vir do vale externo, mas enclausurado naquele desfiladeiro estreito que abafava e distorcia todos os sons, ele não conseguia ter certeza.

A fumaça havia se dissipado do rio, mas os muçulmanos não conseguiam ver nada, exceto um agitar sinistro das moitas na margem oposta. Eles recuaram, procurando por um abrigo; não havia nenhum, exceto voltando pelo desfiladeiro, em direção às presas dos enlouquecidos curdos. Estavam numa armadilha. Começaram a disparar seus mosquetes às cegas em direção às moitas, arrancando apenas gargalhadas zombeteiras dos atacantes escondidos. Osman se sobressaltou violentamente ao ouvir aquela risada, e abaixou os canos dos mosquetes.

— Idiotas! Querem desperdiçar pólvora, atirando nas sombras? Desembainhem seus aços e me sigam!

E, com a fúria do desespero, os argelinos atacaram impetuosamente na direção da cilada, seus mantos ondulando, seus olhos ardendo em chamas e o aço nu lhes brilhando nas mãos. Uma varredura de balas lhes reduziu a fileira, mas eles prosseguiram, saltaram temerariamente na água e começaram a atravessá-la com dificuldade. E agora, dentre os arbustos densos na outra margem, saíam figuras selvagens, em cota-de-malha ou seminuas, com espadas curvas em suas mãos.

— Ataquem-nos, caros irmãos! – bramiu uma voz poderosa – Cortem, retalhem, ho... lutem, cossacos!

Um brado de incrédulo assombro se ergueu dos muçulmanos, ao verem aquelas esguias figuras ansiosas, em cujos capacetes e sabres o sol brilhava como fogo. Então, com um trovejante rugido do fundo da garganta, eles se aproximaram, e o raspar e o estrondear do aço se ergueu e ecoou dos penhascos. Os primeiros argelinos a pularem sobre a margem mais alta, caíram de volta ao rio, com suas cabeças partidas, e então os cossacos, loucos com a fúria da batalha, pularam a margem e enfrentaram seus inimigos corpo-a-corpo, dentro da água que rapidamente ficou escarlate. Não foi dada nem pedida rendição; cossacos e argelinos retalharam e mataram em cego frenesi, a espuma lhes embranquecendo os bigodes e o suor lhes correndo para dentro dos olhos.

Arap Ali correu para dentro da luta, louco de medo e fúria, seus olhos fulgurando como os de um cão raivoso. Sua lâmina curva partiu a cabeça raspada de um cossaco até os dentes; então, Kral o encarou, de mãos nuas e guinchando.

O turcomano parou por um instante, atemorizado pela selvagem ferocidade animal no rosto contorcido do armênio; então, com um grito assustador, Kral deu um salto e seus dedos se fecharam como aço no pescoço do chefe tribal. Ignorando a adaga que Arap lhe enfiava várias vezes no lado, Kral se agarrava, o sangue saindo sob suas unhas para se misturar com o

escarlate que jorrava da garganta rasgada do turcomano, até que, perdendo o equilíbrio, ambos caíram dentro do rio. Ainda rasgando e dilacerando, eles foram arrastados pela correnteza; ora uma face rosante aparecia sobre a superfície avermelhada, ora outra, até que finalmente ambas desapareceram para sempre.

Os argelinos foram rechaçados margem direita acima, onde fizeram uma breve e sangrenta resistência; então, recuaram, aturdidos e ferozes, para onde o Príncipe Orkhan encarava como se também aturdido, na sombra do penhasco, com o pequeno grupo de guerreiros que Osman havia destacado para guardá-lo. Ayesha se ajoelhava, agarrando os joelhos dele. Os olhos do príncipe estavam assombrados; por três vezes, ele se moveu, como que para pegar uma espada e se lançar ao conflito, mas os braços de Ayesha eram como esguias faixas de aço ao redor dos joelhos dele. Osman Pasha, escapando da batalha, correu até ele. A cimitarra do corsário estava vermelha até o cabo, sua malha retalhada e o sangue pingando sob seu elmo. Todos ao redor rugiam e remoinhavam em duelos e grupos de luta, à medida que o combate se dispersava sobre o desfiladeiro. Este havia se tornado um matadouro salpicado de sangue. Não haviam restado muitos em ambos os lados da luta, mas havia mais cossacos de pé do que maometanos.

Ivan Sablianika avançava através do embate do conflito, brandindo sua grande espada com seu punho em forma de malho. Qualquer um que se opusesse a ele era derrubado com golpes que despedaçavam escudos cobertos de couro, desmoronavam em gorros de aço e partiam igualmente cotas-de-malha, carne e ossos.

— Ei, seus patifes! – ele rugiu, em seu Turco bárbaro – Quero sua cabeça, Osman, e o sujeito ao seu lado... Urkhan. Não tenha medo, príncipe; não vou lhe machucar. Você dará um belo resgate para nós, cossacos!

Os olhos agudos de Osman palpitararam ao redor, procurando uma via para escapar. Ele viu o sulco indistinto, que guiava para o alto do penhasco, e seu cérebro agudo instantaneamente adivinhou sua utilidade.

— Rápido, meu senhor! – ele sussurrou – Vamos subir o penhasco! Mantereí este bárbaro à distância, enquanto você sobe!

— Sim! – Ayesha insistiu com impaciência – Oh, depressa! Posso escalar como um gato! Irei atrás de você e lhe ajudarei! É perigoso, mas é uma chance, e isto é melhor do que cair de volta ao acorrentamento e cativeiro!

Ela estava tensa, e tremia de ânsia para se esforçar e lutar como uma louca pelo homem que amava. Mas a máscara do fatalismo havia descido novamente no Príncipe Orkhan. Não lhe faltava coragem, mesmo para tal subida. Mas a filosofia paralisante da futilidade se apossara dele. Ele olhou ao

redor, onde os vitoriosos cossacos matavam seus novos aliados que ainda viviam. E ele curvou a bela cabeça.

— Não, isso é *Kismet*. Alá não quer que eu me sente no trono de meus ancestrais. Não, qual homem consegue escapar de seu destino?

Ayesha recuou, seus olhos luzindo numa espécie de horror, suas mãos agarrando os próprios cachos. Osman, percebendo o estado do príncipe, girou, saltou para o poço e subiu como só um marinheiro conseguiria escalar. Com um rugido, Ivan correu atrás dele, esquecendo tudo sobre o príncipe. Os cossacos se aproximavam, sacudindo pingos vermelhos de seus sabres. Orkhan abriu suas mãos resignadamente, e Ayesha o observava, com os lábios entreabertos em muda agonia.

— *Che arz kunan?* – ele disse com simplicidade, encarando seus novos captores – Levem-me se quiserem; sou Orkhan.

Ayesha oscilou e suas mãos apertaram seus olhos fechados, como se estivesse a ponto de desmaiar. Então, saltando como um clarão, ela enfiou sua adaga direto no coração do príncipe, e ele morreu aos seus pés, tão rapidamente que mal sentiu a dor do golpe. E, quando ele caiu, ela virou a ponta e a enfiou no próprio peito, e caiu ao lado de seu amante. Gemendo suavemente, ela deitou a cabeça principesca dele nos braços que enfraqueciam, enquanto os cossacos os cercavam, pasmos e sem entenderem nada.

Um som, desfiladeiro acima, fez com que erguessem as cabeças e encarassem uns aos outros. Só restara um punhado deles, cansados e aturdidos, suas roupas encharcadas de água e sangue, e seus sabres coagulados e com cortes. Ivan não estava lá, e eles não sabiam o que fazer.

— Voltem para dentro do túnel, irmãos. – grunhiu Togrukh – Eu ouço homens descendo a garganta. Voltem pelo túnel, até o local onde deixamos os cavalos. Selem e fiquem prontos para cavalgar. Seguirei Ivan.

Eles obedeceram, e ele subiu o penhasco, praguejando diante dos rasos buracos para as mãos. Os cossacos mal haviam desaparecido atrás da cortina prateada, e ele ainda não havia alcançado o topo do penhasco, quando vários homens apareceram, marchando apressadamente. O desfiladeiro estava apinhado de guerreiros. Togrukh, olhando para baixo com a curiosidade de um cossaco, viu os turbantes e *khalats* dos curdos do castelo, e, com eles, os pontudos gorros brancos dos janízaros turcos. Um deles usava meia-dúzia de plumas de ave-do-paraíso em seu gorro, e Togrukh ficou boquiaberto ao reconhecer o agha dos janízaros, o terceiro homem mais poderoso do Império Otomano. Ele e seus seguidores estavam empoeirados, como se de uma longa e dura cavalgada. Olhando em direção ao vale, o magro cossaco viu o

estandarte do agha, de três caudas de cavalo branco, esvoaçando do portão do castelo, e, ao longo do rio, os turcomanos em suas peles de carneiros cavalgavam como loucos para as colinas, perseguidos por cavaleiros em malha cintilante – os spahis turcos. Togrukh sacudiu a cabeça em assombro. O que trouxe o agha dos janízaros, em tal formação de tropas, até o solitário Vale de Ekrem?

Desfiladeiro abaixo, se ergueu um coro de vozes horrorizadas, quando os recém-chegados pararam assombrados entre os cadáveres. O agha se ajoelhou ao lado do homem morto e da jovem moribunda.

— Por Alá! É o Príncipe Orkhan!

— Está além de seu poder. – murmurou Ayesha – Você não pode mais feri-lo. Eu teria feito dele um rei. Mas vocês o despojaram de sua virilidade... por isso eu o matei... melhor uma morte honrada, do que...

— Mas eu trago para ele a coroa da Turquia! – gritou o agha desesperadamente – Murad está morto, e o povo se revoltou contra o filho mestiço de Safia...

— Tarde demais! – sussurrou Ayesha – Tarde... demais!

A cabeça morena dela afundou em seu braço branco e arredondado, como uma criança ao pegar no sono.

V

Quando Ivan Sablianka subiu a escada de mão, Kral não estava lá para ajudá-lo, pois este último jazia morto ao lado do também morto Arap Ali, debaixo do rio manchado de sangue. Mas, neste momento, o ódio o incitava a prosseguir, e ele subia a trilha precária de forma tão indiferente quanto se escalasse o enfrechate de um navio. Pedacos pequenos de pedra desagregada cediam sob seu aperto e caíam do penhasco em minúsculas avalanches; mas, de alguma forma, ele enganava a morte o tempo todo e subia inexoravelmente. Não estava muito distante de Osman Pasha, quando o corsário chegou ao topo e correu através dos abetos raquíticos. Ivan foi atrás dele, suas longas pernas carregando sua estrutura gigante através do chão numa velocidade surpreendente, e logo Osman, girando e vendo que só tinha um inimigo com o qual lidar, o enfrentou praguejando.

Um sorriso feroz eriçou a barba negra do corsário. Ali havia uma forma enorme, na qual poderia trincar sua selvagem repugnância pela frustração de seus planos. Há apenas alguns meses, ele havia sido o mais temido senhor do mar no mundo, com o amplo e azul Mediterrâneo aos pés. Agora ele estava tosquiado de todos os sequazes e poder, exceto aquele que agarrava em sua forte mão direita e que estava trancado em seu crânio. Ele era aventureiro demais, para desperdiçar tempo lamentando sua queda, mas a chance de abater este pestífero cossaco lhe dava uma sombria satisfação.

Pensar era mais fácil que fazer. Apesar de todo o seu raciocínio lento e do volume, Ivan era rápido como um felino. Aço retiniu com aço, e a longa lâmina reta do zaporozhiano se chocou contra a cimitarra argelina. O corsário era quase tão alto quanto o cossaco, embora não tão compacto. Sua cimitarra era mais reta e pesada que a maioria das lâminas muçulmanas, e ele mostrava uma aptidão extraordinária tanto na ponta quanto no gume. Por três vezes, somente a malha esfarrapada de Ivan o salvou das estocadas perversas do corsário. Estas, ele alternava com cortes sibilantes, os quais arrancavam pedaços de metal da couraça de Ivan, e logo o faziam sangrar de meia-dúzia de ferimentos. O propósito de Osman era manter o gigante na defensiva, onde sua força superior não o ajudaria como no ataque. Sua cabeça raspada e queimada de sol se movia rapidamente diante dos olhos do corsário, o claro rabo-de-cavalo flutuando ao vento, e Osman talhava em direção a ela, até o suor correr para dentro de seus olhos e sua respiração ficar insuficiente. Mas, de alguma forma, Ivan sempre conseguia deter ou evitar seus golpes mais perigosos. A cimitarra de Osman resvalava na lâmina reta, ou se chocava no chamejante guarda-mão.

Não havia som, exceto o clangor do aço, o ofegar da difícil respiração, e o bater e mudança de posição dos pés dos lutadores. A pura força do cossaco começou a produzir efeito. De um turbilhão de ofensiva, Osman se viu gradualmente forçado a assumir a defensiva, usando toda a sua força e habilidade para deter os terríveis golpes impetuosos do cossaco. Com um grito arquejante, ele arriscou tudo num desesperado ataque e saltou como um tigre, a cimitarra cintilando acima de sua cabeça. Ele percebeu uma agonia no coração e, agarrando convulsivamente com sua mão nua a lâmina que o havia empalado, ele golpeou com sua última pitada de força em direção à cabeça de seu matador. Ivan recebeu o golpe em seu erguido braço esquerdo; a lâmina afiada cortou os anéis de malha e a carne até o osso. A cimitarra caiu da mão flácida de Osman, e ele escorregou da lâmina empaladora até a terra encharcada de sangue. E, de seus lábios pálidos, irromperam palavras numa língua estranha:

— Deus tenha piedade de mim... Nunca mais verei Devon!

Ivan se sobressaltou violentamente, vacilando, e então, com um grito, caiu de joelhos ao lado dele, esquecido do próprio ferimento que jorrava sangue.

Agarrando seu inimigo, ele o sacudiu ferozmente, gritando na mesma língua:

— O que disseste? O que disseste?

Os olhos vitrificados rolaram para cima diante dele, e Ivan arrancou o elmo da cabeça ferida do homem. E ele gritou, como se Osman o tivesse esfaqueado.

— Misericórdia de Deus! *Roger!* Black Roger Bellamy! Não me conheces, rapaz? É John Hawksby... o velho John Hawksby, que lutou contigo e por ti, quando estivemos juntos em Devon! Ah, Deus nos perdoe por termos nos reencontrado assim! E numa terra desolada, desconhecida. E como entraste em tal máscara pagã, Roger?

— Uma longa história e pouco tempo para contá-la. — murmurou o renegado — Não, John — enquanto isso, o enorme homem começou a rasgar faixas da própria roupa, para estancar o sangue que acabara de deixar escorrer tão voluntariamente —, não, eu estou terminado. Deixe-me aguardar. Eu estava com Drake, quando nos dirigimos a Lisboa e perdemos tantos navios bons e bravos jovens. Fui um a quem os espanhóis levaram. Eles me prenderam a um remo de galé. Algo se quebrou dentro de mim, enquanto eu labutava penosamente lá, sob o chicote. Esqueci a Inglaterra, sim, e Deus também.

“Um navio pirata berbere tomou a galé, e o Capitão Pasha — seu nome era Seyf-ed-din — ofereceu aos escravos vida, se eles se tornassem muçulmanos. As galés fazem um homem esquecer muito — mesmo que ele tenha sido um cristão. Talvez não haja grande diferença entre bucaneiro e corsário. Inicialmente, eu só queria atacar a Espanha. Depois, quando subi ao poder, esqueci cada vez mais o sangue em mim. Assolei tanto os mares cristãos quanto muçulmanos. Sim, agora o sabor de fama pagã e glória sangrenta é pó na minha boca. Como você se tornou um cossaco?”.

— Bebida e as mulheres, rapaz. — respondeu Ivan Sablianka, o qual havia sido John Hawksby, de Devon — Eu não consegui ficar em Devon, por causa de feudos e lutas com várias pessoas. Aventurei-me no leste, até perder a lembrança e sensação da Inglaterra. Afundem meus ossos, fui um grande pagão, tanto quanto você, Roger. Mas você se lembra dos grandes e velhos dias, quando espancamos os nobres espanhóis no Mar Espanhol?

— Lembrar-me? — os olhos do homem moribundo resplandeceram, e ele se ergueu cambaleante sobre o cotovelo, o sangue lhe jorrando da boca — Deus, navegar outra vez com Drake e Grenville! Rir com eles, como rimos ao destruímos a Armada de Philip!... deixe as chaves do tempo!... é a nau almirante de Sidônia!... homem, as bombas, os valentões; não vou golpeá-los enquanto houver uma prancha sob meus pés!... dê-lhes uma bordada de canhões... as armas do estibordo... alças e pistolas, lá...

Ele caiu de novo, o balbúcio do delírio lhe morrendo nos lábios. Ivan, ajoelhado ao lado do homem morto, estava perdido em lembranças, até que um tinir de aço na pedra o fez dar a volta instintivamente, de espada pronta. Togrukh estava próximo a ele, no crepúsculo que caía.

— Eu vi você abater o cão. Os rapazes voltaram para dentro do túnel. Só há nove deles vivos, além de nós. O desfiladeiro está cheio de turcos. Teremos de seguir através dos penhascos, até o local onde deixamos os cavalos. O que vai fazer?

Ivan havia estirado o manto do corsário sobre o pirata morto.

— Vou colocar pedras sobre ele, para que os abutres não roam seus ossos. — ele respondeu imperturbavelmente.

— Mas a cabeça dele! — advertiu o outro — A cabeça dele, para mostrar aos nossos caros irmãos!

O gigante olhou ao redor do escurecer, tão sombriamente que Togrukh recuou involuntariamente.

— Ele está morto, não está?

— Sim, com certeza.

— E você será testemunha, para nossos caros irmãos, de que eu o matei, não?

— Sim, mas...

— Então, deixe-o descansar aqui. — grunhiu Ivan, curvando suas costas poderosas, enquanto começava a erguer pedras e empilhá-las no local.

FIM

AGNES, A ESPADACHIM

Título Original: SWORD WOMAN



I

Res Adventura

— AGNES! Sua filha ruiva do diabo, onde está você?

Era meu pai, me chamando na sua forma habitual. Lancei para longe de meus olhos os cabelos molhados de suor, e voltei a apoiar o feixe de lenha em meu ombro. Havia pouco descanso em minha vida.

Meu pai afastou os arbustos e adentrou a clareira – era um homem alto, magro e amargo, bronzado pelos sóis de muitas campanhas, marcado por cicatrizes adquiridas a serviço de reis e duques avaros. Ele franziu a testa para mim e, honestamente, eu mal o reconheceria se usasse outra expressão.

— O que está fazendo? – ele rosnou.

— Você me mandou buscar madeira na floresta. – respondi, de mau humor.

— Acaso mandei você se ausentar o dia todo? – ele rugiu, tentando me dar um tapa na cabeça, ao qual evitei com a habilidade adquirida de longa prática – Já esqueceu que hoje é seu dia de casamento?

Diante disso, meus dedos afrouxaram e a corda escapuliu por entre eles; o feixe de lenha rolou ao chão e se esparramou. A cor dourada desapareceu do sol, e a alegria sumiu do cantar dos pássaros.

— Eu havia esquecido. – sussurrei, com os lábios subitamente secos.

— Bem, recolha seus galhos e venha comigo. – ele disse, carrancudo – O sol se põe a oeste. Sua égua ingrata e sem vergonha, que obriga seu pai a arrastar os velhos ossos pela floresta, para levá-la ao seu marido!

— Marido! – murmurei – François! Pelos cascos do demônio!

— Você pragueja, vagabunda? – rosnou meu pai – Devo lhe dar outra lição? Você zomba do homem que escolhi para você? François é o melhor jovem que você pode achar em toda Normandia.

— Um porco gordo – murmurei –; um suíno comilão, bebedor e preguiçoso!

— Silêncio! – ele gritou – Ele será o apoio de minha velhice. Já não consigo mais guiar a relha do arado. Meus velhos ferimentos me doem. O marido de sua irmã, Ysabel, é um cão; não me servirá de ajuda. François será diferente. Ele vai te domar, eu garanto. Não vai fazer suas vontades, como eu fiz. Você experimentará o bastão na mão dele, minha bela dama.

Diante daquilo, uma bruma vermelha ondulou pelos meus olhos. Era sempre assim, diante de tal conversa de domesticar. Joguei ao chão a lenha à qual eu pegara mecanicamente, e todo o fogo em meu sangue correu até meus lábios.

— Ele pode apodrecer no inferno, e você com ele! – guinchei – Não me casarei com ele. Me bata... me mate! Faça o que quiser comigo! Mas nunca dividirei a cama com François!

Diante disso, o inferno flamejou nos olhos de meu pai, de modo que eu tremeria, se não fosse a loucura que se apossara de mim. Vi, refletidas lá, toda a fúria, violência e paixão que o dominavam quando ele saqueava, matava e violentava como Companheiro Livre. Com um rugido inarticulado, investi contra mim e dirigiu um golpe em minha cabeça com o punho direito. Evitei a pancada, e ele atacou com o esquerdo. Novamente, seu punho acertou o vazio, enquanto eu me esquivava; logo, com um grito que parecia o uivo de um lobo,

ele me agarrou o cabelo solto com seus dedos, enrolando minhas tranças ao redor da mão e puxando violentamente minha cabeça para trás, até eu pensar que meu pescoço ia se quebrar; e ele me bateu no queixo com o fechado punho direito, de modo que a luz do sol desapareceu numa onda de escuridão.

Devo ter ficado sem sentidos por algum tempo – longo o bastante para meu pai me arrastar, pelo cabelo, da floresta até a aldeia. Recobrar os sentidos após uma surra não era uma experiência nova, mas eu estava nauseada, fraca e tonta, e meus membros doíam por causa do chão áspero sobre o qual ele me arrastara. Eu estava deitada dentro de nossa cabana miserável e, quando me ergui, vacilante, para me sentar, percebi que minha modesta túnica de lã me havia sido tirada, e que eu vestia adereços de casamento. Por São Denis, a sensação dela era mais repugnante que o toque escorregadio de uma serpente, o pânico rapidamente tomou conta de mim, e eu a teria arrancado; mas logo tontura e náuseas me dominaram, e caí de volta com um gemido. E uma escuridão, mais profunda que a de um homem machucado, caiu sobre mim – eu havia caído numa armadilha, na qual me debatia em vão. Toda a força me abandonou, e eu teria chorado se pudesse. Mas eu nunca consegui chorar; e agora eu estava moída demais para praguejar, e jazia olhando fixa e silenciosamente para as vigas da cabana, roídas pelos ratos.

Pouco depois, estava consciente de que alguém entrava na sala. De fora, havia sons de conversa e gargalhada, enquanto as pessoas se reuniam. Quem havia adentrado a cabana era minha irmã Ysabel, carregando o filho mais novo no quadril. Ela baixou o olhar para mim, e eu notei o quão encurvada ela estava, o quanto suas mãos estavam ásperas de trabalho duro, e o quanto suas feições estavam marcadas pelo cansaço e pela dor. As roupas de festa que ela vestia pareciam ressaltar tudo aquilo; eu não havia percebido seu estado quando ela vestia suas típicas roupas camponesas.

— Estão preparando o casamento, Agnes. – ela disse, com sua maneira hesitante de falar. Não respondi. Ela pôs o bebê no chão e se ajoelhou ao meu lado, olhando para o meu rosto com uma estranha melancolia.

— Você é jovem, forte e viçosa, Agnes. – ela disse, mas eu achei que ela falava mais consigo mesma do que comigo – Quase bonita em seu vestido de noiva. Não está feliz?

Fechei meus olhos com cansaço.

— Você deveria rir e estar alegre. – ela suspirou... mas ela mais parecia gemer – Isto só acontece uma vez na vida de uma garota. Você não ama François. Mas eu também não amava Guillaume. A vida é dura para uma mulher. Seu corpo alto e flexível vai se encurvar como o meu, e se amortecerá carregando crianças; suas mãos ficarão torcidas... e sua mente ficará estranha e triste...

com o trabalho duro e o cansaço... e o rosto de um homem a quem odeia, sempre ao alcance de sua vista...

Ao ouvir isso, abri os olhos e mirei-a fixamente.

— Sou apenas alguns anos mais velha que você, Agnes. — ela murmurou — Mas olhe para mim. Gostaria de ficar como eu?

— O que uma garota pode fazer? — perguntei desesperada.

Seus olhos arderam, mirando os meus com uma sombra da ferocidade que eu tão freqüentemente vira arder nos olhos de nosso pai.

— Uma coisa! — ela sussurrou — A única coisa que uma mulher pode fazer para se libertar. Não se agarre a vida, para ficar como nossa mãe ou sua irmã; não viva para ficar como eu. Parta, enquanto você é forte, flexível e bonita. Aqui!

Ela se inclinou rapidamente, pressionou algo dentro de minha mão, e logo pegou o filho e foi embora. Fiquei deitada, olhando fixamente a adaga de lâmina fina em minha mão.

Ergui o olhar para o teto sujo, e entendi o que ela quis dizer. Mas, enquanto eu jazia lá, com meus dedos enroscados ao redor do fino cabo da adaga, pensamentos estranhos e desconhecidos me inundaram a mente. O contato com aquele cabo fez as veias do meu braço formigarem; uma estranha sensação de familiaridade, como se liberasse uma série sombria de pensamentos que eu não conseguia entender, mas de alguma forma sentir. Eu nunca havia manuseado uma arma antes, nem qualquer objeto com lâmina que não fosse um machado de lenhador ou uma faca de cozinha. Aquela coisa fina e mortal, tremeluzindo em minha mão, parecia de alguma forma com um velho amigo, retornando à sua casa.

Do lado de fora, vozes se erguiam e pés se arrastavam, e eu rapidamente escondi a adaga em meu peito. A porta se abriu, dedos se agarraram à soleira e rostos me espiaram. Vi minha mãe, impassível e sem cor, um animal de carga com as mesmas emoções de um animal de carga; e, sobre o ombro dela, minha irmã. E vi uma súbita decepção e uma mágoa assombrosa lhe inundarem a expressão, ao me ver ainda viva; e se afastou.

Mas os outros invadiram a cabana e me arrastaram da cama, rindo e gritando em sua alegria camponesa. Se eles atribuíram minha relutância à timidez virginal, ou conheciam meu ódio por François, pouco importava. O punho de ferro de meu pai estava em um de meus pulsos, e uma espécie de égua barulhenta em forma de mulher me agarrava o outro pulso, e assim me arrastaram para a frente, da cabana até um círculo de gente que gritava e ria, e

que já estavam mais do que meio bêbados – homens e mulheres. Seus gracejos rudes e comentários obscenos caíam sobre ouvidos desatentos. Eu me debatia como uma coisa selvagem – cega e desprovida de razão –, e foi necessária toda a força de meus captores para me levarem. Ouvi meu pai me amaldiçoando em voz baixa, e ele torceu meu pulso como se quisesse quebrá-lo, mas tudo que ele arrancou de mim foi uma praga ofegante, mandando sua alma ao inferno que merecia.

Vi o padre se aproximando: um velho imbecil e mirrado, que piscava muito os olhos, e ao qual eu odiava tanto quanto a todos eles. E François estava vindo ao meu encontro, com casaco e calças novas, e com uma coroa de flores ao redor do gordo pescoço vermelho; e aquele sorriso afetado em seus grossos lábios expandidos fez minha pele arrepiar. Lá estava ele, sorrindo como um macaco sem mente, mas com triunfo vingativo e intenções libidinosas em seus pequenos olhos de porco.

Ao vê-lo, parei de me debater, como se privada repentinamente da capacidade de me mover, e meus captores me soltaram e recuaram; e assim, eu o fiquei encarando por um instante, quase agachada, olhando ferozmente e sem palavras.

— Beije-a, rapaz! – berrou um bronco bêbado.

Então, como uma mola encolhida que subitamente se solta, puxei bruscamente a adaga de meu peito e saltei sobre François. Meu gesto foi rápido demais para aqueles palhaços lerdos entenderem, e menos ainda evitarem. Minha adaga estava enfiada em seu coração de porco, antes que ele percebesse que eu o havia golpeado; e gani em louca alegria, ao ver a estúpida expressão de incrédula surpresa e medo lhe inundarem o rosto vermelho, enquanto eu puxava a adaga e ele caía, gorgolejando como um porco apunhalado, e jorrando sangue entre seus dedos que se retorciam – e que agarravam pétalas de seu colar de núpcias.

Levaria muito tempo para contar tudo, mas tudo aconteceu em um instante. Saltei, golpeei, puxei a faca e fugi. Meu pai, que havia sido soldado – mais rápido e agudo na ação que os outros –, gritou e saltou para me pegar, mas suas mãos tateantes só agarraram o vazio. Disparei, através da multidão assustada, para dentro da floresta e, enquanto eu alcançava as árvores, meu pai pegou um arco e me disparou uma flecha. Me esquivei para um lado, e a seta se cravou perversamente numa árvore.

— Bêbado estúpido! – gritei, com um guincho estridente de risada selvagem – Você está caduco, para errar um alvo desses!

— Volte aqui, sua vagabunda! – ele rugiu, louco de raiva.

— Vá para os fogos do inferno – repliquei –, e que o diabo se banqueteie com seu coração negro!

E aquele foi meu adeus ao meu pai, enquanto eu dava a volta e fugia através da floresta.

Qual a distância que percorri, eu não sei. Atrás de mim, eu ouvia os uivos dos camponeses, e sua perseguição vacilante e descuidada. Logo, só os gritos, cada vez mais distantes e afastados; e logo, até eles pararam. Pois poucos dos valorosos camponeses tinham estômago para me seguirem até as profundezas da floresta, onde as sombras já se moviam furtivamente. Corri até minha respiração se transformar em arfadas dolorosas, e meus joelhos vergarem, me lançando violentamente ao suave marga atapetado de folhas, onde jazi meio desmaiada, até a lua se erguer, colorindo os galhos mais altos com gélida prata e destacando ainda mais as sombras. Ao meu redor... ouvi farfalhares e movimentos que anunciavam feras selvagens, e talvez coisas piores: lobisomens, duendes e vampiros, pelo que eu sabia. Mas eu não tinha medo. Eu já havia dormido antes na floresta, quando a noite me surpreendia longe da aldeia com minha carga de lenhas, ou quando meu pai, cheio de bebida, me expulsava da cabana.

Levantei-me e continuei andando, através do luar e da escuridão, sem me importar muito com a direção, para colocar a máxima distância possível entre eu e a aldeia. Na escuridão que precede a aurora, o sono me dominou e, me lançando ao solo fofo, caí em sono profundo, sem me importar se alguma fera ou vampiro me devoraria antes do dia nascer.

Mas, quando a aurora se ergueu sobre a floresta, eu estava viva e intacta, e dominada por uma fome terrível. Fiquei sentada, me interrogando diante da estranheza de tudo, mas logo a visão de meus trajes rasgados de noiva, e da adaga incrustada de sangue em meu cinto, trouxe tudo de volta. E eu ri novamente, ao me lembrar da expressão de François quando ele caiu, e uma selvagem onda de liberdade me inundou, a ponto de sentir vontade de dançar e cantar como uma louca. Mas, ao invés disso, limpei a adaga em algumas folhas verdes e, colocando-a novamente em meu cinto, fui em direção ao sol nascente.

Dentro em pouco, alcancei uma estrada que serpenteava através da floresta, e fiquei contente, porque meus sapatos de noiva, por serem de tecido inferior, estavam despedaçados. Eu estava acostumada a andar descalça, mas, mesmo assim, os espinhos e gravetos da floresta me feriam os pés.

O sol ainda não estava alto, quando cheguei a uma curva da estrada – que, de fato, era pouco mais que uma trilha de floresta – e ouvi o som de cascos de cavalo. O instinto me dizia para me esconder nos arbustos. Mas outro instinto me deteve. Eu procurava por medo em minha alma, e não o encontrei. Desse

modo, fiquei no meio da trilha, imóvel, com a adaga na mão, quando o cavaleiro apareceu pela curva da vereda, e ele puxou bruscamente as rédeas, com uma praga assustada.

Ele me encarou e lhe devolvi o olhar, calada. Era bonito, de uma forma obscura, tinha altura mais que mediana e era um pouco magro. Seu cavalo era um magnífico garanhão negro, com arreios de couro vermelho e metal brilhante, e o montador vestia calças justas de seda e um casaco de veludo, meio surrado, com uma capa escarlata lhe caindo ao redor e uma pluma no chapéu. Não usava talabarte ⁽¹⁴⁾, mas uma espada lhe pendia do cinto, numa bainha de couro desgastado.

— Por São Denis! – ele exclamou – Que espírito da floresta, ou deusa da aurora, você é, garota?



— Quem é você para perguntar? – indaguei, sem sentir medo nem timidez.

— Ora, sou Etienne Villiers, outrora da Aquitânia. – ele respondeu e, no momento seguinte, mordeu os lábios e sacudiu a cabeça, como se irritado por ter dito aquilo.

Em seguida, ele me olhou da cabeça aos pés, e riu.

— De que conto louco você saiu? – perguntou – Uma jovem ruiva, em esfarrapada roupa de noiva, com uma adaga na mão, nas florestas verdes bem ao nascer do sol! Isto é melhor que um romance! Venha, boa moça, me explique a pilhéria.

— Isto não é pilhéria. – sussurrei seriamente.

— Mas quem é você? – ele insistiu.

— Meu nome é Agnes de Chastillon. – respondi.

Ele riu e deu um tapa na própria coxa.

— Uma nobre dama disfarçada! – ele zombou – Por São Yves, a história fica mais interessante! De qual quarto escondido, em qual castelo guardado por um gigante, você escapou, nestes adornos de camponesa, minha dama?

E ele tirou o chapéu, fazendo uma reverência.

— Tenho tanto direito ao nome quanto muitos que usam títulos importantes. – respondi enraivecida – Meu pai era o filho bastardo de uma camponesa com o Duque de Chastillon. Ele sempre usou o nome, e suas filhas depois dele. Se não gosta de meu nome, siga seu caminho. Não pedi pra você parar e zombar de mim.

— Não, eu não pretendia zombar de você. – ele jurou, com seu olhar me percorrendo avidamente o corpo – Por São Trignan, você é digna de um nome da alta nobreza, mais do que muitas damas de origem nobre, que já vi sorrirem afetadamente e suspirarem por causa do título. Por Zeus e Apolo, você é uma moça alta e esbelta... por minha honra, um pêssego normando! Gostaria de ser seu amigo; diga-me, por que está sozinha na floresta a esta hora, com um vestido esfarrapado de noiva e sapatos gastos?

Ele desceu rapidamente do cavalo alto e ficou diante de mim, com o gorro na mão. Seus lábios já não sorriam, e seus olhos escuros não zombavam de mim, embora parecessem brilhar com algum fogo interior e errante. Suas palavras me lembraram subitamente o quanto eu estava sozinha e indefesa, sem nenhum lugar para ir. Talvez fosse natural que eu me desabafasse com o primeiro estranho amigável – além disso, Etienne Villiers tinha algo que induzia as mulheres a confiarem nele.

— Noite passada, fugi da aldeia de La Fere. – eu disse – Queriam me casar com um homem a quem eu odiava.

— E você passou a noite sozinha na floresta?

— Por que não?

Ele sacudiu a cabeça, como se fosse difícil acreditar.

— Mas o que vai fazer agora? – ele perguntou – Você tem amigos por perto?

— Não tenho amigos. – respondi – Continuarei meu caminho até morrer de

fome, ou alguma outra coisa me acontecer.

Ele meditou por algum tempo, passando o polegar e indicador pelo queixo bem barbeado. Por três vezes, levantou a cabeça e percorreu o olhar sobre mim; e, por um momento, pensei ter visto uma sombra misteriosa lhe passar pelo rosto, fazendo-o, por um momento, quase se parecer com outro homem. Por fim, levantou a cabeça e falou:

— Você é uma garota bonita demais para morrer na floresta, ou ser pega por bandidos. Se você quiser, lhe levarei para Chartres, onde você pode encontrar trabalho como criada e ganhar a vida. É capaz de trabalhar?

— Nenhum homem em La Fere é melhor. – respondi.

— Por São Yves, eu acredito. – ele disse, balançando a cabeça em admiração – Há uma aura quase pagã ao seu redor, com sua altura e maciez. Venha, você confia em mim?

— Não quero lhe causar problemas. – respondi – Os homens de La Fere estarão me seguindo.

— Bah! – ele disse, com desdém – Quem já ouviu falar de um camponês se afastando mais de uma légua de sua aldeia? Você está suficientemente segura.

— Não de meu pai. – respondi sombriamente – Ele não é um simples camponês. Já foi um soldado. Ele me seguirá até bem longe e me matará quando me encontrar.

— Neste caso – murmurou Etienne –, precisamos achar uma maneira de enganá-lo. Ah! Eu tenho! Lembrei que, a menos de uma milha de distância, deixei um rapaz cujas roupas se ajustariam em você. Espere aqui até eu voltar. Vamos lhe transformar num rapaz.

Dito isto, ele deu meia volta e se afastou a galope; e eu o observava, me perguntando se eu iria vê-lo novamente, ou se ele havia apenas me ridicularizado. Esperei, e os cascos do cavalo sumiram à distância. O silêncio reinava na floresta verde, e senti uma fome feroz me atormentar. Então, depois do que pareceu um tempo infinito, os cascos do cavalo bateram novamente pela floresta, e Etienne Villiers veio a galope, rindo alegremente e agitando uma trouxa de roupas.

— Você o matou? – perguntei.

— Não! – riu Etienne – Mas eu o fiz seguir o caminho dele... chorando e tão nu quanto Adão. Aqui, moça, vá para aquele matagal e vista logo estas roupas. Devemos seguir nosso caminho, e são muitas léguas até Chartres.

Jogue seus trajes de noiva para mim, e eu os deixarei na margem daquele rio que dá a volta pela floresta, a pouca distância daqui. Talvez o encontrem, e pensem que você se afogou.

Estava de volta antes que eu terminasse de vestir as estranhas roupas, e conversava comigo através das moitas que nos separavam.

— Seu venerado pai estará procurando por uma donzela. — ele riu — Não por um garoto. Quando ele perguntar aos fazendeiros se eles viram uma moça alta e de cabelos ruivos, todos negarão com as cabeças pontiagudas. Há, há, há! Pregaremos uma boa peça no velho patife.

Logo, saí dos arbustos, e ele me olhou firmemente ao me ver com camisa, calças e chapéu. Eu me sentia estranha com aquela roupa, mas a mesma me dava uma sensação de liberdade que eu nunca havia experimentado usando saias.

— Zeus! — ele murmurou — Este disfarce é menos perfeito do que eu esperava. O lavrador mais cego dos campos verá que essas roupas não cobrem um homem. Espere; deixe-me cortar essas mechas vermelhas com minha adaga; talvez isso lhe ajude.

Mas, quando cortou meu cabelo numa juba quadrada que mal me alcançava os ombros, ele encolheu os próprios ombros.

— Mesmo assim, você é toda uma mulher. — ele disse — Mas talvez um estranho, que passe apressadamente pela estrada, seja enganado. Temos que arriscar.

— Por que se preocupa comigo? — perguntei curiosa, pois eu não estava acostumada com tanta gentileza.

— Por quê? Por Deus! — ele disse — Iria um homem, digno do nome, deixar uma jovem garota perambular e morrer de fome na floresta? Minha bolsa tem mais cobre do que prata, e minha jaqueta de veludo está gasta, mas Etienne Villiers mantém sua honra tanto quanto qualquer cavaleiro ou barão de castelo; e não deixará um fraco sofrer, enquanto sua bolsa tiver uma moeda, ou sua bainha uma espada.

Ao ouvir aquelas palavras, me senti humilde e estranhamente envergonhada, pois eu era iletrada e sem instrução, e não tinha palavras para falar da gratidão que sentia. Cambaleei e gaguejei, e ele sorriu e gentilmente me calou, dizendo que não precisava de agradecimento, pois a bondade carregava sua própria recompensa.

Logo ele montou e me deu a mão. Saltei à sela atrás dele, e galopamos pela

estrada, eu agarrada a seu cinto e meio envolvida pela capa que flutuava atrás dele na brisa da manhã. Tive certeza de que qualquer um que nos visse passar a galope, juraria ver um homem e um garoto, ao invés de um homem e uma jovem.

Minha fome aumentava enquanto o sol subia, mas a sensação não era incomum em minha vida, de modo que não me queixei. Estávamos viajando numa direção sudeste, e me parecia que, à medida que avançávamos, um estranho nervosismo se evidenciava em Etienne. Ele falava pouco, e evitava as estradas menos freqüentadas, seguindo muitas vezes caminhos de terra, ou trilhas de lenhadores que serpenteavam para dentro e para fora, por entre as árvores. Encontramos pouca gente – só camponeses com machados nos ombros, ou fardos de lenha nas costas, os quais ficavam boquiabertos diante de nós e tiravam seus gorros esfarrapados.

O meio-dia se aproximava quando paramos diante de uma taverna – dentro da floresta, solitária e isolada, cujo emblema era malfeito e quase apagado; mas Etienne a chamava de Os Dedos do Patife. O estalajadeiro saiu – um sujeito desajeitado, encurvado e pesado, com um olhar atravessado, enxugando as mãos em seu engordurado avental de couro, e balançando sua cabeça pontiaguda.

— Queremos comida e um quarto. – disse Etienne, em voz alta – Sou Gerard da Bretanha, nascido em Montauban, e este é meu jovem irmão. Estivemos em Caen, e estamos viajando para Tours. Cuide do meu cavalo e ponha um frango assado na mesa, taverneiro.

O estalajadeiro moveu a cabeça, resmungou e pegou as rédeas do garanhão. Mas ele se demorou, enquanto Etienne me tirava do cavalo, pois eu estava enrijecida pela longa cavalgada, e meu disfarce não era tão completo quanto eu esperava. Pois o longo olhar do taverneiro não era o que um homem lança a um garoto.

Ao entrarmos na taberna, vimos apenas um homem, sentado num banco e bebendo avidamente vinho de um odre – um homem gordo e bruto, com a barriga se projetando sobre o cinto de couro. Ele ergueu o olhar quando entramos, se sobressaltou e abriu a boca como se para falar. Etienne não lhe disse nada, mas o olhou fixamente, e eu vi – ou senti – uma rápida fagulha de entendimento passar entre eles. O gordo voltou silenciosamente ao seu odre de vinho, e Etienne e eu nos dirigimos à mesa, onde uma criada desleixada serviu o frango pedido, com ervilhas, rabanadas de pão, uma grande vasilha de dobradinha de Caen e dois jarros de vinho.

Caí avidamente sobre a comida, usando minha adaga, mas Etienne comeu pouco. Comia distraidamente, e seu olhar mudava de posição, do homem gordo no banco – o qual agora parecia dormir –, de volta para mim e em

seguida para as janelas sujas, com suas vidraças em forma de losango, e até para cima, em direção às vigas manchadas de fumaça. Mas ele bebeu muito, enchendo seu jarro várias e várias vezes; e finalmente ele me perguntou por que não toquei no meu.

— Estava ocupada demais, comendo, para beber. – admiti, erguendo-o incerta, pois eu nunca antes havia bebido vinho. Toda a bebida alcoólica, que chegava à nossa miserável cabana, era engolida por meu pai. Esvaziei o copo, como eu o vira fazer, me sufoquei e asfixiei, mas achei o sabor penetrante agradável ao meu paladar.

Etienne praguejou em voz baixa:

— Por São Miguel, nunca vi, em toda a vida, uma mulher esvaziar um copo desse jeito! Você vai se embriagar, garota.

— Você esqueceu que não sou mais uma garota. – censurei no mesmo tom – Vamos prosseguir a cavalgada.

Ele sacudiu a cabeça.

— Ficaremos aqui até de manhã. Você deve estar cansada e precisando descansar.

— Meus membros estão rígidos porque não estou acostumada a cavalgar. – respondi – Mas não estou cansada.

— Apesar disso – ele disse, com um toque de impaciência –, devemos descansar aqui até amanhã. Creio que será mais seguro.

— Como queira. – respondi – Estou completamente em suas mãos, e gostaria de fazer só o que você mandar em tudo.

— Muito bem – ele disse –; nada como uma jovem que tem prazer em obedecer.

Erguendo a voz, ele chamou o taverneiro, que havia retornado dos estábulos e estava vacilante no fundo da sala.

— Taverneiro, meu irmão está cansado. Leve-o a um quarto onde ele possa dormir. Cavalgamos muito.

— Sim, excelência! – respondeu o estalajadeiro, movendo a cabeça e esfregando as mãos; pois Etienne tinha uma forma de impressionar pessoas comuns com sua pomposidade, como se fosse, no mínimo, um conde. Mas falaremos disso mais tarde.

O estalajadeiro caminhou desajeitadamente através de uma sala de teto baixo, vizinha à taberna, e que dava numa outra sala, mais espaçosa, acima. Ficava sob o telhado íngreme, e era pouco mobiliada; mas, mesmo assim, mais aprimorada que qualquer coisa à qual eu estivesse acostumada. Eu vi – pois, de alguma forma, comecei instintivamente a notar tais detalhes – que a única entrada ou saída era pela porta que dava para a escada de mão; só havia uma janela, e era pequena demais para deixar passar até mesmo minha figura delgada. E não havia ferrolho por dentro. Vi Etienne franzir a testa e lançar um rápido olhar suspeito para o estalajadeiro, mas aquele sujeito desajeitado parecia não perceber, enquanto esfregava as mãos e discursava sobre as excelentes qualidades da espelunca para a qual havia nos trazido.

— Durma, irmão. – disse Etienne, para que o taverneiro ouvisse; logo, ao virar-se, ele sussurrou em meu ouvido: – Não confio nele; iremos embora, assim que a noite cair. Descanse enquanto isso. Vou lhe buscar ao anoitecer.

Se foi por causa do vinho, ou de um cansaço inesperado, não sei dizer; mas, ao me deitar na cama de palha, sem me despir, caí no sono antes que percebesse, e dormi durante muito tempo.

II

O QUE ME DESPERTOU foi o suave abrir da porta. Acordei na escuridão, pouco aliviada pela luz das estrelas na pequena janela. Ninguém falava, mas alguma coisa se movia no escuro. Ouvi uma viga ranger, e acreditei ouvir os sons de uma respiração abafada.

— É você, Etienne? – sussurrei. Não houve resposta, e falei um pouco mais alto – Etienne! É você, Etienne Villiers?

Eu parecia ter ouvido uma respiração sibilar suavemente entre dentes; e depois, a viga rangeu de novo e um passo furtivo se afastou de mim. Ouvi a porta se abrir e fechar suavemente, e percebi que estava sozinha no quarto. Me ergui de um salto, sacando minha adaga. Não era Etienne vindo me buscar, como ele me prometera, e quis saber quem havia tentado se aproximar furtivamente de mim na escuridão.

Deslizando até a porta, eu a abri e desci o olhar para o cômodo de baixo. Só vi escuridão, como se eu estivesse olhando para dentro de um poço, mas ouvi alguém se movendo pela sala, e depois tateando em direção à porta mais

externa. Levando minha adaga entre os dentes, deslizei silenciosamente escada abaixo, com uma facilidade e discrição que me surpreenderam. Quando meus pés tocaram o chão, e agarrei a adaga com as mãos e me agachei no escuro, vi a porta se abrir e uma figura se destacar na entrada por um instante. Reconheci a figura encurvada e pesada do taverneiro. Ele respirava tão pesadamente, que não pôde ouvir os sons fracos que eu fazia. Ele correu desajeitada, porém rapidamente, pelo pátio atrás da taberna, e eu o vi desaparecer dentro dos estábulos. Observei, forçando meus olhos sob a fraca luz das estrelas, e logo ele saiu, trazendo um cavalo. Ele não montou no animal, mas o levou para dentro da floresta, mostrando total evidência de que desejava silêncio e segredo. Pouco tempo depois, ele havia desaparecido, e ouvi o som fraco de um cavalo a galope. Evidentemente, meu anfitrião havia montado após alcançar uma boa distância da estalagem, e agora cavalgava firmemente para alguma meta desconhecida.

Tudo que pude pensar era que, de alguma forma, ele me reconheceu, sabia quem eu era e estava cavalgando para avisar meu pai. Dei meia-volta e entreabri a porta, olhando atentamente para a taberna. Não havia ninguém lá, exceto a criada, dormindo no chão. Havia uma vela acesa sobre a mesa, e mariposas voando ao redor. De algum lugar de lá, veio um murmúrio fraco e indistinto de vozes.

Deslizei pela porta dos fundos e me movi furtivamente ao redor da taberna. O silêncio pairava sobre a negra floresta sombreada, exceto por um grito fraco e distante de algum pássaro noturno, e o movimento inquieto do grande garanhão em seu estábulo.

A luz da vela se filtrava pela janela de um pequeno cômodo, no outro lado da taberna, separado da sala pública por uma passagem curta. Quando atravesssei esta janela, parei bruscamente, ouvindo meu nome ser falado. Encostei-me à parede, escutando atentamente. Ouvi a voz rápida e clara – embora baixa – de Etienne, e o ribombar de outra:

— Agnes de Chastillon, ela disse. Que importa como uma garota de fazenda se chama? Ela não é uma bela bagagem?

— Já vi mais lindas em Paris; sim, e em Chartres também. – respondeu a voz ribombante, a qual vinha, eu sabia, do homem gordo que ocupava o banco quando chegamos à taberna.

— Linda! – havia desprezo na voz de Etienne – A garota é mais do que linda. Há nela algo de selvagem e indomável. Frescor e vitalidade, eu lhe digo. Qualquer nobre alquebrado pagaria caro por ela; ela é capaz de renovar a juventude do mais decrépito dos libertinos. Escute, Thibault, eu não lhe ofereceria este prêmio, se o risco não fosse tão grande para mim... de outra forma, eu cavalaria para Chartres com ela. Além disso, desconfio daquele

cão do taverneiro.

— Se ele te reconhece como o homem cuja cabeça é desejada pelo Duque de Alecon... – murmurou Thibault.

— Cala a boca, idiota! – sibilou Etienne – Essa é outra razão pela qual devo me livrar daquela moça. Fiquei surpreso ao dizê-la meu verdadeiro nome. Mas, pelos santos, Thibault, meu encontro com ela foi suficiente para sacudir a calma de um santo! Eu estava dobrando uma curva na estrada, e lá estava ela, alta e ereta, destacada contra a floresta verde em seu esfarrapado traje de noiva, com os olhos azuis ardentes, e o sol nascente brilhando vermelho em seus cabelos, e transformando numa listra de sangue a adaga em sua mão! Por um instante, me perguntei se ela era humana, e uma estranha vibração, quase de terror, se moveu em mim.

— Uma moça do campo, numa estrada no bosque, assustando Etienne Villiers, um devasso entre devassos. – riu Thibault com desdém, bebendo de um odre com um alto ruído de sucção.

— Ela era mais do que isso. – replicou Etienne – Havia algo de fatal nela, como uma figura de um drama trágico; algo terrível. Ela é bela, mas há algo estranho e sombrio ao seu redor. Não consigo explicar nem entender.

— Chega, chega! – disse Thibault bocejando – Está compondo um romance sobre uma rapariga normanda. Vá direto ao ponto.

— Já cheguei a ele. – retrucou Etienne – Eu pretendia levá-la para Chartres e vendê-la a um dono de bordel que conheço; mas já percebi minha loucura. Eu teria que passar muito perto dos domínios do Duque de Alencon, e se ele soubesse que estive em suas terras...

— Ele não esqueceu. – grunhiu Thibault – Ele pagaria caro por informações sobre seu paradeiro. Ele não ousa lhe prender abertamente; será uma adaga na escuridão, um tiro saindo das moitas... Ele calaria sua boca em segredo e silêncio, se pudesse.

— Eu sei. – rosnou Etienne, se estremecendo – Fui um idiota em vir tão longe para leste. A aurora vai me encontrar bem longe. Mas você pode levar a garota para Chartres sem medo, sim; ou a Paris, como queira. Pague-me o preço que lhe peço, e ela é sua.

— É muito caro. – protestou Thibault – E se ela lutar como uma gata selvagem?

— Isto é com você. – respondeu duramente Etienne – Você já domou muitas garotas, de modo que deve ser capaz de cuidar desta. Mas lhe aviso: há fogo

nessa jovem. Mas isso é negócio seu. Você me disse que seus companheiros se encontram numa aldeia não muito distante daqui. Traga-os para lhe ajudarem. Se você não puder tirar um bom proveito dela em Chartres, Orleans ou Paris, você é ainda mais estúpido que eu.

— Está bem, está bem. – resmungou Thibault – Vou me arriscar; afinal, isso é que um homem de negócios deve fazer.

Ouvi o tilintar de moedas de prata na mesa, e o som era como o de um sino fúnebre para mim.

E, de fato, era meu sino fúnebre, pois, enquanto eu me apoiava, cega e enojada, contra a parede da taverna, morria a garota que eu havia sido, e em seu lugar se erguia a mulher na qual me tornei. Meu enjôo passou, e uma fúria fria me tornou tão irritável quanto o aço, e tão flexível quanto o fogo.

— Uma bebida para fechar o negócio – ouvi Etienne dizer –, e logo cavalgarei. Quando você for buscar a jovem...

Abri violentamente a porta, e a mão de Etienne se congelou com a taça de vinho nos lábios. Os olhos de Thibault se arregalaram diante de mim sobre a beirada de seu copo de vinho. Uma saudação morreu nos lábios de Etienne, e ele ficou subitamente pálido ao ver a morte em meus olhos.

— Agnes! – ele exclamou, se levantando. Entrei pela porta, e minha lâmina estava enfiada no coração de Thibault, antes que ele pudesse se erguer. Um grunhido de agonia lhe saiu dos lábios gordos, e ele caiu de seu banco, esguichando sangue.

— Agnes! – gritou Etienne novamente, abrindo os braços como se para desviar meus golpes – Espere, garota...

— Seu cão imundo! – guinchei, ardendo em fúria louca – Seu suíno, suíno, suíno! – Somente minha própria fúria cega o salvou, quando me lancei e brandi a faca.

Eu estava sobre ele, antes que ele pudesse se colocar na defensiva; e meu aço que estocava cegamente lhe rasgou a pele sobre as costelas. Golpeei mais três vezes, silenciosa e sanguinariamente, e ele conseguiu, de alguma forma, desviar a lâmina de seu coração, apesar da ponta lhe arrancar sangue da mão, braço e ombro. Desesperadamente, ele agarrou meu pulso e tentou quebrá-lo, e, engalfinhados, rolamos contra a mesa, sobre cuja borda ele me curvou e tentou me estrangular. Mas, para me agarrar a garganta, ele precisou segurar meu pulso com apenas uma mão, e, livrando-a, golpeei mortalmente. A ponta da adaga bateu numa fivela de metal, e o pedaço quebrado da lâmina lhe rasgou o casaco, camisa e peito. O sangue jorrou e um gemido lhe escapou

dos lábios. A dor lhe enfraqueceu o aperto, e me contorci sob ele, dando-lhe um soco que lançou sua cabeça para trás e fez brotar sangue de suas narinas. Procurando-me às cegas, ele me agarrou e, enquanto eu tentava lhe arrancar os olhos, me lançou para longe com tal força que percorri toda a sala de costas e me espatifei contra a parede, caindo ao chão em seguida.

Eu estava meio atordoada, mas me levantei com um rosnado, agarrando uma perna de mesa quebrada. Ele estava limpando o sangue dos olhos com uma mão e Tateando pela espada com a outra, mas ele subestimou novamente a rapidez de meu ataque, e a perna da mesa se espatifou em cheio na sua cabeça, abrindo-lhe o couro cabeludo e fazendo brotar uma torrente de sangue. Ele ergueu os braços para deter os golpes e, tanto neles quanto na sua cabeça, eu despejava golpe após golpe, fazendo-o recuar, meio encurvado, cego e cambaleante, até desabar sobre os restos da mesa.

— Por Deus, garota! – ele gemeu – Quer me matar?

— Com um coração feliz! – eu ri como nunca havia rido antes, golpeando-lhe a orelha e derrubando-o de volta aos restos da mesa da qual ele tentava sair.

Um gemido soluçante lhe saiu dos lábios esmagados:

— Em nome de Deus, garota – ele gemeu, estendendo cegamente as mãos para mim –, piedade! Detenha sua mão, em nome dos santos! Não estou pronto para morrer!

Ele se ajoelhou com dificuldade, escorrendo sangue pela cabeça espancada e com roupas pingando vermelho.

— Detenha sua mão Agnes. – grasnou – Piedade, em nome de Deus!

Hesitei, olhando-o sombriamente. Então, lancei meu porrete para o lado.

— Guarde sua vida. – eu disse, em amargo desprezo – Você é desprezível demais para manchar minhas mãos. Siga seu caminho!

Ele tentou se levantar, mas caiu novamente.

— Não consigo me levantar. – ele gemeu – A sala oscila diante de meus olhos e escurece. Oh, Agnes, você me deu um beijo amargo! Deus tenha pena de mim, pois morro em pecado. Já ri diante da morte, mas agora, que ela está sobre mim, tenho medo. Oh, Deus, tenho medo! Não me abandone, Agnes! Não me deixe morrer feito um cão!

— Por que não? – perguntei duramente – Confiei em você, e achei que você fosse mais nobre que os homens comuns, com suas palavras mentirosas de

cavalheirismo e honra. Bah! Você ia me vender e condenar a uma escravidão mais indigna que a do harém de um turco.

— Eu sei. — ele gemeu — Minha alma está mais negra do que a noite que se aproxima de mim. Chame o taverneiro e faça-o buscar um padre.

— Ele partiu numa missão que só ele conhece. — respondi — Saiu às escondidas pela porta dos fundos, e cavalgou floresta adentro.

— Ele foi me denunciar ao Duque de Alencon. — murmurou Etienne — Ele me reconheceu, afinal. Estou realmente perdido.

Lembrei-me, então, que foi por eu ter chamado o nome de Etienne na escuridão do quarto lá em cima, que o estalajadeiro ficou sabendo da verdadeira identidade de meu falso amigo. Assim, poder-se-ia dizer que, se o Duque prendesse Etienne, seria por causa da minha traição involuntária. E, como muita gente do campo, eu só sentia ódio e desconfiança da nobreza.

— Vou lhe tirar daqui. — eu disse — Nem mesmo um cão cairá nas mãos da lei por minha culpa.

Saí rapidamente da taverna e me dirigi aos estábulos. Não vi sinal da mulher desmazelada. Ou ela havia fugido para a floresta, ou estava bêbada demais para se dar conta da situação. Selei e pus freio no garanhão de Etienne, embora o animal encolhesse as orelhas para trás e tentasse me dar coices, e o guiei até a porta. Logo, eu entrei e falei com Etienne; e, de fato, ele era uma visão espantosa: contundido e espancado, com o casaco e camisa esfarrapados, e todo coberto de sangue.

— Trouxe seu cavalo. — eu disse.

— Não consigo me levantar. — ele murmurou.

— Aperte os dentes. — ordenei — Vou lhe carregar.

— Você não conseguirá fazê-lo, garota. — ele afirmou, mas, enquanto ele falava, eu o ergui sobre meus ombros e o levei através da porta; e era um peso morto, com os membros se arrastando como se fossem os de um cadáver. Colocá-lo sobre o cavalo foi um trabalho exaustivo, pois ele pouco podia fazer para se ajudar, mas por fim foi realizado, e logo montei atrás da sela e o segurei.

Em seguida, hesitei, sem saber para onde ir. Ele pareceu perceber minha indecisão, pois murmurou:

— Pegue a estrada oeste, até Saint Girault. Há uma taverna lá, a uma milha da

aldeia, O Javali Vermelho, cujo dono é meu amigo.

Da cavalgada pela noite, falarei brevemente. Não encontramos ninguém cavalgando pela luz das estrelas, ladeada pelas árvores negras da floresta. Minha mão estava pegajosa com o sangue de Etienne, pois os solavancos do galope fizeram com que seus muitos ferimentos sangrassem novamente; e logo, ele começou a delirar e falar de forma incoerente sobre outros tempos e pessoas, que me eram estranhos. Em seguida, ele mencionou nomes que me eram conhecidos por reputação: lordes, damas, soldados, foragidos e piratas, e delirava sobre atos sombrios, crimes sórdidos e façanhas de raro heroísmo. E, logo depois, cantava trechos de canções de marcha, de taverna, baladas obscenas e poemas de amor, e baluciava em línguas estrangeiras que me eram incompreensíveis. Ah... já cavalguei em muitas estradas desde aquela noite – estradas de intriga e violência –, mas nunca uma cavalgada mais estranha que a daquela noite, através da floresta de Saint Girault.

A aurora se insinuava no céu atravessado por galhos, quando parei diante de uma taverna, a qual acreditei ser a que Etienne pretendia alcançar. A figura no emblema provava ser aquele o local, e chamei o taverneiro em voz alta. Um garoto desengonçado, vestindo uma camisa, bocejando e esfregando os olhos preguiçosos com os punhos, saiu dali; e, ao ver o grande cavalo e seus montadores, salpicados de sangue, ele berrou de medo e espanto, e correu de volta para dentro da taberna, com as fraldas da camisa lhe esvoaçando ao redor das costas. Em seguida, uma janela foi cuidadosamente aberta no andar de cima, e uma cabeça com gorro de dormir apareceu por trás da boca de um grande arcabuz.

— Sigam seus caminhos – disse o homem com gorro de dormir –; não nos relacionamos com bandidos nem com assassinos ensangüentados.

— Não somos bandidos. – respondi irritada, cansada e com pouca paciência – Este homem foi atacado e quase morto. Se você for dono do Javali Vermelho, ele é um amigo seu... Etienne Villiers, da Aquitânia.

— Etienne! – exclamou o taverneiro – Vou descer. Com certeza, vou descer. Por que não disse que era Etienne?

A janela foi batida, e houve um som de escadas sendo rapidamente descidas. Deslizei do alto do garanhão e tomei a forma caída de Etienne em meus braços, depositando-o sobre o chão, enquanto o estalajadeiro chegava correndo, com criados carregando tochas.

Etienne jazia como se estivesse morto, seu rosto pálido onde não estava coberto de sangue; mas seu coração batia forte, e percebi que ele estava semi-consciente.

— Quem fez isto, em nome de Deus? – indagou o taverneiro, horrorizado.

— Eu fiz. – respondi laconicamente.

Ele recuou, pálido sob a luz das tochas.

— Deus tenha piedade de nós! Um jovem como... Que o sagrado Denis nos proteja! É uma mulher!

— Chega desta tagarelice! – exclamei, enraivecida – Levante-o e leve-o ao seu melhor quarto.

— M-m-mas... – começou a falar o estalajadeiro, ainda perplexo, enquanto os criados recuavam.

Bati o pé no chão e praguejei – um costume que me era muito comum.

— Pela morte do diabo e Judas Iscariotes! – eu disse – Vai deixar seu amigo morrer, enquanto você fica boquiaberto, com os olhos arregalados? Ocupe-se dele!

Pus a mão na adaga de Etienne, a qual eu havia amarrado à minha própria cintura, e eles se apressaram em me obedecer, arregalando os olhos como se eu fosse a filha do demônio.

— Etienne é sempre bem— vindo – murmurou meu anfitrião –, mas uma demônia vestindo calças...

— Você terá uma vida mais longa, se falar menos e trabalhar mais. – eu o garanti, puxando uma pistola de boca larga do cinto de um criado, o qual estava assustado demais para se lembrar que tinha uma – Faça o que eu digo, e não haverá mais matança esta noite. Vamos!

Os acontecimentos da noite haviam realmente me amadurecido. Eu ainda não era completamente uma mulher, mas estava no caminho para me tornar uma.

Levaram Etienne para aquilo que meu anfitrião – cujo nome era Perducas – jurou ser o melhor quarto da taverna. E, verdade seja dita, era muito mais refinado que qualquer coisa em Os Dedos do Patife. Era um quarto no andar superior, que dava para o patamar de uma escada em espiral, e tinha janelas de tamanho adequado, embora sem outra porta.

Perdurcas jurou que era tão bom médico quanto qualquer homem, e desnudamos Etienne e procuramos reavivá-lo. De fato, ele havia sido tão maltratado quanto qualquer homem que já vi, se não mortalmente ferido. Mas, depois de lavarmos o sangue e a poeira de seu corpo, percebemos que nenhum

de seus ferimentos de faca lhe havia tocado um órgão vital, nem seu crânio fora fraturado, embora o couro cabeludo estivesse partido em vários lugares. Seu braço direito estava quebrado, e o outro, enegrecido com contusões; consertamos o osso quebrado – eu ajudando Perducas com alguma habilidade, pois acidentes e ferimentos eram bastante comuns em La Fere.

Quando lhe vedamos os ferimentos, e ele ficou deitado numa cama limpa, recuperou os sentidos o suficiente para beber vinho sufregamente e perguntar onde estava. Quando eu lhe disse, ele murmurou:

— Não me abandone, Agnes; Perducas é um homem entre homens, mas necessito dos cuidados delicados de uma mulher.

— São Denis me livre dos cuidados delicados que esta gata do inferno mostrou. – disse Perducas em voz baixa. E eu disse:

— Vou permanecer até você ficar novamente de pé, Etienne.

E ele pareceu satisfeito com isso, e dormiu tranqüilamente.

Exigi, então, um quarto para mim, e Perducas, tendo mandado um garoto para cuidar do garanhão, me mostrou um aposento, vizinho ao de Etienne, embora não fosse ligado ao dele por nenhuma porta. Deitei-me na cama quando o sol nasceu, e aquele era o primeiro colchão de plumas que eu via, e dormi por várias horas.

Quando voltei para Etienne, eu o vi em plena posse dos sentidos, e livre do delírio. De fato, naquele tempo os homens eram de ferro; se seus ferimentos não fossem instantaneamente fatais, eles se recuperavam rapidamente – a não ser que seus ferimentos se infeccionassem por causa da negligência ou ignorância dos médicos. Perducas não usava nenhum dos remédios asquerosos e infantis, elogiados pelos médicos, mas diversas ervas e plantas que ele mesmo colhia nas profundezas das florestas. Ele me contou que havia aprendido sua técnica com os líderes dos sarracenos, entre os quais havia viajado em sua juventude. Ele era um homem surpreendente.

Juntos, cuidamos de Etienne, que se restabeleceu rapidamente. Trocamos poucas palavras. Ele e Perducas conversavam muito entre si, mas, na maior parte do tempo, Etienne simplesmente ficava deitado e me olhando silenciosamente.

Perducas falava pouco comigo, mas parecia me temer. Quando falei de minha dívida, ele respondeu que eu não lhe devia nada; que, enquanto Etienne desejasse minha presença, a comida e o alojamento seriam meus, sem pagamento. Mas ele desejava seriamente que eu não conversasse com o povo da vila, para que a curiosidade deles não os levasse a descobrir Etienne. Seus

servos, ele disse, eram confiáveis e nada falariam. Eu nada perguntei a ele sobre o motivo para o Duque d’Alencon odiar Etienne, mas ele disse:

— O rancor do duque contra Etienne Villiers não é nada extraordinário. Etienne já pertenceu à comitiva daquele nobre, e foi imprudente demais ao encarregá-lo de uma missão muito delicada. D’Alencon é ambicioso; se murmura que nada irá satisfazê-lo, a não ser o cargo de agente de polícia da França. Ele agora goza do favor do rei; esse favor não brilharia com tal esplendor, se fossem conhecidas as cartas outrora trocadas entre o duque e Carlos da Germânia, agora conhecido como imperador do Sacro Império Romano.

“Etienne é o único a saber do total alcance daquela traição. Por isso, d’Alencon deseja ardentemente a morte de Etienne, mas não ousa golpear abertamente, temendo que sua vítima o denuncie e desgrace para sempre, em seu último suspiro. Ele prefere atacar súbita e silenciosamente, através de uma adaga escondida, veneno ou emboscada. Enquanto Etienne estiver aqui, sua única oportunidade de ter escapado em segurança é segredo absoluto”.

— E se houverem outros como aquele canalha do Thibault? – indaguei.

— Não, – ele disse – Não há dúvida de que existem. Conheço aquele bando de predadores muito bem. Mas sua honra se baseia em não traírem seus companheiros. E, no passado, Etienne foi um deles... batedores de carteira, raptos de mulheres, ladrões e assassinos, isso é o que eles são.

Sacudi minha cabeça, pensando na estranheza dos homens. Perducas, um homem honesto, era amigo de um velhaco como Etienne, e lhe conhecia bem as infâmias. Bem, muito homem honesto admira secretamente um bandido, pois vê nele aquilo que gostaria de ser, se tivesse coragem para isso.

Ah, bom... segui ao pé da letra os conselhos de Perducas, e o tempo se arrastou. Eu raramente saía da taverna, exceto à noite, e somente para passear na floresta, evitando os camponeses e os habitantes da vila. E uma crescente agitação se movia dentro de mim... uma sensação de estar esperando por algo que eu não conhecia, e de que eu estava pronta para fazer... não sei o quê. Assim, se passou uma semana, quando conheci Guiscard de Clisson.

III

*Além do ranger das vigas roídas por ratos, em sórdidas cabanas dos campos,
Acima do gemido das rodas das carroças que moem os ratos lamacentos,*

*Ouvi o bater de tambores distantes, que me chamam noite e dia
Para estradas onde capitães encorajados cavalgam, com armaduras de aço
e rosas,
Com bandeiras ondulando, tingidas de vermelho... ao outro lado do mundo!*
— *(Tambores em Meus Ouvidos)*

Uma manhã, entrei na taverna, após andar bem cedo na floresta, e parei ao ver o estranho que mastigava um enorme pedaço de carne, diante da mesa. Ele também parou de comer por um instante e me encarou. Era um homem alto, magro e de constituição firme. Uma cicatriz lhe marcava as feições magras, e seus olhos cinzas eram frios como aço. Era, de fato, um homem de aço, envolto em couraça, cota-de-malha e grevas. Sua espada larga estava sobre as pernas, e seu morion ⁽⁵⁾ sobre o banco ao seu lado.

— Por Deus! – ele disse – Você é um homem ou uma mulher?

— O que acha? – repliquei, apoiando as mãos sobre a mesa e descendo o olhar para ele.

— Só um tolo faria a pergunta que fiz. – ele disse, sacudindo a cabeça – Você é completamente mulher; e esta roupa se encaixa estranhamente em você. A pistola em seu cinto, também. Você me lembra uma mulher que conheci; marchava e lutava como um homem, e foi morta pela bala de uma pistola, num campo de batalha. Ela era escura onde você é branca, mas há algo similar na posição de seu queixo, no seu porte... não, não sei. Senta-te e conversa comigo. Sou Guiscard de Clisson. Já ouviu falar de mim?

— Várias vezes. – respondi, me sentando – Em minha aldeia natal, contam-se histórias a seu respeito. Você é um líder dos mercenários e dos Companheiros Livres.

— Quando os homens têm estômago suficiente para serem liderados. – ele disse, bebendo e estendendo o jarro de vinho para mim – Há, pelas tripas e sangue de Judas, você bebe sofregamente, como um homem! Talvez as mulheres estejam se tornando homens, pois, por Saint Trignan, os homens estão se tornando mulheres nestes dias. Não ganhei nenhum recruta nesta província, onde lembro que os homens lutavam pela honra de seguir um capitão de mercenários. Morte de Satã! Com o imperador reunindo seus malditos lansquenets ⁽⁶⁾ para varrer De Lautrec para fora de Milão, e o rei em extrema carência de soldados... sem falar do rico espólio na Itália... cada francês capacitado fisicamente deveria estar marchando para o sul, por Deus! Ah, o espírito dos homens de outrora!

Agora, ao olhar para aquele veterano cicatrizado pelas guerras, e lhe ouvir a conversa, meu coração bateu rapidamente, com uma estranha ânsia, e eu

parecia ouvir – como já ouvira tão freqüentemente em meus sonhos – a batida distante de tambores.

— Cavalgarei com você! – exclamei – Estou cansada de ser uma mulher. Farei parte de sua companhia!

Ele riu e bateu na mesa com a mão aberta, como se diante de uma pilhéria.

— Por São Denis, garota! – ele disse – Você tem o espírito necessário, mas é preciso mais do que um par de calças para ser um homem.

— Se aquela outra mulher, de quem você falou, podia marchar e lutar, eu também posso! – gritei.

— Não. – ele sacudiu a cabeça – Margot, a Negra de Avignon, era uma em um milhão. Esqueça esta fantasia tola, garota. Vista tuas saias e volte a ser uma mulher decente outra vez. Depois... bem, quando você estiver em seu devido lugar, ficarei contente que você cavalgue comigo!

Soltando uma praga que o fez se sobressaltar, me ergui de um pulo, lançando meu banco para trás e derrubando-o sonoramente. Ergui-me diante dele, fechando e abrindo minhas mãos, fervendo com a raiva que sempre se erguia rapidamente em mim.

— Sempre o homem num mundo de homens! – eu disse, entre dentes – Uma mulher deve conhecer seu devido lugar: ordenhar vacas, tecer fios, costurar, cozinhar e ter filhos, não olhar além da porta da casa, nem desobedecer às ordens de seu senhor e amo! Bah! Eu cuspo em todos vocês! Não há um homem vivo que possa me enfrentar com armas e viver; e, antes de morrer, eu provarei isto ao mundo. Mulheres! Vacas! Escravas! Servas choronas que se encolhem de medo, que se curvam servilmente diante de pancadas, só se vingando ao matarem a si mesmas, como minha irmã queria que eu fizesse. Há! Você me nega um lugar entre homens? Por Deus, viverei como quero e morrerei como Deus quiser, mas, se não sirvo para ser camarada de um homem, pelo menos não serei amante de um. Então, vá-te ao inferno, Guiscard de Clisson, e que o diabo lhe arranque o coração!

Dito isto, dei meia volta e me afastei a passos largos, deixando-o boquiaberto atrás de mim. Subi as escadas e entrei no quarto de Etienne, onde o encontrei deitado – bem melhor, embora ainda pálido e fraco –, e seu braço parecia que ainda ficaria na tipóia pelas próximas semanas.

— Como vai? – indaguei.

— Suficientemente bem. – ele respondeu; e, depois de me encarar por um tempo: – Agnes – ele disse –, por que poupou minha vida, quando poderia tê-

la tirado?

— Por causa da mulher que há em mim – respondi de mau-humor –, que não consigo suportar ouvir um ser indefeso implorar pela vida.

— Eu merecia morrer por suas mãos – ele murmurou – mais do que Thibault. Por que cuidou de mim?

— Eu não queria que você caísse nas mãos do duque por minha causa – respondi –, pois fui eu que lhe trai sem querer. E agora que me fez estas perguntas, vou lhe fazer uma: por que você é tão canalha?

— Só Deus sabe. – ele respondeu, fechando os olhos – Não tenho sido outra coisa, até onde consigo me lembrar; e minhas lembranças remontam às sarjetas de Poitiers, onde eu roubava pedaços de pão e mentia para conseguir esmolas, na infância, e comecei a aprender os caminhos do mundo. Fui soldado, contrabandista, alcoviteiro, matador, ladrão... sempre um canalha atroz. Por São Denis, alguns de meus atos são atrozesses demais para eu repetir. E, no entanto, em algum lugar, de alguma forma, sempre houve um Etienne Villiers bem escondido lá nas profundezas da criatura que sou eu, sem ser afetado pelo resto de mim. Lá, existem remorso e medo, que causam sofrimento. Por isso, implorei pela vida, quando deveria dar boas-vindas à morte, e agora estou aqui estendido, falando a verdade quando deveria inventar mentiras para lhe seduzir. Como eu queria ser só santo, ou só canalha.

Naquele instante, ouviu-se o bater de pés na escadaria, e vozes ásperas se ergueram. Saltei para trancar a porta, ouvindo o nome de Etienne ser chamado, mas ele me deteve com sua mão erguida e o ouvido atento; em seguida se deixou cair para trás, com um suspiro de alívio.

— Não, eu reconheço a voz. Entrem, companheiros! – ele gritou.

Então, um bando de valentões repugnantes se aglomerou dentro do quarto, liderados por um velhaco barrigudo que usava botas enormes. Atrás dele, vinham outros quatro, esfarrapados, cicatrizados, com orelhas cortadas, olhos cobertos por remendos e narizes achatados. Eles me olharam maldosamente, e logo olharam ferozmente para o homem na cama.



— Então, Etienne Villiers – disse o velhaco gordo –, finalmente lhe achamos! Esconder-se de nós não é tão fácil quanto se esconder do Duque d’Alencon, hein, seu cão?

— Que maneira de falar é esta, Tristan Pelligny? – indagou Etienne, com indisfarçado assombro – Você veio saudar um camarada ferido, ou...

— Viemos fazer justiça com um rato! – rugiu Pelligny. Ele se virou e apontou pesadamente para seu bando, apontando um grosso dedo indicador em cada um – Está vendo aqui, Etienne Villiers? Jacques das Verrugas, Gaston o Lobo, Jean Sem Orelha e Conrad, o Germano. E eu mesmo, somando cinco... homens bons e verdadeiros, outrora seus companheiros, viemos fazer justiça com você, por causa de um infame assassinato!

— Você é louco! – exclamou Etienne, apoiando-se com dificuldade sobre os cotovelos – A quem matei, para vocês ficarem furiosos? Quando fui um de vocês, por acaso eu não aceitava sempre a minha parte de trabalho duro, perigos e ladroeira, dividindo a pilhagem em partes iguais?

— Não estamos falando em pilhagem! – berrou Tristan – Estamos falando do camarada Thibault Bazas, abominavelmente assassinado por você na taverna Os Dedos do Patife!

Etienne começou a abrir a boca; hesitou, me olhou de forma surpresa e logo fechou a boca novamente. Dei um passo à frente.

— Idiotas! – exclamei – Ele não assassinou aquele porco gordo do Thibault. Eu o matei.

— Por São Denis! — riu Tristan — Você é a garota de calças, da qual aquela desleixada falou! Você matou Thibault? Ah, uma bela mentira, mas nada convincente para alguém que conheceu Thibault. A criada ouviu a luta, e fugiu aterrorizada para a floresta. Quando se atreveu a voltar, Thibault jazia morto, e Etienne e a rapariga dele fugiam juntos a cavalo. Não, isto está bem claro. Etienne matou Thibault, sem dúvida por causa desta irresponsável. Bom, quando nos livrarmos dele, tomaremos conta da amante dele, não concordam, rapazes?

Um murmúrio de aprovação profana e obscena o respondeu.

— Agnes — disse Etienne —, chame Perducas.

— Chame e estará perdida. — disse Tristan — Perducas e todos os criados estão lá fora, no estábulo, curando o cavalo de Guiscard de Clisson. Vamos terminar o serviço antes que eles retornem. Aqui... estendam este traidor naquele banco. Antes de cortar-lhe a garganta, eu gostaria de passar a lâmina de minha faca em outras partes dele.

Ele me pôs de lado, com desdém, e avançou a passos largos para a cama de Etienne, seguido de perto pelos outros. Etienne tentou se levantar, e Tristan lhe deu um soco, derrubando-o de volta. Naquele instante, o quarto oscilou vermelho diante de meu olhar. Com um salto, eu tinha a espada de Etienne na mão e, ao sentir-lhe o cabo na mão, força e uma estranha confiança correram como fogo pelas minhas veias.

Com um feroz grito de alegria, corri até Tristan, e ele girou, berrando e procurando cegamente pela espada. Cortei aquele berro, quando minha espada rasgou-lhe os grossos músculos do pescoço e ele caiu, jorrando sangue, sua cabeça pendurada por um retalho de carne. Os outros bandidos uivaram como um bando de cães de caça e se lançaram sobre mim, com medo e fúria. E, me lembrando subitamente da pistola em meu cinto, eu a puxei e atirei à queimadura no rosto de Jacques, transformando seu crânio em pedaços vermelhos. Na fumaça flutuante, os outros avançaram contra mim, berrando pragas obscenas.

Há ações para as quais nascemos, e para as quais temos um talento que ultrapassa o mero ensinamento. Eu, que nunca antes havia tido uma espada em punho, a percebi como uma coisa viva em minha mão, manejada com instinto inimaginável. E eu percebi novamente que minha rapidez de olhos, mãos e pés não poderia ser igualada por aqueles camponeses morosos. Eles bramiam e golpeavam cegamente, desperdiçando força e movimento, como se suas espadas fossem facas de açougueiro, enquanto eu golpeava em silêncio mortal, e com precisão também mortal.

Não me lembro muito sobre aquela luta; foi uma névoa escarlate, na qual

poucos detalhes são lembrados. Meus pensamentos se moviam muito rapidamente para meu cérebro se lembrar, e não sei totalmente como, com que pulos, esquivas e contra-ataques eu evitei aquelas lâminas que golpeavam. Sei que parti a cabeça de Conrad, o Germano, como se fosse um melão, e seus miolos jorraram terrivelmente pela lâmina de minha espada. E me lembro que o que se chamava Gaston, o Lobo, confiou demais numa brigantina (171) que usava sob os farrapos, e, sob meu golpe desesperado, os anéis enferrujados arrebentaram, e ele caiu sobre o chão, com as tripas se derramando para fora. Logo, numa nuvem vermelha, apenas Jean se lançava sobre mim, dando um golpe descendente com sua espada. E detive, com minha lâmina, seu pulso que descia. Sua mão que segurava a espada voou do pulso num arco escarlate, e, enquanto ele olhava estupidamente para o toco que esguichava sangue, eu lhe atravessei o corpo com tal ferocidade que a guarda em forma de cruz bateu violentamente contra o peito dele, e caí sobre ele ao derrubá-lo ao chão.

Não me lembro como levantei e puxei minha lâmina. Sobre pernas bem abertas e com a espada arrastando pelo chão, cambaleei por entre os corpos; e então, uma náusea implacável me dominou, e cambaleei até a janela, onde, inclinando a cabeça sobre a soleira, tive uma terrível ânsia de vômito. Percebi que o sangue escorria pelo meu braço, vindo de um corte em meu ombro; e minha camisa estava rasgada em tiras. O quarto oscilou vermelho diante de meus olhos, e o cheiro de sangue fresco, jorrando das vísceras dos mortos, me repugnou. Como que em meio a uma bruma, vi o rosto branco de Etienne.

Então, veio o bater de pés na escadaria, e Guiscard de Clisson irrompeu porta adentro, de espada na mão, seguindo por Perducas. Arregalaram os olhos, como se tivessem sido golpeados mortalmente, e De Clisson praguejou apavorado.

— Eu não lhe disse? – ofegou Perducas – O demônio usando calças! Por São Denis, que matança!

— É trabalho seu, garota? – perguntou Guiscard, numa estranha voz baixa. Lancei meu cabelo molhado para trás, e me ergui com dificuldade, oscilando e atordoad.

— Sim. Era uma dívida que eu tinha de pagar.

— Por Deus! – ele murmurou, de olhos arregalados – Há algo de escuro e estranho ao seu redor, apesar de sua pele clara.

— Sim; Agnes, a Escura! – disse Etienne, se apoiando em um dos cotovelos – Uma estrela de escuridão brilhou em seu nascimento, uma estrela de escuridão e agitação. Para onde ela for, haverá sangue derramado e homens morrendo. Percebi isso quando a vi, destacada contra o sol nascente que transformava em sangue a adaga em sua mão.

— Paguei minha dívida com você. – eu disse – Se coloquei sua vida em risco, paguei com sangue.

E, lançando aos seus pés sua espada gotejante, me volvei para a porta. Guiscard, que olhava fixamente como um imbecil, se sacudiu como que de um transe e andou a passos largos, me seguindo.

— Pelas garras do Demônio! – disse ele – O que acabou de acontecer mudou completamente minha opinião! Você é uma nova Margot, a Negra de Avignon. Uma verdadeira mulher espadachim vale por vinte homens. Ainda quer marchar comigo?

— Como companheira de armas. – respondi – Não sou amante de ninguém.

— De ninguém, exceto da Morte. – ele respondeu, olhando para os cadáveres.

IV

*Suas irmãs se curvam sobre seus teares
E mastigam suas migalhas bolorentas;
Mas ela cavalga para diante, vestindo seda e aço
Para seguir os tambores-fantasmas.*

— (A Balada de Agnes, a Escura)

UMA SEMANA após a luta no quarto de Etienne, Guiscard de Clisson e eu cavalgamos da taverna do Javali Vermelho, e tomamos a estrada para leste. Eu montava um valoroso cavalo de guerra, e estava vestida como convém a um companheiro de De Clisson. Usava um casaco de veludo e calças de seda, com longas botas espanholas; sob meu casaco, uma fina cota-de-malha de aço me protegia os cachos ruivos. Havia pistolas em meu cinto ricamente trabalhado, e uma espada pendia do mesmo. Por cima de tudo, havia um manto de seda escarlate. Guiscard havia comprado aquilo tudo para mim, praguejando quando protestei diante de sua generosidade.

— Você me pagará com a pilhagem que tomarmos na Itália. – ele disse – Mas um camarada de Guiscard de Clisson anda elegantemente vestido!

Às vezes, eu me perguntava se a aceitação de Guiscard a mim como um homem era tão completa quanto ele pretendia me fazer pensar. Talvez ele ainda alimentasse sua idéia original – não importava.

Aquela semana foi cheia. A cada dia, durante horas, Guiscard havia me ensinado a arte da esgrima. Ele próprio era considerado a melhor espada da França, e jurava que nunca havia encontrado um aluno mais hábil que eu. Aprendi todas as velhacarias da lâmina, como se eu tivesse nascido para isso; e a rapidez de meus olhos e mão tiravam freqüentemente pragas surpreendidas de seus lábios. No mais, ele me ensinou a atirar, com pistola e mosquete, e me mostrou muitos artifícios ardilosos e ferozes de luta corpo-a-corpo. Nunca um principiante teve um mestre tão eficiente, nem nunca um mestre teve um pupilo tão ansioso em aprender. Eu ardia em anseio para aprender tudo o que pertencia àquele ofício. Eu parecia ter nascido para um mundo novo, e, no entanto, um mundo para o qual eu estava prometida desde que nasci. Minha vida anterior parecia um sonho, prestes a ser esquecido.

Deste modo, bem cedo naquela manhã, montamos em nossos cavalos, no pátio do Javali Vermelho, enquanto Perducas nos desejava boa viagem. Quando íamos, uma voz gritou meu nome, e vi um rosto branco, num batente de janela do andar superior.

— Agnes! – gritou Etienne – Vai embora, sem ao menos me dar adeus?

— Por que deveria haver tanta cerimônia entre nós? – perguntei – Não há dívida em nenhum lado. Não temos muita amizade, que eu saiba. Você está bem o bastante para cuidar de si mesmo, e não precisa mais de meus cuidados.

E, sem dizer mais nada, sacudi as rédeas do cavalo e cavalguei com Guiscard pela estrada serpenteante da floresta. Ele me olhou atravessado e sacudiu os ombros.

— Você é uma mulher estranha, Agnes Escura. – disse ele – Você parece ir pela vida como uma das Parcas, indiferente, imutável, potente com tragédia e destino. Acho que os homens que cavalgarem com você não viverão muito.

Não respondi, e assim continuamos atravessando a floresta verde. O sol se ergueu, inundando as folhas de dourado, enquanto elas balançavam com o vento da manhã. Um cervo cruzou rapidamente a trilha diante de nós, e os pássaros cantavam sua alegria pela Vida.

Seguíamos a estrada pela qual eu havia carregado Etienne após a luta em Os Dedos do Patife; mas, perto do meio-dia, viramos para outro caminho, mais largo, que se desviava para sudeste. Não havíamos cavalgado muito após isso, quando:

— Por que será que o homem não é tão tranquilo quanto este lugar? – disse Guiscard, e depois: – O que é, agora?

Um sujeito, que dormia sob uma árvore, havia acordado sobressaltado, se ergueu, nos olhou fixamente, e depois, se virando rapidamente para o lado, pulou por entre os grandes carvalhos que marcavam a estrada, e desapareceu. Só tive um vislumbre dele, vendo eu que ele era um velhaco mal-encarado, vestindo o capuz e o avental de um lenhador.

— Nossa aparência marcial assustou o palhaço. – riu Guiscard, mas uma estranha inquietude tomou conta de mim, me fazendo fitar nervosamente as verdes muralhas de floresta que nos cercavam.

— Não há bandidos nesta floresta. – murmurei – Ele não tinha motivo para fugir de nós. Não gosto disso. Escute!

Um assobio alto, estridente e trinante se ergueu no ar, saindo de algum lugar dentre as árvores. Após alguns segundos, foi respondido por outro, distante a leste e enfraquecido pela distância. Forçando meus ouvidos, eu parecia ouvir uma terceira resposta, ainda mais distante.

— Não gosto disto. – repeti.

— Um pássaro chamando sua companheira. – ele zombou.

— Nasci e me criei na floresta. – respondi impaciente – Não há pássaro algum acolá. São homens sinalizando uns para os outros, do outro lado da floresta. De alguma forma, isto está ligado àquele patife que fugiu da trilha.

— Você tem os instintos de um velho soldado. – riu Guiscard, tirando o elmo por causa do calor e pendurando-o em sua sela – Desconfiada... alerta... isto é muito bom. Mas está desperdiçando sua cautela nesta mata, Agnes. Não tenho inimigos nestas redondezas. Não, eu sou muito bem conhecido e amigo de todos. E, como não há salteadores por perto, não há nada a temermos de ninguém.

— Eu lhe asseguro. – protestei, enquanto seguíamos nosso caminho – Tenho um assombrado pressentimento de que não está tudo bem. Por que aquele velhaco fugiria de nós, para depois avisar algum companheiro oculto enquanto passamos? Vamos deixar a estrada e seguir alguma trilha.

Havíamos nos afastado um pouco do lugar onde havíamos ouvido o primeiro assobio, e entrado numa região acidentada, atravessada por um rio pouco profundo. Aqui, a estrada se alargava um pouco, embora continuasse rodeada por espessas árvores e arbustos. Do lado esquerdo, os arbustos eram densos, perto do caminho. No lado direito, eram esparsos, bordeando um regato raso, cuja margem oposta se erguia em penhascos abruptos. O espaço cheio de arbustos, entre a estrada e o regato, tinha talvez uns cem passos de largura.

— Agnes, minha garota... — dizia Guiscard — Eu lhe digo, estamos tão seguros quanto...

Uma saraivada trovejante retumbou dos arbustos à esquerda, cobrindo a estrada com fumaça rodopiante. Meu cavalo gritou e eu o senti cambalear. Vi Guiscard de Clisson erguer as mãos e pender para trás na sela, e logo seu cavalo empinar e cair com ele. Vi tudo isto num breve instante, pois meu cavalo disparou violenta e freneticamente através dos arbustos no lado direito da estrada, e um galho me derrubou da sela, fazendo-me jazer meio atordoada por entre as moitas.

Enquanto jazia ali, incapaz de ver a estrada por causa da densidade dos arbustos, ouvi vozes altas e ásperas, e o som de homens saindo de seus esconderijos para a estrada.

— Tão morto quanto Judas Iscariotes. — berrou um — Para onde foi a moça?

— Lá vai o cavalo dela, salpicando água pelo regato, jorrando sangue, e com a sela vazia. — disse outro — Ela caiu em algum lugar entre os arbustos.

— Poderíamos pegá-la viva. — disse um terceiro — Ela poderia nos divertir. Mas o duque nos disse para não nos arriscarmos. Ah, aqui está o Capitão d'Valence!

Houve um retumbar de cascos estrada acima, e o cavaleiro gritou:

— Ouvi os tiros; onde está a garota?

— Morta, em algum lugar por entre as moitas. — lhe responderam — Aqui está o homem.

Um breve silêncio, e depois:

— Trovões do inferno! — rugiu o capitão — Idiotas! Incompetentes! Cães! Este não é Etienne Villiers! Vocês mataram Guiscard de Clisson!

Um balbucio de confusão se ergueu — pragas, acusações e negações, dominadas pela voz daquele a quem chamavam d'Valence.

— Eu lhes asseguro, eu reconheceria De Clisson até no inferno; e este é ele, apesar de sua cabeça ser uma massa de sangue. Malditos imbecis!

— Apenas obedecemos às ordens. — resmungou outro — Quando ouviste o sinal, nos postou na armadilha e nos mandou atirar a quem avançasse pelo caminho. Como saberíamos a quem matar? Você nunca disse o nome dele; nosso trabalho era apenas atirar no homem que você indicasse. Por que não

ficou conosco, para conferir nosso trabalho?

— Porque este é o serviço do duque, imbecil! – disse bruscamente d’Valence – Sou conhecido demais. Eu não poderia me arriscar a ser visto e reconhecido, se a armadilha falhasse.

Então, eles se voltaram para mais alguém. Houve o som de um golpe, e um ganido de dor.

— Cão! – praguejou d’Valence – Você não me deu o sinal de que Etienne Villiers cavalgava por este caminho?

— Não foi culpa minha! – uivou o infeliz, um camponês a julgar por seu sotaque – Eu não o conhecia. O taverneiro de Os Dedos do Patife me mandou observar um homem, que cavalgava com uma jovem ruiva vestida em trajes de homem; e, quando eu a vi passando com o soldado, pensei que ele fosse o tal Etienne Villiers... Ahhh... piedade!

Houve um tiro, um grito estridente e o som de um corpo caindo.

— Seremos enforcados, se o duque souber disto. – disse o capitão – Guiscard gozava do favor do Visconde de Lautrec, governador de Milan. D’Alencon nos enforcará para cair nas boas graças do visconde. Devemos proteger nossos pescoços. Esconderemos os corpos no regato, e ninguém saberá de nada. Agora se espalhem e procurem pelo cadáver da jovem. Se ela ainda estiver viva, devemos fechar-lhe a boca para sempre.

Diante disso, comecei a me arrastar para trás, em direção ao curso d’água. Olhando de um lado a outro, vi que a margem oposta era baixa e plana, coberta de moitas e rodeada pelos penhascos que eu havia mencionado, nos quais vi algo que parecia a entrada de um desfiladeiro. Parecia oferecer um caminho para a fuga. Arrastando-me até chegar perto da margem da água, me levantei e corri silenciosamente em direção ao regato, o qual deslizava sobre um leito rochoso e era pouco profundo, mal chegando aos joelhos. Os bandidos haviam se dispersado, formando uma lua crescente e percorrendo os arbustos. Eu os ouvia atrás de mim, e mais distantes a ambos os lados. Súbito, um deles uivou como um cão de caça que avista a presa:

— Lá vai ela! Parada, maldita!

Um arcabuz disparou, e a bala passou zunindo perto de minha orelha, mas continuei fugindo em disparada. Eles vieram fazendo estardalhaço e rugindo, através das moitas, atrás de mim – doze homens, usando morions e couraças, de espadas nas mãos.

Um deles saiu na própria margem do regato, enquanto eu atravessava a água;

e, temendo uma estocada nas costas, me virei e o encontrei no meio da corrente. Ele veio, chapinhando a água feito um touro – um fanfarrão grande, de costeletas na face e espada na mão.

Cruzamos espadas, estocando, talhando e desviando, com a água na altura dos joelhos; e eu estava em desvantagem, pois a correnteza rodopiante me atrapalhava os movimentos dos pés. Sua espada batia em meu elmo, fazendo brilharem faíscas diante de meus olhos; e, ao ver os outros se aproximando, pus toda a minha força num ataque desesperado, e enfiei minha espada tão ferozmente entre seus dentes, que a ponta lhe atravessou o crânio e retiniu no forro de seu morion.

Puxei minha lâmina enquanto ele caía, tingindo o regato de escarlate e, naquele mesmo instante, uma bala de pistola me atingiu a coxa. Cambaleei, e logo recuperei o equilíbrio, saí mancando rapidamente da água e corri pela margem. Os bandidos estavam no regato, berrando ameaças e girando suas espadas. Alguns dispararam as pistolas, mas suas miras eram péssimas, e alcancei o penhasco, arrastando minha perna ferida. Minha bota estava cheia de sangue, e todo o membro estava dormente.

Mergulhei nos arbustos, em direção à entrada do desfiladeiro... depois parei, com um gélido desespero me agarrando o coração. Eu estava numa armadilha, pois só havia uma larga rachadura na rocha do penhasco, a qual seguia poucos metros adiante e depois se estreitava numa fenda. Formava um afiado triângulo, cujas paredes eram muito altas e perpendiculares para serem escaladas, com perna ferida ou não.

Os facínoras perceberam minha situação, e se aproximaram com gritos de triunfo. Caindo sobre meu joelho são, atrás das moitas na boca da rachadura, puxei a pistola e baleei o mais adiantado dos bandidos na cabeça. Aquilo lhes deteve o avanço e fez com que eles se dispersassem para se abrigarem. Os que estavam do outro lado do riacho mergulharam de volta nas árvores, enquanto os que haviam alcançado o lado de cá se espalhavam por entre as moitas próximas à margem.

Recarreguei minha pistola e fiquei próxima, enquanto eles berravam uns aos outros, e começavam a atirar com suas arcabuzes em direção ao meu esconderijo. Mas as pesadas balas voavam bem acima da minha cabeça, ou batiam em vão nas paredes rochosas. Dentro em pouco, notando um velhaco de barba negra se contorcer num espaço aberto, em direção a um arbusto mais próximo do meu refúgio, lhe alojei uma bala no corpo; diante disso, os outros gritaram, sedentos de sangue, e voltaram a atirar. Mas a distância era grande demais, para os que estavam do outro lado da margem dispararem um bom tiro, e os outros atiravam de ângulos difíceis, sem ousarem mostrar qualquer parte deles.



Logo, um gritou:

— Por que alguns de vocês, bastardos, não atravessam o riacho e encontram um lugar para subir o rochedo, para poderem atingir a meretriz por cima?

— Porque não podemos feri-la sem nos mostrarmos! – respondeu d’Valence, do seu esconderijo – E ela atira feito o próprio diabo. Esperem! Logo cairá a noite, e ela não poderá fazer mira no escuro. Ela não pode fugir. Quando estiver escuro demais para um bom tiro, correremos até ela e encerraremos este assunto com aço. A cadela está ferida, eu sei. Vamos aguardar.

Arrisquei um tiro distante em direção aos arbustos dos quais saía a voz de d'Valence, e pelo jorro de blasfêmias chamuscantes que causou, imagino que meu chumbo chegou perto demais para confortá-los.

Então, seguiu-se um período de espera, interrompido ocasionalmente por um tiro dentre as árvores. Minha perna ferida latejava e uma nuvem de moscas me cercava. O sol, que a princípio batia ferozmente na greta, se retirou, me deixando numa sombra escura, à qual eu era grata. Mas a fome me incomodava, até que a sede ficou tão feroz a ponto de me fazer esquecer a fome. A visão e o ruído sussurrante do riacho próximo me enlouqueciam. E a bala na minha coxa ardia tão intoleravelmente, que resolvi arrancá-la com minha adaga, e depois estancar o sangue, cobrindo o ferimento com folhas amarrotadas.

Eu não via saída; parecia que eu morreria lá, e comigo morreriam todos os meus sonhos de pompa e glória, e o brilhante esplendor e aventura. Os tambores obscuros, cuja batida eu havia procurado seguir, pareciam se apagar e afastar, como um distante sino fúnebre, deixando apenas as cinzas moribundas da morte e do esquecimento.

Mas, quando procurei pelo medo em minha alma, não o encontrei, nem encontrei arrependimento, nem qualquer mágoa. Melhor morrer ali, do que viver e envelhecer como as outras mulheres que eu havia conhecido. Pensei em Guiscard de Clisson, jazendo ao lado do cavalo morto, com sua cabeça banhada de sangue, e lamentei que a morte tivesse chegado até ele de uma forma tão infeliz, e que ele não tenha morrido como gostaria... num campo de batalha, com a bandeira de seu rei ondulando sobre ele, e o som das trombetas em seus ouvidos.

As horas se arrastaram lentamente. Por um momento, pensei ter ouvido um cavalo galopando, mas o som se apagou e parou. Ergui meu corpo entorpecido e amaldiçoei os mosquitos, desejando que meus inimigos atacassem enquanto ainda houvesse luz suficiente para atirar.

Então, enquanto eu os ouvia começarem a gritar uns para os outros na escuridão crescente, uma voz, acima e atrás de mim, me chamou a atenção e me fez erguer as pistolas, achando que eles finalmente haviam subido o penhasco.

— Agnes! – A voz era baixa e urgente – Não dispare! Sou eu, Etienne! – As moitas foram abertas, e um rosto pálido olhava sobre a borda da rachadura.

— Volte, idiota! – exclamei – Eles vão lhe balear como a um pombo!

— Eles não podem me ver de onde estão escondidos. – assegurou – Fale

baixo, garota. Veja, vou descer esta corda. Ela está cheia de nós. Você pode subir? Não posso lhe arrastar para cima, com apenas um braço bom.

Uma súbita esperança me inflamou os olhos.

— Sim! – sibilei – Desça logo a corda e a amarre firme. Estou ouvindo-os cruzarem o regato.

Então, rapidamente, na escuridão crescente, um comprimento serpentino veio descendo o penhasco, e pus a mão nele.

Enrolando um joelho ao redor da corda, me arrastei para cima com o auxílio das mãos; e foi um trabalho penoso, pois a extremidade inferior da corda pendia livre, e eu dava voltas como um pêndulo. Então, toda a tarefa deveria ser feita somente com minhas mãos, pois minha perna ferida estava tão rígida quanto uma bainha de espada; e, de qualquer forma, minhas botas espanholas não foram feitas para escaladas com cordas.

Mas eu a completei, e me arrastei sobre a borda, no exato momento em que o cauteloso ranger de couro sobre a areia, e o tilintar do aço me avisaram que os bandidos estavam se reunindo perto da greta, para atacarem.

Etienne rapidamente recolheu a corda e, gesticulando para mim, tomou o caminho através das moitas, falando num tom apressado e nervoso:

— Ouvi os tiros enquanto seguia pela estrada; deixei meu cavalo amarrado na floresta e avancei silenciosamente a pé, para ver o que havia adiante. Vi Guiscard, caído e morto na estrada, e percebi, pelos gritos dos facínoras, que você estava encurralada. Conheço este lugar há muito tempo. Voltei furtivamente ao meu cavalo e cavalguei ao longo do riacho, até encontrar um lugar onde eu pudesse subir o despenhadeiro através de uma ravina. Fiz a corda com meu manto, rasgando-o em tiras e juntando-as com meu cinto e rédeas. Ouça!

Atrás e sob nós, brotou um louco clamor, de gritos e maldições.

— D’Alencon está mesmo ansioso por minha cabeça. – murmurou Etienne – Ouvi a conversa dos bandidos, enquanto me escondia por entre as árvores. Cada estrada que esteja ligada a Alencon está sendo patrulhada por bandos como estes, desde que aquele cão do taverneiro revelou ao duque que eu estava novamente nesta parte do reino.

“E agora você será caçada com a mesma intensidade. Eu conheço Renault D’Valence, capitão desses velhacos. Enquanto viver, sua vida não estará segura, pois ele se esforçará para destruir todas as provas de que foram os patifes deles que mataram Guiscad de Clisson. Aqui está meu cavalo. Não

devemos demorar”.

— Mas por que você me seguiu? – perguntei.

Ele se voltou e me encarou – uma sombra de rosto pálido no anoitecer.

— Você estava errada quando disse que não havia débito entre nós. – ele disse – Eu lhe devo minha vida. Foi por mim que você enfrentou e matou Tristan Pelligny e seus ladrões. Por que continua me odiando? Você teve uma boa vingança por um plano errado. Aceitou Guiscard de Clisson como camarada. Não vai me deixar cavalgar para as guerras com você?

— Como camarada, e nada mais. – eu disse – Lembre-se de que não sou mais uma mulher.

— Como irmãos de armas. – ele concordou.

Estendi minha mão, e ele a dele, e nossos dedos se entrelaçaram brevemente.

— Mais uma vez, montaremos juntos o mesmo cavalo. – ele riu, recuperando a alegre cadência de seu espírito – Vamos embora, antes que esses cães encontrem o caminho para cá. D’Alencon bloqueou as estradas para Chartres, Paris e Orleans, mas o mundo nos pertence! Acho que há tempos vistosos diante de nós... aventuras, guerras e saques! Então... hei!! Para a Itália e todas as bravas aventuras!

A SOMBRA DO ABUTRE

Título Original: THE SHADOW OF THE VULTURE

Introdução

O conto a seguir apresenta a personagem howardiana Sonya de Rogatino (bastante popularizada, décadas depois nos quadrinhos, como Sonja da Hirkânia), na sua única aventura escrita por Howard. Embora a russa Sonya, o germano Gottfried Von Kaimbach e o turco Mikhal Oglu sejam fictícios, personagens como o sultão Suleyman O Magnífico (†1566), sua favorita — e, mais tarde, única esposa — Roxalena (†1558), bem como o Grão-Vizir Ibrahim são personagens verdadeiros e boa parte dos eventos narrados também o é, como a Batalha de Mohacs (1526) e o acontecimento central desta história: o Cerco de Viena (1529), quando a Áustria se viu ameaçada pelos turcos otomanos de Suleyman.

Todavia, ao longo do conto citado, há trechos onde Howard parece enaltecer a imagem do branco europeu cristão, em detrimento da dos muçulmanos, como por exemplo: 'O Destruidor surgia, outra vez, do Oriente misterioso de sombras azuladas, como seus irmãos haviam feito antes dele... Átila...

Subotai... Bayazid... Mohammed O Conquistador'. Mais adiante, 'Viena era uma ilha cristalina num mar de infieis' e, finalmente: 'Os tronos da potência otomana ressoavam por todo o mundo, fazendo empalidecer o esplendor da Pérsia e da Índia mongol. Mas no Ocidente, os bárbaros arianos de cabelos loiros continuavam invictos'.

Confesso que, ao traduzir esta história, tive receio que a publicação desta — aliada às recentes invasões norte-americanas ao Afeganistão e Iraque, as quais eu temo terem aumentado, no senso-comum, o sentimento anti-muçulmano — pudesse ampliar, em pessoas menos esclarecidas, o preconceito contra os povos do Oriente Médio e de outras regiões islâmicas.

Todavia, não podemos esquecer que Howard — embora, em alguns aspectos, liberal para um texano dos anos 30 — nasceu depois que o Imperialismo europeu instalou-se na África e Ásia, e morreu antes da extinção do mesmo. Só isso explica alguns trechos etnocêntricos e aparentemente anti-semitas desta aventura.

Infelizmente, Robert Erwin Howard — assim como seus contemporâneos — não era capaz de prever acontecimentos ocorridos após sua morte, como o Holocausto e as confusões causadas — e até hoje existentes — nas regiões muçulmanas. Do contrário, o criador de Kull, Conan

e Sonya certamente escreveria um conto muito mais imparcial do que este que será mostrado.

Fernando Neeser de Aragão

I



— Esses cães foram convenientemente vestidos e engordados?

— Sim, Protetor dos Fiéis.

— Pois que os tragam e que se arrastem ante a minha presença.

E foi daquele modo que os embaixadores, pálidos após muitos meses de prisão, foram conduzidos ante o trono de Suleyman o Magnífico, sultão da Turquia, e o monarca mais poderoso num tempo de monarcas poderosos. Sob o grande domo púrpura da sala real, brilhava o trono diante do qual o mundo inteiro tremia... revestido de ouro e com pérolas incrustadas. A fortuna em pedras preciosas de um imperador adornava o pálio de seda, do qual pendia uma rede de pérolas brilhantes, costurada com uma grinalda de esmeraldas. Aquelas jóias formavam uma auréola de glória por cima da cabeça de Suleyman. No entanto, o esplendor do trono empalidecia diante da presença da brilhante figura que nele se sentava, enfeitada por várias pedras preciosas e com um turbante coalhado de diamantes, e finalizado com uma pluma de garça. Seus nove vizires se encontravam ao redor do trono, em atitude humilde. Os soldados da guarda imperial se alinhavam diante do estrado... Solaks com armadura, plumas negras, brancas e escarlates formando ondas por cima dos capacetes dourados.

Os embaixadores da Áustria ficaram impressionados... ainda mais quando haviam tido nove longos meses para refletir no sinistro Castelo das Sete Torres, que dominava o Mármara. O chefe dos embaixadores engolia a cólera

e dissimulava o rancor sob uma máscara de submissão... uma estranha capa repousava nos homens de Habordansky, general de Fernando, arquiduque da Áustria. Sua cabeça, de feições duras, parecia uma incoerência entre aquelas vestimentas de seda brilhante — um presente do desprezível sultão -, que mais pareciam uma fantasia, esticando o pescoço enquanto lhe conduziam perante o trono uns robustos jenízaros, que lhe seguravam firmemente os braços. Assim, se apresentavam diante do sultão os enviados dos países estrangeiros desde aquele dia distante, em Kosova, quando Milosh Kabilovitch, cavaleiro da mutilada Sérvia, matou Murad o Conquistador, com uma adaga oculta entre suas vestimentas.

O Grande Turco mirou Habordansky com pouca consideração. Suleyman era um homem alto e delgado, de nariz fino e aquilino, de boca delgada e reta, cuja dureza só era abrandada pelo bigode caído. A única semelhança com a debilidade residia no pescoço delgado e notavelmente longo, mas aquela aparente debilidade era dissimulada pelas duras linhas de seu corpo delgado e pelo brilho de seus olhos negros.

Havia nele algo mais que um rescaldo de sangue tártaro... um justo título, pois era filho, tanto de Selim o Cruel, quanto de Hafza Khantun, princesa da Criméia. Nascido para a glória, herdeiro da maior potência militar do mundo, levando o capacete da autoridade e envolto no manto do orgulho, não reconhecia nada que estivesse abaixo dos deuses ao seu lado.

Sob seu olhar de águia, o velho Habordansky abaixou a cabeça para dissimular a raiva feroz que lhe brilhava nos olhos. Nove meses antes, o general havia chegado a Istambul como representante de seu senhor, o arquiduque, com propostas de trégua e para poder dispor livremente da coroa de ferro da Hungria, arrancada da cabeça do rei Luís, morto no sangrento campo de batalha de Mohacs, de onde os exércitos vitoriosos do Grande Turco lhe haviam aberto o caminho que lhe conduziria diretamente à Europa. Outro embaixador lhe havia precedido... Jerônimo Lasczky, conde paladino da Polônia. Habordansky, com a brusquidão de sua raça, reclamara a coroa da Hungria para seu senhor, provocando com isso a ira de Suleyman. Lasczky havia pedido de joelhos a mesma coroa, como um mendigo, para entregá-la a seus compatriotas em Mohacs.

Lasczky fora coberto de honras, ouro e promessas de proteção. Em troca, havia tido que dar tais roupas que atemorizavam sua alma de ladrão... vendendo os súditos para que fossem convertidos em escravos... abrindo caminho ao sultão através dos territórios subjugados, até conduzir-lhe ao mesmíssimo coração da Cristandade.

Tudo aquilo havia chegado aos ouvidos de Habordansky, que espumou de raiva na prisão à qual a feroz cólera do sultão o havia levado. Naquele momento, Suleyman fitava com desdém o velho e fiel general. Renunciou à formalidade habitual de dirigir-se a ele por intermédio de seu Grão-Vizir. Um turco de sangue real nunca havia reconhecido que falava alguma das línguas francas, mas Habordansky entendia o turco. As observações do sultão foram breves e sem preâmbulos:

— Informa a teu amo que já estou pronto para visitar suas terras, e que se ele não quiser encontrar-se comigo nem em Mohacs, nem em Pest, eu mesmo irei

buscá-lo nas muralhas de Viena.

Habordansky se inclinou, sem responder, temendo que sua cólera explodisse. Ante um gesto depreciativo da mão imperial, um oficial da corte avançou e entregou ao general uma pequena bolsa dourada, com duzentos ducados. Cada membro de sua escolta, esperando pacientemente do outro lado da sala, vigiado pelas lanças dos jenízaros, foi recompensado do mesmo modo. Habordansky murmurou uma frase de agradecimento; suas mãos nodosas se crispavam no presente. O sultão sorriu ligeiramente, com plena consciência de que o embaixador lhe teria atirado, de boa vontade, as moedas na cara... se tivesse se atrevido. Levantou a mão para despedir-se, mas se deteve subitamente ao dirigir o olhar aos homens que formavam a comitiva... ou, mais precisamente, a um dos homens. Aquele homem era muito mais alto que qualquer outro que se encontrava na sala. Robusto. Vestia desengonçadamente as roupas turcas com que lhe haviam fantasiado. O sultão fez um gesto e o levaram ante ele, firmemente seguro pelos soldados. Suleyman o examinou longamente. O traje turco e o volumoso khalat não conseguiam esconder as duras marcas de seu corpo firme e musculoso. Seus cabelos avermelhados estavam cortados, e o bigode loiro e caído emoldurava um queixo enérgico. Os olhos azuis pareciam estranhamente velados; era como se aquele homem tivesse dormido em pé, com os olhos abertos.

— Falas turco? — perguntou o sultão.

Suleyman fazia a aquele homem a surpreendente honra de dirigir-se diretamente a ele. Apesar de toda a pompa da corte otomana, o sultão ainda conservava algo da naturalidade de seus ancestrais tártaros.

— Sim, Sua Majestade. — respondeu o franco.

— Quem és?

— Me chamo Gottfried Von Kaimbach.

Suleyman franziu a testa. Inconscientemente, seus dedos chegaram até seu ombro, de onde, sob a túnica de seda, podia notar as bordas de um velho ferimento.

— Nunca esqueço um rosto. Já vi o teu antes... em circunstâncias tais que ficou gravado em minha memória. No entanto, não consigo lembrar quais foram as circunstâncias.

— Estive em Rodas ⁽¹⁸⁾. — respondeu o germano.

— Houve muitos homens em Rodas. — respondeu secamente Suleyman.

— Efetivamente. — admitiu Von Kaimbach, tranqüilamente — De L'Isle Adam esteve ali.

Suleyman se enrijeceu e seus olhos brilharam ao ouvir o nome do Grande Magistrado dos Cavaleiros de São João, cuja encarniçada defesa da cidade de Rodas havia custado ao turco sessenta mil homens. Decidiu, entretanto, que aquele franco não parecia sutil o bastante para que sua observação implicasse alguma pérfida zombaria. Mandou os embaixadores embora, com um gesto da mão.

Empurrados pelos guardas, afastaram-se de sua presença, andando de ré, e o incidente terminou. Os francos deixariam Istambul, cuidadosamente guardados e conduzidos até a fronteira mais próxima do Império. A advertência do turco não tardaria a chegar até o arquiduque e, levando-a em

conta, os exércitos da Porta Sublime se colocaram em marcha. Os oficiais de Suleyman sabiam que o Grande Turco não se contentaria em pôr Zapoia, aquele bronco, no conquistado trono da Hungria. As ambições de Suleyman abrangiam toda a Europa... a qual, durante séculos, não havia feito outra coisa senão enviar ao Oriente hordas que cantavam e saqueavam. Os povos do Oriente, de natureza inconstante e fantasiosa, pareceram muitas vezes maduros para a conquista muçulmana, e embora nunca tivessem alcançado a vitória, tampouco haviam sido conquistados.

No mesmo dia em que os embaixadores austríacos deixaram Istambul, Suleyman, meditando sobre seu trono, levantou a cabeça de feições suaves e fez a seu Grão-Vizir um gesto com a mão. O vizir se aproximou, confiante. O Grão-Vizir sempre estava seguro da aprovação de seu senhor. Acaso não era seu companheiro na bebida e amigo de infância do sultão?

Ibrahim só tinha uma rival que disputava o favor de seu amo... a jovem russa de cabelos avermelhados, Khurrem a Alegre, a mesma que toda a Europa conhecia como Roxalena. Os mercadores de escravos haviam-na arrebatado da casa de seu pai, em Rogatino, e havia conseguido tornar-se a favorita do harém do sultão.

— Acabo de me lembrar aonde vi esse infiel. — disse Suleyman — Lembre-se da primeira carga de Cavaleiros em Mohacs?

Ibrahim estremeceu ligeiramente diante daquela menção.

— Oh, Protetor dos Fiéis, como eu poderia esquecer o dia em que um infiel derramou o sangue divino de meu amo?

— Pois recordarás que trinta e um cavaleiros, os paladinos dos nazarenos, investiram impetuosamente contra nós, aceitando cada um deles em ter que dar a vida para acabar com minha nobre pessoa. Por Alá, investiram como homens que foram ao casamento! Seus potentes destreiros e suas longas lanças derrubaram e atravessaram a todos que tentaram contê-los; suas armaduras destruíam o aço mais fino. Mas caíram quando retumbaram os fuzis. Só restaram três a cavalo... o cavaleiro Marczali e dois companheiros de armas. Aqueles paladinos ceifaram meus solaks como se fossem trigo maduro... mas Marczali e um de seus companheiros caíram... quase aos meus pés.

Suleyman continuou falando.

— Mas ainda sobrava um cavaleiro. O capacete com viseira havia caído de seu rosto e o sangue ensopava todas as junções de sua armadura. Lançou seu cavalo direto contra mim, fazendo girar a espada com as duas mãos. Juro pela barba do Profeta que a morte esteve tão perto de mim, que pude sentir na nuca o hálito ardente de Azrael! Sua espada cintilou como um raio e se abateu sobre meu capacete... o golpe me deixou meio atordoado e quase sangrei pelo nariz... Mas desviei o golpe e a espada me rachou a couraça no ombro, e me fez esta ferida que hoje, entretanto, quando chegam as chuvas, continua me incomodando. Os jenízaros, que lhe cercavam por todos os lados, cortaram as patas traseiras de seu cavalo, e ele caiu à terra, junto com o animal. Os solaks que haviam sobrevivido me apartaram da batalha. Então, apareceu o exército húngaro. Não pude ver o que aconteceu àquele cavaleiro. Mas hoje pude voltar a vê-lo.

Ibrahim se sobressaltou e deixou escapar uma exclamação de incredulidade. — Não, não há como eu equivocar-me... reconheci seus olhos azuis. Como o fez, o ignoro, mas sei que esse germano, Gottfried Von Kaimbach, é o mesmo cavaleiro que me feriu em Mohacs.

— Mas, Defensor da Fé... — contestou Ibrahim — As cabeças de todos aqueles cavaleiros foram empaladas diante de tua tenda real.

— E contei-as, e nada disse então, para evitar que os homens pensassem que devia fazer cair sobre ti minha cólera. — respondeu Suleyman — Havia apenas trinta e uma cabeças. A maioria estava tão mutilada, que só podia ver seus riscos. Mas, de uma forma ou de outra, esse infiel que foi capaz de ferir-me escapou da matança. Me agradam os homens valentes, mas meu sangue não é suficientemente vulgar para um infiel poder derramá-lo impunemente, para que os cães o chupem. Cuide dele.

Ibrahim se inclinou respeitosamente e retirou-se. Atravessou longos corredores e entrou num quarto azul; as janelas, com arcadas de ouro, davam para espaçosas galerias sombreadas por plantas e ciprestes, refrescadas pelo borbulhar da água em fontes ruidosas. Deu uma ordem e não demorou a reunir-se com Yaruk Khan, um tártaro da Criméia, uma figura impassível de olhos oblíquos, com uma armadura de couro e de bronze polido.

— Yaruk. — disse o vizir — Seu olhar, velado pelos koumis, viu o germano, aquele homem alto a serviço do emir Habordansky... aquele cuja cabeleira era tão vermelha quanto a juba de um leão?

— Falas desse noyon a quem chamam Gombuk.

— Ele mesmo. Leva contigo um chambul de seus cães e alcança os francos. Retorna com esse homem e serás amplamente recompensado. As pessoas dos embaixadores são sagradas, tão logo este assunto não é oficial. — comentou cinicamente.

— Ouvir é obedecer!

Com uma reverência tão profunda como se fosse concedida ao próprio sultão, Yaruk Khan saiu da sala, deixando a sós a segunda pessoa mais importante do Império.

Voltou alguns dias depois, manchado de barro e esgotado pela longa cavalgada, mas sem a presa. Ibrahim lançou sobre ele um olhar ameaçador. O tártaro se prostrou diante das almofadas de seda nas quais se sentava o Grão-Vizir, na sala azul, com grandes janelas com arcadas de ouro.

— Grande Khan, não deixes que tua cólera se abata sobre teu escravo. Não foi culpa minha, eu juro pelas barbas do Profeta!

— Senta-te e conta-me tua história. — ordenou Ibrahim.

— Eis o que se passou, senhor... — começou Yaruk Khan — Fui a galope. Os francos e sua escolta me levaram uma considerável vantagem, pois haviam viajado durante a noite, sem pararem. No entanto, consegui alcançá-los no dia seguinte, ao meio-dia. Mas Gombuk já não se encontrava entre eles! Quando me informei sobre ele, o paladino Habordansky, por toda a resposta, proferiu uma série de blasfêmias tão sonoras quanto o estouro de um canhão. Perguntei a alguns dos membros da escolta que falavam a mesma linguagem que esses infiéis, e soube o que havia passado. Só gostaria que meu senhor lembrasse que não faço mais do que repetir as palavras dos spahis da escolta, que são

homens sem honra e que mentem como...

— Um tártaro. — concluiu Ibrahim. Yaruk Khan recebeu a gentileza com um largo sorriso, semelhante à careta de um cão; logo, prosseguiu:

— Veja o que me disseram. Ao amanhecer, Gombuk separou seu cavalo dos demais, e o emir Habordansky lhe perguntou a razão. Gombuk pôs-se a rir, como fazem os francos, 'há, há, há!', e lhe respondeu: 'Foi muito vantajoso servir-te! Pude descansar durante nove meses numa prisão turca e Suleyman me deu um salvo-conduto até a fronteira. Já não tenho porque lhe acompanhar!'. 'Cão!', lhe contestou o emir. 'Uma guerra está prestes a começar e o arquiduque precisará de tua espada'. 'Que o diabo leve o arquiduque!', lhe respondeu Gombuk. 'Se Zapoia é um cão, por não ter intervindo em Mohacs e haver permitido com isso que despedaçassem a nós e a nossos aliados, Fernando não o é menos. Quando estava sem alvo, pus minha espada a seu serviço. Agora que tenho duzentos ducados e estas roupas, que posso vender a qualquer judeu por um bom monte de moedas de prata, que o Diabo me leve se eu voltar a desembainhar a espada por alguém enquanto me reste um ducado. Penso em ir à mais próxima taberna cristã; tu e o arquiduque podem ir ao Inferno!'. O emir o amaldiçoou e imprecou. Gombuk se afastou rindo, 'há, há, há!', e cantando uma canção sobre uma barata chamada...

— Basta!

Os traços de Ibrahim estavam tão negros quanto sua raiva. Puxou violentamente a barba, meditando que aquela alusão a Mohacs confirmava as suspeitas de Suleyman. Aquele assunto das trinta e uma cabeças — quando deviam ter sido trinta e duas — era algo que nenhum sultão turco jamais esqueceria. Pessoas importantes, de alta estirpe, haviam perdido o posto... e a cabeça, por questões mais insignificantes. O modo como Suleyman se comportara demonstrava sua quase inacreditável indulgência e consideração para com seu Grão-Vizir; mas Ibrahim, apesar de sua vaidade, era um homem perspicaz e não desejava que nenhuma mácula, nem a mais ligeira, se interpusesse entre ele e seu soberano.

— Não podias seguir a pista dele, cão? — perguntou.

— Por Alá... — jurou inquieto o tártaro — ele ia à velocidade do vento.

Atravessou a fronteira, com várias horas de vantagem sobre mim. O segui tanto quanto ousei...

— Chega de desculpas. — lhe interrompeu Ibrahim — Procure Mikhal Oglu e diga-lhe que venha.

O tártaro se retirou, dando graças. Ibrahim não costumava ser tão tolerante quando um homem fracassava na missão encomendada.

O Grão-Vizir meditava sombriamente, sentado nas almofadas de seda, quando a sombra de duas asas de abutre estendeu-se sobre o chão de mármore. A delgada figura daquele a quem havia mandado buscar inclinou-se diante dele.

O personagem, cujo simples nome fazia tremer de horror a toda a Ásia Ocidental, falava com voz muito doce e se movia com a agilidade de um gato; mas, o mal absoluto de sua alma se transparecia em cada uma de suas feições sinistras e fazia brilhar seus olhos rígidos e oblíquos.

Era o líder dos akinji, cavaleiros cruéis cujas incursões espalhavam o terror e a devastação por todas as regiões situadas além das fronteiras do Grande

Turco. Usava a couraça e o capacete recobertos de pedras preciosas; as grandes asas de abutre haviam sido fixadas às ombreiras de sua cota-de-malha dourada. Aquelas asas se desdobravam ao vento, quando ele lançava seu cavalo a galope; as sombras da morte e da destruição escondiam-se sob suas plumas. Era a ponta da cimitarra de Suleyman, o mais ilustre assassino de uma nação de assassinos, que se achava na presença do Grão-Vizir.

— Não tardarás em estar diante dos exércitos de nosso senhor pelas terras dos infieis. — Ihe anunciou Ibrahim — Receberás a mesma ordem de sempre: atacar e não perdoar a ninguém. Devastarás os campos e os vinhedos dos cáfaros, incendiarás suas aldeias e prenderás suas mulheres. As terras que houverem diante de nossos exércitos vitoriosos, gritarão de dor sob teu calcanhar de aço.

— São notícias muito boas de se ouvir, favorito de Alá. — respondeu Mikhal Oglu com sua voz suave e delicada.

— No entanto, há uma ordem dentro de outra. — prosseguiu Ibrahim, olhando fixamente o akinji — Conheces o germano Von Kaimbach?

— Sim... Gombuk, como lhe chamam os tártaros.

— Efetivamente... Minha ordem é a seguinte: sejam quantos forem os que combatam ou fujam, vivam ou morram... esse homem não deve viver. Busca-o e desmascara-o, ainda que sua busca te leve às margens do Reno. Quando me trouxeres sua cabeça, tua recompensa será três vezes o teu peso em ouro.

— Ouvir é obedecer, senhor. Dizem que se trata do filho errante de uma nobre família germana, rechaçado pelos familiares. Sua perda só será lamentada pelo vinho e pelas mulheres. Há quem diga que ele foi, em outros tempos, Cavaleiro de São João, antes de ter que deixar a Ordem por suas bebedeiras e...

— Procure não subestimá-lo. — cortou Ibrahim com tom severo — Pode ser um bêbado, mas não se pode desprezar um homem que lutou ao lado de Marczali. Não o esqueças!

— Não haverá esconderijo em que possa ocultar-se para escapar de mim, favorito de Alá. — declarou Mikhal Oglu — Não haverá noite escura o bastante, nem mata suficientemente espessa para ocultá-lo. Se eu não te trouxer sua cabeça, que ele te envie a minha.

— Basta! — disse Ibrahim com um sorriso, descansando a barba de satisfação — Podes retirar-te.

A sinistra silhueta de asas de abutre saiu da sala azul, com passo ligeiro e silencioso. Ibrahim não tinha a menor dúvida de que acabava de dar os primeiros passos de uma luta encarniçada que se desenrolaria durante anos e em países distantes... uma guerra feroz e cruel, cujos turbilhões cobririam os tronos, os reinos e as mulheres de ruiva cabeleira, mais belas que as chamadas do Inferno.

II

NUMA PEQUENA CABANA de teto de cana, em uma aldeia situada nas proximidades do Danúbio, rancos sonoros se elevavam do catre de palha, onde se estendia uma forma envolta numa capa feita de retalhos. Era o cavaleiro Gottfried Von Kaibach, que dormia o sono da inocência e do ale. A jaqueta de veludo, as ceroulas de seda, o khalat e as botas de pele, presentes do desdenhoso sultão, não se viam por nenhuma parte. O cavaleiro levava pouco mais que uma enferrujada cota de malha. Umas mãos lhe sacudiram e lhe tiraram do sono. Blasfemou em tom sonolento.



— Acorde, senhor! Oh, acorda, bom cavaleiro... porco... cachorro! Vai se levantar de uma vez, maldição?

— Me dá o que beber, taberneiro. — murmurou, todavia, o homem submerso no sono — Quê... quem? Cachorros te mordam, Ivga! Não me resta um único aspro... nenhuma moeda. Seja uma boa garota e deixe-me dormir.

A jovem começou a sacudi-lo e movê-lo pelos ombros.

— Oh, seu bruto! Acorda, eu lhe disse! E pegue a lança! Fique alerta!

— Ivga — sussurrou Gottfried, afastando-a — Leva meu capacete ao judeu. Te pagará o suficiente para que possamos nos embebedar de novo.

— Imbecil! — gritou a jovem, desesperada — Não é dinheiro que eu quero! Todo o Leste está em chamas, e ninguém sabe a razão!

— Já parou de chover? — perguntou Von Kaibach, finalmente comunicando certo interesse pelo que se passava a seu redor.

— Deixou de chover há horas. Entretanto, ainda podes ouvir como goteja. Pega a espada e sai à rua. Todos os homens da aldeia estão perdidamente bêbados, graças às suas últimas moedas de pratas, e as mulheres não sabem o que pensar, nem o que fazer. Ah!

Aquela exclamação saiu de seus lábios, ao mesmo tempo em que um estranho brilho aparecia subitamente, reluzindo através das fissuras nas paredes da cabana. O germano pôs-se de pé com um movimento incerto, ajustou

rapidamente o cinto que segurava a grande espada e enfiou na cabeça o capacete amassado. Seguiu Ivga à rua. Era uma jovem delgada. Descalça, vestia apenas um traje curto, semelhante a uma túnica, cujos longos rasgos deixavam ver uma boa extensão de carne branca e reluzente. A aldeia parecia morta e inanimada. Não havia luz em parte alguma. A água caía, gota a gota, das coberturas de cana dos telhados. As poças de água barrenta, dispersas pela rua, espelhavam sombriamente. O vento suspirava e gemia de forma estranha, através dos galhos, negros e úmidos de chuva, das árvores que rodeavam a pequena aldeia como uma tenebrosa muralha. Ao sudeste, elevando-se até o céu, uma luz palidamente púrpura rasgava as nuvens frias e úmidas.

Choramingando, Ivga se abrigou nos braços do germano.

— Vou lhe dizer o que é isso, Ivga. — falou à jovem, observando fixamente o brilho avermelhado do céu — São os demônios de Suleyman. Atravessaram o rio e estão incendiando as cidades. Já vi antes esses reflexos no céu. Na verdade, esperava que tudo isso houvesse acontecido antes, mas essas chuvas infernais, que nos têm alagado durante semanas, devem tê-los feito recuar o ataque. Sim, são os akinji, e não se deterão a este lado de Viena. Escute, vai depressa e em silêncio até o estábulo atrás da cabana, e traga meu garanhão cinza. Deslizaremos como ratos através desses demônios. Meu cavalo poderá levar a nós dois sem esforço.

— Mas os outros moradores da aldeia...! — soluçou Ivga, retorcendo as mãos.

— Bom... — disse Von Kaimbach — Que Deus conceda o descanso a suas almas! Os homens beberam meu ale com prazer e as mulheres foram bastante carinhosas... mas, pelos chifres de Satanás, esse pangaré cinza não pode levar toda uma aldeia nas costas!

— Vá você, se quiser! — respondeu a jovem — Eu fico aqui, para morrer com os meus!

— Os turcos não te matarão. — convenceu-lhe o germano — Te venderão a algum velho mercador de Istambul, gordo e sebo, que não fará outra coisa senão te bater. Eu não pretendo ficar aqui pra me cortarem a garganta, e você...

Um grito horrível da jovem o fez interromper o discurso. Virou-se e viu o mais abjeto medo nos olhos arregalados de Ivga. No mesmo instante, uma cabana, do outro lado da aldeia, desabou vítima das chamas; as estacas úmidas ardiam lentamente. Um concerto de gritos e uivos ferozes seguiu à exclamação da jovem. À luz das chamas havia silhuetas que bailavam e gesticulavam selvagememente. Gottfried examinou as sombras cuidadosamente e viu formas que escalavam e enchiam o pequeno muro lamacento, ao qual a embriaguez e a negligência dos aldeões havia deixado desguarnecido.

— Maldição! — grunhiu — Esses condenados já estão aqui. Havia se aproximado da cidade, protegidos pelas sombras. Siga-me depressa!

Agarrou o pulso branco da jovem pra puxá-la. A garota gritava e se debatia, tentando soltar-se, arranhando-o feito um gato selvagem, louca de medo.

Naquele exato instante, o muro de tijolo cru desabou muito perto deles.

Cedera, ao receber o impacto de vinte cavalos; seus cavalos se lançaram a galope pelas ruas da aldeia condenada. Suas silhuetas se destacavam nitidamente sobre o crescente resplendor do incêndio. As cabanas ardiam por

toda a parte; os gritos aumentavam, enquanto os invasores tiravam das casas as mulheres e os homens, para fatiar-lhes o pescoço. Gottfried viu as delgadas silhuetas dos cavaleiros, o brilho das chamas se refletindo nas suas couraças; viu as asas de abutre do que ia à frente. Reconheceu Mikhal Oglu e viu como ele se erguia na sela e sinalizava a seus homens com o dedo.

— Matem-no, cães! — berrou o akinji. Sua voz não era suave, mas estridente como o rangido de um sabre ao ser desembainhado — É Gombuk!

Quinhentos aspros ao homem que me trouxe sua cabeça!

Lançando uma blasfêmia, Von Kaibach lançou-se às sombras da cabana mais próxima, arrastando com ele a jovem que não deixava de gritar de medo. No momento em que saltava, ouviu o estalo seco da corda de um arco. Ivga soltou um lamento rouco e desabou frouxamente aos pés do germano. Sob a pálida luz do incêndio viu a extremidade emplumada de uma flecha, que ainda tremia dentro do coração da jovem. Com um surdo lamento, virou-se para enfrentar seus assaltantes, como um urso feroz rodeado de caçadores e disposto a livrar um último combate. Permaneceu na mesma posição por alguns instantes, com as pernas separadas, aspecto feroz, agarrando a imensa espada com ambas as mãos. Logo, como um urso que evita combater os caçadores, deu meia-volta e fugiu, rodeando a cabana. As flechas assobiavam à sua volta, algumas ricocheteando nas malhas de sua cota. Não houve disparos. A cavalgada, através do bosque molhado de chuva, havia molhado a pólvora dos akinji.

Von Kaibach contornou o casebre, atento aos berros ferozes que se ouviam atrás dele. Alcançou a quadra onde se encontrava seu garanhão cinza.

Justamente quando chegou à porta, alguém rosou das sombras, como uma pantera, e abriu caminho até ele, ferozmente. Deteve o golpe erguendo a espada, e contra-atacou com toda a força de seus poderosos ombros. A longa espada se abateu e ricocheteou sobre o capacete polido do akinji, para atravessar as malhas da jaqueta. Cortou o braço do homem à altura do ombro. O muçulmano desabou com um gemido, e o germano saltou por cima da figura caída ao solo. O cavalo cinza, louco de terror e excitação, relinchou estridentemente e empinou, ao mesmo tempo em que seu dono saltava sobre seu lombo. Não havia tempo de pôr a sela e as bridas no animal. Gottfried cravou as esporas nos flancos estremecidos do vigoroso animal. Atravessou a porta com a velocidade de um raio, derrubando homens à esquerda e direita. O germano pôs o cavalo a galope, até um espaço aberto, iluminado pelas chamas do incêndio, entre as cabanas em brasa. O cavalo pisoteou os corpos que se encolhiam no solo, sacudindo seu cavaleiro da cabeça aos pés, enquanto atravessava velozmente os pântanos de água enlameada.

Os akinji correram até o cavaleiro fugitivo, disparando flechas e uivando como lobos. Os que iam montados lançaram-se atrás dele, e os que ainda estavam a pé começaram a correr até a muralha onde deixaram suas montarias.

As flechas assobiavam ao redor da cabeça de Gottfried, enquanto ele guiava seu corcel até o muro oeste, que ainda se mantinha de pé... e que era a única via de escape que lhe restava. Era correr um risco imenso, pois o terreno era escorregadio e traiçoeiro, e o cavalo nunca havia tentado um salto como

aquele. Gottfried prendeu o fôlego, ao sentir que aquele grande corpo sob ele tomava impulso e se esticava em plena corrida, encarando um salto quase impossível. Logo, com uma inconcebível torção de seus poderosos tendões, o garanhão saltou e atravessou o obstáculo, apenas uma polegada acima deste. Os perseguidores soltaram berros de surpresa e raiva, e puxaram as rédeas de seus corcéis. Aqueles homens eram excelentes montadores; mas não se atreveram a dar um salto tão perigoso. Perderam um tempo precioso, buscando portas ou brechas no murro barrento. Quando finalmente saíram da aldeia, o bosque sombrio e sussurrante, úmido e gotejando água, já havia engolido sua presa.

Mikhal Oglu blasfemava feito um demônio. Confiando o controle de seus akinji a seu lugar-tenente, Othman, e após dar ordens de matar todos os habitantes da aldeia, partiu em busca do fugitivo pelos caminhos lamacentos do bosque, à luz de tochas. Estava decidido a pegar aquele homem, mesmo que a caçada lhe levasse para diante dos muros de Viena.

III

MAS ESTA NÃO ERA A VONTADE de Alá, e Mikhal Oglu não pegou o germano, no bosque sombrio que transpirava água. Gottfried Von Kaibach conhecia a região melhor que seus perseguidores. Apesar de sua intrepidez, estes não tardaram em perder sua pista na escuridão.

A aurora encontrou Gottfried avançando por um país devastado e golpeado pelo terror. As chamas de um mundo ardente iluminavam o horizonte, do leste até o sul. A planície estava coalhada de fugitivos, titubeantes sob o fardo pesado de seus irrisórios pertences, empurrando, diante de si, um gado que mugia aterrorizado, como se fossem pessoas fugindo do fim do mundo. As chuvas torrenciais, que haviam dado uma falsa promessa de segurança, já não eram capazes de reter o inexorável avanço dos exércitos do Grande Turco. Com 250 mil homens, o sultão destruíra as marcas orientais do Cristianismo. Enquanto Gottfried estivera de farra nas tabernas das cidades isoladas, embriagando-se com o dinheiro dado pelo sultão, Pest e Buda haviam caído. Os soldados germanos que defendiam a última daquelas cidades haviam sido massacrados pelos jenízaros, apesar da promessa de Suleyman, de perdoo-los... Suleyman, a quem os homens chamavam de O Generoso.

Enquanto Fernando, os nobres e os arcebispos se desentendiam na Dieta de Espira, só os elementos da Natureza pareciam lutar a favor do Cristianismo. A chuva caía torrencialmente; os turcos avançavam penosamente, mas com obstinação, apesar dos rios transbordantes que transformavam planícies e florestas em pântanos cheios de barro. Se afogavam nas águas dos tumultuosos rios desembocados de seus leitos, e perdiam enormes quantidades de munições, mantimentos e equipamentos quando seus barcos afundavam, as pontes desabavam e suas carroças atolavam. Mas, mesmo assim, não

deixavam de avançar, empurrados pela vontade implacável de Suleyman. Naqueles momentos, naquele mês de setembro de 1529, pisoteando os escombros da Hungria, os turcos lançavam-se sobre a Europa, enquanto os akinji — os Devastadores — assolavam o país, como um vento furioso que precedia a tempestade.

Tudo aquilo Gottfried soube, em parte graças aos fugitivos, enquanto guiava seu extenuado cavalo até a cidade, o único refúgio possível para aqueles milhares de seres esgotados. Atrás dele, o céu tingia-se de vermelho pelas chamas; o vento levava debilmente, até seus ouvidos, os gritos dos desgraçados que eram massacrados pelos akinji. Às vezes, podia até ver as multidões escuras e formigantes dos cruéis cavaleiros. As asas do abutre se estendiam horripilantemente sobre aquela região mutilada; sua sombra recobria a Europa inteira. O Destruidor surgia, outra vez, do Oriente misterioso de sombras azuladas, como seus irmãos haviam feito antes dele... Átila... Subotai... Bayazid... Mohammed O Conquistador. Todavia, nunca antes uma tormenta como aquela havia ameaçado a Europa.

Diante das asas estendidas do abutre, o caminho se cobria de fugitivos gementes. Às suas costas, vermelho e silencioso, se estendia um caminho semeado por corpos mutilados que já não gemiam mais. Os assassinos estavam a menos de meia hora a caminho, quando Gottfried Von Kaimbach, no lombo de seu exausto corcel, atravessou as portas de Viena. Desde há muitas horas, todos os que se amontoavam nas muralhas estavam ouvindo os lamentos que o vento, lugubrememente, levava até eles. Já podiam ver, à distância, como o sol se refletia nas pontas das lanças, enquanto os cavaleiros a galope se lançavam, desde as colinas até a planície que rodeava a cidade. Viram que as espadas brilhavam, como foices entre trigo maduro.

Von Kaimbach entrou numa cidade em ebulição. Os habitantes gritavam e se amontoavam ao redor do conde Nikólas Salm, o velho guerreiro de setenta anos que estava encarregado da guarnição de Viena, e seus oficiais, Roggedendrof, o conde Nikólas Zrinyi e Paul Bakics. Salm trabalhava movido por uma ânsia frenética, fazendo derrubar as casas próximas às muralhas e utilizando seus materiais para consolidar os muros, antigos e pouco consistentes. Em nenhum lugar, sua espessura ultrapassava 1m80; numerosos painéis estavam rachados e ameaçavam desmoronar. A paliçada exterior tão frágil, que batizaram-na de Stadzaun... a cerca da cidade.

Todavia, sob a agitada direção do conde Salm, os galvanizados defensores haviam edificado um novo muro, de seis metros de altura, que ia da entrada de Stuben à de Karnthner. Fossos, ao lado dos antigos, foram escavados e novas muralhas foram construídas desde a ponte levadiça até a porta de Salz. As vigas foram arrancadas dos telhados, para diminuir os riscos de um incêndio, e as lajes, levantadas para atenuar o impacto das canhonadas. Os arredores da cidade foram desocupados. Havia sido incendiados, para que não servissem de refúgio aos invasores. Durante todos aqueles preparativos, inclusive quando os akinji chegaram a galope, houve incêndios aparecendo por toda a parte, o que acrescentou maior confusão à já reinante.

Era como o inferno e o caos! Em meio àquele tumulto, cinco mil civis desafortunados — velhos, mulheres e crianças — foram implacavelmente

rechaçados pelas portas e deixados à própria sorte. Seus gritos, quando os akinji caíram sobre eles para despedaçá-los, enlouqueceram de terror aos que haviam se refugiado dentro das muralhas.

Aqueles demônios chegavam aos milhares. Atravessaram a crista das colinas para lançar seus cavalos à descida das inclinações, e se atiraram contra a cidade, em grupos desordenados, como abutres que se reúnem ao redor de um camelo moribundo.

Menos de uma hora depois da primeira onda de atacantes, não sobrava nem um só cristão vivo do lado exterior das muralhas, exceto aqueles que, presos com cordas atadas às empunhaduras das selas dos cavalos, corriam como condenados para não caírem e serem arrastados até morrer.

Os selvagens cavaleiros galoparam ao redor das muralhas, uivando e disparando flechas. Os homens postados nas torres reconheceram o terrível Mikhal Oglu, graças às asas de sua couraça. Observaram que ele ia de uma pilha de cadáveres a outra, examinando-os com avidez. Puxando as rédeas de seu cavalo, olhou interrogativamente até as barricadas.

Enquanto isso, vindo do oeste, um grupo de mercenários germanos e espanhóis havia conseguido abrir caminho, através das fileiras dos impiedosos akinji. Entraram na cidade, entre aclamações da multidão. Felipe, O Palgrave, marchava à frente deles.

Gottfried von Kaimbach, apoiando-se na espada, observou-os passar. Usavam cintilantes couraças e capacetes emplumados; longos mosquetes pendiam de seus ombros; pesadas espadas de dois gumes estavam cingidas, com tiras de couro, a suas costas recobertas de aço. Gottfried contrastava vivamente com eles, pois sua cota-de-malha estava oxidada; seu equipamento, fora de moda, meio comprado em qualquer lugar, mal enfeitado... parecia ser alguma figura vinda do passado, enferrujada e pálida, que observava o avanço de uma nova geração, mais brilhante. Entretanto, Felipe o reconheceu e saudou, quando a coluna passou junto a ele.

Von Kaimbach se dirigiu às muralhas, de onde os canhoneiros atiravam calmamente contra os akinji, que demonstravam certa disposição para se atirarem de assalto às muralhas, e lançavam cordas com nós soltos até as ameias do parapeito. Mas, enquanto avançava até seu destino, tomou conhecimento de que Salm estava recrutando nobres e soldados para cavarem fossas e empregá-los em novos trabalhos de entrincheiramento. Buscou refúgio numa taberna, a cujo taberneiro, um homem de pernas arqueadas, obrigou a vender fiado. Começou a beber e, aos poucos, chegou a um estado no qual ninguém seria capaz de lhe pedir ajuda alguma.

Canhonadas, detonações e gritos chegavam até seus ouvidos, mas lhes dava pouca atenção. Sabia que os akinji, uma vez terminado o massacre, seguiriam seu caminho para assolar a região que se estendia além da cidade. Soube, pelas conversas dos clientes da taberna, que Salm tinha vinte mil lanceiros, dois mil cavaleiros e mil voluntários — estes últimos, todos vienenses — para se oporem às armadas de Suleyman, assim como setenta peças de artilharia: canhões, bombardas e culebrinas.

As notícias sobre as forças militares do Grande Turco gelavam de terror a todos os corações... exceto o de Von Kaimbach. A seu modo, era um fatalista.

No entanto, descobriu algo de sua desaparecida consciência no ale; pouco depois, meditava sobre as pessoas a quem aqueles malditos vienenses haviam expulsado e condenado a uma morte atroz. Quanto mais bebia, mais melancólico estava; lágrimas de embriaguez pingavam das pontas de seu bigode caído.

Com um movimento incerto, finalmente se levantou e agarrou a longa espada, com a confusa intenção de desafiar o conde Salm para um duelo, por aquele problema. Acabou, com uns mugidos, com as reclamações inoportunas do taberneiro e saiu à rua, dando tombos. As torres e os campanários se agitavam vertiginosamente diante dos seus próprios olhos. Todo mundo lhe empurrava e lhe lançava para um lado, enquanto corriam em todas as direções. Felipe, O Palgrave, surgiu diante dele com um estalido de armadura; os rostos morenos e delicados de seus espanhóis contrastavam surpreendentemente com os traços duros e corados dos lansquenetes.

— Que vergonha, Von Kaimbach! — disse Felipe, severamente — Os turcos se aproximam e tu escondes o focinho dentro de um copo de ale.

— De que focinhos e de que copos de ale estás falando? — perguntou Gottfried, titubeando e descrevendo um semicírculo errático, enquanto tentava desembainhar a espada — Que o Diabo te leve, Felipe! Vou abrir seu crânio pelo que acabas de dizer...

O Palgrave já havia desaparecido. Gottfried se encontrou finalmente sobre a Torre de Karnthner, ainda que não fosse capaz de lembrar como chegara até ela. O que viu deixou-o imediatamente sóbrio. Os turcos estavam efetivamente às portas de Viena. A planície estava coberta de tendas... trinta mil, afirmavam alguns, jurando que, desde o mais alto do orgulhoso campanário da catedral de Santo Estevão, um homem não podia ver onde terminava o acampamento. Quatrocentos navios otomanos balançavam nas águas do Danúbio. Gottfried escutou como os homens amaldiçoavam a frota austríaca, ancorada e imóvel, pois seus marinheiros, que já levavam muito tempo sem receber o soldo, haviam se negado a efetuar as manobras de desatracque. Também soube que Salm não havia respondido à oferta de rendição de Suleyman.

Naquele momento, em parte para demonstrar seu poder e em parte para deixar os cáfaros impressionados de terror, o Grande Turco deu ordem a seu exército para pôr-se em marcha. Seus soldados avançavam em colunas fechadas e organizadas, desfilando diante dos muros da antiga cidade, antes de iniciar o ataque propriamente dito. Aquele espetáculo era suficiente para impressionar o mais valente dos homens. O sol, descendo lentamente no horizonte, fazia brilhar os capacetes polidos; as empunhaduras, adornadas de jóias, de seus sabres; as pontas das lanças. Era como se um rio de aço cintilante transbordasse lentamente, de maneira terrível, em frente às muralhas de Viena.

Os akinji, que normalmente formavam a vanguarda do exército, haviam seguido seu caminho. Em seu lugar, cavalgavam os tártaros da Criméia, inclinados em suas selas de empunhaduras pontiagudas e rédeas estreitas. Suas cabeças de gnomo iam protegidas por capacetes de ferro; seus corpos magros revestiam-se com carapaças de bronze e couraças de couro

envernizado. Atrás deles, avançavam os azabs, a infantaria irregular, curdos e árabes em sua maior parte, formando um grupo multicolorido e selvagem. Logo, seus irmãos, os delis — os descerebrados -, homens ferozes montados em pôneis robustos, fantasticamente adornados com peles e plumas. Os cavaleiros usavam bonetes e capas de pele de leopardo; os longos cabelos lhes caíam, despenteados e ensebados, sobre os ombros e, por cima das barbas trançadas, brilhavam-lhes uns olhos que mostravam a loucura do fanatismo e do bhang.

Seguia-lhes o grosso do exército. Primeiro, os beys e os emires, com seus próprios homens... cavaleiros e infantes dos feudos da Ásia Menor. Logo, os spahis, a cavalaria pesada, sobre magníficos garanhões. E, por último, a verdadeira força do império turco... a mais terrível organização militar do mundo... os tão temidos e odiados jenízaros.

Os homens lhes cuspiram do alto das muralhas, movidos por fúria sombria, ao reconhecerem neles os membros de sua própria raça. Pois os jenízaros não eram turcos. Salvo algumas exceções — quando pais turcos conseguiam infiltrar seus filhos entre aquelas terríveis legiões para poupá-los da vida extenuante do campo -, aqueles homens eram filhos de cristãos... gregos, sérvios, húngaros... educados desde a infância e instruídos na arte militar para poder engrossar as hostes do Islã. E os jenízaros não reconheciam a outro amo que não fosse o sultão, nem a outro ofício que não fosse massacrar.

Suas feições imberbes contrastavam vivamente com as de seus amos. Muitos tinham os olhos azuis e cabelos loiros. Mas, no rosto de todos eles, se podia ler a implacável ferocidade de sua tarefa... aquela para a qual haviam sido educados. Sob seus mantos de cor azul-escura brilhavam as mais finas cotas-de-malha; muitos deles usavam capacetes de ferro sob seus curiosos chapéus altos e pontiagudos, dos quais pendia uma peça de pano, branca e similar à manga de um vestido, pela qual passava uma argola de cobre. Longas penas de pavão adornavam igualmente os curiosos penteados.

Além das cimitarras, pistolas e adagas, cada jenízaro levava ao ombro um mosquete. Os oficiais levavam ao alcance da mão um pequeno recipiente com brasas, para acender os pavios. Percorrendo aquelas hostes rapidamente, os derviches iam e vinham, vestidos apenas com kalpaks de pele de camelo e estranhas peças de roupa verdes, com pérolas de ébano, exortando os Fiéis. Músicas militares — uma invenção turca — avançavam ao lado das colunas, entre o estalo dos timbais e a melodia dos alaúdes. Por cima daquele oceano que se enfurecia lentamente, pairavam e ondulavam as bandeiras... o estandarte púrpura dos spahis, a bandeira branca dos jenízaros com um sabre dourado de lâmina dupla, e os estandartes com caudas de cavalo dos grandes dignitários: sete o sultão, seis o Grão-Vizir, três o agha dos jenízaros.

Suleyman demonstrava sua potência daquela forma, ante os olhares indignados dos cáfaros.

Mas o olhar de Von Kaibach se fixava em outra coisa: nos grupos que penavam para prepararem a artilharia do sultão. Sacudiu a cabeça, com espanto:

— Cobras, falcões e falconetes! — grunhiu — Onde diabos está toda essa artilharia, da qual o sultão se orgulha?

— No fundo do Danúbio! — respondeu um lanceiro húngaro, com um muxoxo feroz, acompanhado a resposta com uma cuspidada — Wulf Hagen conseguiu afundar essa parte da frota do sultão. O resto de sua artilharia real ficou atolado nas planícies, dizem, por causa das chuvas. Um ligeiro sorriso eriçou os bigodes de Gottfried.

— Qual a promessa que Suleyman fez a Salm?

— Que tomará o café-da-manhã em Viena, depois de amanhã... no dia vinte e nove.

Gottfried sacudiu a cabeça lentamente.

IV

O ASSÉDIO COMEÇOU entre o rosnado dos canhões e os terríveis disparos dos mosquetes. Os jenízaros atacaram as periferias arruinadas da cidade, onde imensos pedaços de parede, ainda em pé, ofereciam um certo abrigo. Pouco depois da aurora, avançaram ordenadamente, protegidos por tropas irregulares e precedidos por uma chuva de flechas incendiárias.

Numas das pequenas torres do muro ameaçado, apoiado na grande espada e retorcendo o bigode, meditativo, Gottfried Von Kaibach observa como levaram um artilheiro da Transilvânia; seu cérebro escorria por um buraco na têmpera. Um mosquete turco havia falado muito próximo das muralhas. A artilharia de campanha berrava, como cães de roucos latidos, fazendo voar fragmentos de pedra das trincheiras. Os jenízaros avançavam, punham um joelho na terra, disparavam e recarregavam, enquanto voltavam a avançar. As balas se abatiam nas ameias e ricocheteavam, assobiando raivosas por cima das cabeças dos defensores. Um projétil espatifou-se na cota-de-malha de Gottfried, arrancando-lhe um furioso grunhido. Voltando-se para o canhão cujo utilizador havia sido morto, teve oportunidade de ver uma figura pitoresca e inesperada inclinada sobre a enorme culatra.

Era uma jovem vestida de maneira extraordinária. Mas Von Kaibach estava acostumado à extravagante indumentária das jovens elegantes do reino da França. Era alta, magnífica e, embora delgada, de uma fortaleza enorme. Por baixo do capacete de aço, escapavam uns cabelos rebeldes que lhe caíam sobre os largos ombros, como uma cascata de ouro avermelhado cintilando ao sol. Altas botas de couro cordovêes lhe chegavam até a metade da coxa e nelas levava introduzidas as largas calças. Vestia uma fina couraça anelada, de fabricação turca, enfiada entre as calças. A cintura delgada era envolvida por um largo cinturão de seda verde, no qual levava cruzadas duas pistolas e uma adaga, e do qual pendia um longo sabre de Hungria. Uma capa escarlate pendia indolentemente dos seus ombros.

Aquela surpreendente figura inclinada sobre o canhão estava apontando — com gestos que indicavam algo mais que uma familiaridade passageira — para um grupo de turcos, ocupados em manobrar a coronha de um canhão,

para ajustar o tiro.

— Ei, Sonya a Ruiva! — gritou um soldado, agitando a lança — Manda-os para o inferno!

— Confia em mim, camarada! — respondeu a jovem, aproximando o pavio aceso ao orifício da culatra — Embora eu preferisse ter Roxalena como alvo... Uma terrível detonação cobriu suas palavras; um redemoinho de fumaça cegou a todos que estavam na pequena torre. O terrível coice do canhão, carregado até a boca, lançou sua atiradora para trás. A jovem caiu de costas, mas não tardou a levantar-se como uma mola, para precipitar-se em direção aos mirantes da muralha. Vislumbrou avidamente através das nuvens de fumaça. Quando esta se dissipou, revelou os restos sanguinolentos dos canhoneiros turcos. A enorme bala, maior que a cabeça de um homem, havia se espatifado no centro do grupo que manobrava o falconete. Seus atiradores jaziam ao solo, com o crânio destruído pelo impacto ou o corpo destroçado pelos fragmentos de aço de seu canhão arrebetado. Alegres exclamações se elevaram das largas torres ameaçadas. A jovem chamada Sonya a Ruiva lançou um berro de sincera alegria e esboçou alguns passos de uma dança cossaca. Gottfried se aproximou, contemplando com uma admiração indisfarçada o esplêndido movimento dos seios da jovem, sob a leve cota de malha, a curvatura de seus largos quadris e membros perfeitos. Tinha a mesma postura que um homem, orgulhosamente plantada, com as pernas separadas e os polegares enfiados no cinturão. No entanto, tudo proclamava nela se tratava de uma mulher. Pôs-se a rir quando lhe viu. Gottfried notou, cheio de fascinação, as luzes que brilhavam em seus olhos e a cor, que mudava a cada instante. A jovem inclinou-se em direção às mechas rebeldes do cabelo, com uma mão manchada de pólvora. A Von Kaimbach surpreendeu ver a cor clara e rosada da pele dela, onde não estava suja.



— Por quê lamentou não ter Roxalena como alvo? — perguntou.

— Porque essa vadia é minha irmã! — respondeu Sonya.

Naquele momento, um grito poderoso trovejou por cima das muralhas. A jovem se sobressaltou, como uma besta selvagem, e sacou vivamente a espada, como se fosse um longo relâmpago de prata.

— Esse grito! — exclamou — Os jenízaros!

Gottfried se lançou à trincheira. Ele outrora também já havia escutado o terrível grito, capaz de gelar o sangue, dos jenízaros lançando-se ao ataque. Suleyman estava decidido a não perder tempo com aquela cidade que lhe barrava o avanço a uma Europa indefesa. Tinha em conta derrubar os frágeis muros e apoderar-se de Viena no primeiro assalto. Os bashi-bazouki — as tropas irregulares — morreram como moscas, cobrindo o avanço do grosso da armada. Os jenízaros passaram por cima de seus cadáveres e se lançaram contra Viena. Subiram em assalto, sob o disparo dos canhões e as salvas dos mosquetes, atravessando os fossos com a ajuda de escadas que usavam como pontes. Caíram às centenas ante o fogo cruzado dos canhões vienenses. Mas chegaram ao pé das muralhas. As pesadas balas dos canhões passavam assobiando por cima de suas cabeças, para causarem terríveis perdas na retaguarda de suas forças.

Os mercenários espanhóis, armados com mosquetes, apontavam quase na vertical e cobravam um imenso tributo. Mas, afinal, as escadas foram apoiadas nos muros. Os soldados, dominados por uma loucura sanguinária, começaram a subir cantando até as ameias. As flechas assobiavam, atravessando os defensores. Desde a retaguarda, as peças de artilharia turcas retumbavam, destruindo tanto aliados quanto inimigos. Gottfried, protegendo-se atrás de uma ameia, foi derrubado por um súbito e terrível impacto. Uma bala havia batido diretamente na ameia, matando repentinamente meia dúzia de defensores.

Gottfried levantou-se, meio atordoado, entre os cadáveres. Viu uma multidão humana, que subia em assalto as muralhas, faces gesticulantes e exaltadas de olhos brilhantes como os de um cão raivoso, e sabres tão cintilantes quanto os raios do sol em um lago. Separando as pernas e plantando solidamente os pés no solo, agitou a pesada espada e brandiu-a violentamente. Lhe sobressaía a mandíbula crispada, tinha o bigode eriçado pela ira. A lâmina, de um metro e meio de comprimento, afundou capacetes de aço e crânios, atravessou escudos e ombreiras de ferro. Os homens caíram das escadas, com os dedos inertes escorregando pelas traves ensangüentadas.

Mas, de ambos os lados, penetravam pelo buraco. Um grito terrível anunciou que os turcos haviam chegado ao muro. Mas nenhum homem se atreveu a abandonar seu posto para dirigir-se ao local ameaçado. Os surpresos defensores tinham a impressão de que Viena estava cercada por um cintilante e agitado oceano trovejante, que às vezes subia para inundar os muros condenados.

Recuando para não ser cercado, Gottfried grunhia e golpeava à direita e esquerda. Seus olhos já não estavam velados; ardiam sinistramente, como carbúnculos. A seus pés jaziam três jenízaros; sua espada zumbia, enfrentando uma floresta de cimitarras. Um corte resvalou sobre seu quadril, enchendo o seu olhar com trevas flamejantes. Cambaleando, contra-atacou e sentiu que sua enorme espada cortava e rompia ossos. O sangue lhe escorregava pela

mão e teve que arrancar a lâmina com um brutal movimento de torção. Um rigoroso berro retumbou e alguém correu a seu lado. Escutou o retinir das cotas de malha, ao receber o impacto de um sabre brilhante, como um raio de prata, que golpeava diante dele.

Era Sonya a Ruiva, que vinha lhe socorrer. Lutava tão feroz e perigosamente quanto uma pantera. Seus ataques sucediam-se tão rapidamente que o olhar não era capaz de segui-los; sua espada criava raios de fogo branco e os homens desmoronavam, como cereais ceifados pela foice de um camponês. Lançando um rugido surdo, Gottfried se pôs ao lado dela, violento e coberto de sangue, movimentando a espada. Diante daquele irresistível ataque, os muçulmanos tiveram que recuar. Vacilaram por um instante, na beirada do parapeito, e logo saltaram para as escadas e caíram, uivando ao vazio. Um rio de blasfêmias saía dos lábios de Sonya. Ria selvagememente, enquanto seu sabre cantava e atravessava os corpos, fazendo uma maré de sangue correr sobre as pedras. O último turco que ficou na muralha lançou um grito e deteve um golpe, quando Sonya deu-lhe um terrível corte. Soltando a cimitarra, as mãos do homem agarraram-se desesperadamente à lâmina da espada de Sonya, gotejante de sangue. Com um gemido, o homem vacilou na borda do parapeito; o sangue escorria em jatos dos dedos horivelmente rasgados. — Ide ao Inferno, tu e tua alma de cão! — disse a jovem, rindo — Que o Diabo te dê de comer!

Com um hábil giro e um movimento brutal, libertou a espada, cortando os dedos do desgraçado. Com um lamento surdo, o muçulmano caiu de costas para o vazio, de ponta-cabeça.

Os jenízaros recuaram desordenadamente. As peças de artilharia, que haviam se calado enquanto se lutava nas muralhas, voltaram a deixar ouvir sua canção. Os espanhóis, postando-se nas ameias, responderam ao fogo com seus próprios mosquetes.

Gottfried aproximou-se de Sonya a Ruiva. Blasfemando em voz baixa, a jovem limpava seu sabre.

— Por Deus, garota! — disse Von Kaimbach, estendendo a mão sólida até ela

— Se não tivesse intervindo em minha ajuda, creio que esta noite eu teria jantado no Inferno! Te agradeço por...

— Agradeça ao Diabo! — respondeu Sonya com um tom áspero, afastando-lhe a mão com um golpe seco — Os turcos já haviam subido o muro. Não pense que arrisquei minha vida para salvar a tua, colega!

Logo, virando-se com desprezo, movendo alvoroçadamente as dobras da capa, se afastou com passadas largas e abandonou as muralhas, respondendo blasfema e decididamente às piadas dos soldados. Gottfried a viu afastar-se, com o olhar confuso. Um outro homem lhe deu uma palmada amigável no ombro:

— Essa garota é um verdadeiro demônio. Pelos cravos de Cristo, é capaz de tirar de baixo da mesa o mais duro bebereão e blasfema melhor que um espanhol! Não é o que se poderia chamar de uma dona-de-casa! Atacar, combater, matar... isso é o que mais lhe satisfaz no mundo!

— Mas quem é, em nome do Diabo? — rugiu Von Kaimbach.

— Sonya, a Ruiva de Rogatino... é o que sabemos. Anda e luta como um

homem... Só Deus sabe por quê. Jura que é a irmã de Roxalena, a favorita do sultão. Se os tártaros que raptaram Roxalena tivessem levado Sonya em seu lugar, por São Pedro!... Suleyman não poderia imaginar-se com ela. Deixe-a quieta, companheiro, é uma gata selvagem! Vamos beber umas jarras de ale! Convocados pelo Grão-Vizir, os jenízaros tiveram que explicar por que razão o ataque, quando o muro havia sido alcançado num trecho, havia fracassado. Juravam que haviam tido que enfrentar um demônio, na forma de uma mulher de cabelos ruiva, ajudada por um gigante de malha enferrujada. Ibrahim deixou de lado a descrição da mulher; mas a descrição do homem despertou uma lembrança meio esquecida em sua mente. Após despedir os soldados, mandou chamar o tártaro Yaruk Khan e lhe mandou buscar Mikhal Oglu — que se encontrava na região próxima -, para que lhe perguntassem por quê não havia feito chegar à tenda real uma certa cabeça.

V

SULEYMAN NÃO TOMOU o café-da-manhã em Viena na manhã do dia vinte e nove. Se encontrava nas alturas de Semmering, diante do seu esplêndido pavilhão cheio de pináculos dourados, com sua guarda pessoal formada por quinhentos solaks, observando como suas peças de artilharia davam suaves bicadas contra os débeis muros. Via que suas tropas irregulares perdiam a vida e entupiam os fossos. Os escavadores cavavam a terra como se fossem toupeiras, colocando minas e contra-minas cada vez mais perto dos bastiões.

Na cidade, os assediados não tinham nenhum instante de repouso. As muralhas estavam, dia e noite, sempre cheias de homens. Nas covas, os vienenses vigiavam as ligeiras vibrações de umas ervilhas colocadas sobre tambores, para descobrir os trabalhos de escavação dos turcos, que cavavam sob seus muros para colocarem as minas. Assim informados, colocavam suas contra-minas, conseqüentemente. Os homens não combatiam sob a terra menos ferozmente que sobre ela.

Viena era uma ilha cristalina num mar de infieis. Noite após noite, os habitantes contemplavam o horizonte em chamas, enquanto os akinji saqueavam e devastavam o martirizado país. De vez em quando, chegavam notícias do mundo exterior... sempre levadas por escravos fugitivos que se refugiavam na cidade. E sempre eram para informar-lhes de novas atrocidades. Na Alta Áustria, não restava um terço da população viva; Mikhal Oglu estava se excedendo. E se dizia que buscava a alguém em particular. Seus assassinos lhes levavam as cabeças cortadas dos homens para logo empalá-las diante de sua tenda. Mirava avidamente os terríveis restos e, logo, com demoníaca desaprovação, despedia a seus carneiros, encarregando-lhes da missão de novos horrores.

Aqueles relatos, em vez de aterrorizar e paralisar os austríacos, lhes

inflamava, lhes galvanizava e lhes enchia de uma fúria louca, nascida do desespero. As minas saltavam e abriam novas brechas, e os muçulmanos voltavam a se lançar em assédio. Mas todas as vezes, os valorosos cristãos chegavam às fendas dos muros antes que eles. E, na furiosa luta corpo-a-corpo, com a loucura das feras selvagens, faziam pagar parte da dívida sangrenta que com eles tinham os turcos.

Setembro declinou lentamente e deu lugar a outubro. As lâminas amarelaram na Wiener Waid; os ventos começaram a soprar, carregando os primeiros frios. À noite, os sentinelas tremiam de frio no alto das muralhas, ao sentirem a mordida do gelo. Mas as tendas continuavam cercando a cidade e Suleyman continuava instalado em seu magnífico pavilhão, mirando fixamente o frágil obstáculo que obstruía todos os seus desejos imperiais. Ninguém, exceto Ibrahim, se atrevia a falar com ele. Seu humor era tão sombrio quanto as noites frias que desciam insidiosamente das colinas. O vento que gemia no exterior de sua tenda era como um canto fúnebre para suas ambições de conquistador.

Ibrahim lhe observava atentamente. Após um assalto inútil, que durara do amanhecer até o meio-dia, chamou os jenízaros e mandou-lhes que se retirassem às casas em ruínas para que descansassem. Logo, encarregou um arqueiro de disparar uma flecha a um determinado bairro da cidade, onde certas pessoas esperavam exatamente aquele feito.

Naquele dia, não houve novos ataques. As peças de artilharia, que haviam batido à Porta de Karnthner durante dias, foram deslocadas e apontadas ao norte, para martelar sobre o burgo. Quando um assalto parecia iminente naquela parte do muro, a maior parte dos defensores era enviada para lá. Mas o novo ataque não teve lugar; no entanto, os canhões, hora após hora, continuavam trovejando. Fosse qual fosse a causa, os soldados deram graças aos céus por aquela trégua. Titubearam de fadiga, esgotados pela falta de sono e exasperados pelas numerosas feridas.

Chegou a noite. A praça maior, o mercado de Am-Hof, era uma efervescência de soldados observados com inveja pelos habitantes da cidade. Acabavam de descobrir uma importante reserva de vinho nas covas de um rico mercador judeu. O judeu esperava triplicar seus lucros quando já não restasse nenhuma gota de álcool. Seus oficiais, homens quase meio-loucos, faziam rodar os barris pela praça e logo os abriam. Salm desistiu de intervir pra evitar aquela bebedeira geral. A embriaguez é preferível, sussurrou o velho soldado. Pelo menos, os homens não cairiam ao chão vencidos pelo esgotamento. Pagou ao judeu com seus próprios ducados. Os soldados desceram das muralhas como formigas, para beberem até se fartarem.

À luz das tochas e braseiros, em meio aos gritos e canções dos soldados totalmente bêbados — às quais, intermitentemente, um canhão fazia de coro -, Von Kaimbach afundou o capacete num barril e o retirou, cheio até a beirada e gotejante. Afundando o bigode no precioso líquido, se imobilizou quando seus olhos já turvos, por cima da borda do capacete, posaram numa figura orgulhosamente parada, no outro lado do tonel. Uma expressão de ressentimento se esboçou em seu rosto. Sonya a Ruiva já havia feito as honras

da casa a mais de um barril. Levava o capacete inclinado por cima dos cabelos rebeldes, andava mais altiva que nunca e seu olhar era mais zombeteiro que em outras ocasiões.

— Há! — gritou depreciativamente — Mas se não é o matador de turcos que afunda o nariz numa jarra de vinho, como sempre! Que o Diabo leve a todos os sedentos!

Dando prova de perfeito juízo, afundou, no líquido púrpura, um jarro com pedras preciosas incrustadas e o esvaziou de um trago. Gottfried ficou amargurado. Já tinha tido uma acalorada discussão com a jovem; o desprezo dela lhe havia ferido o amor-próprio.

— Por quê haveria sequer de te olhar, com a bolsa vazia e essa couraça enferrujada... — zombara a jovem, no dia anterior — Quando Paul Bakics está louco por mim? Deixa-me em paz, barril de cerveja, tonel de vinho!

— Vai-te ao Diabo! — respondera Von Kaibach — Mesmo que sua irmã seja amante do sultão, não tens porquê se mostrar tão arrogante...

Ao ouvir aquelas palavras, Sonya tivera um terrível acesso de cólera.

Afastaram-se, dirigindo-se imprecações recíprocas. Neste momento, e a julgar pelo brilho de seus olhos, Gottfried se deu conta de que a jovem tinha intenção de tornar-lhe a situação muitíssimo mais desagradável.

— Imbecil! — grunhiu Von Kaibach — Vou te afogar neste barril!

— Ah, não, tu te afogarás primeiro, bêbado! — gritou a jovem, soltando uma brutal gargalhada — Que lástima que não seja tão valente diante dos turcos, como o é diante de um barril de vinho!

— Oxalá te devorem os cães do inferno, sua raposa! — rugiu — Como vou esmagar seus crânios, quando nem sequer atacam, e basta-lhes disparar os canhões? Quer que eu tire a adaga do alto da muralha?

— Só debaixo da muralha, há milhares. — respondeu Sonya, com a loucura gerada tanto pela bebida quanto por sua natureza exaltada — Só precisa ter estômago suficiente para ir até eles!

— Por Deus! — disse o gigante, louco de raiva, sacando a espada —

Nenhuma jovem estúpida me trata de covarde, bêbado ou não! Vou sair a buscá-los, mesmo que tenha de ir só!

Um forte clamor seguiu seu bramido. A multidão, dominada pela bebida, estava disposta a uma atitude tão insensata quanto aquela. Os tonéis quase vazios foram derrubados, quando os soldados desembainharam as espadas desajeitadamente e dirigiram-se, cambaleantes, até as portas da cidade.

Wulf Hagen abriu caminho entre eles, distribuindo socos a torto e a direito.

— Detenham-nos! — rugiu — Bando de bêbados! Imbecis! Não vão sair nesse estado! Parad...!

Derrubaram-lhe e lançaram-lhe violentamente para um lado, para seguirem avançando, como uma torrente cega e privada de razão.

* * *

O amanhecer começava a se manifestar pelas colinas do leste. Um tambor começou a soar em alguma parte do estranhamente silencioso acampamento turco. Os sentinelas otomanos arregalaram os olhos e descarregaram os mosquetes para alertarem o acampamento, aterrorizados pela horda de cristãos — uns oito mil — que lançava violentamente a ponte levadiça, brandindo as

espadas e as jarras de ale. Enquanto atravessavam os fossos, com os lábios espumantes, uma enorme explosão dominou o estampido. Uma parte do muro, muito próxima da Porta de Karnthner, pareceu separar-se e começar a voar pelos ares. Um imenso clamor se elevou do acampamento turco; mas os atacantes não se deteram.

Dirigiram-se impetuosamente aos subúrbios da cidade. Lá, avistaram os jenízaros, não recém-saídos de um sono pesado, mas vestidos e armados, em pé, alinhados ordenadamente antes de atacar. Sem vacilar, lançaram-se contra as filas meio formadas dos turcos. Embora muito inferiores, sua fúria, devido à embriaguez, e sua rapidez foram irresistíveis. Diante dos machados que se abatiam loucamente e aquelas espadas que rasgavam de um modo selvagem, os jenízaros assombrados, recuaram em debandada. Os arredores da cidade se transformaram num verdadeiro matadouro. Os homens, na luta corpo-a-corpo, cortavam e talhavam, tropeçando nos cadáveres mutilados e nos membros decepados. Suleyman e Ibrahim, do alto de Semmering, assistiam à fuga dos invencíveis jenízaros, que corriam sem controle até as colinas.

No interior da cidade, os defensores trabalhavam freneticamente para reparar a grande brecha que a misteriosa explosão havia aberto no muro. Salm dava graças ao céu por aquela saída insensata. Sem aqueles bêbados, os jenízaros teriam penetrado pela brecha, antes mesmo que a poeira baixasse.

O campo turco era presa da maior das confusões. Suleyman correu até seu cavalo e gritou suas ordens aos spahis, guiando o trabalho pessoalmente. Formaram os esquadrões e logo desceram as colinas em perfeita formação. Os soldados cristãos, que continuavam perseguindo a seus inimigos em debandada, perceberam subitamente o perigo que lhes ameaçava. Os jenízaros não deixavam de correr, mas, vinda dos flancos, caía sobre eles a cavalaria que lhes impediria qualquer meio de escape. O medo substituiu a temeridade causada pela embriaguez. Começaram a retirar-se. A retirada se transformou em correria. Lançando gritos de pânico, arremessaram as armas e começaram a correr até a ponte levadiça. Os turcos seguiram-nos até os fossos, e logo tentaram perseguí-los pela ponte levadiça até as portas, que haviam sido abertas para receber os fugitivos. Sobre o planalto, Wulf Hagen e seus homens enfrentaram os perseguidores e fugiram como demônios, impedindo-lhes o avanço. A maré de fugitivos entrou com o grau de perfeição de Wulf Hagen, correndo até a segurança. A cavalaria turca caiu sobre ele como uma onda vermelha. O gigante recoberto de ferro foi devorado por um oceano de lanças. Gottfried Von Kaimbach não desejava abandonar o campo de batalha. Mas, apesar de seus amargos juramentos, foi arrastado por seus companheiros. Tropeçou e caiu; seus camaradas, dominados pelo pânico, lhe pisotearam na corrida até a ponte. Quando deixou de sentir as pisadas, levantou a cabeça e viu que se encontrava perto do fosso. Estava cercado pelos turcos; todos os seus companheiros haviam fugido. Levantando-se, correu pesadamente até os fossos e afundou na água, contra todo prognóstico, enquanto via por cima do ombro como um muçulmano se lançava atrás dele.

Voltou à superfície, cuspiendo e debatendo-se, e dirigiu-se à margem oposta, chutando e levantando tanta espuma quanto um búfalo. O sanguinário

muçulmano ia atrás dele... um corsário dos Estados berberes, tão seguro na água quanto em terra firme. O obstinado germano não havia soltado a espada, e a couraça lhe atrasava. No entanto, foi capaz de chegar à margem, à qual se agarrou sem forças e incapaz de defender-se. O corsário berbere, como uma tromba d'água, chegou até ele, com uma adaga cintilando por cima do ombro nu. Mas alguém, a seu lado, lançou uma sonora maldição. Uma mão delicada apontou uma pistola ao rosto do homem. O árabe ⁽⁹⁾ começou a berrar, quando soou o disparo; a cabeça desapareceu, transformada numa massa de tiras vermelhas. Outra mão, fina porém vigorosa, agarrou o germano pela parte de trás da couraça, antes que ele afundasse no lodo.

— Sobe à margem, beberão! — rangeu uma voz deformada pelo esforço — Não posso te levantar se não me ajuda um pouco... Deve pesar uma tonelada! Soprando, sufocado e debatendo-se na margem, Gottfried conseguiu sair do fosso, em parte por si só e em parte graças à ajuda recebida. Manifestou seus desejos de deitar-se com a boca pra baixo para jogar toda a água que havia engolido, mas seu salvador lhe incitou a levantar-se o quanto antes.

— Os turcos começam a cruzar a ponte e nossos companheiros vão fechar a porta em nossos narizes... depressa, senão estaremos perdidos! Quando cruzaram a porta, Gottfried olhou a seu redor como se despertasse de um sonho.

— Onde está Wulf Hagen? Eu o vi defender valorosamente a ponte, há alguns instantes.

— Está morto. Jaz rodeado por vinte cadáveres turcos. — lhe respondeu Sonya a Ruiva.

Gottfried sentou-se sobre os escombros de um muro derrubado.

Impressionado, esgotado e ainda atordoado pelos vapores do álcool e pela fúria guerreira, afundou o rosto nas enormes mãos e começou a soluçar.

Sonya, com ar visivelmente aborrecido, lhe deu um pontapé.

— Em nome de Satanás, camarada, não fique aí sentado feito um estudante que acabou de levar um açoite. Você e todo esse bando de bêbados se comportaram como um grupo de imbecis, mas já é tarde para remediar. Vem, vamos beber umas jarras de ale na taberna.

— Por quê me tirou do fosso? — perguntou Gottfried.

— Porque um tipo como você não é capaz de sair sozinho de seus próprios problemas. Me dei conta, já faz tempo, que precisas de alguém experiente, como eu, para manter viva a sua velha pele.

— Mas pensei que você me desprezasse!

— Bom, acaso uma mulher não tem direito de mudar de opinião? — respondeu Sonya, secamente.

Desde as muralhas, os lanceiros rechaçaram os enfurecidos muçulmanos e lhes expulsaram da fenda meio reparada. No pavilhão real, Ibrahim explicava a seu amo que o Diabo havia inspirado, sem a menor dúvida, aquela saída de soldados bêbados no momento exato para arruinar os planos tão cuidadosamente preparados pelo Grão-Vizir. Suleyman, louco de raiva, dirigiu-se a seu amigo com voz cortante pela primeira vez na vida:

— Não. Tens fracassado. Acabemos com suas intrigas. Ali, onde a astúcia tem se mostrado vã, a força bruta prevalecerá. Envia um mensageiro aos akinji;

sua presença é necessária para substituir os que caíram. Ordene que os exércitos ataquem de novo.

VI

OS ASSALTOS PRECEDENTES não foram nada, comparados com a tormenta que abateu-se naquele momento sobre as cambaleantes muralhas de Viena. Dia e noite, os canhões trovejavam e soltavam chamas. As bombas explodiam nos tetos das casas e nas ruas. Não havia quem pudesse substituir os que morriam nas muralhas. O espectro da fome espreitava nas ruas. O medo da traição se arrastava pelos becos como se fosse uma capa sombria. Minuciosas investigações permitiram determinar que a carga de explosivos que destruíra em parte o muro de Karnthner, não havia sido obra dos escavadores turcos. Instalara-se uma quantidade considerável de pólvora sob o mesmo muro, numa galeria escavada desde uma cova cuja localização se ignorava, no interior da cidade. Um ou dois homens, trabalhando secretamente, seriam suficientes para colocar a mina. Ficava evidente que o bombardeio intensivo do Burgo estava destinado unicamente a desviar a atenção do muro de Karnthner, para permitir aos traidores trabalharem sem correr o risco de ser descobertos.

O conde Salm e seus oficiais faziam frente a uma tarefa de Titãs. O velho comandante, dando provas de uma energia sobre-humana, subia às muralhas, estimulava os homens desmoralizados (⁽¹⁰⁾), socorria os feridos, combatia ao lado dos soldados mais simples, enquanto a Morte golpeava implacavelmente. Mas, se a Morte jantava nas muralhas, também jantava na planície. Suleyman conduzia seus homens ao assalto, tão implacavelmente como se estivesse diante do seu pior inimigo. A peste estava entre eles, pois a planície devastada não produzia nada para comer. Os ventos frios desciam uivando dos Cárpatos e os soldados se limitariam a seus adornos orientais. Durante as noites geladas, as mãos dos sentinelas se congelavam e o frio lhes maltratava os dedos nos canhões e mosquetes. O solo ficou duro como pedra; os escavadores sofriam para poder cavar com as ferramentas cegas. A chuva, misturada com granizo, caía, apagando as velas, molhando a pólvora, transformando a planície que cercava a cidade num buraco enlodado, no qual o odor dos cadáveres em decomposição dava náuseas aos vivos. Suleyman tremia, como se estivesse sendo dominado pela febre, enquanto passeava o olhar pelo acampamento. Via seus guerreiros esgotados e intratáveis, arrastando-se pela planície de barro. Pareciam fantasmas sob um lúgubre céu de chumbo. O fedor dos soldados mortos — que se podia contar aos milhares — chegava até suas narinas. Naquele exato momento, o sultão teve a impressão de contemplar uma planície recoberta de mortos, onde os cadáveres de corpos sem vida se dedicassem a alguma tarefa inútil, deslocando-se lentamente, animados somente pela vontade inexorável de seu amo. Durante

um momento, o tártaro — a herança de seus antepassados — dominou o turco. Tremeu de medo. Logo, suas finas mandíbulas contraíram-se. Os muros de Viena cambaleavam vertiginosamente, estragados e fendidos em uns vinte lugares. Por quê ainda resistiam?

— Toque de assalto. Trinta mil aspros ao primeiro homem que chegar às muralhas!

O Grão-Vizir abriu os braços, num gesto de impotência.

— Nossos soldados têm perdido sua valentia. Já não conseguem suportar as inclemências deste país gelado.

— Pois que os enviem aos pés das muralhas a chicotadas! — respondeu Suleyman, com um tom feroz — Essa cidade é a porta que abre o Frankistan. É o último obstáculo para meus sonhos de império. Devemos nos apoderar dela. Só assim teremos o caminho livre!

Os tambores começaram a retumbar por todo o acampamento. Os extenuados defensores da Cristandade se ergueram e empunharam as armas, galvanizados, compreendendo instintivamente que o momento do combate decisivo havia soado.

Os oficiais do sultão conduziram as hostes muçulmanas até os mosquetes que rugiam e às espadas dispostas a golpear. Os chicotes estalavam e os homens uivavam e blasfemavam de um lado a outro da linha de batalha. Exasperados, subiram em assalto às muralhas meio derrubadas, coalhadas de imensas brechas, mas, no entanto, ainda capazes de proteger homens decididos. Carga após carga, os turcos lançaram-se contra a cidade, cobriram os fossos, estatelaram-se contra as muralhas meio caídas. Todas as vezes recuaram, deixando pilhas de mortos atrás deles. A noite caiu, mas passou inadvertida. No meio das trevas, iluminadas por relâmpagos do canhão e o brilho das tochas, a batalha continuou. Impelidos pela terrível vontade de Suleyman, os atacantes lutaram durante a noite inteira, sem obedecer à tradição muçulmana. A aurora foi como a do Armagedon. Diante dos muros de Viena, se estendia um tapete de mortos vestidos com aço. Suas plumas ondulavam ao vento. E, entre os cadáveres, titubeavam os atacantes, com os olhos afundados, para lutar corpo-a-corpo contra os tenazes defensores.

As ondas de aço golpeavam e se arrebetavam, e voltavam a se arrebetarem, até que os próprios deuses ficassem estupefatos ante a tenacidade daqueles homens, por sua indiferença diante dos sofrimentos ou da morte. Era o Armagedon das raças... Ásia contra Europa. Ao redor das muralhas, agitava-se um oceano tumultuoso de rostos orientais... turcos, tártaros, curdos, árabes, corsários berberes... grunhindo, berrando e morrendo sob as trovejantes salvas dos mosquetes dos espanhóis, as lanças dos austríacos, os golpes dos lansquenets germanos que manejavam suas espadas de lâmina dupla como se fossem foices. Mas, os que defendiam os muros não eram mais valorosos que os que se lançavam ao ataque, tropeçando em seus próprios mortos.

Para Gottfried Von Kaimbach, a vida havia se reduzido a uma coisa apenas: subir e descer a pesada espada. Defendendo a extensa brecha próxima à Torre de Karnthner, lutou até que o Tempo perdeu todo seu significado. Durante longos séculos, rostos raivosos surgiram diante dele, gesticulantes, caras de demônios; as cimitarras cintilavam eternamente ante seu olhar. Não sentia os

ferimentos, nem a extrema fadiga. Ofegando em meio à poeira sufocante, cego pelo suor e pelo sangue, entregava à Morte seu rubro tributo, notando apenas que, a seu lado, uma figura esbelta como uma pantera descia a arma e golpeava... no início com risadas, imprecações e cantos... logo, em meio a um opressivo silêncio.

Sua identidade como indivíduo desapareceu naquele cataclismo de aço. Por um momento, teve vaga consciência de que o conde Salm, que lutava próximo a ele, era mortalmente alcançado por uma bomba que explodiu no parapeito. Não se deu conta que a noite deslizava insidiosamente sobre as colinas, nem percebeu até o final que a maré de atacantes vacilava, diminuía e logo se retirava. Só se deu conta, de maneira confusa, que Nikolás Zrinyi lhe apartava da brecha cheia de cadáveres, dizendo-lhe:

— Em nome de Deus, camarada, vá dormir um pouco. Nós os rechaçamos... ao menos por enquanto.

Descobriu que andava por uma rua estreita, tortuosa, escura e remota. Não tinha a menor idéia de como havia chegado até lá. Parecia lembrar vagamente de uma mão que se apoiava em seu ombro, sustentando-o e guiando-o. Sentia o peso da armadura em seus ombros exaustos. Não saberia dizer se o ruído que ocupava seus ouvidos era o rugido de um canhão ou o sangue que lhe latejava nas têmporas. Tinha a impressão de que devia começar a procurar alguém... alguém que lhe importava muito. Mas, em seu espírito, não havia outra coisa além de confusão. Em algum lugar, em algum momento — parecia tão distante —, um golpe havia lhe atingido o capacete. Enquanto se esforçava para raciocinar, pareceu sentir novamente o impacto daquele golpe terrível, e foi dominado pela vertigem. Tirou o capacete amassado e o atirou aos paralelepípedos da ruela.

A mão voltou a puxar-lhe o braço. Insistentemente, uma voz lhe suplicou:

— Vinho, senhor... beba, beba!

Se deu conta vagamente de uma delgada silhueta, revestida com uma negra couraça, que lhe estendia um copo. Com uma exclamação áspera, o tomou e afundou a cara no líquido, bebendo-o como um homem que morre de sede. Algo explodiu em seu cérebro. A noite encheu-se com um milhão de relâmpagos brilhantes, como se uma pólvora tivesse explodido em sua cabeça. Logo, chegaram as trevas e o esquecimento.

Recobrou lentamente os sentidos, consciente de uma sede torturadora, uma violenta dor de cabeça e um extremo cansaço que parecia paralisar-lhe os membros. Tinha os pés e os pulsos fortemente amarrados; estava amordaçado. Torcendo a cabeça para os lados, viu que se encontrava numa pequena habitação, simples e poeirenta, da qual partia uma escada espiralada, feita de pedra. Deduziu que se encontrava na parte inferior de uma torre.

Dois homens se inclinavam sobre uma mesa de feitio tosco, na qual haviam colocado uma vela, cheia de fuligem. Os dois eram esguios e tinham o nariz aquilino; vestiam trajes negros... asiáticos, sem sombra de dúvida.

Gottfried estava atento à conversa em voz baixa que mantinham. Havia aprendido numerosos idiomas ao longo de suas correrias. E pôde reconhecer os dois homens... Tshoruk e seu filho, Rhupen, comerciantes armênios.

Lembrou que tinha visto Tshoruk muito freqüentemente ao longo da semana

anterior... de fato, desde o dia em que os bombardeios de Suleyman apareceram no campo de batalha. Evidentemente, o mercador seguira-o como uma sombra por alguma razão desconhecida. Tshoruk estava lendo o que escrevera num pedaço de pergaminho.

— Meu senhor, embora tenha saltado o muro de Karnthner num momento pouco propício, tenho, no entanto, boas notícias para dar-te. Meu filho e eu capturamos o germano Von Kaimbach. Enquanto se afastava das muralhas, esgotado pelos combates, o seguimos e logo o guiamos sutilmente até a torre em ruínas, no lugar que tu já conheces. Fizemos-no beber um vinho drogado e o amarramos convenientemente. Que meu senhor envie o emir Mikhal Oglu até o muro que ergue-se perto da torre e o colocaremos em tuas mãos. Vamos atá-lo à antiga ameia e jogá-lo por cima do muro como se fosse um tronco. O armênio tomou uma flecha e começou a enrolar o pergaminho ao redor da haste. O amarrou com um delgado fio de prata.

— Suba ao teto e dispare a flecha em direção às peles, como de costume — ele dizia a seu filho Rhupen, quando este, interrompendo-lhe, falou:

— Escute! — e ambos se deteram. Seus olhos brilhavam como os das bestas daninhas caídas numa armadilha... temerosos, porém vingativos.

Gottfried conseguiu fazer a mordança escorregar, com movimentos da boca.

Ouviu uma voz familiar, que lhe chamava de fora.

— Gottfried! Onde diabos está você?

Von Kaimbach lançou um rugido de leão.

— Ei, Sonya! Em nome do Diabo! Fique atenta...!

Tshoruk grunhiu como um lobo e lhe golpeou selvagememente a cabeça com o punho de uma cimitarra. Quase imediatamente, a porta desmoronou e se estilhaçou em pedaços. Como num sonho, Gottfried viu a silhueta de Sonya, a Ruiva, destacando-se na moldura da porta, empunhando uma pistola. Tinha aspecto duro e anti-social; seus olhos ardiam como brasas. Havia perdido o capacete e também o manto escarlate. Sua cota-de-malha estava esfarrapada e cheia de manchas escuras, as botas arranhadas, as calças de seda rasgadas e cobertas de sangue.

Tshoruk grasnou e se lançou contra ela, brandindo a cimitarra. Antes que pudesse golpear, Sonya a Ruiva bateu o cano da pistola vazia contra o crânio do armênio, que caiu como um boi. Do outro lado, Ruphen tentou apunhalá-la com uma adaga turca de lâmina curva. Largando a pistola, Sonya a Ruiva agarrou o jovem oriental pelo antebraço. Atuando como num sonho, obrigou irresistivelmente o seu adversário a recuar, com uma mão no pulso e a outra na garganta. Enquanto lhe estrangulava lentamente, golpeou a cabeça do jovem armênio contra o muro várias vezes... de maneira implacável. Os olhos de Ruphen não demoraram em convulsionarem-se, e seu olhar vitrificou. Soltou-lhe como se fosse um fardo e o mercador ficou estendido, de corpo inteiro, no solo, imóvel.

— Viva Deus! — murmurou com voz áspera.

Sonya a Ruiva vacilou por alguns instantes no centro da moradia, levando as mãos às têmporas. Logo, aproximou-se de Gottfried e, deixando-se cair de joelhos, começou a cortar-lhe as amarras. Seus gestos eram rudes e a faca cortou tanto as ataduras quanto a pele do germano.

— Como conseguiu me achar? — perguntou enquanto se levantava, ainda atordoado. Sonya a Ruiva cambaleou até a mesa e deixou-se cair sobre uma das cadeiras. Havia um jarro de vinho perto de seu cotovelo. O pegou avidamente e o bebeu de um gole. Limpou a boca com a manga da jaqueta e, em seguida, percebeu em Gottfried um ar de cansaço. Mas, todavia, não demorou muito em recuperar seu vigor.

— Te vi deixar as muralhas e lhe segui. Estava tão esgotada pela batalha, que só me dava conta do que fazia. Vi como esses cães lhe seguravam pelo braço e lhe levavam pelas ruelas desertas. Logo, deixei de vê-lo. Mas encontrei seu capacete, atirado na rua. Comecei a lhe chamar. Que diabos significa tudo isto?

Tomou a flecha abandonada sobre a mesa, e seu olhar arregalou-se ao ver o pedaço de pergaminho, atado à haste. Evidentemente, era capaz de decifrar a escrita turca; todavia, teve que ler a mensagem meia dúzia de vezes, antes que sua mente, atordoada pelo cansaço, descobrisse o que significava. Seu olhar se dirigiu imediatamente — e perigosamente — aos homens que estavam no chão. Tshoruk estava recobrando-se e meio se sentou, ainda atordoado. Apalpou delicadamente a ferida no couro cabeludo. Rhupen estava estendido no chão, vomitando e gemendo.

— Amarre-os, companheiro. — ordenou Sonya a Ruiva; e Gottfried obedeceu.

Os dois armênios se deixaram atar as mãos sem dizer uma palavra. Pareciam aterrorizados pela presença de Sonya a Ruiva.

— Esta missiva está dirigida a Ibrahim, o Grão-Vizir. — disse bruscamente a jovem — Por quê ele quer a cabeça de Gottfried?

— Por um ferimento que ele fez no sultão, em Mohacs. — murmurou Tshoruk, desassossegado.

— E foste tu quem fez atravessar a mina sob o muro de Karnthner. — declarou Sonya a Ruiva, com um sorriso sem alegria — Tu e teu infame rebento... vós sois os traidores que buscávamos! São piores que cachorros! Do cinturão sacou uma pistola e carregou-a.

— Quando Zrinyi estiver a par de tudo isto... — continuou — Teu fim não será doce nem rápido. Mas primeiro, porco velho, terei o prazer de estourar os miolos do teu filho... diante de seus próprios olhos...

O velho armênio lançou um grito estrangulado.

— Deus dos meus ancestrais, piedade! Mate-me, torture-me... mas perdoa o meu filho!

Naquele instante, um novo ruído rasgou o silêncio anormal... uma grande manifestação de algo aos quatro ventos.

— O que é isso? — rugiu Gottfried, levando a mão à bainha vazia.

— Os sinos de Santo Estevão! — gritou Sonya a Ruiva — Proclamando nossa vitória!

Laçou-se à escada tortuosa. Gottfried seguiu-a até o alto dos perigosos degraus. Saíram num teto meio arruinado e com numerosos buracos. Na parte mais sólida, havia uma antiga máquina de guerra que servia para lançar pedras, uma relíquia dos tempos passados. Era evidente que havia sido consertada há não muito tempo.

A torre dominava um ângulo da muralha no qual não havia vigilantes. Uma placa de muro antigo, um fosso e um declive natural daquele terreno faziam dele um lugar quase invulnerável.

Os espiões podiam trocar mensagens dali, sem grande risco de serem descobertos, e era fácil entender por qual meio. Na parte baixa da ladeira, erguia-se um enorme conjunto de mantas, formado por peles de touro armadas sobre uma estrutura de madeira e que parecia abandonado ao azar. Gottfried compreendeu que as flechas com mensagens eram disparadas até aquelas mantas.

No momento, todavia, não deu importância àquele assunto. Toda a sua atenção concentrava-se no acampamento turco. Nele, uma crescente luminosidade empalidecia as primeiras luzes da aurora; acima do louco tangido dos sinos, erguia-se o som do crepitar das chamas, ao qual se misturavam gritos do mais absoluto terror.

— Os jenízaros estão queimando vivos os seus prisioneiros! — exclamou Sonya a Ruiva.

— O amanhecer do Juízo Final. — murmurou Gottfried, horrorizado com o espetáculo que observava.



Desde a beira do rio, podia-se ver quase toda a planície. Sob um céu plúmbeo, cinza e frio, tingido por uma aurora púrpura, a chapada estava coalhada de cadáveres turcos, até onde a vista podia alcançar.

E o exército de sobreviventes se dispersava rapidamente. O grande pavilhão de Suleyman, nas alturas de Semmering, havia desaparecido. As demais tendas estavam sendo rapidamente desmontadas e dobradas. A cabeça daquela longa coluna já havia desaparecido à distância, avançando até as colinas, naquela aurora gelada.

A neve começou a cair em flocos finos.

— Lançaram seu último assalto na noite passada. — disse Sonya a Ruiva a Von Kaimbach — Vi como seus oficiais lhes açoitavam e como gritavam de medo ante nossas espadas. São seres de carne e osso... já estavam no limite de suas forças.

A neve continuou caindo.

Os jenízaros, loucos de raiva, se vingavam em seus prisioneiros. Lançavam às chamas homens, mulheres e crianças — vivos -, ante o olhar sombrio de seu amo, o monarca a quem chamavam o Magnífico, o Misericordioso. E, durante a horrível matança, os sinos de Viena não deixaram de soar, como se suas gargantas de bronze fossem explodir.

— Olhe! — gritou Sonya a Ruiva, agarrando seu colega pelo braço — os akinji formam a retaguarda!

Mesmo àquela distância, podiam ver duas asas de abutre, indo e vindo entre as massas escuras de soldados; a luz vacilante refletia-se sobre um capacete coalhado de jóias. As mãos manchadas de pólvora de Sonya a Ruiva se crispavam; suas unhas rotas e estragadas afundaram nas palmas de suas mãos. Cuspiu um juramento cossaco tão corrosivo quanto uma gota de vitríolo.

— Que se vá esse bastardo, que fez da Áustria um deserto! As almas de todos aqueles a quem massacrou não parecem pesar-lhe muito nos malditos ombros alados! De qualquer forma, não leva sua cabeça, velho amigo!

— Enquanto ele viver, nunca estará muito segura sobre meus ombros. — sussurrou o gigantesco germano.

Os olhos penetrantes de Sonya transformaram-se subitamente numa linha estreita. Pegando Gottfried pelo braço e arrastando-o atrás dela, desceu os degraus da escada quebrada de quatro em quatro. Não viram Nikolás Zrinyi e Paúl Bakics saírem a galope pelas portas da cidade, seguidos por seus homens vestidos de farrapos, arriscando a vida para irem salvar os prisioneiros. O estalar do aço retumbava ao longo de toda a coluna. Os akinji se retiravam lentamente, livrando um feroz combate na retaguarda. Desprezaram a coragem impetuosa de seus atacantes, apoiando-se em sua superioridade numérica. Seguro em meio a seus cavaleiros, Mikhal Oglu sorria sarcasticamente. Suleyman, que avançava no centro da coluna principal, não sorria. Seu rosto parecia a máscara da morte.

Após descer da torre em ruínas, Sonya colocou um pé na cadeira e, logo, o queixo na concavidade da mão, mirando fixamente os olhos, crivados de terror, de Tshoruk.

— O que daria para salvar a vida?

O armênio não respondeu.

— O que daria para salvar a vida de seu filho?

O armênio sobressaltou-se como se lhe houvessem picado.

— Perdoa meu filho, princesa. — gemeu — Te pagarei... tudo o que quiseres... farei qualquer coisa.

Sonya, a Ruiva, passou elegantemente uma perna por cima da cadeira e sentou-se.

— Quero que leve uma mensagem a um homem.

— Quem é esse homem?

— Mikhal Oglu.

O mercador tremeu e passou a língua pelos lábios.

— Diga-me o que devo fazer e serás obedecida. — sussurrou.

— Perfeito. Vamos soltar-lhe e dar-lhe um cavalo. Seu filho ficará conosco como refém. Se fracassares em sua missão, entregarei-o aos vienenses para que se distraíam bastante...

O velho armênio voltou a estremecer.

— Mas, se cumprir corretamente com sua missão, deixaremos os dois livres, e eu e meu colega nos esqueceremos de sua traição. Quero que se reúna o quanto antes com Mikhal Oglu e diga a ele que...

* * *

A coluna turca avançava pela lama lentamente, entre os redemoinhos de neve. Os cavalos inclinavam as cabeças sob o impulso das rajadas de vento gelado. De um lado a outro das linhas espalhadas, os camelos gritavam e gemiam; os bois mugiam tristemente. Os homens escorregavam no barro, dobrando as costas sob o peso de suas armas e equipamento. A noite caía, mas não se deu nenhuma ordem pra pararem. Durante toda a jornada, o exército em retirada havia sido fustigado pelos audazes escudeiros austríacos, que caíram sobre eles como vespas, libertando os cativos diante de seus próprios narizes. Suleyman avançava entre seus solaks com o rosto sério. Desejava pôr, entre ele e os lugares que haviam presenciado sua primeira derrota, a maior distância possível, pois só assim poderia esquecer que neles apodreciam os corpos de trinta mil muçulmanos, que lhe lembravam que suas ambições haviam reduzido-se a nada. Era o senhor da Ásia Ocidental, mas nunca seria o dono da Europa. Aquelas débeis e desprezadas muralhas haviam salvado o mundo ocidental da dominação muçulmana, e Suleyman o sabia. Os tronos da potência otomana ressoavam por todo o mundo, fazendo empalidecer o esplendor da Pérsia e da Índia mongol. Mas no Ocidente, os bárbaros arianos de cabelos loiros continuavam invictos. Não estava escrito que o Grande Turco pudesse reinar além do Danúbio.

Suleyman vira que aquilo se escrevia com letras de fogo e sangue, enquanto estava nas alturas de Semmering e assistia à debandada de seus guerreiros, que fugiram das muralhas, apesar das chicotadas cruéis de seus oficiais. Para preservar sua autoridade, tivera que dar ordens de levantar o acampamento... e aquilo lhe queimou a língua como se fosse fel, mas seus soldados estavam no limite e a ponto de desertar. Avançava em silêncio, ruminando pensamentos sombrios, sem sequer dirigir a palavra a Ibrahim. A seu modo, Mikhal Oglu compartilhava o selvagem desconsolo de seu amo. Foi com feroz repugnância que deu as costas ao país que havia devastado, como se ele próprio fosse uma pantera que, meio saciada, tem que renunciar a uma presa. Recordava com satisfação as ruínas carbonizadas das aldeias, as ruas cheias de cadáveres, os gritos dos homens torturados... os gritos das jovens que se retorciam em seus braços de aço. E recordava, com o mesmo prazer, os estertores daquelas mesmas mulheres, entregues às mãos manchadas de sangue de seus assassinos.

Todavia, estava decepcionado e atormentado pela idéia de não ter cumprido sua missão... o Grão-Vizir estava furioso e lhe dirigira palavras ferinas. Havia perdido o apoio de Ibrahim. Para um homem menos importante, aquilo

representaria o machado do carrasco. Para ele, significava que precisaria realizar alguma tarefa meritória para, com ela, poder ganhar novamente a confiança do vizir. Naquele estado mental, era um homem tão perigoso e temerário quanto uma pantera ferida.

A neve caía a grandes flocos, tornando a retirada ainda mais penosa. Os homens feridos caíam na lama para não voltarem a levantar-se, cobertos rapidamente por um grosso e branco sudário. Mikhal Oglu avançava com as últimas filas de guerreiros, examinando atentamente as trevas. Desde há várias horas, nenhum inimigo aparecera diante deles. Os austríacos vitoriosos haviam dado meia-volta e regressado a Viena.

As colunas em retirada atravessaram lentamente uma cidade em ruínas. As vigas carbonizadas e os muros, destruídos pelas chamas, formavam sob a neve uma planta escura. Se transmitiu até a retaguarda a notícia de que o sultão desejava continuar avançando e acampar num vale, situado a poucas léguas de distância.

O rápido eco de uns cascos sobre a rota que seguiam fez com que os akinji agarrassem firmemente as lanças e lançassem olhares penetrantes às trevas, estreitando as pálpebras. Mas, era o galope de um só cavalo e escutaram uma voz que perguntava por Mikhal Oglu. Com uma ordem brutal, o Abutre conteve o tiro de uma dúzia de arcos e respondeu. Um grande garanhão cinza surgiu entre os redemoinhos de neve; uma silhueta envolta num manto negro inclinava-se grotescamente sobre o lombo do cavalo.

— Tshoruk! És tu, cão armênio! Por Alá, que eu...!

O armênio conduziu seu cavalo até Mikhal Oglu e lhe sussurrou algo ao ouvido, com aparência inquieta. O frio atravessava as roupas mais grossas. O akinji notou que o armênio tremia violentamente. Os seus dentes batiam e não era capaz de outra coisa, senão falar atropeladamente. Entretanto, os olhos do turco começaram a relampejar, quando escutou a mensagem inteira.

— Cão, não está contando uma mentira?

— Que eu queime no Inferno se minto! — Um violento tremor sacudiu Tshoruk, ao pensar que podia arder envolto em seu próprio cáftan — Caiu do cavalo ao efetuar, com os escudeiros, uma incursão contra vossa retaguarda. Está deitado, com uma perna rota, numa cabana abandonada, a três léguas daqui... está sozinho com sua amante Sonya, a Ruiva, e três ou quatro lansquenetes. Estão totalmente bêbados... beberam todo o vinho que haviam encontrado no acampamento abandonado.

Mikhal Oglu girou o cavalo, com uma rápida decisão.

— Vinte homens comigo! — berrou — Que os demais continuem na coluna principal. Vou buscar uma cabeça que vale seu peso em ouro. Os alcançarei antes que vocês tenham montado o acampamento.

Othman seguiu o cavalo de seu amo pelas rédeas cobertas de pedras preciosas.

— Perdeste a razão? Voltar atrás, quando toda a região segue nossos passos... Cambaleou na sela quando Mikhal Oglu golpeou-lhe a boca com o chicote. O Abutre fez girar seu cavalo e afastou-se a galope, seguido pelos homens a quem havia destacado. Como fantasmas, desapareceram nas trevas insanas. Othman lhes viu afastarem-se na noite, indecisos. A neve continuava caindo,

o vento gemia lugubrememente pelos galhos nus. Não havia mais ruídos além dos que produzia a coluna que caminhava lentamente através da cidade em ruínas. Logo, não havia nem sequer aqueles. Othman sobressaltou-se. De longe, procedentes do caminho que acabaram de seguir, chegaram os berros de quarenta ou cinqüenta mosquetes, disparando ao mesmo tempo. No extremo silêncio que seguiu às detonações, Othman e seus guerreiros sentiram-se dominados pelo terror. Dando a volta freneticamente, fugiram da cidade em ruínas para unirem-se à horda que se retirava.

VII

A NOITE CAÍA SOBRE Constantinopla, mas ninguém percebia, pois o esplendor que Suleyman dava à noite tornava-a tão gloriosa quanto o dia. Nos jardins, que eram uma abundância de flores e perfumes, os braseiros cintilavam como milhões de vagalumes. Os fogos-de-artifício transformavam a cidade num reino de magia, no qual erguiam-se os minaretes de quinhentas mesquitas, como as torres de fogo no seio de um espumante oceano de ouro. Sobre as colinas da Ásia, os povos tribais observavam com a boca aberta, perguntando-se o que seria aquele resplendor que palpitava e atemorizava o leão, fazendo empalidecer até as estrelas. Inúmeras multidões, todas adornadas com trajes de festa e gala, apertavam-se pelas ruas de Istambul. As luzes brilhavam aos milhões, nas gemas que adornavam os turbantes e os khalats listrados... sobre os negros olhos que cintilavam por cima de véus diáfanos... sobre os palanquins adornados que escravos de pele de ébano levavam nos ombros gigantesco.

Todo aquele esplendor emanava do Hipódromo onde, em pomposos espetáculos, os cavaleiros do Turquestão e da Tartária competiam com os do Egito e Arábia em corridas de tirarem o fôlego, onde guerreiros vestidos com armaduras brilhantes se enfrentavam e derramavam sangue sobre a arena, onde homens armados com uma simples espada enfrentavam feras selvagens: leões e tigres de Bengala, e gigantesco javalis das selvas nórdicas.

Contemplando aquelas cenas grandiosas, podia-se crer que o mais fausto da Roma Imperial havia sido ressuscitado, com uma decoração oriental.

Num trono de ouro, colocado sobre duas colunas de lápis-lazúli, Suleyman sentava-se indolentemente, passeando o olhar por aqueles esplendores, como os imperadores romanos de toga púrpura haviam feito antes dele. Ao seu redor, se prostravam seus vizires e oficiais, os embaixadores das cortes estrangeiras... Veneza, Pérsia, os kanatos de Tartária. Todos estavam lá... inclusive os venezianos... para felicitá-lo por sua vitória sobre os austríacos. Porque aquela grande festa era para celebrar uma vitória, como havia sido anunciado num edital escrito de próprio punho pelo sultão. Nele, dizia que os austríacos haviam se submetido e pedido perdão de joelhos, mas que, como os reinos da Germânia estavam tão distantes do Império Otomano, 'os Fiéis não

viam nenhum sentido em limpar a fortaleza de Viena, purificá-la, reconstruí-la e embelezá-la'. Por aquela razão, o sultão havia aceitado a simples submissão dos desprezíveis germanos e lhes haviam permitido que continuassem desfrutando de sua miserável fortaleza.

Suleyman cegava os olhos do mundo com o brilho de suas riquezas e de sua glória, e tentando convencer a si mesmo que realmente havia conseguido o tanto que desejava fazer. Não fora vencido no campo de batalha; havia posto uma marionete no trono da Hungria; havia devastado a Áustria; os mercados de Istambul e da Ásia eram uma multidão de escravos cristãos. Havia embalsamado seu orgulho ferido e esquecido deliberadamente que trinta mil de seus súditos apodreciam diante das muralhas de Viena, e que seus sonhos de conquistar a Europa jaziam no chão.

Atrás do trono brilhante, os troféus de guerra... estandartes de seda e veludo arrancados dos persas, dos árabes, dos mamelucos do Egito; tapeçarias sem preço, tecidas a fio de ouro. A seus pés se amontoavam os presentes e tributos dos príncipes aliados e vassalos. Túnica de seda de Veneza, taças de ouro com gemas incrustadas procedentes da corte do Grande Mongol, caftáns bordados a ouro de Erzeroum, jades talhados de Cathay ⁽¹¹⁾; armaduras de prata da Pérsia, adornadas com crinas de cavalo; turbantes do Egito, nos quais as gemas foram habilmente engastadas; curvas espadas de aço temperado de Damasco, mosquetões de prata lavrada de Kabul, couraças e escudos de aço indiano, peles preciosas da Mongólia.

O trono estava rodeado, de um lado a outro, por uma longa fileira de jovens escravos, atados com coleiras de ouro a uma longa corrente de prata. Uma fileira estava formada por homens, gregos e húngaros; a outra, por mulheres. Só vestiam toucas de plumas e adornos com jóias, para ressaltar sua nudez. Eunucos de vestidos flutuantes, com os corpos barrigudos cingidos por cordões de fios de ouro, se ajoelhavam e ofereciam sorvetes em cálices com pedras preciosas, refrescados com neve trazida das montanhas da Ásia Menor, aos hóspedes reais. As tochas bailavam e oscilavam ao compasso dos rugidos da multidão. Os cavalos passavam a galope diante das arquibancadas, voava a espuma de suas bocas entreabertas. No centro da arena, castelos de areia eram presa das chamas quando os jenízaros praticavam suas simulações de batalha. Os oficiais iam e vinham entre a multidão, que gritava feliz, atirando peças de prata como se fossem gotas de uma resplandecente chuva. Naquela noite, ninguém tinha fome nem sede em Istambul... exceto os miseráveis prisioneiros cáfaros.

Os enviados estrangeiros ficaram vivamente impressionados, estupefatos ante aquele oceano de esplendor e a explosão da magnificência imperial. Ao redor da imensa arena, avançavam pesadamente os elefantes, seus corpos desaparecendo sob carapaças de cobre e ouro; das torres adornadas com jóias, plantadas em seus lombos, os músicos entoavam músicas folclóricas de guerra e, junto ao ressoar das trombetas, rivalizavam com o clamor da multidão e o rugido dos leões. As arquibancadas do Hipódromo estavam cobertas por um mar de rostos, todos voltados para a figura coberta de pedras preciosas, que se sentava no trono. Milhares de gargantas gritavam e aclamavam com frenesi. Se havia impressionado os enviados de Veneza, Suleyman sabia que

impressionara o mundo inteiro. Em meio àquela demonstração de magnificência, os homens esqueceriam que um punhado de atrevidos cáfaros, protegidos atrás de uma muralha em ruínas, lhe haviam fechado para sempre as portas de um Império. Suleyman aceitou uma taça do vinho proibido pelo Profeta e logo disse algumas palavras ao ouvido do Grão-Vizir.

— Convidados de meu amo, o padixá não esquece os mais humildes neste momento de gozos. Aos oficiais que conduziram seus exércitos contra os infiéis, lhes tem feito os mais ricos deleites. Deu duzentos e quarenta mil ducados, para que sejam repartidos entre os simples soldados, e, a cada jenízaro, entregou uma soma de mil aspros.

No seio daquele clamor que se ergueu, um eunuco se ajoelhou diante do Grão-Vizir, apresentando-lhe um pacote de forma arredondada, cuidadosamente embrulhado e fechado. Um pedaço de pergaminho dobrado ia unido a ele, com um selo de lacre vermelho. Chamou a atenção do sultão.

— Bem, meu amigo, o que nos traz aqui?

Ibrahim inclinou-se respeitosamente.

— Algo que fora trazido pelo cavaleiro do correio de Adrianópolis, Leão do Islã. Aparentemente, se trata de um presente enviado por aqueles cães austríacos. Os infiéis, ao que pareço entender, entregaram-no aos guardas da fronteira, para que o trouxessem a Istambul o mais rapidamente possível.

— Abra-o. — ordenou Suleyman, intrigado.

O eunuco prostrou-se ao solo e começou a romper os fechos que cerravam o pacote. Um escravo letrado desdobrou o pergaminho que o acompanhava e começou a ler o conteúdo da mensagem, escrito com mão firme e claramente feminina:

'Ao sultão Suleyman e a seu Grão-Vizir, Ibrahim, assim como a Roxalena, a vadia: Nós, os abaixo-assinantes, enviamos este presente como testemunho de nosso incomensurável afeto e nossa sincera atenção.

SONYA DE ROGATINO E GOTTFRIED VON KAIMBACH'.

Suleyman, que havia se sobressaltado ao ouvir o nome de sua favorita, com a fúria sombreando e convulsionando seu rosto, emitiu um grito estrangulado que foi repetido, como um eco, por Ibrahim.

O eunuco havia arrancado os lacres do cofre, deixando ver o que continha.

Um odor acre, de ervas e especiarias conservantes, encheu o ar. O objeto, caindo das mãos do horrorizado eunuco, caiu sobre as pilhas de presentes até os pés de Suleyman, contrastando terrivelmente com as jóias, o ouro e as peças de veludo. O sultão mirava-o fixamente. Naquele instante, todo o esplendor daquela luxuosa mentira lhe escapou das mãos. Sua glória se transformou em trapaça e cinza. Vermelho de raiva, Ibrahim arrancava a própria barba, ofegante e sufocado.

Aos pés do sultão, com as feições fixas num ricto de horror, jazia a cabeça decepada de Mikhal Oglu, o Abutre do Grande Turco.

FIM

FALCÕES SOBRE O EGITO

Título Original: HAWKS OVER EGYPT



I

A figura alta em *khalat* branco girou, praguejando em voz baixa, com a mão no cabo da cimitarra. Nenhum homem andava despreocupado pelas ruas noturnas do Cairo, nos dias agitados do ano 1021 d.C. Neste beco escuro e sinuoso do repugnante bairro fluvial de El Maks, tudo poderia acontecer.

— Por que está me seguindo, cão? — A voz era áspera, aguçada com um sotaque turco.

Outra figura alta emergiu das sombras, vestida, como a primeira, num *khalat*

de seda branca, mas sem o elmo espiralado do outro.

— Não estou lhe seguindo! – A voz não era tão gutural quanto a do turco, e o sotaque era diferente – Um forasteiro não pode caminhar pelas ruas, sem ser alvo de insulto de cada bêbado cambaleante da sarjeta?

A ira violenta em sua voz não era fingida, assim como a suspeita na voz do outro também não. Olharam ferozmente um para o outro, cada um agarrando o cabo de sua respectiva lâmina com uma mão tensa de fúria.

— Venho sendo seguido desde o cair da noite. – acusou o turco – Venho escutando passos furtivos ao longo dos becos escuros. Agora, você aparece inesperadamente, num local dos mais apropriados para um assassinato!

— Alá lhe amaldiçoe! – praguejou o outro, encolerizado – Por que eu lhe seguiria? Eu me perdi nas ruas. Nunca lhe vi antes, assim como espero nunca mais lhe ver. Sou Yusuf ibn Suleyman, de Córdoba, mas cheguei recentemente ao Egito... seu cão turco! – ele acrescentou, como se levado por uma ira transbordante.

— Pensei que seu sotaque fosse mouro. – disse o turco – Não importa. Uma espada andaluza pode ser comprada tão facilmente quanto uma caiota, e...

— Pela barba de Ali! – exclamou o mouro, numa rajada de fúria incontrolável, puxando o sabre; então, um som furtivo de passos o fez dar a volta, e ele saltou para trás e girou, para manter tanto o turco quanto os recém-chegados à sua frente. Mas o turco havia puxado a própria cimitarra e olhava ferozmente perto dele.

Três figuras enormes avultavam ameaçadoramente nas sombras, a fraca luz das estrelas cintilando em largas lâminas curvas. Havia também um vislumbre de dentes brancos e olhos em movimento.

Por um instante, houve uma quietude tensa; logo, um deles murmurou no tom rouco e gutural do Sudão:

— Qual deles é o cão? Aqui tem dois com a mesma roupa e, na escuridão, parecem irmãos gêmeos.

— Matem os dois. – respondeu outro, meia cabeça maior que seus companheiros altos – Assim, não erramos nem deixamos qualquer testemunha.

E, dito isto, os três negros se aproximaram em tenso silêncio, o gigante avançando em direção ao mouro, e os outros dois em direção ao turco.

Yusuf ibn Suleyman não esperou pelo ataque. Rosnando uma praga, ele avançou sobre o colosso que se aproximava e arremeteu em direção à sua cabeça. O negro deteve o golpe com sua lâmina erguida, e grunhiu com o impacto. Mas, no momento seguinte, com uma astuta torção e um puxão, ele havia prendido a lâmina do mouro sob sua guarda e arrancado a arma da mão de seu oponente, de modo que esta caiu com um tinido sobre as pedras. Uma praga cáustica irrompeu dos lábios de Yusuf. Ele não esperava encontrar tamanha combinação entre habilidade e força bruta.

Mas, incendiado à loucura da luta, ele não hesitou. Quando o gigante ergueu a larga cimitarra, o mouro saltou para baixo do braço levantado, soltando um selvagem grito de guerra, e enfiou seu punhal até o cabo no largo peito do negro. O sangue esguichou pelo punho de Yusuf, e a cimitarra caiu vacilante, para lhe cortar o turbante de seda e resvalar no gorro de aço sob ele. O gigante desabou moribundo ao chão.

Yusuf ibn Suleyman pegou seu sabre e olhou ao redor, para localizar seu próximo antagonista.

O turco havia enfrentado calmamente o ataque de dois negros, recuando devagar para mantê-los à sua frente, e subitamente talhou um, de um lado a

outro do peito e ombro, de modo que este deixou a espada cair e caiu de joelhos com um gemido. Mas, ao cair, ele agarrou os joelhos de seu matador e se segurou neles como uma sanguessuga sem cérebro, pensamento ou razão. O turco chutou e se debateu em vão; aqueles braços negros, salientando-se com músculos de aço, o deixaram imóvel, enquanto o negro restante redobrava a fúria de seus golpes. O turco não conseguia avançar nem recuar, nem poupar o simples palpitar relampejante de sua lâmina, a qual o livraria de seu pesadelo.

Quando o espadachim negro tomou fôlego para dar um golpe ao qual o estorvado turco não conseguiria deter, ele ouviu o rápido correr de pés atrás de si, olhou ferozmente por cima do ombro e viu o mouro se aproximar, com os olhos ardentes e os lábios rosnando à luz das estrelas. Antes que o negro pudesse girar, o sabre mouro o atravessou com tal fúria que a lâmina se sobressaiu bastante pelo seu peito, enquanto o cabo o batia ferozmente entre os ombros; a vida o abandonou com um grito inarticulado.

O turco rachou o crânio raspado do outro negro com o cabo de sua cimitarra e, se desembaraçando do cadáver, se voltou para o mouro que puxava seu sabre do corpo contorcido ao qual este trespassara.

— Por que veio me ajudar? – indagou o turco. Yusuf ibn Suleyman encolheu os ombros largos diante da qualidade desnecessária da pergunta.

— Éramos dois homens cercados por velhacos. – ele disse – O destino nos fez aliados. Agora, se você quiser, podemos continuar nossa briga. Você disse que eu lhe espionava.

— E vejo meu erro e solicito suas desculpas. – o outro respondeu prontamente – Agora eu sei quem me seguia furtivamente pelos becos escuros.

Embainhando sua cimitarra, ele se curvou sobre cada um dos corpos, observando-lhes atentamente as feições sangrentas. Quando alcançou o corpo do gigante morto pelo punhal do mouro, ele fez uma pausa mais longa e logo depois murmurou baixinho, como que para si mesmo:

— Hã! Zaman, o Espadachim! De um alto posto de arqueiros, cujas flechas são enfeitadas por pérolas.

E, puxando do flácido dedo negro um anel grosso e curiosamente biselado, ele o guardou dentro do cinto e depois agarrou as vestes do morto.

— Ajude-me, irmão. – ele disse – Vamos nos livrar desta carniça, para que perguntas não sejam feitas.

Sem questionar, Yusuf ibn Suleyman agarrou uma jaqueta ensangüentada em cada mão, e arrastou os corpos atrás do turco por um beco malcheiroso e escuro, no meio do qual havia a beirada quebrada de um poço esquecido. Os cadáveres caíram de ponta-cabeça dentro do abismo e bateram lá embaixo com um chapinhar sombrio; e, com uma leve risada, o turco se voltou para o mouro.

— Alá nos tornou aliados. – ele repetiu – Estou em dívida com você.

— Você não me deve nada. – respondeu o mouro, num tom ríspido.

— Palavras não podem se igualar a uma montanha. – respondeu o turco imperturbavelmente – Sou Al Afdhal, um mameluco. Venha comigo, para longe deste covil de ratos, e conversaremos.

Yusuf ibn Suleyman embainhou seu sabre com um pouco de má-vontade, como se estivesse meio arrependido da decisão de paz do turco, mas ele o seguiu sem fazer comentários. O caminho deles seguia através da escuridão, infestada por ratos, de becos fedorentos; e através de ruas estreitas e sinuosas, fedendo a lixo. O Cairo era na época, assim como mais tarde, um fantástico contraste entre esplendor e decadência, onde palácios exóticos se erguiam entre as ruínas esfumaçadas de cidades esquecidas; um enxame de subúrbios variados se agrupando ao redor dos muros de El Kahira, a proibida cidade

interna onde morava o califa e seus nobres.

Em seguida, os companheiros chegaram a um bairro mais novo e respeitável, onde os balcões salientes, com suas janelas ricamente treliçadas por desenhos de cedro e madreperola, quase se tocavam ao longo da rua estreita.

— Todas as lojas estão às escuras. – grunhiu o mouro – Há poucos dias, a cidade estava iluminada como se fosse dia, do escurecer ao nascer do sol.

— Esse foi um dos caprichos de Al Hakim. – disse o turco – Agora, ele tem outro capricho, e nenhuma luz queima nas ruas de *al medina*. Qual será o humor dele amanhã, só Alá sabe.

— Não há conhecimento, salvo em Alá – o mouro concordou religiosamente e franziu a testa. O turco havia puxado o fino bigode caído, como se para disfarçar um largo sorriso.

Pararam diante de uma porta com tranca de ferro, numa compacta arcada de pedra, e o turco bateu cuidadosamente. Uma voz pediu uma senha lá dentro, e foi respondida nos tons guturais de Turan, ininteligíveis para Yusuf ibn Suleyman. A porta foi aberta, e Al Afdhal entrou em densa escuridão, puxando o mouro consigo. Ouviram a porta se fechar atrás deles, e depois uma pesada cortina foi puxada para trás, revelando um corredor iluminado por lampiões, e um ancião cicatrizado cujos bigodes ferozes o anunciavam como sendo turco.

— Um velho mameluco que se tornou vendedor de vinho. – disse Al Afdhal para o mouro – Leve-nos a uma sala onde possamos ficar a sós, Ahmed.

— Todas as salas estão vazias. – queixou-se o velho Ahmed, mancando à frente deles – Sou um homem arruinado. Os homens temem tocar na taça, desde que o califa proibiu vinho. Alá o castigue com gota!

Curvando-os para dentro de uma pequena sala, ele estendeu panos para eles, colocou diante deles um grande prato de grãos de pistacho, uvas-passa de Tihama e cidras; serviu vinho de um odre bojudo, e se afastou manquejando e murmurando baixo.

— O Egito caiu em maus dias. — o turco falou arrastada e indolentemente, bebendo a grandes goles o licor de Xiraz. Era um homem alto, magro porém fortemente constituído, com agudos olhos negros que dançavam incansáveis e nunca ficavam parados. Seu *khalat* era simples, mas de feito suntuoso; seu elmo espiralado estava cinzelado com prata, e jóias brilhavam no cabo de sua cimitarra.

De frente para ele, Yusuf ibn Suleyman apresentava algo da mesma aparência de falcão, o que é característico de todos os homens que vivem pela guerra. O mouro era tão alto quanto o turco, mas com membros mais grossos e peito mais volumoso. Ele tinha a constituição física de um montanhês — força combinada com resistência. Sob o turbante branco, seu rosto marrom se mostrava bem barbeado, e ele tinha feições mais suaves que o turco, sendo a cor escura de sua pele mais devido ao sol que à Natureza. Seus calmos olhos cinzas eram frios como aço, mas mesmo assim, ardia neles uma insinuação de fogos tempestuosos.

Ele bebia sofregamente seu vinho e estalava os lábios com gosto, e o turco sorria largamente e tornava a lhe encher o copo de vinho.

— Como vão os fiéis na Espanha, irmão?

— Muito mal, desde que o Vizir Mozaffar ibn Al Mansur morreu. — respondeu o mouro — O Califa Hischam é um fraco. Ele não consegue frear seus nobres, cada um dos quais quer fundar um estado independente. A terra geme sob a guerra civil, e a cada ano os reinos cristãos ficam mais poderosos. Uma mão forte ainda pode salvar a Andaluzia; mas, em toda a Espanha, não há tal mão forte.

— No Egito, uma mão assim pode ser encontrada. — observou o turco — Aqui há emires muito poderosos, que adoram homens bravos. Nas fileiras dos

mamelucos, há sempre um lugar para um sabre como o seu.

— Não sou turco nem escravo. – grunhiu Yusuf.

— Não! – a voz de Al Afdhal era suave; a insinuação de um sorriso lhe tocava os lábios finos – Não tema; estou em débito com você, e posso guardar seu segredo.

— O que quer dizer? – A cabeça aquilina do mouro se ergueu bruscamente. Seus olhos cinzentos começaram a arder. Sua mão forte procurou o cabo da espada.

— Ouvi você gritar, na tensão da luta, quando golpeou o espadachim negro. – disse Al Afdhal – Você rugiu “Santiago!”. Assim gritam os cáfaros da Espanha em batalha. Você não é mouro; você é um cristão!

O outro estava de pé num instante, o sabre desembainhado. Mas Al Afdhal não estava agitado; ele se reclinava tranqüilamente sobre as almofadas, sorvendo seu vinho.

— Não tema. – ele repetiu – Já disse que guardarei seu segredo. Eu lhe devo minha vida. Um homem como você jamais poderia ser um espião; você é muito rápido na ira, e aberto demais em sua fúria. Só há uma razão para você ter vindo para entre os muçulmanos: vingar-se de um inimigo pessoal.

O cristão ficou imóvel por um momento, os pés firmados como se para um ataque, a manga de seu *khalat* recuada para revelar os músculos enrijecidos de seu grosso braço moreno. Ele carranqueou incerto e, deste modo, parecia bem menos um muçulmano do que antes.

Houve um instante de tensão ofegante; então, com um encolher de seus ombros musculosos, o falso mouro se sentou novamente, embora com seu

sabre deitado sobre os joelhos.

— Muito bem. – ele disse com sinceridade, agarrando um cacho de uvas com uma mão bronzada e enfiando-as na boca. Ele falou enquanto mastigava: – Sou Diego de Guzman, de Castela. Procuro um inimigo no Egito.

— Quem? – indagou Al Afdhal com interesse.

— Um berbere chamado Zahir el Ghazi; que os cães mastiguem seus ossos!

O turco se sobressaltou:

— Por Alá, você aponta para um alvo elevado! Sabia que esse homem é agora um emir do Egito, e general de todas as tropas berberes dos califas fatímidas?

— Por São Pedro – respondeu o espanhol –, isso importa tão pouco quanto se ele fosse um varredor de ruas.

— Sua rixa de sangue lhe levou para longe. – comentou Al Afdhal.

— Os berberes de Málaga se revoltaram contra seu governante árabe. – disse abruptamente de Guzman – Eles pediram ajuda de Castela. Quinhentos cavaleiros marcharam em seu auxílio. Antes que pudéssemos alcançar Málaga, este amaldiçoado Zahir el Ghazi havia traído seus companheiros para o califa. Então, ele traiu a nós, que estávamos marchando para a ajuda deles. Ignorantes de tudo o que havia acontecido, caímos numa armadilha feita pelos mouros. Somente eu escapei com vida. Três irmãos e um tio caíram ao meu lado naquele dia. Fui lançado numa prisão mourisca, e um ano se passou antes que meu povo pudesse juntar ouro bastante para me resgatar.

“Quando fiquei livre novamente, eu soube que Zahir havia fugido da Espanha, por medo de seu próprio povo. Mas minha espada era necessária em Castela. Passou-se mais um ano, antes que eu pudesse tomar a estrada da vingança. E, durante um ano, procurei pelos países muçulmanos, disfarçado de mouro, cuja fala e costumes aprendi através de uma vida de batalhas contra eles, e por conta de meu cativo entre eles. Só recentemente soube que o homem a quem eu procurava estava no Egito”.

Al Afdhal não respondeu imediatamente, mas ficou examinando atentamente as feições ásperas do homem à sua frente, vendo refletida nelas a natureza indomável das selvagens regiões montanhosas, onde um punhado de guerreiros cristãos desafiava as espadas do Islã durante 300 anos.

— Há quanto tempo você está em *al medina*? – ele indagou abruptamente.

— Há poucos dias apenas. – grunhiu de Guzman – Tempo suficiente para saber que o califa é louco.

— Há mais para saber. – respondeu Al Afdhal – Al Hakim é realmente louco. Eu digo a um franco o que não ousa dizer a um muçulmano... mas todos os homens sabem disso. O povo, que é sunita, resmunga sob seu calcanhar. Três grandes tropas sustentam seu poder. Primeiro, os berberes de Kairouan, onde a dinastia xiita dos Fatímidas inicialmente criou raízes; segundo, os sudaneses negros, os quais, sob o comando do General Othman, ganham mais poder a cada ano; e terceiro, os mamelucos, ou baharitas, os Escravos Brancos do Rio: turcos e sunitas como eu. O emir deles é Es Salih Muhammad, e entre ele, el Ghazi e o negro Othman, há ódio e inveja suficientes para começar uma dúzia de guerras.

“Zahir el Ghazi veio ao Egito há três anos como um aventureiro sem dinheiro. Ele foi elevado à categoria de emir, em parte graças à virtude de uma escrava veneziana chamada Zaida. Há também uma mulher por trás da cortina do califa: a árabe Zulaikha. Mas nenhuma mulher consegue jogar com Al Hakim”.

Diego abaixou seu copo vazio e olhou diretamente para Al Afdhal. Os

espanhóis ainda não haviam adquirido a formalidade polida, a qual seria mais tarde considerada sua característica dominante. O castelhano ainda era mais nórdico do que latino. Diego de Guzman possuía a franqueza rude dos godos, que eram seus ancestrais.

— Bem, e agora? – ele indagou – Você vai me trair para os muçulmanos, ou foi sincero quando disse que guardaria meu segredo?

— Não tenho amor nenhum por Zahir el Ghazi. – murmurou Al Afdhal, como que para si mesmo, revirando em seus dedos o anel que havia tirado do gigante negro – Zaman era cão de Othman; mas o ouro berbere pode comprar uma espada sudanesa. – Erguendo sua cabeça, ele devolveu o olhar direto e desafiador de De Guzman.

— Também tenho uma dívida com Zahir. – disse – Farei mais do que guardar seu segredo. Vou lhe ajudar na sua vingança!

De Guzman se moveu para diante, e seus dedos de aço agarraram o ombro vestido em seda do turco, como um torno.

— Você fala a verdade?

— Que Alá me castigue se eu estiver mentindo! – jurou o turco – Ouça meu plano...

II

E, enquanto na loja oculta de Ahmed O Aleijado um turco e um espanhol

curvavam juntos suas cabeças sobre um plano sombrio, dentro das muralhas maciças de El Kahira, um evento estupendo estava prestes a ocorrer. Sob as sombras dos muxarabis ⁽¹²¹⁾ se esgueirava uma figura velada e encapuzada. Pela primeira vez em sete anos, uma mulher andava pelas ruas do Cairo.

Percebendo sua enormidade, ela tremia de um medo que não era de todo inspirado pelas sombras ocultas que poderiam esconder ladrões sorrateiros. As pedras lhe feriam os pés em seus esfarrapados chinelos de veludo; há sete anos, os sapateiros do Cairo haviam sido proibidos de fazerem calçados de rua para as mulheres. Al Hakim havia decretado que as mulheres do Egito fossem confinadas, não como jóias em caixas fortes, mas como répteis em jaulas.

Embora vestida em farrapos rejeitados, não era uma mulher comum que se esgueirava trêmula pela noite. No dia seguinte, a notícia correria, através de canais misteriosos de comunicação, harém em harém, e mulheres rancorosas, se refestelando em almofadas de cetim, ririam alegremente da vergonha de uma irmã invejada e odiada.

Zaida, a ruiva veneziana, favorita de Zahir el Ghazi, havia tido mais poder que qualquer outra mulher no Egito. E agora, enquanto ela deslizava pela noite – uma proscrita –, o pensamento que lhe queimava como ferro em brasa era o de saber que ela havia ajudado seu infiel amante e senhor em sua subida até lugares elevados do mundo, somente para que outra mulher colhesse os frutos daquela labuta.

Zaida vinha de uma raça de mulheres acostumadas a desestabilizarem tronos com sua beleza e sagacidade. Ela mal se lembrava de Veneza, de onde havia sido raptada por piratas berberes. O corsário, que a havia pegado e criado para seu harém, havia caído em batalha contra os bizantinos e, como uma garota esguia de 14 anos, Zaida havia passado para as mãos de um príncipe de Creta – um jovem lânguido e afeminado, ao qual ela passou a manipular com os dedos róseos. Então, após alguns anos, chegara a incursão da frota egípcia nas ilhas dos gregos – pilhagem, matança, fogo, paredes despedaçadas, guinchos de morte e uma jovem ruiva gritando nos braços de ferro de um gigante berbere que gargalhava.

Como ela vinha de uma raça cujas mulheres governavam os homens, Zaida

não pereceu nem se tornou um brinquedo que choramingava. Sua natureza era flexível, como uma árvore nova que se curva sem ser arrancada pela raiz. Em pouco tempo, apesar de nunca ter mandado em Zahir el Ghazi, ela pelo menos estava no mesmo patamar que ele, e por ser oriunda de uma raça de fazedoras de reis, ela começou a fazer de Zahir el Ghazi um rei. O homem tinha inteligência, super-vitalidade, e força física e mental; ele só precisava de um único estímulo para sua ambição. Zaida era esse estímulo.

E agora Zahir, considerando-se totalmente capaz de galgar sozinho o brilhante tapete vermelho da escada sem ela, havia colocado-a de lado. Porque Alá tinha dado a ele um desejo que mulher nenhuma, por mais desejável que fosse, conseguia satisfazer totalmente, e porque Zaida não suportaria uma rival – uma árabe flexível havia sorrido para o berbere, e o mundo da ruiva veneziana havia desmoronado. Zahir a havia despido e lançado na rua, como se fosse uma vagabunda comum – somente a compaixão de um escravo lhe cobrindo a nudez.

Absorta em seus pensamentos que lhe queimavam, ela ergueu o olhar com um sobressalto, quando uma silhueta alta e encapuzada saiu de dentro das sombras de um balcão saliente e a encarou. Um largo manto o envolvia, e sua touca lhe escondia a parte inferior do rosto. Apenas seus olhos ardiam para ela, quase luminosos à luz das estrelas. Ela se encolheu para trás, com uma exclamação baixa.

— Uma mulher nas ruas de *al medina*! – A voz era estranha e cavernosa, quase fantasmagórica – Isso não é uma desobediência às ordens do califa?

— Não ando nas ruas por escolha, *ya khawand*. – ela respondeu – Meu amo me expulsou de casa, e não tenho onde repousar minha cabeça.

O estranho curvou sua cabeça encapuzada e ficou imóvel por algum tempo, como uma imagem meditativa de noite e silêncio. Zaida o observava nervosamente. Havia algo de sombrio e agourento nele; parecia menos um homem ponderando a história de uma jovem escrava encontrada por acaso, do que um profeta sombrio pesando o destino de um povo pecador.

Por fim, ele ergueu a cabeça.

— Venha! – ele disse, numa voz mais de comando que de convite – Encontrarei um lugar para você.

E, sem parar para ver se ela obedecia, ele caminhou altivamente na rua. Ela se apressou atrás dele, agarrando ao redor de si o robe que se arrastava pelo chão. Não poderia andar pelas ruas a noite toda; qualquer oficial do califa a decapitaria por violar o decreto de Al Hakim. Este estranho poderia estar levando-a para a escravidão, mas ela não tinha escolha.

O silêncio de seu acompanhante a deixava nervosa. Várias vezes, ela tentou falar, mas sua sombria ausência de resposta a deixava calada, por sua vez. Sua curiosidade foi aguçada e sua vaidade tocada. Ela nunca antes havia falhado de forma tão marcante em interessar um homem. Ela sentiu vagamente algo imponderável e que não conseguia dominar: uma indiferença não-natural e assustadora, à qual não conseguia tocar. O medo começou a crescer nela, mas ela o seguiu porque não sabia mais o que fazer. Ele só falou uma vez, quando, olhando para trás, ela ficou sobressaltada ao ver várias formas furtivas e indistintas se esgueirando atrás deles.

— Há homens nos seguindo! – ela exclamou.

— Não ligue para eles. – ele respondeu, em sua voz estranha – São apenas servos de Alá, que O servem ao modo deles.

Esta resposta enigmática a deixou tremendo, e mais nada foi dito até alcançarem um pequeno portão arcado, num muro alto. Ali, o estranho parou e chamou em voz alta. Ele foi respondido do lado de dentro, e o portão se abriu, revelando um negro mudo que segurava uma tocha no alto. Sob sua luz sinistra, a altura do estranho de túnica ficava inumanamente exagerada.

— Mas este... este é o portão do Grande Palácio! – gaguejou Zaida.

Como resposta, o homem puxou o capuz para trás, revelando o longo oval pálido de um rosto, no qual ardiam aqueles olhos estranhos e luminosos.

Zaida gritou e caiu de joelhos:

— *Al Hakim!*

— Sim, Al Hakim, ó infiel pecadora! – A voz cavernosa foi como o bater de um sino fúnebre. Sonora e inexorável como as trombetas de latão do juízo final, ela ressoava na noite – Ó, mulher vã e insensata, que ousa ignorar a ordem de Al Hakim, a qual é a palavra de Deus! Que anda pelas ruas em pecado, e põe de lado as ordens do Rei Beneficente! Não há majestade e não há poder, salvo em Alá, o glorioso, o poderoso! Oh, Senhor dos Três Mundos, por que reténs Teu fogo iluminador de queimá-la até transformá-la num tição torrado e enegrecido, para que todos os homens presenciem e estremeçam?

Então, mudando subitamente seu tom, ele gritou de forma abrupta:

— Peguem-na!

E as sombras que os seguiam se aproximaram, revelando serem homens negros com as feições murchas de mudos. Quando seus dedos agarraram a carne dela, Zaida desmaiou pela primeira e última vez em sua vida.

Ela não percebeu enquanto era erguida e carregada através do portão e de jardins, os quais ondulavam com flores e fediam a pimenta, e através de corredores enfileirados com colunas espiraladas de mármore e ouro, e para dentro de uma câmara sem janelas, cujas portas arcadas estavam trancadas com barras de ouro decoradas com ametistas.

Foi sobre o chão atapetado e alastrado por travesseiros desta câmara, que a veneziana recuperou a consciência. Ela olhou atordoada ao redor, e logo a lembrança de sua aventura retornou aceleradamente; e, com uma exclamação baixa, ela arregalou desvairadamente os olhos ao redor, em busca de seu captor. Ela se encolheu novamente para vê-lo de pé sobre ela, os braços cruzados e a cabeça sombriamente curvada, enquanto seus terríveis olhos lhe queimavam dentro da alma.

— Oh, Leão dos Fiéis! – ela arfou, se esforçando para ajoelhar-se – Piedade! Piedade!

Mesmo enquanto falava, ela estava repugnantemente consciente da futilidade de implorar por piedade onde a piedade era desconhecida. Ela se curvava servilmente diante do monarca mais temido do mundo: o homem cujo nome era uma maldição nas bocas dos cristãos, judeus e muçulmanos ortodoxos; o homem que, alegando ser descendente de Ali, o sobrinho do Profeta, era a cabeça do mundo xiita, a encarnação da Razão Divina para todos os xiitas; o homem que ordenara que todos os cães fossem mortos, todas as vinhas destruídas, toda uva e mel jogados no Nilo; que havia banido todos os jogos de azar, confiscado as propriedades dos cristãos coptas e abandonado o próprio povo a torturas abomináveis; que acreditava que desobedecer algum de seus comandos, por mais insignificante que fosse, era o mais tenebroso pecado concebível. Ele percorria as ruas à noite, disfarçado, como Harun al-Rashid havia feito antes dele, e como Baibars fez depois dele, para ver se suas ordens eram obedecidas.

Assim, Al Hakim a encarava com olhos arregalados e sem piscar, e Zaida sentia sua pele secar e se arrepiar de horror.

— Blasfemadora! – ele sussurrou – Instrumento de Shaitan⁽¹³⁾! Filha de todo o mal! Ó, Alá! – ele gritou subitamente, lançando para o alto seus braços envoltos em mangas largas – Qual castigo deve ser inventado para este demônio? Qual agonia é suficientemente terrível, qual degradação é vil o bastante para fazer justiça? Alá me dê sabedoria!

Zaida se ergueu sobre os joelhos, arrancando o véu rasgado. Ela esticou o braço, apontando para o rosto dele.

— Por que chama Alá? – ela guinchou histericamente – Chamai Al Hakim!
Você é Alá! Al Hakim é *Deus*!

Ele parou bruscamente diante do grito dela; cambaleou, agarrando a própria cabeça e gritando de forma incoerente. Logo, ele se endireitou e baixou, de forma deslumbrada, o olhar pra ela. O rosto dela estava branco como giz, os olhos grandes arregalados. À sua habilidade natural de dramatizar, foi adicionado o verdadeiro e desesperado horror de sua posição. Para Al Hakim, parecia que ela estava deslumbrada e maravilhada por uma visão de esplendor celestial.

— O que vê, mulher? – ele arfou.

— Alá se revelou para mim! – ela sussurrou – Em seu rosto, brilhante como o sol da manhã! Mais ainda, eu queimo, eu morro no fogo de tua glória!

Ela afundou o rosto nas mãos e se agachou trêmula. Al Hakim passou uma mão trêmula sobre a testa e têmporas.

— Deus! – ele sussurrou – Sim, eu sou Deus! Eu havia pensado nisso... eu havia sonhado com isso... eu, e apenas eu, possuo a sabedoria do Infinito. Agora, uma mortal viu isso, reconheceu o deus na forma de homem. Sim, é a verdade ensinada pelos mestres do Xiismo: a encarnação da Divindade. Vejo a Verdade por trás da verdade, finalmente. Não uma mera encarnação da divindade, mas a própria divindade! Alá! Al Hakim é Alá!

Curvando o olhar sobre a mulher aos seus pés, ele ordenou:

— Levante-se, mulher, e olhe para teu deus!

Timidamente, ela o fez e ficou encolhida diante de seu olhar que não piscava. Zaida, a veneziana, não era extremamente bonita de acordo com certas normas arbitrárias, as quais exigem feições perfeitamente esculpidas e estrutura delicada – mas ela era agradável ao olhar. Tinha a constituição larga, com seios grandes e quadris largos, e ombros mais largos que a maioria. Seu rosto não era clássico como o dos gregos, e era levemente sardento. Mas havia nela uma vitalidade que transcendia a mera beleza superficial. Seus olhos castanhos lampejavam, refletindo uma inteligência aguda, e seus membros e quadris largos indicavam vigor físico.

Enquanto olhava para ela, uma mudança nublou os olhos grandes de Al Hakim; ele parecia vê-la claramente pela primeira vez.

— Teu pecado está perdoado. – ele entoou – Tu foste a primeira a louvar teu Deus. De hoje em diante, tu me servirás em honra e esplendor.

Ela se prostrou, beijando o carpete diante dos pés dele, e ele bateu palmas. Um eunuco entrou, fazendo uma reverência.

— Vá depressa à casa de Zahir el Ghazi. – disse Al Hakim, parecendo olhar por cima da cabeça de seu criado e não vê-lo – Diga a ele: “Esta é a palavra de Al Hakim, o qual é Deus, que amanhã de manhã será o início dos acontecimentos, da construção de navios e da condução dos exércitos, como tu desejaste, pois Deus é Deus, e os incrédulos por muito tempo blasfemaram contra Ele!”.

— Ouvindo e obedecendo, mestre. – murmurou o eunuco, se curvando até o chão.

— Eu duvidava e temia. – disse Al Hakim, sonhador, olhando para longe e além dos confins da realidade, para algum reino distante ao qual só ele conseguia ver – Eu não sabia, como agora sei, que Zahir el Ghazi era a ferramenta do Destino. Quando ele me insistiu para conquistar o mundo, eu hesitei. Mas eu sou Deus; e, para os deuses, todas as coisas são possíveis; sim, todos os reinos e glória!

III

Uma breve olhada no mundo naquela noite de presságios em 1021 d.C. Era uma noite numa era de mudanças; uma era em que se contorcia nas dores da labuta, na qual tudo o que levou à forma do mundo moderno estava se esforçando para nascer. Era um mundo escarlate e dilacerado, caótico e medonho, prenhe de poder imponderável, mas aparentemente afundando em estagnação e ruína.

No Egito, uma população sunita gemia sob o calcanhar de uma dinastia xiita – uma dinastia encolhida e murcha do império mundial, mas ainda poderosa, se estendendo do Eufrates ao Sudão. Entre as fronteiras do Egito e o mar ocidental, havia uma vasta extensão, habitada por tribos selvagens, nominalmente sob o cetro do califa; as mesmas tribos que outrora haviam esmagado o reino godo da Espanha, e que agora se agitavam incansáveis em suas montanhas, precisando apenas de um líder poderoso para guiá-los novamente numa onda esmagadora contra a Cristandade.

Na Espanha, as divididas províncias mouras cediam terreno às hostes de Castela, Leon e Navarra. Mas estes reinos cristãos, apesar de forjados em sangue e ferro, não eram numericamente poderosos o suficiente para resistirem a um ataque unido do Islã. Eles formavam a fronteira oeste dos domínios cristãos, enquanto Bizâncio formava a fronteira leste, como nos dias de Omar e as Companhias conquistadoras, detendo as trompas da Lua Crescente, também enfrentadas na Europa central, para formar um círculo inexorável. E a Lua Crescente nunca estava morta; ela apenas dormia e, mesmo em seu sono, palpitavam os tambores do império.

A Europa, sob o domínio do feudalismo, estava mais fraca internamente do que em suas fronteiras. As nações já estavam vagamente tomando forma, mas ainda não havia verdadeiro espírito nacional. Na França, não havia Carlos Magno nem Martel – apenas camponeses famintos e assolados pela praga, feudos em guerra e uma terra dividida pela luta entre a Dinastia Capetiana e o

duque de Normandia, soberanos e vassalos rebeldes. E a França representava a Europa.

Havia, é verdade, homens fortes no Oeste: Canuto O Dinamarquês, governando a Inglaterra saxã; Henry da Germânia, Imperador do sombrio Santo Império Romano. Mas Canuto era quase como o rei de outro mundo, em seu isolamento marinho; e o Imperador estava ocupado, tentando unir os reinos rivais da Germânia e Itália, e em expulsar os invasores eslavos.

Em Bizâncio, o reinado glorioso de Basílio Bulgaróctone estava chegando ao fim. Longas sombras já estavam caindo desde o leste, através do Chifre de Ouro ⁽¹⁴⁾. Bizâncio ainda era o mais poderoso baluarte da Cristandade; mas, para oeste desde Bucara, avançavam os cavaleiros das estepes, rapidamente destinados a arrancarem do Império Oriental sua última possessão asiática. Os seljúcidas, bloqueados ao sul pelo cintilante império indo-iraniano de Mahmud de Ghazni, cavalgavam em direção ao sol poente, e não seriam detidos até que os cascos de seus cavalos batessem nas águas do Mediterrâneo.

Em Bagdá, os persas lutavam nas ruas contra os mercenários turcos do fraco califa abássida. Mas o Islã não estava destruído – apenas quebrado em várias partes, como os pedaços de uma lâmina brilhante. Havia força ativa no Egito, em Ghazni e nos saqueadores seljúcidas. Força potencial estava adormecida na Síria, Iraque, Arábia e nas tribos inquietas do Atlas – força suficiente para destruir as barreiras ocidentais da Cristandade, se os vários elementos separados estivessem unidos por uma mão forte.

Bizâncio ainda era inatacável; mas, se os reinos espanhóis caíssem diante de uma súbita investida vinda da África, as hordas jorrariam para dentro da Europa quase sem obstáculo. Era esse o retrato daquela época: tanto o Oeste quanto o Leste divididos e inertes; no Oeste, ainda não havia nascido aquele espírito flamejante que, 75 anos depois, trovejou para leste nas Cruzadas; no Leste, nenhum Saladin nem Gêngis Khan havia aparecido. Mas, se tal homem surgisse, as trompas da renovada Lua Crescente ainda poderiam completar o círculo, não na Europa Central, mas sobre as muralhas caídas de Constantinopla, atacada tanto pelo norte quanto pelo sul.

Esse era o panorama do mundo, naquela noite de ruína e augúrios, quando duas figuras encapuzadas pararam num grupo de palmeiras, entre as ruínas da Cairo noturna.

Diante deles, estavam as águas de el Khalij, o canal, e além dele, se erguendo de sua própria margem, a própria muralha fortificada de tijolos secos que cercava El Kahira, separando o coração real de *al medina* do resto da cidade. Construída pelos Fatímidas meio século antes, a cidade interna era na verdade uma gigantesca fortaleza, a qual abrigava os califas, seus criados e certas tropas de seus mercenários – proibida para homens comuns sem permissão especial.

— Poderíamos escalar a parede. – murmurou de Guzman.

— E nem chegaríamos perto de nosso inimigo. – respondeu Al Afdhal, tateando nas sombras sob as árvores aglomeradas – Aqui está!

Olhando sobre seu ombro, de Guzman viu o turco mexendo em algo que parecia ser um amontoado disforme de mármore. Esta localização em particular era totalmente ocupada por ruínas, e habitada apenas por morcegos e lagartos.

— Um antigo santuário pagão. – disse Al Afdhal – Evitado por causa de superstições, e há muito tempo em ruínas... mas ele esconde mais do que um arvoredor de palmeiras mostra!

Ele ergueu e afastou uma larga laje, revelando degraus que guiavam para dentro de uma abertura negra; de Guzman franziu a testa, desconfiado.

— Esta – disse Al Afdhal, percebendo sua dúvida – é a entrada de um túnel que segue por debaixo da muralha e sobe para dentro da casa de Zahir el Ghazi, a qual fica logo após o muro.

— Sob o canal? – indagou o espanhol incrédulo.

— Sim; outrora a casa de el Ghazi era a casa de prazeres do Califa Khumaraweyh, o qual dormia num travesseiro de ar que flutuava numa piscina de mercúrio, guardada por leões... mas caiu sob a faca do vingador, apesar de tudo. Ele preparou saídas secretas de todos os seus palácios e casas de prazer. Antes que Zahir el Ghazi tomasse a casa dele, ela era ocupada por seu rival Es Salih Muhammad. O berbere nada sabe desta passagem secreta. Eu poderia tê-la usado antes, mas até esta noite, eu não tinha certeza de que desejava matá-lo. Venha!

De espadas desembainhadas, eles desceram Tateando por um lance de degraus de pedra e avançaram ao longo de um túnel plano em escuridão de breu. Os dedos Tateantes de De Guzman diziam a ele que as paredes, chão e teto eram compostos por enormes blocos de pedra, provavelmente pilhados de edifícios construídos pelos faraós. Enquanto avançavam, as pedras ficavam escorregadias sob os pés, e o ar ficava úmido. Gotas de água caíam viscosamente no pescoço de De Guzman, e ele estremecia e praguejava. Estavam passando sob o canal. Pouco depois, esta umidade diminuiu e, logo em seguida, Al Afdhal sibilou um aviso, e eles começaram a subir outro lance de degraus de pedra.

No topo, o turco parou e remexeu em alguma tranca ou ferrolho. Um painel deslizou para o lado, e uma luz suave fluiu para dentro, vinda de um corredor abobadado e atapetado. De Guzman percebeu que eles realmente passaram sob o canal e o grande muro, e que estavam nos limites proibidos de El Kahira, a misteriosa e fabulosa.

Al Afdhal deslizou agilmente através da abertura, e logo de Guzman o havia seguido e fechado-a atrás deles. Tornou-se um dos painéis internos da parede, não ficando diferente dos outros painéis de sândalo. Então o turco andou rapidamente e sem hesitação pelo corredor, como um homem que conhece seu caminho. O espanhol seguiu, de sabre na mão, olhando incessantemente para a direita e esquerda.

Atravessaram uma cortina escura de veludo e se depararam com uma entrada arcada de ébano marchetado de ouro. Um negro musculoso, vestido apenas

com volumosas calças de seda, o qual estivera cochilando sobre os próprios quadris, se ergueu sobressaltado, girando uma grande cimitarra. Mas ele não bradou – tinha o rosto bestial de um mudo.

— O estrondo do aço vai acordar as pessoas da casa. – Al Afdhal disse bruscamente, evitando o giro da espada do eunuco. Quando o negro se desequilibrou por conta de sua tentativa frustrada, de Guzman deu uma rasteira nele. Ele caiu estatelado, e o turco atravessou sua lâmina no corpo negro.

— Foi rápido e silencioso o bastante! – Al Afdhal riu suavemente – Agora vamos à verdadeira presa!

Cuidadosamente, ele testou a porta, enquanto o espanhol se agachava, respirando entre dentes e seus olhos começando a arder como os de um gato caçando. A porta cedeu para dentro, e de Guzman ultrapassou o turco num salto para dentro da câmara. Al Afdhal seguiu e, fechando a porta, encostou se a ela, rindo do homem que havia se erguido subitamente de seu divã, com uma praga sobressaltada.



— Encontramos a caça no abrigo, irmão!

Mas não havia risada nos lábios de Diego de Guzman, quando ele se ergueu sobre o semi-levantado ocupante do quarto, e Al Afdhal viu o sabre erguido em sua mão musculosa.

Zahir el Ghazi era um homem alto e forte, seu cabelo amarelo bem cortado e a curta barba clara cuidadosamente aparada. Embora fosse tarde da noite, ele estava totalmente vestido em calças de seda, e cinto e colete de veludo.

— Não grite, cão. – o espanhol avisou – Minha espada está em seu pescoço.

— Estou vendo. – respondeu Zahir el Ghazi imperturbavelmente. Seus olhos azuis vaguearam até o turco, e ele riu com zombaria áspera – Então, você evitou os derramadores de sangue? Pensei que estivesse morto a esta hora. Mas o resultado será o mesmo. Idiota! Você cortou sua própria garganta! Como chegou ao meu quarto, eu não sei; mas um só grito chamará meus escravos.

— Casas antigas têm segredos antigos. – riu o turco – Um deles você aprendeu: que as paredes deste quarto são feitas para abafar gritos. Outro você não sabe ainda: por que viemos aqui esta noite. – Ele se voltou para Diego de Guzman: – Bem, por que está hesitando?

De Guzman recuou e abaixou o sabre.

— Lá está sua espada. – ele disse ao berbere, enquanto Al Afdhal praguejava, meio enojado, meio entretido – Pegue-a. Se você for homem o bastante para me matar, seja. Mas acho que você nunca verá o sol nascer novamente.

Zahir o olhou atentamente.

— Você não é mouro. — disse o berbere — Nasci nos Montes Atlas, mas fui criado em Málaga. Você é um espanhol. Quem é você?

Diego puxou para um lado seu turbante esfarrapado.

— Diego de Guzman. — disse Zahir calmamente — Eu devia ter imaginado. Bem, fidalgo, você percorreu um longo caminho até sua morte...

Ele puxou a pesada cimitarra, e então hesitou:

— Você usa armadura, enquanto eu só visto seda e veludo.

Diego chutou um elmo em sua direção — uma das várias peças de armadura largadas sem cuidado pelo quarto.

— Eu vejo o brilho de malha sob sua roupa. — ele disse — Você sempre usou uma camisa de aço. Estamos em pé de igualdade. Levante-se, cão. Minha alma está sedenta por seu sangue.

O berbere se curvou, pôs o elmo e saltou inesperadamente, esperando pegar seu antagonista com a guarda aberta. Mas o sabre mouro colidiu no ar contra a cimitarra berbere, e faíscas choveram quando as duas longas lâminas curvas giraram, lampejaram, levantaram e caíram, palpitando à luz do lampião.

Ambos atacaram, golpeando furiosamente, cada um preocupado demais em matar o outro para pensar muito em ostentar esgrima. Cada golpe era dado com força total e desejo assassino por trás dele. Tal duelo não continuaria por muito tempo; a desesperada indiferença do combate o levaria rapidamente a um desfecho sangrento, para um ou para outro.

De Guzman lutava em silêncio, mas Zahir el Ghazi ria e escarnecia de seu inimigo entre golpes relampejantes.

— Cão! – O manejo do braço do berbere não interferia no de sua língua – Matar você aqui me cansa. Você deveria viver para presenciar a destruição de seu povo maldito! Por que vim ao Egito? Meramente por refúgio? Há! Eu vim forjar uma espada para meus inimigos, tanto cristãos quanto muçulmanos! Insisti para que o califa construísse uma frota... para erguer os estandartes da guerra santa... para conquistar o califado de Córdoba!

“As tribos berberes estão preparadas para tal guerra. Rugiremos para oeste desde o Egito, como uma avalanche que ganha volume e velocidade à medida que avança. Com meio milhão de guerreiros, invadiremos a Espanha... transformaremos Córdoba em pó e incorporaremos seus guerreiros às nossas fileiras! Castela não pode conosco e, sobre os cadáveres dos cavaleiros espanhóis, invadiremos as planícies da Europa!”.

De Guzman cuspiu uma praga.

— Al Hakim havia hesitado. – riu Zahir, respirando calma e facilmente, enquanto aparava o sabre que zunia – Mas, esta noite, ele me mandou uma notícia... acabei de sair do palácio, onde ele me contou que será como desejei. Ele tem uma nova fantasia: acredita ser Deus! Não importa. A Espanha está condenada! Se eu sobreviver, serei o califa de lá um dia! E mesmo que você me mate, não pode deter Al Hakim agora. A guerra santa será iniciada. Os haréns do Islã serão preenchidos por garotas castelhanas...

Dos lábios de De Guzman explodiu um grito áspero e selvagem, como se ele percebesse pela primeira vez que o berbere não estava simplesmente zombando dele com palavras sem importância, mas enunciando um verdadeiro plano de conquista.

Com o rosto sombrio e os olhos ferozes, ele mergulhou com uma velocidade renovada que fez Al Afdhal arregalar os olhos. Os lábios barbados de Zahir já não pronunciavam mais escárnios. Toda a atenção do berbere estava dedicada a deter o sabre espanhol que lhe batia na lâmina como um martelo numa forja.

O estrondo do aço se ergueu até Al Afdhal morder o lábio em nervosismo, sabendo que qualquer eco daquele barulho iria certamente reverberar além das paredes abafadas.

A pura força e fúria *berserk* do espanhol estavam começando a surtir efeito. O berbere estava com a pele bronzeada pálida. Sua respiração foi ficando ofegante, e ele foi continuamente recuando. O sangue escorria de talhos nos braços, coxa e pescoço. De Guzman sangrava também, mas ele não afrouxava o furor impetuoso de seu ataque.

Zahir estava próximo da parede atapetada, quando subitamente saltou para um lado enquanto de Guzman investia. Desequilibrado por errar a estocada, o espanhol pulou para a frente e a ponta de seu sabre colidiu contra a pedra sob a tapeçaria. Ao mesmo tempo, Zahir dirigiu um talho à cabeça de seu inimigo, com toda a sua força minguante. Mas o sabre de aço de Toledo, ao invés de se quebrar como uma lâmina mais fraca, se dobrou e endireitou novamente. A cimitarra que descia cortou o elmo mouro e arranhou o couro cabeludo por baixo, mas antes que Zahir pudesse recuperar seu equilíbrio, o sabre de De Guzman golpeou para cima, atravessando elos de metal e o osso do quadril até lhe ralar a coluna vertebral.

O berbere cambaleou e caiu com um grito abafado, suas entranhas se espalhando pelo chão. Seus dedos agarraram brevemente a felpa do grosso tapete, e logo ele ficou flácido.

De Guzman, cego pelo sangue e suor, enfiava, em silencioso frenesi, várias vezes, sua espada na figura aos seus pés, embriagado demais de fúria para perceber que seu rival estava morto, até Al Afdhal, praguejando num quase horror, arrastá-lo dali. O espanhol, atordoado, limpou o sangue e suor dos olhos, e fitou grogueamente seu adversário. Ainda estava aturdido pelo golpe que lhe havia rachado o elmo. Puxou o capacete partido e o lançou para um lado. Estava ensanguentado, e uma torrente escarlate lhe descia pelo rosto, cegando-o.

Praguejando ardentemente, ele começou a tatear por algo que o enxugasse, quando sentiu os dedos de Al Afdhal em ação. O turco rapidamente limpou o

sangue do rosto do companheiro, e lhe enfaixou o ferimento com tiras arrancadas da própria roupa.

Logo, tirando do cinto algo que De Guzman reconheceu como o anel que Al Afdhal havia tirado do dedo do matador negro Zaman, o turco o deixou cair no pequeno tapete felpudo próximo ao corpo de Zahir.

— Por que fez isso? – indagou o espanhol.

— Para confundir os vingadores. Vamos embora logo, em nome de Alá. Os escravos do berbere devem estar todos surdos ou bêbados, para não terem acordado até agora.

Quando saíram no corredor, onde o mudo morto fitava o teto pintado ao qual não mais enxergava, ouviram sons que indicavam gente acordando – um vago murmúrio de vozes, um som distante de passos. Apressando-se pelo vestíbulo até o painel secreto, eles entraram e tatearam na escuridão, até saírem mais uma vez no silencioso arvoredor.

As estrelas que empalideciam estavam refletidas nas águas escuras do canal, e a primeira sugestão de aurora se refletia nos minaretes.

— Você conhece algum caminho para dentro do palácio do califa? – perguntou De Guzman. A bandagem em sua cabeça estava encharcada de sangue, e uma fina gota lhe escorria pescoço abaixo.

Al Afdhal girou e eles se encararam, sob a sombra das árvores.

— Eu lhe ajudei a matar um inimigo em comum. – disse o turco – Não negocieie para trair meu soberano para você! Al Hakim é louco, mas a hora dele ainda não chegou. Ajudei-lhe num assunto de vingança pessoal... não na guerra de nações. Contenta-se com sua vingança, e lembre-se que voar muito

alto é secar as asas ao sol.

De Guzman limpou o sangue e não respondeu.

— Você deve abandonar o Cairo o mais cedo possível. – disse Al Afdhal, observando-o estreitamente – Acho que seria mais seguro para todos os envolvidos. Mais cedo ou mais tarde, você será reconhecido como um franco por alguém que nada lhe deve. Vou lhe fornecer cavalos e muito dinheiro...

— Tenho ambos. – grunhiu De Guzman, limpando o sangue do pescoço.

— E você partirá em paz? – indagou Al Afdhal.

— Acaso tenho escolha? – respondeu o espanhol.

— Jure. – insistiu o turco.

— Por Deus, você é insistente. – queixou-se De Guzman – Muito bem, eu juro por Santiago de Compostela que deixarei a cidade antes do meio-dia.

— Ótimo! – o turco deu um suspiro de alívio – É para seu próprio bem, tanto quanto qualquer coisa que eu...

— Entendo suas motivações altruístas. – grunhiu De Guzman – Se havia alguma dívida entre nós, considere-a paga, e que cada homem aja de acordo.

E, girando, ele se afastou a passos largos, com o caminhar oscilante de um cavaleiro. Al Afdhal observava seus ombros largos recuarem através das árvores, com um ligeiro franzir de testa, dirigido para ele.



IV

Das mesquitas e minaretes, saiu o sonoro *adan*. Diante da Mesquita de Talai, do lado de fora de Bab Zweyla, encontrava-se Darazai, o mulá, e quando ele ergueu a voz, e quando ele anunciou vagarosamente através das tensas multidões, homens estremeceram e unhas se cravaram em palmas pardas de mãos.

— E através de seu divinamente apontado califa, Al Hakim, que é a semente de Ali, o qual tem o sangue do Profeta, que era Deus Encarnado, assim é Deus hoje entre vós! Sim, o Deus único anda entre vós em forma mortal! E agora ordeno a todos vocês, todos os Fiéis do Islã, que reconheçam, se curvem e adorem o único Deus verdadeiro, Senhor dos Três Mundos, o Criador do Universo, que ergueu o firmamento sem pilares em seu lugar, a Encarnação da Vontade Divina, que é Deus, que é Al Hakim, a semente de Ali!

Um grande estremecimento agitou a multidão; logo, um grito arrebatado quebrou a quietude ofegante. Uma figura de cabeleira selvagem correu para a frente, um árabe seminu. Com um guincho de “Blasfemador!”, ele pegou uma

pedra e a arremessou. O projétil atingiu o mulá em cheio na boca, quebrando-lhe os dentes. Ele cambaleou, com o sangue lhe escorrendo pela barba. E, com um rugido aterrador, a multidão se ergueu, formou vagalhões e rolou para a frente. Impostos, fome, pilhagem e massacre... tudo isto os egípcios conseguiram suportar; mas este golpe nas raízes de sua religião foi a última gota. Mercadores calmos ficaram loucos; mendigos encolhidos se transformaram em demônios de olhos furiosos.

Pedras voavam como granizo, e o rugido ficava cada vez mais alto – o tumulto de feras selvagens ou de homens enlouquecidos. Mãos agarravam as roupas do espantado Darazai, quando homens da guarda turca em cota-de-malha e elmos espiralados fizeram a multidão recuar com suas cimitarras, e carregaram o aterrorizado mulá para dentro da mesquita, a qual eles entrincheiraram contra a multidão que avançava.

Com um tinido de armas e um tilintar de freios, uma tropa de cavaleiros sudaneses, resplandecentes em corseletes folheados a ouro e calças de seda, saiu a golpes do portão Zuweyla. Os dentes brancos dos cavaleiros negros brilhavam em largos sorrisos de alegria; seus olhos reviravam, eles lambiam seus lábios grossos em expectativa. As pedras da multidão batiam inofensivas em suas couraças e em seus escudos de pele de hipopótamo. Eles apressavam seus cavalos contra a turba, talhando com suas lâminas curvas. Homens rolavam uivando sob os cascos esmagadores. Os amotinados recuaram, fugindo desvairadamente para dentro de lojas e pelas ruas, abandonando a praça alastrada de corpos que se contorciam.

Os cavaleiros negros saltaram de suas selas e começaram a despedaçar portas de lojas e moradias, enchendo seus braços com pilhagem. Gritos de mulheres ressoavam de dentro das casas. Um guincho, um quebrar de vidro e treliça, e um corpo vestido de branco se espatifou na rua com um impacto de esmagar os ossos. Um rosto negro olhava para dentro do batente arruinado da janela, dividido numa gargalhada desocupada de sacudir a barriga. Um cavaleiro negro esporeou o cavalo para a frente, se inclinou de sua sela e enfiou sua lança na forma ainda trêmula de uma mulher sobre as pedras.

O gigante Othman, em seda flamejante e aço polido, cavalgava entre seus cães negros, chicoteando-os. Eles montaram e ficaram alinhados atrás dele. Num balouçante meio-galope, eles seguiram pelas ruas, com ensangüentadas cabeças humanas penduradas em suas lanças – uma lição para os

enlouquecidos cairotas, que se agachavam em seus esconderijos, ofegando de ódio.

O resfolegante eunuco, que trazia notícias da revolta e sua repressão para Al Hakim, foi seguido rapidamente por outro, o qual se prostrou diante do califa e gritou:

— Ó, Senhor dos Três Mundos, o emir Zahir el Ghazi está morto! Seus servos o encontraram assassinado em seu palácio, e ao lado dele, o anel de Zaman, o Espadachim Negro. Por este motivo, os berberes gritam que ele foi assassinado por ordem do emir Othman, procuram por Zaman em el Mansuriya e lutam contra os sudaneses!

Zaida, escutando por trás de uma cortina, abafou um grito e agarrou o próprio peito numa dor breve e passageira. Mas o inescrutável olhar distante de Al Hakim não se alterou; ele estava envolto em indiferença, isolado na contemplação de mistério.

— Que os mamelucos os apartem. — ele disse — Rixas particulares interferirão no destino de Deus? El Ghazi morreu, mas Alá está vivo. Outro homem será achado para liderar minhas tropas para dentro da Espanha. Enquanto isso, que comece a construção de navios. Que os sudaneses cuidem da ralé, até que ela perceba sua insensatez e o pecado de sua heresia. Já reconheci meu destino, que é o de me revelar ao mundo em sangue e fogo, até que todas as tribos da terra me conheçam e se curvem diante de mim. Têm minha permissão para ir!

A noite caía numa cidade tensa, enquanto Diego de Guzman caminhava a passos largos pelas ruas de uma parte vizinha a el Mansuriya, no bairro dos sudaneses. Naquela seção, ocupada principalmente por soldados, luzes brilhavam e estábulos estavam abertos por um implícito acordo mudo. O dia inteiro, revoltas haviam retumbado pelos bairros; a população era como uma serpente de mil cabeças: esmagada num lugar, estourava novamente em outro, xingando, gritando e lançando pedras. Os cascos dos cavalos sudaneses haviam corrido de Zuweyla até a mesquita de ibn Tulun e de volta a Zuweyla,

esguichando sangue.

Agora somente homens armados atravessavam as ruas. Os grandes portões de madeira, com trancas de ferro, dos bairros, estavam fechados, como em épocas de guerra civil. Através do arco carrancudo do grande portão de Zuweyla, tropas de cavaleiros negros andavam a meio-galope, a luz das tochas tingindo de escarlate suas cimitarras desembainhadas. Seus mantos de seda esvoaçavam ao vento, e seus braços negros luziam como ébano polido.

De Guzman não havia quebrado seu juramento a Al Afdhal. Certo de que o turco iria entregá-lo aos muçulmanos, caso ele não parecesse concordar com a exigência do outro, o espanhol havia cavalcado para fora da cidade e para dentro das colinas de Mukattan, antes do meio-dia. Mas ele não jurou que não retornaria. O pôr-do-sol o viu cavalcando para dentro dos subúrbios arruinados, onde ladrões e chacais se moviam furtivamente com passos silenciosos.

Agora, ele andava a pé pelas ruas, entrando nas lojas – onde soldados cingidos se fartavam de melões, nozes e carne, e bebiam vinho secretamente –, e ouvia a conversa deles.

— Onde estão os berberes? – indagou um turco de bigode, abarrotando a boca com um punhado de bolos de amêndoa.

— Estão emburrados no bairro deles. – respondeu outro – Eles juram que el Ghazi foi morto pelos sudaneses, e exibem o anel de Zaman como prova. Todos conhecem aquele anel. Mas Zaman desapareceu. O emir negro Othman jura não saber nada a respeito. Mas ele só pode negar a respeito do anel. Doze homens já foram mortos em brigas, quando o califa ordenou que nós, mamelucos, os apartássemos. Por Alá, este foi um dia daqueles!

— A loucura de Al Hakim causou isso. – declarou outro, abaixando sua voz, e olhando rápida e cautelosamente ao redor – Até quando sofreremos sob o governo daquele cão xiita?

— Cuidado. — avisou seu companheiro — Ele é o califa, e nossas espadas estão a serviço dele, enquanto Es Salih Muhammad assim ordenar. Mas, se a revolta estourar novamente, é mais provável que os berberes lutem contra os sudaneses do que com eles. Dizem que Al Hakim tomou Zaida, concubina de el Ghazi, para seu harém, e isso enfurece mais ainda os berberes, fazendo-os suspeitarem que el Ghazi foi morto, se não por ordem de Al Hakim, pelo menos com o consentimento dele. Mas, *Wellah*, a fúria deles não é nada, perto da de Zulaikha, a quem o califa deixou de lado! Dizem que a ira dela é como a de uma tempestade do deserto.

De Guzman esperou para ouvir mais; mas, levantando-se, ele saiu rapidamente da loja de vinho. Se alguém conhecia os segredos do palácio real, esse alguém era Zulaikha. E uma amante descartada é uma arma perfeita para a vingança. A missão de De Guzman se tornou mais do que uma busca secreta pela vida de um inimigo pessoal. Agora mesmo, os rumores rastejavam para fora da misteriosa fortaleza do palácio do califa, e os homens já falavam, nos bazares, sobre uma invasão à Espanha. De Guzman sabia que a feroz habilidade de luta dos espanhóis não iria, no final, lhes servir contra uma força como a que Al Hakim poderia ser capaz de lançar contra eles. Talvez somente um louco pudesse acolher a idéia de um império mundial, mas um louco poderia cumpri-la; e, fosse qual fosse o destino final da Europa, a ruína de Castela estaria selada se as hordas africanas rolassem pelos desfiladeiros das montanhas. De Guzman pensava pouco na Europa; as terras além dos Pireneus lhe eram obscuras e sombrias, não muito mais reais que os impérios de Alexandre e dos Césares. Era em Castela que ele pensava, e no povo feroz e ardente das selvagens terras altas; nenhum outro pensamento lhe fazia o sangue latejar mais quente nas veias.

Contornando el Mansuriya, ele atravessou o canal e se dirigiu ao pequeno bosque de palmeiras próximo à margem. Tateando na escuridão entre as ruínas de mármore, ele encontrou e ergueu a laje. Mais uma vez, ele avançou através da escuridão total e água gotejante, tropeçou em outra escadaria e a subiu. Seus dedos encontraram e mexeram numa tranca de metal, e ele emergiu no corredor, agora sem iluminação. A casa estava em silêncio, mas o reflexo de luzes em todos os lugares indicava que ela ainda estava ocupada — sem dúvida pelos criados e mulheres do emir assassinado.

Sem saber qual caminho levava para fora, ele andou ao acaso, atravessou uma arcada encortinada... e se deparou com meia-dúzia de escravos negros, que se ergueram de um pulo, olhando ferozmente e de espada na mão. Antes que pudesse recuar, ele ouviu um grito e um grande movimento de pés atrás de si.

Amaldiçoando sua sorte, ele correu diretamente até os desnorteados negros. Um palpitante redemoinho de aço, e ele atravessava o caminho, deixando uma forma se contorcendo e sangrando atrás de si, e corria através de uma portada do outro lado da larga câmara. Espadas curvas gemiam às suas costas e, quando ele bateu a porta atrás de si, o aço vibrou no carvalho resistente e pontas brilhantes apareceram nas tiras de madeira da porta. Ele passou rapidamente a tramela e girou, olhando ferozmente ao redor, em busca de uma via de fuga. Seu olhar caiu numa janela próxima, com barras de ouro.

Correndo impetuosamente e com um ofego de esforço, ele se lançou em cheio contra a janela. Com um despedaçar estilhaçante, as barras moles cederam e todo o batente foi destruído diante do impacto do seu corpo que se arremessava. Ele se lançou no vazio, no exato momento em que a porta era arrombada e um enxame de formas uivantes inundava a sala.

V

No Grande Palácio Leste, onde jovens escravas e eunucos deslizavam sobre furtivos pés descalços, nenhum eco repercutia daquele inferno que rugia do lado de fora das paredes. Numa câmara, cujo domo era de marfim com filigranas de ouro, Al Hakim, vestido numa túnica de seda branca que o fazia parecer ainda mais fantasmagórico e irreal, sentava-se de pernas cruzadas num leito enfeitado de jóias, e encarava, sem piscar, com seus olhos grandes, Zaida, a veneziana que se ajoelhava aos pés dele.

Zaida não estava mais vestida com os farrapos de um escravo. Seu robe era feito com a seda escarlate de Mossul, com beiradas folheadas a ouro; seu cinto de cetim bordado com pérolas. O feitiço das largas ceroulas dela era simples e diáfano, parecendo brilhar suavemente com a pele rosada à qual mal escondiam. Suas argolas eram incrustadas com grandes jóias em forma de péra. Seus longos cílios estavam pintados por cosmético, e suas unhas com henna. Ela estava ajoelhada sobre uma almofada folheada a ouro.

Mas, no meio de todo este esplendor, o qual ofuscava qualquer coisa que até

mesmo aquela princesa de brinquedo já conhecera, os olhos da veneziana estavam ensombrecidos. Pela primeira vez em sua vida, ela se sentia realmente um brinquedo. Ela havia inspirado a última loucura de Al Hakim, mas não o havia dominado. Uma noite, uma hora, ela havia tido expectativa de dobrá-lo às vontades dela. Agora ele parecia afastado dela, e havia uma expressão em seus frios olhos inumanos, à qual a fazia estremecer.

De repente, ele falou, pesada e portentosamente, como um deus enunciando uma sentença:

— Não é apropriado deuses se acasalarem com mortais.

Ela estremeceu, abriu a boca e logo teve medo de falar.

— O amor é humano e é uma fraqueza. – ele continuou, pensativo – Vou afastá-lo de mim. Os deuses estão além do amor. A fraqueza me ataca quando me deito em seus braços.

— O que quer dizer, meu senhor? – ela aventurou, temerosa.

— Até os deuses devem se sacrificar – ele respondeu sombriamente – O amor de uma humana é uma blasfêmia à natureza divina. Renunciarei a você, antes que minha divindade enfraqueça.

Ele bateu palmas calmamente, e um eunuco entrou de quatro – um novo costume criado.

— Traga o emir Othman. – ordenou Al Hakim, e o eunuco bateu violentamente a cabeça contra o chão, e recuou desajeitadamente da presença do califa.

— Não! – Zaida se ergueu de um pulo, desesperada – Oh, meu senhor, tenha piedade! Você não pode me entregar àquele animal negro! Você não pode...

Ela estava de joelhos, agarrando-lhe a túnica, à qual ele arrancou dos dedos dela.

— Mulher! – ele trovejou – Está louca? Quer trazer ruína para cima de você? Você atacaria a pessoa de Deus?

Othman entrou hesitante, e em evidente apreensão – um guerreiro da bárbara Darfur, ele se erguera ao seu atual posto elevado, através de lutas selvagens e uma forma brutal de diplomacia.

Al Hakim apontou para a mulher encolhida de medo aos seus pés, e falou brevemente:

— Leve-a!

O sudanês nunca questionou as ordens de seu monarca. Um largo sorriso lhe dividiu o rosto de ébano e, curvando-se, ele ergueu Zaida, que se contorcia e gritava no aperto dele. Enquanto ele a carregava para fora da sala, ela contorcia os braços, estendendo suas mãos brancas e suplicando desesperadamente. Al Hakim não respondeu; ele entrelaçou as mãos, seu olhar desinteressado e impessoal como o de um viciado em haxixe. Se ouvia os gritos de sua ex-favorita, ele não dava sinal.

Mas outra pessoa ouvia. Agachada numa alcova, uma esguia jovem de pele marrom observava o sorridente sudanês carregar pelo salão sua cativa contorcida. Mal ele desaparecera, ela correu em outra direção, as roupas balançando acima de suas cintilantes pernas marrons.

Othman, o favorito do califa, era o único emir que morava no Grande Palácio,

o qual era na verdade um conjunto de palácios unidos numa enorme estrutura, a qual abrigava 30 mil criados de Al Hakim. Ele morava numa ala que dava no bairro meridional de Beyn el Kasreyn. Para alcançá-la, ele não precisava sair do palácio. Seguindo corredores sinuosos, cruzando um ocasional pátio aberto pavimentado por mosaicos e limitado por arcos desgastados e sustentados por colunas de alabastro, ele chegou à sua casa.

Espadachins negros guardavam a porta de teca negra, enfaixada por cobre com arabescos, a qual separava seu quarto do resto do palácio. Mas, quando ele se aproximou daquela porta, uma forma flexível deslizou para fora de um largo corredor enfeitado por panos, e lhe barrou o caminho.

— Zulaikha! – O negro recuou em temor quase supersticioso; as esguias mãos brancas da mulher se fechavam e abriam num requinte de ira sutil e profunda demais para a compreensão grosseira dele; e, sobre o véu tênue, seus olhos ardiam como gemas do inferno.

— Um servo me deu a notícia de que Al Hakim havia descartado a vadia ruiva. – disse a árabe – Portanto, venda-a para mim! Pois tenho uma dívida que quero pagar de bom grado.

— Por que eu deveria vendê-la? – discordou o sudanês, remexendo-se em impaciência animal – O califa a deu para mim. Afaste-se, mulher, antes que eu lhe cause algum dano.

— Já ouviu o que os berberes gritam nas ruas? – ela perguntou.

Ele estremeceu, empalidecendo levemente.

— O que isso tem a ver comigo? – ele esbravejou, mas sua voz não era firme.

— Eles uivam pela cabeça de Othman. – ela disse fria e venenosamente – Eles

lhe chamam de o matador de Zahir el Ghazi. O que aconteceria se eu fosse até eles e dissesse que aquilo do que suspeitam é verdade?

— Mas não tenho nada a ver com isso! – ele exclamou ferozmente, como um homem pego numa rede invisível.

— Posso fazer homens jurarem que lhe viram ajudando Zaman a matá-lo.

— Vou te matar! – ele sussurrou.

— Você não ousaria, animal negro das savanas! Agora, você vai me vender esta rapariga ruiva, ou enfrentar os berberes?

Suas mãos afrouxaram o aperto, deixando Zaida cair ao chão.

— Leve-a e vá embora! – ele murmurou, com a pele negra empalidecida.

— Primeiro leve seu pagamento! – ela replicou com malícia vingativa, e lançou um punhado de moedas em cheio no rosto dele. Ele recuou como um enorme macaco negro, seus olhos vermelhos, e suas mãos pardas abrindo e fechando numa vã sede de sangue.

Ignorando-o, Zulaikha se curvou sobre Zaida, a qual se agachou, atordoada em nauseada impotência, esmagada pela percepção de sua incapacidade contra este novo conquistador, contra o qual, sendo alguém do mesmo sexo, toda a sedução e astúcia que ela havia usado nos homens eram inúteis. Zulaikha agarrou os cachos vermelhos da veneziana com os dedos e, forçando-lhe brutalmente a cabeça para trás, encarou fundo seus olhos com uma possessividade feroz e ansiosa, a qual fez Zaida congelar.

A árabe bateu palmas, e quatro eunucos sírios entraram.

— Levantem-na e levem até minha casa. — Zulaikha ordenou, e eles pegaram a encolhida veneziana e a carregaram dali. Zulaikha os seguiu, com as unhas rosas afundando nas palmas das mãos, enquanto inspirava suavemente entre os dentes cerrados.

VI

Quando Diego de Guzman mergulhou pela janela, ele não fazia idéia do que havia na escuridão sob ele. Não caiu muito, e se espatifou em arbustos que lhe amorteceram a queda. Erguendo-se de um pulo, ele viu seus perseguidores se amontoando através da janela à qual acabara de despedaçar, e estorvando uns aos outros por causa de seu grande número. Ele estava num jardim, um lugar grande e sombreado por flores fantasmagóricas e árvores. No momento seguinte, ele corria por entre as sombras, ziguezagueando entre a plantação de arbustos. Seus caçadores andavam às cegas por entre as árvores, correndo a esmo e embaraçados. Sem obstáculos, ele alcançou o muro, deu um pulo alto, agarrou o espigão com uma das mãos e transpôs a parede alta.

Ele parou e procurou se orientar. Nunca havia estado antes nas ruas de El Kahira, mas havia escutado tão freqüentemente a descrição da cidade interna, que tinha um mapa dela em sua mente. Ele sabia que estava no Bairro dos Emires e, à sua frente, sobre os tetos planos, avultava uma grande estrutura, a qual só poderia ser o Palácio Menor do Oeste, uma gigantesca casa de prazer, a qual dava no bastante famoso Jardim de Kafur. Bastante seguro de onde andava, ele correu pela rua estreita na qual caíra, e logo saiu na larga passagem que atravessava El Kahira do Portão de Futuh, ao norte, ao Portão de Zuweyla, ao sul.

Embora já fosse tarde da noite, havia muita agitação pelas ruas. Mamelucos armados passavam por ele a cavalo; na larga Beyn el Kasreyn, a grande praça que ficava entre os palácios gêmeos, ele ouviu o retinir de rédeas em cavalos inquietos, e viu um esquadrão de cavaleiros sudaneses montados em seus

corcéis sob a luz das tochas. Havia motivo para sua vigilância. À distância, ele ouvia tambores tocando de forma taciturna entre os quartéis. Em algum lugar além dos muros, uma luz tênue começou a brilhar contra as estrelas. O vento trouxe breves trechos de música selvagem e gritos distantes.

Com sua bazófia de soldado e o cabo do sabre apontado proeminentemente para a frente, De Guzman passou despercebido entre as figuras de cota-de-malha e com armas à cintura, que espreitavam as ruas. Quando ele se aventurou a puxar a manga de um mameluco barbudo e perguntar o caminho para a casa de Zulaikha, o turco deu a informação prontamente e sem surpresa. De Guzman sabia – assim como todo o Cairo – que, embora a árabe considerasse Al Hakim sua propriedade especial, ela não se considerava de forma alguma posse exclusiva do califa. Havia capitães mercenários que eram tão familiarizados com os aposentos dela quanto Al Hakim o fora.

A casa de Zulaikha ficava imediatamente afastada da larga rua e construída como adjacência de uma corte do Palácio Leste, a cujos jardins era conectada, de modo que Zulaikha, nos seus dias de favorita, poderia passar entre sua casa e o palácio sem violar a ordem do califa sobre o isolamento de mulheres. Zulaikha não era uma criada; era a filha de um sheik livre e havia sido amante de Al Hakim, não sua escrava.

De Guzman não esperou qualquer grande dificuldade em entrar na casa dela; ela manipulava secretamente intrigas e políticas, e homens de todos os credos eram admitidos em sua câmara de audiência, onde jovens dançarinas e ópio ofereciam entretenimento. Naquela noite, não havia dançarinas nem convidados, mas um iemenita mal-encarado abriu, sem fazer perguntas, a porta arcada, acima da qual ardia uma lâmpada a óleo, e conduziu o falso mouro através de um pequeno pátio interno, subindo uma escadaria externa, ao longo de um corredor e para dentro de uma larga câmara, na qual se abriam vários arcos desgastados e enfeitados por tapeçarias de veludo escarlate.



A sala estava vazia, sob o brilho suave dos lampiões de bronze, mas em algum lugar na casa, soava o grito agudo de uma mulher que sofria, acompanhado por opulenta risada musical, também em voz de mulher, e indescritivelmente vingativa e maligna.

Mas De Guzman deu pouca atenção a isso, pois foi naquele momento que

todo o inferno explodiu do lado de fora dos muros de El Kahira.

Foi um rugido abafado de incrível volume, como o bramido de uma torrente enclausurada finalmente explodindo sua represa; mas era o selvagem uivo bestial de muitos homens. O iemenita também ouviu, e sua pele escura empalideceu. Então, ele gritou e se precipitou para dentro do corredor, enquanto lá fora soava o barulho de pés e uma respiração ofegante.

Numa câmara vizinha, endireitando-se de um trabalho que achava indescritivelmente divertido, Zulaikha ouviu um grito abafado do lado de fora da porta, o zunir e cortar de um golpe selvagem e o baque de um corpo que caía. A porta foi subitamente aberta e Othman entrou – uma figura selvagem e aterrorizante, com os olhos revirados e os dentes à mostra brilhando à luz dos lampiões, o sangue pingando de sua larga cimitarra.

— Cão! – ela exclamou, erguendo-se abruptamente, como uma serpente que se desenrola – O que faz aqui?

— A mulher que você tomou de mim! – ele vociferou, simiesco em sua fúria – A ruiva! O inferno está solto no Cairo! Os bairros se revoltaram! As ruas irão boiar em sangue antes do amanhecer! Cavalgo para cortar os cães sunitas como talos de bambu. Uma matança a mais em toda esta chacina nada significa! Dê-me a mulher antes que eu lhe mate!

Embragado pela sede de sangue e pelo desejo frustrado, o enlouquecido negro havia esquecido seu medo de Zulaikha. A árabe deu uma rápida olhada na figura nua e trêmula que jazia estendida, de pés e mãos atadas, a um divã. Ela ainda não havia feito tudo o que queria com sua rival. Tudo o que ela havia feito fora apenas um divertido prelúdio de tortura, mutilação e morte – agonizante em sua humilhação. Todo o inferno não poderia tomar a vítima que lhe pertencia.

— Ali! Abdullah! Ahmed! – ela guinchou, puxando uma adaga cravejada de jóias.

Com um bramido de touro, o enorme negro investiu. A árabe nunca havia lutado contra homens, e sua rapidez flexível, sem experiência nem conhecimento de combate, foi inútil. A lâmina larga afundou no corpo dela, a ponta se sobressaindo a trinta centímetros entre os ombros. Com um grito sufocado de agonia e terrível surpresa, ela desabou e o sudanês puxou brutalmente a cimitarra enquanto ela caía. Naquele instante, Diego de Guzman apareceu na porta.

O espanhol nada sabia das circunstâncias; ele apenas viu um enorme negro puxando sua espada do corpo de uma mulher branca, e agiu de acordo com seus instintos.

Othman, girando como um grande gato, ergueu sua cimitarra gotejante, apenas para tê-la espantosamente batida em seu crânio lanoso sob o terrível golpe de De Guzman. Ele cambaleou e, no instante seguinte, o sabre, brandido com toda a força dos músculos enrijecidos do espanhol, decepou-lhe o braço esquerdo na altura do ombro, desceu cortando as costelas e se cravou profundamente no osso de sua bacia.

De Guzman, grunhindo e praguejando enquanto torcia sua lâmina para fora da carne e osso que a aprisionava, suando de medo de um ataque antes que pudesse soltar a lâmina, ouvia o trovejar crescente da multidão, e seu cabelo se arrepiava. Ele conhecia aquele rugido – o grito de caça de homens, o trovão que sacudia os tronos do mundo ao longo das eras. Ele ouvia o barulho de cascos nas ruas lá fora, e vozes ferozes gritando comandos.

Ele se voltava para o corredor externo, quando ouviu uma voz implorando por algo e, girando de volta à câmara, viu, pela primeira vez, a forma nua se contorcendo no divã. Seus membros e corpo não apresentavam cortes nem machucados, mas suas bochechas estavam molhadas de lágrimas; os cabelos vermelhos, que fluíam em selvagem abundância sobre seus ombros brancos, estavam molhados de suor, e sua carne tremia como se tivesse sido torturada.

— Solte-me! – ela suplicou – Zulaikha está morta... solte-me, em nome de Deus!

Sussurrando uma praga impaciente, ele lhe cortou as cordas e girou de novo, esquecendo-a quase instantaneamente. Ele não a viu se erguer e deslizar através de uma portada encortinada.

Lá fora, uma voz gritava:

— Othman! Em nome de Shaitan, onde está você? É hora de montar e cavalgar! Eu vi você correndo até aqui! O diabo te leve, seu cão negro; onde está você?

Uma figura em malha e elmo entrou bruscamente na sala, e então parou de repente.

— O quê...? *Wellah!* Você mentiu para mim!

— Eu não! – De Guzman respondeu alegremente – Deixei a cidade, como havia jurado fazer, mas voltei.

— Onde está Othman? – indagou Al Afdhal – Eu o segui até aqui... Alá! – Ele puxou selvagemmente os bigodes – Por Deus, o Único Deus Verdadeiro! Oh, cáfaro maldito! Por que você tinha que matar Othman? Todas as cidades se revoltaram, e os berberes lutam contra os sudaneses, os quais já estavam ocupados. Cavalgo com meus homens para ajudar os sudaneses. Quanto a você... ainda lhe devo minha vida, mas há um limite para tudo! Em nome de Alá, vá embora e não me deixe mais vê-lo novamente!

De Guzman sorriu como um lobo:

— Você não vai se livrar tão fácil de mim, desta vez, *Es Salih Muhammad!*

O turco se sobressaltou:

— O quê?

— Pra que continuar esta farsa? – replicou De Guzman – Eu lhe conheci quando entramos na casa de Zahir el Ghazi, a qual outrora havia sido a casa de Es Salih Muhammad. Somente um dono da casa poderia ser tão familiarizado com os segredos dela. Você me ajudou a matar el Ghazi, porque o berbere havia pagado Zaman e os outros para lhe matarem. Muito bem. Mas isso não é tudo. Vim ao Egito para matar el Ghazi; está feito; mas agora Al Hakim planeja a ruína da Espanha. Ele deve morrer; e você deve me ajudar na derrota dele.

— Você é tão louco quanto Al Hakim! – exclamou o turco.

— O que aconteceria se eu fosse até os berberes e dissesse a eles que você me ajudou a matar o emir deles? – perguntou De Guzman.

— Eles lhe cortariam em pedaços!

— Sim, eles o fariam! Mas eles lhe cortariam igualmente em pedaços. E os sudaneses os ajudariam; eles também não amam os turcos. Berberes e negros juntos matarão cada turco no Cairo. Então, como fica sua ambição, se a sua cabeça é arrancada? Morrerá, é claro; mas, se eu colocar sudaneses, turcos e berberes para matarem uns aos outros, talvez a rebelião destrua a todos eles, e eu terei ganhado, na morte, o que não consegui em vida.

Es Salih Muhammad reconheceu a determinação sombria que havia por trás das palavras do castelhano.

— Vejo que devo matá-lo, afinal! – ele sussurrou, puxando a cimitarra. No momento seguinte, o estrondo do aço ressoou na sala.

Ao primeiro golpe, De Guzman percebeu que o turco era o melhor espadachim ao qual encontrara; ele era gelo onde o espanhol era fogo. À sua relutância de matar Es Salih, era adicionado o conhecimento de que era enfrentado por um espadachim melhor que ele próprio. E o pensamento o animava a uma fúria desesperada, de modo que a impetuosa indiferença que sempre fora sua fraqueza, tornou-se sua força. Sua vida não importava; mas, se ele caísse naquela câmara ensanguentada, Castela cairia com ele.

Do lado de fora dos muros de El Kahira, a plebe avançava e rapinava, tochas espirravam fagulhas, e o aço bebia e se avermelhava. Dentro da câmara da falecida Zulaikha, as lâminas curvas cantavam e assobiavam. Golpeie, Diego de Guzman! (elas cantam). A Espanha depende de seu braço. Golpeie pelas glórias do passado e pelos esplendores do futuro. Golpeie pelo trovejar de armas, pelo sussurrar das bandeiras nos ventos das montanhas, a agonia do esforço e o sangue do martírio; golpeie pelas lanças das terras altas, as mulheres de cabelos negros, fogos nos corações vermelhos, e as trombetas de impérios que ainda virão! Golpeie pelos reinos não-nascidos, a pompa da glória e os grandes galeões deslizando, através de um mar dourado, para um mundo não-sonhado! Golpeie pela maravilha que é a Espanha, antiga e sempre jovem, a fênix das nações, sempre se erguendo das cinzas de um passado morto para arder entre os estandartes do mundo!

Através dos lábios entreabertos, sibilava a respiração de Es Salih Muhammad. Sob sua pele escura, crescia uma cor azul. Habilidade e astúcia não lhe serviam contra esta encarnação de olhos ardentes da fúria, a qual avançava sobre ele numa onda irresistível, batendo como um ferreiro numa forja.

Sob a bandagem encrostada de marrom, o ferimento de De Guzman estava sangrando novamente, e o sangue lhe escorria pela têmpora, mas sua espada era como uma roda flamejante. O turco só conseguia aparar; ele não tinha oportunidade de revidar.

Es Salih Muhammad lutava por ambição pessoal; Diego de Guzman lutava pelo futuro de uma nação.

Um último ofego de intenso esforço muscular, uma explosão de força

dinâmica e a cimitarra foi arrancada da mão do turco. Ele recuou cambaleando com um grito, não de dor nem medo, mas de desespero. De Guzman, seu peito largo arfando devido aos seus esforços, afastou-se.

— Não vou lhe matar pessoalmente. – ele disse – Nem vou lhe arrancar um juramento no fio da espada. Você não o manteria. Irei até os berberes e ao meu destino... e seu. Adeus. Eu teria feito de você vizir do Egito!

— Espere! – ofegou Es Salih, agarrando uma cortina para se apoiar – Vamos raciocinar sobre este assunto! O que quer dizer?

— O que eu falei! – De Guzman deu as costas para a porta, eletrificado com uma sensação de que ele finalmente tinha um jogo desesperado na mão – Não percebe que, neste momento, você tem a balança do poder? Os sudaneses e berberes lutam uns contra os outros, e os caiotas lutam contra ambos! Nenhuma facção pode vencer sem a sua ajuda. O modo como você lançar seus mamelucos será o fator decisivo. Você planejava ajudar os sudaneses e esmagar tanto berberes quanto rebeldes. Mas suponha que você jogue sua sorte com os berberes. Suponha que você apareça como líder da revolta, o defensor do credo ortodoxo contra um blasfemador. El Ghazi está morto; Othman está morto; a plebe não tem líder. Você é o único homem forte no Cairo. Você busca honras sob Al Hakim; honras maiores você pode conseguir sozinho! Junte os berberes com seus turcos e elimine os sudaneses! O povo irá aclamá-lo como um libertador. Mate Al Hakim! Nomeie outro califa, com você mesmo como vizir e verdadeiro governante! Cavalgarei ao seu lado, e minha espada é sua!

Es Salih, que havia escutado como um homem num sonho, soltou uma súbita risada, como um bêbado. A percepção, de que De Guzman queria usá-lo como um peão para esmagar um rival da Espanha, foi afogada no vinho impetuoso da ambição pessoal.

— *Feito!* – ele trombeteou – Para casa, irmão! Você me mostrou o caminho que procuro! Es Salih Muhammad ainda governará o Egito!

VII

Na grande praça de el Mansuriya, as tochas arremessadas brilhavam sobre um turbilhão de figuras que se esforçavam e saltavam, cavalos que relinchavam e lâminas cortantes. Homens morenos, negros e brancos lutavam. Berberes, sudaneses e egípcios, ofegando, praguejando, matando e morrendo.

Durante mil anos, o Egito havia dormido sob o calcanhar de senhores estrangeiros; agora ele acordava, e seu despertar era escarlate.

Como loucos sem cérebro, os cairotas agarravam os matadores negros, arrastando-os em massa de suas selas, cortando as barrigueiras dos cavalos enlouquecidos. Piques enferrujados retiniam contra lanças. O fogo surgia repentinamente em cem lugares, elevando-se aos céus até os pastores em Mukattan acordarem e ficarem boquiabertos de espanto. De todos os subúrbios saíam abundantemente figuras selvagens e desvairadas – uma torrente urrante de mil galhos, todos convergindo para a grande praça. Centenas de formas imóveis, em malhas ou em cáftans rasgados em tiras, jaziam sob os cascos e pés esmagadores; e, sobre eles, os vivos gritavam e cortavam.

A praça ficava no coração do bairro sudanês, no qual vinham rapinando os berberes loucos por sangue, enquanto a maioria dos negros havia enfrentado a plebe em outras partes da cidade. Agora, retirando-se às pressas para seu próprio bairro, os espadachins de ébano dominavam os berberes com pura superioridade numérica, enquanto a turba ameaçava engolir ambas as hordas. Os sudaneses, sob o comando de seu capitão Izz ed din, mantinham alguma aparência de ordem, o que dava a eles uma vantagem sobre os desorganizados berberes e a plebe sem líder.

Os enlouquecidos cairotas destruíam e pilhavam as casas dos negros, arrastando mulheres uivantes para fora; o brilho das construções em chamas fazia a praça nadar num oceano de fogo.

Em algum lugar ali, começou o zunido de timbales tártaros, mais alto que o vibrar de muitos cascos.

— Os turcos, finalmente! – ofegou Izz ed din – Eles demoraram muito! E onde, em nome de Alá, está Othman?

Um cavalo desvairado corria para dentro da praça, a espuma lhe esvoaçando das argolas das rédeas. O montador girou na sela, com as vestes coloridas esfarrapadas e a pele de ébano fustigada em escarlate.

— Izz ed din! – ele gritou, agarrando a crina esvoaçante com ambas as mãos – *Izz ed din!*

— Aqui, idiota! – rugiu o sudanês, agarrando as rédeas do outro e fazendo o cavalo recuar e se sentar.

— Othman está morto! – gritou o homem, acima do rugido das chamas e do crescente trovejar dos timbales que avançavam – Os turcos se voltaram contra nós! Eles estão matando nossos irmãos nos palácios! Sim! Estão chegando!

Com um trovejar ensurdecador de cascos e um rufar estremecedor de tambores, os esquadrões de lanceiros em cotas-de-malha invadiram a praça, dividindo as ondas de matança e atropelando tanto amigos quanto inimigos. Izz ed din viu o moreno rosto exultante de Es Salih Muhammad sob o arco brilhante de sua cimitarra e, com um rugido, cavalgou em direção a ele, seus esquadrões rodopiando atrás de si.

Mas, com um estranho grito-de-guerra, um cavaleiro em vestimenta mourisca se ergueu nos estribos, golpeou e Izz ed din caiu; e, sobre os corpos talhados de seus capitães, trovejaram os cascos dos matadores – um rio moreno e urrante que trovejava dentro da noite partida pelas chamas.

Nos contrafortes rochosos de Mukattam, os pastores assistiam e tremiam, vendo o brilho de fogo e matança desde o Portão de el Futuh até a mesquita de Ibn Tulun; e o clangor de espadas era ouvido ao sul, até El Fustat, onde nobres pálidos tremiam em seus palácios rodeados por jardins.

Como uma torrente escarlata, espumante e facetada de fogo, as marés de fúria inundavam os bairros e jorravam através do Portão de Zuweyla, manchando as ruas de El Kahira, a Vitoriosa. Na grande Beyn el Kasreyn, onde 10 mil homens poderiam desfilar, os sudaneses fizeram sua resistência final, e lá morreram, encurralados por turcos com elmos, berberes que guinchavam e cairotas furiosos.

Foi a população quem primeiro voltou sua atenção para Al Hakim. Correndo através das portas de bronze com arabescos do Grande Palácio Leste, as hordas esfarrapadas fluíam uivando pelos corredores, através dos Portões Dourados, para dentro do grande Salão Dourado, arrancando a cortina de filigranas de ouro, para revelar um trono dourado vazio. Tapeçarias bordadas a seda foram arrancadas das paredes com frisos, por dedos sujos e ensangüentados; mesas de ônix foram derrubadas com um barulho de vasos esmaltados a ouro; eunucos em robes escarlates fugiram aos guinchos; jovens escravas gritavam nas mãos dos violadores.

No Grande Salão Esmeralda, Al Hakim se erguia como uma estátua num estrado coberto de peles. Suas mãos brancas estavam contraídas e seus olhos, nublados; parecia um bêbado. Na entrada do salão, se aglomerava um punhado de servos fiéis, expulsando a multidão com espadas desembainhadas. Um bando de berberes abria caminho penosamente através da turba heterogênea e entrava no corpo-a-corpo com os escravos negros; e, naquela tempestade de golpes de espada, nenhum homem teve tempo de olhar para a alva forma rígida no estrado.

Al Hakim sentiu uma mão lhe puxando o cotovelo, e olhou para o rosto de Zaida, vendo-a como num sonho.

— Venha, meu senhor! – ele insistia – Todo o Egito se revoltou contra você! Pense em sua própria vida! Siga-me!

Ele a permitiu guiá-lo. Movia-se como um homem em transe, murmurando:

— Mas eu sou Deus! Como pode um deus ser derrotado? Como pode um deus morrer?

Puxando para o lado uma tapeçaria, ela o guiou para dentro de uma alcova e através de um longo corredor estreito. Zaida aprendera bem os segredos do Grande Palácio, durante sua breve permanência lá. Através dos indistintos jardins com cheiro de pimenta, ela o guiou apressadamente, através de uma rua sinuosa entre casas de tetos planos. Ela havia lançado seu *khalat* sobre ele. Nenhuma das poucas pessoas às quais encontraram deram atenção ao par que corria. Um pequeno portão, escondido atrás de um amontoado de palmeiras, os fez atravessar o muro. A norte e leste, El Kahira era cercada pelo deserto vazio. Eles haviam saído pelo lado leste. Atrás deles, e bem longe ao sul, se erguia o ruído das chamas e da matança; mas, ao redor deles, somente o deserto, silêncio e estrelas. Zaida parou, e seus olhos brilhavam à luz das estrelas, enquanto ela permanecia muda.

— Sou Deus. – murmurou Al Hakim atordoado – De repente, o mundo ficou em chamas. Mas eu sou Deus...

Ele mal sentiu os braços fortes da veneziana ao redor dele, num último e terrível abraço. Ele mal ouviu o sussurro dela:

— Você me entregou nas mãos de um animal negro! Graças a ele, cá nas garras de minha rival, a qual me deu tamanha vergonha com a qual os homens não sonham! Eu lhe ajudei a fugir, porque ninguém, exceto Zaida, lhe destruirá, Al Hakim, idiota que pensou ser um deus!

Mesmo quando sentiu a estocada mortal da adaga dela, ele gemeu:

— Mas eu sou Deus... e os deuses não podem morrer...

Em algum lugar, um chagal começou a ganir.

De volta a El Kahira, no Grande Palácio Leste, cujos mosaicos estavam sujos de sangue, Diego de Guzman, uma figura ensangüentada, se voltou para Es Salih Muhammad, igualmente desalinhado e manchado.

— Onde está Al Hakim?

— Que importa? – riu o turco – Ele caiu; somos senhores do Egito esta noite, você e eu! Amanhã, outro se sentará no trono do califa; uma marionete cujas cordas puxarei. Amanhã, serei vizir, e você... peça o que quiser! Mas esta noite, governamos em poder nu, pelo brilho de nossas espadas!

— Mas eu gostaria de enfiar meu sabre em Al Hakim, como um clímax apropriado ao trabalho desta noite. – respondeu De Guzman.

Mas não era para ser assim, embora homens com adagas sedentas percorressem salões atapetados e câmaras abobadadas, até que ao ódio e fúria comessem a ser adicionados espanto e o temor supersticioso que cresce das lendas de desaparecimentos milagrosos, e através dos quais mistérios invocam o sobrenatural. O tempo transforma loucos em santos e místicos; nas distantes montanhas do Líbano, os drusos aguardam o retorno de Al Hakim, o Divino. Mas, embora aguardem até as trombetas serem sopradas pela passagem de 10 mil anos, eles nunca chegarão perto dos portais do Mistério. E somente os chacais que freqüentam as colinas de Mukattan, e os abutres que dobram suas asas sobre as torres de Bab el Vezir, poderiam contar o destino final do homem que queria ser Deus.

FIM

A PRINCESA ESCRAVA

(fragmento/sinopse)

Título Original: The Slave-Princess

I

Lá fora, o clamor era ensurdecedor. O ruído de aço com aço, misturado com gritos de sede de sangue e gritos de triunfo selvagem. A jovem escrava hesitava e olhava ao redor da sala onde se encontrava. Havia resignada impotência em seu olhar. A cidade havia caído; os turcomanos embriagados de sangue cavalgavam pelas ruas, queimando, saqueando e massacrando. A qualquer momento, ela poderia ver os vitoriosos selvagens correndo, com mãos ensangüentadas, pela casa de seu dono.

De outra parte da casa, um mercador gordo veio correndo. Seus olhos estavam arregalados de terror, e ele respirava ofegante. Ele trazia pedras preciosas e bugigangas sem valor nas mãos – pertences agarrados cegamente e ao acaso.

— Zuleika! – sua voz era o guincho de uma doninha numa armadilha – Abra a porta, rápido; e depois tranque-a deste lado... fugirei pelos fundos. Por Alá! Os demônios turcos estão matando a todos nas ruas... as sarjetas estão ensangüentadas...

— E quanto a mim, meu amo? – a garota perguntou humildemente.

— Quanto a você, vadia? – gritou o homem, batendo violentamente nela – Abra a porta; abra a porta, estou lhe dizendo... ahhhhhh!

Sua voz ficou quebradiça como gelo. Através de uma porta externa, veio entrando uma figura selvagem e medonha – um turcomano peludo e esfarrapado, cujos olhos eram os de um cão louco. Zuleika, em terror congelado, viu os grandes olhos que miravam ferozmente, o cabelo escorrido e a lança curta agarrada por uma mão com pingos escarlates.

A voz do mercador se ergueu a um guincho desvairado. Ele correu desesperadamente para atravessar a sala, mas o homem tribal pulou como um gato sobre um rato, e uma mão magra agarrou as vestes do mercador. Zuleika assistia em horror mudo. Ela tinha motivos para odiar o homem – motivos de afronta, castigo e indignidade –, mas, no fundo do coração, ela sentiu pena do infeliz uivante, quando ele se contorceu e encolheu diante de seu destino. A lança rasgou para cima; os gritos cessaram num terrível gorgolejo. O turcomano deu um passo sobre a horrível coisa vermelha sobre o chão e se aproximou da jovem aterrorizada. Ela recuou, muda. Sozinha, ela havia percebido a crueldade do homem e a inutilidade de suplicar. Ela não implorou por sua vida. O turcomano a agarrou pelo peito da única roupa sumária que ela usava, e ela sentiu aqueles selvagens olhos bestiais arderem para os dela. Ele estava arrebatado demais pelo desejo de matança, para que ela lhe despertasse outro desejo em sua alma selvagem. Naquele momento rubro, ela era apenas uma coisa viva, pulsante e que latejava com vida, para ele silenciar para sempre em sangue e agonia.

Ela procurou fechar os olhos, mas não conseguiu. Numa clara luz branca de semi-desinteresse, ela deu boas-vindas à morte, para terminar uma estrada que havia sido dura e cruel. Mas sua carne se encolhia do destino que seu espírito aceitara, e somente o aperto de seu atacante a manteve ereta. Com um esgar de lobo, ele encostou a ponta afiada da lança contra o peito dela, e um pequeno fio de sangue brotou da pele delicada. O homem tribal inspirou em êxtase feroz; ele enfiaria a lâmina devagar, gradualmente, torcendo-a de forma torturante, saciando sua crueldade nas contorções agonizadas e gritos de sua bela vítima.

Um passo pesado soou atrás deles, e uma voz áspera praguejou numa língua não-familiar. O turcomano girou, com a barba eriçada num rosnado feroz. A garota semi-desmaiada cambaleou para trás, contra um divã, sua mão no peito. Era um franco encouraçado, que havia adentrado a sala e, para o olhar aturdido da jovem, ele avultava como um gigante vestido em ferro. Ele tinha mais de um metro e oitenta de altura, e seus ombros e membros vestidos de aço eram poderosos. De seus calcanhares até seu pesado elmo sem viseira, ele estava compactamente encouraçado, e suas feições bronzeadas e cicatrizadas se somavam à importância sinistra de sua aparência. Não havia uma mancha de sangue em sua malha, e sua espada lhe pendia embainhada no cinto. A jovem sabia que ele só poderia ser um homem: Cormac FitzGeoffrey, o foradalei franco que, às vezes, caçava com a matilha turcomana.

Agora, ele andava a passos largos e pesados em direção a eles, rosnando um aviso para o guerreiro, cujos olhos ardiam com uma luz feroz. O turcomano cuspiu uma praga e saltou como um lobo, arremetendo ferozmente. Um braço vestido em cota-de-malha pôs a lança de lado e, quase com o mesmo movimento, Cormac agarrou o pescoço do turcomano com a mão esquerda, num aperto semelhante ao de um torno, e, com a cerrada mão direita, acertou

sua vítima com um golpe semelhante ao de uma marreta na têmpora. Sob o punho encouraçado, o crânio do homem tribal partiu como uma abóbora, e Cormac deixou o cadáver contorcido cair descuidadamente aos seus pés. Zuleika ficou calada, a cabeça baixa em submissão, como se resignada a este novo mestre tanto quanto ao outro, mas o franco não mostrou sinais de reivindicar sua presa. Ele se afastou, com um único olhar casual para a garota, e então parou bruscamente, quando seu breve olhar descansou no pálido rosto dela. Seus olhos se estreitaram, e ele se aproximou dela. Ela se erguia diante dele, como uma criança diante de seu volume ofuscante.

Ele pôs a mão encouraçada sobre seu ombro delicado, e os joelhos dela se dobraram sob o peso involuntário dele. Ela ergueu a cabeça para olhar o rosto dele. Seus ardentes olhos azuis lhe pareciam os de um animal da selva.

— Garota, qual o seu nome? – ele ribombou em Árabe.

— Zuleika, senhor. – ela respondeu na mesma linguagem,

Ele estava calado, como se ponderando. Seu rosto cicatrizado era inescrutável, mas ela percebeu o novo brilho de seus olhos vulcânicos. Sem uma palavra, ele a ergueu com o braço esquerdo, como um homem faria com um bebê. Sua cativa não exprimiu protesto, enquanto ele a carregava para a rua. Sorte. Nenhuma mulher sabia qual Destino estava reservado para ela, e Zuleika havia aprendido submissão numa escola amarga.

A fumaça era soprada pelas ruas em rajadas intermitentes; os turcomanos estavam queimando a cidade. Os prantos de terror e agonia, e os gritos de fúria exultante, ainda se erguiam. Cormac caminhou sobre o corpo de um judeu que jazia numa poça escarlate. Zuleika percebeu, com um tremor, que os dedos haviam sido decepados – mesmo na morte, o judeu se agarrava aos seus tesouros mesquinhos. Uma onda de náusea rolou sobre ela, e ela pressionou o rosto contra o ombro encouraçado de seu captor, impedindo a entrada das visões de horror. Um súbito grito feroz a fez erguer o olhar novamente.

Cormac caminhava em direção a um enorme garanhão negro, de aparência selvagem, que estava com as rédeas penduradas na rua; e um guerreiro alto, usando elmo com pluma de garça e malha lavrada a ouro, corria em sua direção, agarrando uma cimitarra gotejante. Zuleika percebeu que o guerreiro a desejava e, mesmo naquele momento, sentiu que ele estava disposto a disputar a posse de uma escrava com o sombrio franco, quando muitas mulheres poderiam ser tomadas. Cormac a mudou de posição, de modo que seu corpo protegesse o dela, e desembainhou sua pesada espada. Quando o guerreiro deu um salto, o franco golpeou como um leão, e a cabeça do turcomano rolou sobre a poeira ensanguentada. Chutando o corpo caído para um lado, Cormac alcançou seu cavalo, o qual empinava e bufava com as

narinas alargadas diante do cheiro de sangue. Mas nem a impaciência de seu cavalo, nem sua cativa, tolheram o franco, que montou facilmente na sela e galopou em direção aos portões despedaçados.

A fumaça, o sangue e o clamor desapareciam lá atrás, e o deserto em terreno elevado aparecia ao redor deles. Zuleika ergueu o olhar para o rosto sombrio e inescrutável de seu novo amo, e uma estranha fantasia lhe cruzou o pensamento. Qual garota nunca sonhou em ser levada na sela de seu príncipe de romance? Assim Zuleika sonhara em outros tempos. Longo sofrimento a havia limpado de amargura, mas ela se surpreendia indefesa diante do capricho do acaso. “Ela foi levada na sela do cavalo”; mas suas roupas não eram as túnicas de uma princesa, e sim a veste de uma escrava; nem ela cavalgava ao ritmo das harpas, mas ao de uivos penosos de horror e massacre; e seu captor não era o príncipe de seus sonhos infantis, mas um sombrio fora-da-lei, duro e selvagem como a terra montanhosa que o gerou.

II

O castelo do Senhor Amory ficava em meio a uma terra selvagem. Construído originalmente pelos cruzados, caíra nas mãos dos seljúcidas, dos quais havia sido novamente tomado pela astúcia e desesperada coragem de seu atual dono. Era um dos poucos domínios em terras desoladas que restavam dos francos; um posto avançado que se erguia corajosamente numa terra hostil. Havia léguas de distância entre a fortaleza de Amory e o mais próximo castelo cristão. Ao sul ficava o deserto. A leste, pelas areias, se erguiam as montanhas selvagens onde se escondiam inimigos ferozes.

A noite havia caído, e Amory se sentava numa sala interna, ouvindo atenciosamente o seu convidado. Amory era alto, esguio e belo, com agudos olhos cinzas e cachos dourados. Suas roupas outrora haviam sido ricas e suntuosas, mas agora estavam desgastadas e desbotadas. As jóias que outrora adornavam o cabo de sua espada haviam sumido. A pobreza se refletia tanto em seu vestuário quanto no próprio castelo, o qual era improdutivo além do normal, mesmo dos castelos feudais daqueles dias rudes. Amory vivia do saque, como vive um lobo; e, como um lobo do deserto, sua vida era magra e dura.

Ele se sentava no banco tosco, o punho no queixo, e olhava para seus convidados. Seu castelo era um dos poucos abertos para Cormac FitzGeoffrey. A cabeça do fora-da-lei tinha um preço, e as magras fortalezas dos francos de Outremer estavam trancadas para ele; mas aqui, além da fronteira, ninguém

sabia o que estava acontecendo naquela propriedade isolada.

Cormac saciava sua sede e fome, com gigantescos goles de vinho e pedaços enormes de carne, arrancados pelos seus dentes fortes de um quarto de animal assado, e Zuleika também havia comido e bebido. Agora a jovem se sentava pacientemente, sabendo que os guerreiros discutiam a respeito dela, mas sem entender sua língua francônica.

— E então – Cormac dizia –, quando ouvi que os turcomanos haviam sitiado a cidade, cavaleguei duro para chegar lá, sabendo que ela não resistiria a eles por muito tempo, com aquele idiota do Yurzed Beg comandando as muralhas. Bem, ela caiu antes que eu pudesse adentrá-la; os homens do deserto a haviam despojado... os sortudos pegaram todo o saque que viram, e os outros queimavam os dedos dos pés dos cidadãos, para fazerem-nos dar suas riquezas secretas... mas encontrei esta garota.

— E quanto a ela, então? – perguntou Amory, curioso – Ela é linda... vestida em roupa rica, ficaria ainda mais bonita. Mas, apesar de tudo, ela é apenas uma escrava seminua. Ninguém pagará muito por ela.

Cormac sorriu friamente, e o interesse de Amory se avivou. Ele havia tido muitas negociações com aquele guerreiro irlandês e sabia que, quando Cormac sorria, havia coisas em marcha.

— Já ouviu falar em Zalda, a filha do sheik Abdullah bin Kheram, dos Roualli?

Amory balançou a cabeça afirmativamente, e a jovem, compreendendo as palavras árabes, ergueu o olhar com súbito interesse.

— Ela estava prestes a ser casada, há três anos – disse Cormac –, com Khelru Shah, chefe de Kizil-hissar, mas um bando errante de curdos a raptou, e desde então, nenhuma palavra mais foi ouvida sobre ela. Sem dúvida, eles a venderam no Leste distante... ou cortaram a garganta dela. Você nunca a viu? Eu vi... essas mulheres beduínas andam sem véu. E esta jovem árabe, Zuleika, se parece com a princesa Zalda o bastante para ser irmã dela, por Crom!

— Começo a lhe entender. – disse Amory.

— Khelru Shah – disse Cormac – pagará um enorme resgate por sua noiva. Zalda era de sangue nobre... casar-se com ela significa aliança com os Roualli... o sheik é mais poderoso que muitos príncipes... quando ele chama seus guerreiros, os cascos de 3000 corcéis estremecem o deserto. Embora ele more nas tendas de feltro dos beduínos, seu poder é grande e sua riqueza também. Nenhum dote deve ir junto com a princesa Zalda, mas Khelru Shah pagaria pelo privilégio de se casar com ela... aqueles selvagens Rouallas têm

este orgulho.

“Mantenha a jovem árabe aqui com você. Cavalgarei para Kizil-hissar e darei minhas condições ao turco. Deixe-a bem escondida e não deixe nenhum árabe vê-la... ela pode ser confundida de fato com Zalda, e se Abdullah bin Kheram vir a saber disso, ele pode lançar contra nós um exército capaz de tomar o castelo de assalto.

“Se eu cavalgar sem pausa, posso alcançar Kizil-hissar em três dias; não gastarei mais do que um dia em discussão com Khelru Shah. Se eu conheço o homem, ele cavalgará comigo para cá, com vários milhares de homens. Alcançaremos este castelo em não mais do que quatro dias após partirmos da cidade das colinas. Deixe os portões bem trancados na minha ausência, e não cavalgue para muito longe daqui. Khelru Shah é tão astuto e traiçoeiro quanto...”.

— Você mesmo. — completou Amory, com um sorriso sombrio.

Cormac grunhiu.

— Quando chegarmos, cavalgaremos até as muralhas. Então, traga a escrava árabe para cima dos muros da torre... em algum lugar, você deve conseguir achar roupas mais adequadas a uma princesa cativa. E a convença de que ela deve se comportar, pelo menos enquanto estiver no muro, com menos humildade. A princesa Zalda era orgulhosa e soberba como uma imperatriz, e se comportava como se todos os seres inferiores fossem pó sob seus pés brancos. Agora cavalgarei.

— No meio da noite? — perguntou Amory — Não vai dormir em meu castelo e cavalgar ao amanhecer?

— Meu cavalo está descansado. — respondeu Cormac — Nunca me canso. Além disso, sou um falcão, que voa melhor à noite.

Ele se levantou, colocando seu gorro de malha na cabeça, juntamente com o elmo. Pegou seu escudo, o qual trazia o símbolo de uma caveira sorridente. Amory olhava curioso para ele e, embora conhecesse o homem há muito tempo, ele não poderia fazer mais do que se maravilhar diante do espírito selvagem e da auto-suficiência que o capacitavam a cavalgar à noite através de uma terra selvagem e hostil, para dentro das próprias fortalezas de seus inimigos naturais. Amory sabia que Cormac FitzGeoffrey fora proscrito pelos francos por matar um certo nobre, que ele era ferozmente odiado pelos sarracenos e tinha meia dúzia de rixas pessoais em suas mãos, tanto com cristãos quanto com muçulmanos. Tinha poucos amigos, nenhum seguidor e nenhuma posição de poder. Era um exilado, que dependia de sua própria inteligência e bravura para sobreviver. Mas estas coisas se ajustavam

tranqüilamente na alma de Cormac FitzGeoffrey; para ele, eram apenas circunstâncias naturais. Toda a sua vida havia sido de incrível selvageria e violência.

Amory sabia que as condições na terra natal de Cormac eram selvagens e sangrentas, pois o nome da Irlanda era uma expressão de violência em toda a Europa Ocidental. Mas quão turbulentas e sacudidas pela guerra eram essas condições, Amory não podia saber. Filho de um impiedoso aventureiro normando de um lado, e de um feroz clã irlandês do outro, Cormac FitzGeoffrey havia herdado as paixões, ódios e antigas rixas de ambas as raças. Ele havia seguido Richard da Inglaterra até a Palestina e ganhou um nome sangrento para si mesmo na cega batalha daquela Cruzada vã. Retornando novamente para Outremer para pagar uma dívida de gratidão, ele havia sido pego no turbilhão cego de conspiração e intriga, e havia mergulhado no jogo perigoso com feroz deleite. Cavalgava quase sempre só e, repetidas vezes, seus muitos inimigos pensavam tê-lo capturado, mas ele escapava a cada vez, por habilidade e astúcia, ou pela pura força de seu braço da espada. Pois ele era como um leão do deserto, este gigante normando-gaélico que conspirava como um turco, cavalgava como um centauro, lutava como um tigre sedento de sangue e pilhava os mais fortes e ferozes lordes de terras estrangeiras.

Ele cavalgou totalmente encorajado noite adentro em seu grande garanhão negro, e Amory voltou sua atenção casual para a jovem escrava. As mãos dela estavam sujas e ásperas devido à labuta servil, mas eram esguias e bem-feitas. Em algum lugar de suas veias, julgou o jovem francês, corria sangue aristocrático, o que se mostrava na delicada textura de pétala de rosa na pele dela, na textura sedosa de seu ondulado cabelo negro e na profunda maciez de seus olhos escuros. Toda a herança quente do deserto do Sul era evidente em cada movimento dela.

— Você não nasceu escrava?

— O que isso importa, senhor? – ela perguntou – Basta que eu seja uma escrava agora. Melhor nascer para os chicotes e correntes, do que ser domado por eles. Outrora fui livre; agora sou escrava. Não é o bastante?

— Uma escrava. – ele murmurou – O que são os pensamentos de um escravo? Estranho... nunca me ocorreu pensar no que se passa na mente de um escravo... ou de um animal também, no que diz respeito ao assunto.

— Melhor um cavalo de um homem do que o escravo de um homem, senhor. – disse a garota.

— Sim. – ele respondeu –, pois há nobreza num bom cavalo.

Ela curvou a cabeça e entrelaçou as mãos, muda.

III

O anoitecer escurecia as colinas, quando Cormac FitzGeoffrey cavalgou até o grande portão de Kizil-hissar, o Castelo Vermelho, o qual dava seu nome à cidade à qual guardava e dominava. Os guardas – turcos magros e barbados, com olhos de falcão – praguejaram espantados.

— Por Alá e por Alá! O lobo veio colocar a cabeça na armadilha! Corra, Yaser, e conte ao nosso lorde, Suleyman Bey, que o cão infiel, Cormac, está diante dos portões.

— Ei, você aí sobre os muros! – gritou o franco – Diga a seu chefe que Cormac FitzGeoffrey gostaria de conversar com ele. E se apresse, pois não sou de perder tempo.

— Distraia-o com conversa por apenas um momento. – murmurou um mulçumano, se agachando atrás de um bastião e armando sua balestra, um maciço objeto tomado dos francos – Vou mandá-lo para vestir seu escudo no Inferno.

— Pare! – disse um barbado, velho e magro falcão, cujos olhos eram ferozes e desconfiados – Quando este chefe cavalga ousadamente até as mãos de seus inimigos, esteja certo de que ele tem forças secretas. Espere até Suleyman chegar. – Para Cormac, ele gritou de forma cortês: – Tenha paciência, poderoso lorde; o príncipe Suleyman Bey já foi enviado, e logo estará sobre os muros.

— Então, que ele chegue logo. – rosou Cormac, que não tinha mais respeito por um príncipe do que por um camponês – Não o aguardarei por muito tempo.

Suleyman Bey chegou ao alto das grandes muralhas, e desceu o olhar curiosa e desconfiadamente sobre seu inimigo.

— O que queres, Cormac FitzGeoffrey? – ele perguntou – Você é louco, para cavalgar sozinho até os portões de Kizil-hissar? Já esqueceu que existe rixa entre nós? Que eu havia jurado decepar seu pescoço com minha espada?

— Sim, você o jurou – sorriu Cormac –, e assim juraram Abdullah bin

Kheram, Ali Bahadur e o curdo Abdallah Mirza. E assim, em anos passados e em outra terra, juraram Sir John Courcey, o clã dos O'Donnells e Sir William Le Botelier, mas ainda conservo minha cabeça firmemente sobre meus ombros.

“Escute até eu lhe contar o que tenho a dizer. Então, se você ainda quiser minha cabeça, saia de seus muros de pedra e veja se sois homem o bastante para pegá-la. Isto diz respeito à princesa Zalda, filha do Sheik Abdallah bin Kheram – maldito seja o nome dele!”.

Suleyman Bey se enrijeceu com súbito interesse; ele era um homem alto e esbelto, jovem e belo de forma aquilina. Sua curta barba negra contrastava com suas feições aristocráticas, e seus olhos eram delicados e expressivos, com sombras de crueldade ocultas em suas profundezas. Seu turbante era coberto por gemas douradas. O cabo de sua cimitarra delgada e lavrada a prata era incrustado por jóias brilhantes. Suleyman era jovem, mas poderoso, na cidade da montanha, sobre a qual ele investira com seus falcões poucos anos antes e se fez governante. Ele poderia trazer 600 guerreiros para a batalha, e ansiava por mais poder. Por essa razão, ele havia desejado se aliar à poderosa tribo Roualla de Abdallah bin Kheram.

— O que tem a princesa Zalda? – ele perguntou.

— Ela é minha prisioneira. – respondeu Cormac.

Suleyman Bey se sobressaltou violentamente, sua mão agarrou o cabo da espada e logo ele riu em sarcasmo:

— Você mente; a princesa Zalda está morta.

— Assim pensei. – respondeu Cormac com franqueza – Mas, durante o ataque-surpresa à cidade, eu a encontrei cativa de um mercador que não conhecia sua verdadeira identidade, pois ela a escondera, temendo que um mal ainda maior caísse sobre ela.

Suleyman Bey ficou pensativo por um momento, e logo ergueu sua mão.

— Abram os portões para ele. Entre, Cormac FitzGeoffrey; nenhum dano lhe acontecerá. Ponha sua espada no chão e entre.

— Usei minha espada na tenda de Richard Coração de Leão. – rugiu o normando – Quando eu a desabotoar dentro das muralhas de meus inimigos, será quando eu estiver morto. Destranquem esses portões, idiotas; meu corcel está cansado.

Dentro de uma sala interna com cortinas de seda escarlate, cristal, ouro e madeira de teca, Suleyman Bey ouvia, sentado, seu convidado. O rosto do jovem chefe era inescrutável, mas seus olhos escuros estavam empolgados. Atrás dele se erguia, como uma imagem escura, Belek, o egípcio, braço-direito de Suleyman, um homem grande, escuro e forte, com um rosto satânico e olhos perversos. De onde ele veio, quem era e por que seguia o jovem turco, ninguém sabia, exceto Suleyman; mas todos o temiam e odiavam, pois, no cérebro insondável do egípcio, havia a astúcia e crueldade de uma serpente negra.

Cormac FitzGeoffrey havia posto seu elmo de lado e lançado para trás o gorro de malha, descobrindo o grosso pescoço musculoso e sua negra cabeleira de corte reto. Seus vulcânicos olhos azuis ardiam ainda mais ferozmente quando ele falava.

— Uma vez com a princesa Zalda em suas mãos, você pode entrar num acordo com o Sheik. Ao invés de pagar a ele um grande valor por ela, você pode obrigá-lo a lhe pagar um dote. Ele prefere vê-la como sua esposa, mesmo às custas de muito ouro, do que como sua escrava. Uma vez casando-a, ele unirá forças com você. Você terá tudo o que planejou há três anos, adicionado ao rico dote do Sheik.

— Por que não cavalgou até ele, ao invés de mim? – perguntou abruptamente Suleyman.

— Porque você tem as coisas que eu e meu amigo desejamos. Abdullah é mais poderoso que você, mas o tesouro dele é menor. Muitos dos pertences dele consistem em gado, cavalos, armas, tendas, terras... os pertences de um chefe nômade. Aqui no seu castelo, você tem baús de moedas de ouro, pilhados de caravanas e tomados como resgate de cavaleiros cativos. Você tem gemas, prata, sedas, especiarias raras, jóias. Você tem o que eu desejo.

— E qual prova tenho eu de que você não está mentindo?

— Cavalgue conosco amanhã – grunhiu Cormac – até o castelo de meu amigo.

Suleyman riu como um lobo rosnando.

— Você quer nos guiar para dentro de uma armadilha. – disse o egípcio.

— Traga 3 mil homens com você, traga quantos homens você quiser, todo o bando de ladrões. – disse Cormac – Onde você acha que eu conseguiria guerreiros suficientes para emboscar todo o seu exército?

— Onde ela está detida? – perguntou o seljúcida.

— No castelo do Sieur Amory, a três, quatro dias, de cavalgada para oeste. – disse Cormac – Você jamais conseguiria tomá-lo de assalto.

— Não tenho certeza. – murmurou Suleyman – O lorde Amory tem apenas 40 guerreiros.

— Mas o castelo é inexpugnável.

— Assim já ouvi.

Os olhos do egípcio se estreitaram.

— Poderíamos lhe capturar e segurar em troca de um resgate – ele sugeriu –, e forçar o Sieur Amory a devolver a garota.

Cormac riu selvagem e zombeteiramente:

— Amory riria de você e lhe diria para cortar minha garganta e se danar, ou cortaria a garganta da garota se quisesse. Além disso, embora eu esteja em seu castelo, cercado por seus guerreiros, não estou totalmente indefeso. Tente me pegar, e inundarei estas paredes com sangue antes de morrer.

Não era bazófia vã, como os muçulmanos bem sabiam.

— Chega! – Suleyman fez um gesto impaciente – Prometo-lhe segurança... o que foi?

Um tumulto havia surgido lá fora: briga, gritos, ameaças e maldições na língua Árabe. A porta externa foi aberta bruscamente, e um turco barbado, o qual vigiava a porta, entrou, arrastando uma vítima que se debatia e cuja barba estava eriçada de cólera. Ele agarrava firmemente um pacote, o qual expelia várias bugigangas e ornamentos.

— Encontrei este cão se esgueirando numa sala adjacente, senhor. – ribombou o guarda – Parece-me que ele estava escutando a conversa. Devo cortar fora a cabeça dele?

— Sou Ali bin Nasru, um mercador honesto! – gritou o árabe, com raiva e medo – Sou bem conhecido em Kizil-hissar! Vendo utensílios para os xás e sheiks, e eu não estava escutando a conversa. Acaso sou um cão, para espionar meu patrão? Eu estava procurando o grande chefe Suleyman Bey, para mostrar minhas mercadorias a ele!

— Melhor cortar a língua dele. – grunhiu Belek – Ele pode ter escutado demais.

— Não ouvi nada! – gritou Ali – Cheguei ao castelo agora há pouco!

— Expulsem-no daqui. – Suleyman Bey disse bruscamente, irritado – Será que vou me aborrecer com os ganidos de um vira-lata? Expulsem-no com chibatadas e, se ele voltar com o lixo dele, arranquem sua roupa e o pendurem pelos pés na praça do mercado, para as crianças atirarem pedras nele. Cormac, cavalgaremos ao nascer do sol e, se você tiver me enganado, faça suas pazes com Alá!

— E, se você tentar me enganar – rosnou Cormac –, faça suas pazes com o Demônio, pois você logo o encontrará.

Já era mais de meia-noite, quando uma figura descia cuidadosamente por uma corda pendurada na muralha externa da cidade. Descendo apressadamente as inclinações, o homem logo chegou a um matagal, onde um camelo veloz estava escondido em segurança, juntamente com uma trouxa grande – pois o homem não confiava todos os seus pertences a uma cidade governada por turcos. Lançando indiferentemente o embrulho para o lado, ele montou no camelo e fugiu para o sul.

IV

Amory descansava o queixo no punho e olhava pensativo para a jovem árabe Zuleika. Nos últimos dias, ele percebera seus olhos se demorando freqüentemente em sua esguia cativa. Ele se assombrava com o silêncio e a submissão dela, pois sabia que, em certa época de sua vida, ela havia conhecido uma posição mais elevada que a de uma escrava. Seus modos não eram os de alguém que nasceu escrava; ela não era atrevida nem servil. Ele pensou vagamente na escola cruel e feroz, na qual ela fora quebrada – não, não quebrada, pois havia nela uma estranha e profunda força, a qual não fora tocada; ou, se fora, apenas ficou mais flexível.

Ela era bonita – não com a beleza passional e feroz das turcas que haviam dado a ele seu amor selvagem, mas com uma beleza profunda e tranqüila, de alguém cuja alma fora forjada em fogos ferozes.

— Conte-me como você se tornou uma escrava. – A voz era de comando, e Zuleika entrelaçou os dedos em submissão.

— Nasci entre as negras tendas de feltro do sul, mestre, e passei minha

infância no deserto. Todas as coisas eram livres... no início de minha mocidade, eu era orgulhosa, pois os homens me diziam que eu era bonita, e muitos pretendentes vinham me cortejar. Mas vieram outros, também... homens que cortejavam com aço nu, e me raptaram.

“Eles me venderam a um turco, o qual logo se cansou de mim e me vendeu a um escravista persa. Assim, cheguei à casa do mercador da cidade, e lá trabalhei penosamente, uma escrava entre as mais baixas escravas. Meu mestre uma vez me ofereceu liberdade, se eu o amasse, mas eu não podia. Meu corpo era dele; meu amor, ele não poderia algemar. Então, ele fez de mim seu burro de carga”.

— Você aprendeu profunda submissão. – comentou Amory.

— Por açoite, grilhões, tortura e labuta, eu aprendi, mestre. – ela disse.

— Sabe o que pretendemos fazer com você? – ele perguntou abruptamente. Ela sacudiu a cabeça.

— Cormac acha que você se parece com a princesa Zalda – disse Amory –, e nossa intenção é trapacear Suleyman Bey com você. Nós lhe mostraremos a ele na muralha, e acho que ele pagará um alto preço por você. Quando lhe tivermos entregado a ele, você terá sua chance. Jogue bem suas cartas, e talvez você possa encantá-lo, de modo que, quando souber de nossa fraude, ele não lhe ponha de lado.

Mais uma vez, os olhos de Amory passaram sobre sua forma esbelta. Um pulsar começou a tamborilar em sua têmpora. Por enquanto, ela era dele; por que ele não poderia tomá-la, antes de entregá-la aos braços de Suleyman Bey? Havia aprendido que, o que um homem quer, ele deve tomar. Com uma única e longa passada, ele a alcançou e colocou entre os braços. Ela não ofereceu resistência, mas se desviou do rosto dele, recuando a cabeça de seus lábios ferozes. Seus olhos escuros miraram os dele com uma profunda dor, e subitamente ele se sentiu envergonhado. Ele a soltou e deu as costas.

— Há algumas roupas que eu comprei de um bando errante de ciganos. – ele disse abruptamente – Vista-as; ouço uma trombeta.

Pelo deserto, uma trombeta ecoava fracamente. Amory alinhava seus homens em completa armadura nas muralhas, com armas nas mãos, quando o cavaleiro se dirigiu até o portão do castelo, o qual era flanqueado por uma torre.

Amory os saudou. Ele viu Suleyman Bey em elmo de pluma de garça e malha de escamas douradas, sentado em sua égua negra. Bem próximo a ele, Belek do Egito montava um cavalo baio e, ao lado do chefe, Cormac FitzGeoffrey

em seu grande garanhão. E Amory arreganhou os dentes. Não era estranho ver o homem cavalgando na companhia daqueles que haviam jurado cortar o pescoço deste? Uns três mil cavaleiros estavam enfileirados atrás do líder.

— Ah, Amory! – disse Cormac – Traga a princesa... que ela seja mostrada sobre o muro da torre, e Suleyman Bey seja convencido; ele pensa que somos mentirosos, pelos cascos do Demônio!

Amory hesitou, enquanto uma súbita repulsa o sacudia; então, com um encolher de seus ombros, ele fez um gesto para seus guerreiros. Zuleika foi escoltada para o alto do muro sobre o portão, e Amory ofegou. Roupas ricas haviam causado uma transformação na jovem escrava; de fato, ela as usava como se nunca houvesse vestido os frágeis farrapos de uma escrava. Ela não se portava com o orgulho soberbo de uma princesa, pensou Amory, mas havia certa dignidade calma nela, certa humildade orgulhosa que muitos de sangue real mal poderiam copiar.

Suleyman Bey também ofegou; ele a fitava perplexo e cavalgou para mais perto.

— Por Alá! – ele disse, pasmo – Zalda! É ela? Não... sim... por Asrael, não sei dizer! Ela não anda de queixo erguido, como fazia, se for ela; e, no entanto... no entanto... pelos deuses, deve ser ela!

— Com certeza, é a princesa Zalda! – retumbou Cormac – Por Satã, você acha que os francos não têm palavra? Bem, chefe, o que diz? Ela vale dez mil peças de ouro para você?

— Espere. – respondeu o turco – Preciso de tempo para refletir. Esta jovem é idêntica à princesa Zalda... mas toda a sua postura é diferente... Preciso me convencer. Deixe-a falar comigo.

Amory acenou com a cabeça para Zuleika, que lhe lançou um olhar lastimoso, e logo, erguendo a voz:

— Milorde, eu sou Zalda, filha de Abdullah bin Kheram.

Mais uma vez, o turco sacudiu sua cabeça de falcão:

— A voz é suave e melodiosa como a de Zalda, mas o tom é diferente... a princesa estava acostumada a dar ordens, e seu tom era autoritário.

— Ela foi uma escrava. – grunhiu Cormac – Três anos de cativo podem mudar até mesmo uma princesa.

— Verdade... bem, eu cavalgarei até a fonte de Mechmet, que fica a pouco

mais de uma milha daqui, e acamparei lá. Amanhã voltarei e conversaremos sobre o assunto. Dez mil peças de ouro... um preço alto a ser pago, até mesmo pela princesa Zalda.

— Muito bem. – grunhiu Cormac – Vou permanecer no castelo... e atenção, Suleyman: sem truques. À primeira insinuação de um ataque noturno, cortaremos o pescoço de Zalda e lançaremos a cabeça dela para você. Cuidado!

Suleyman balançou a cabeça com a mente distraída, e se afastou a cavalo, à frente de seus cavaleiros, em intensa conversa com Belek, do rosto escuro. Cormac cavalgou para dentro do portão, o qual foi instantaneamente barrado e trancado atrás dele, e Zuleika deu a volta para ir ao seu quarto. Sua cabeça estava curvada e suas mãos entrelaçadas; ela assumia novamente os modos de escrava. Mas ela parou por um momento diante de Amory e, em seus olhos escuros, havia uma profunda mágoa, quando ela disse:

— Vai me vender a Suleyman, meu senhor?

Amory corou sombriamente – há anos que o sangue não lhe ruborizava o rosto desta forma. Ele tentou responder e procurou palavras. Inconscientemente, sua mão encouraçada procurou-lhe o ombro esguio, meio carinhosamente. Então, ele se sacudiu e falou asperamente, por causa das estranhas emoções em conflito dentro dele:

— Vá para seu quarto, rapariga! Que lhe interessa o que estou fazendo?

E, enquanto ela ia, a cabeça afundada no peito, ele ficou olhando atrás dela, cerrando os punhos encouraçados até os dedos estalarem, e se amaldiçoando desconcertadamente.

V

Cormac FitzGeoffrey e Amory se sentavam numa câmara interna, embora fosse tarde da noite. Cormac estava com armadura completa, exceto pelo elmo, assim como Amory. Os gorros de malha de ambos os homens estavam puxados sobre seus ombros, revelando os cachos amarelos de Amory e a cabeleira preta e lustrosa de Cormac. Amory estava silencioso e taciturno; bebia pouco e falava ainda menos. Cormac, por outro lado, estava num espírito de total satisfação. Ele bebia intensamente, e sua gratificação o levava a um humor retrospectivo.

— Guerras e batalhas amontoadas, eu já vi em abundância. – ele disse, erguendo seu grande copo de vinho – Sim! Lutei na batalha de Dublin quando eu tinha apenas oito anos, pelos cascos do Diabo! Miles de Cogan e seu irmão Richard defendiam a cidade para Strongbow... homens de ferro numa era de ferro. Hascuf Mac Turkill, Rei de Dublin, que havia sido empurrado para dentro das Órcades, veio navegando pela praia com 65 navios... galés dos pagãos escandinavos, cujo chefe era o *berserk* Jon o Louco... e ele era louco, pelos cascos de Satã! Assim, Hasculf voltou para ganhar sua cidade novamente, com os dinamarqueses, dano-irlandeses, e seus aliados da Noruega e das Ilhas.

“A notícia da guerra chegou oeste adentro, onde eu era um garoto, correndo seminu pelas urzes, na terra dos O’Briens. Tínhamos um guerreiro cujo nome era Wulfgar, e ele era um escandinavo. ‘Darei mais um golpe pelo povo do mar’, ele disse, e seguimos através dos pântanos e brejos, como lobos, e fui com ele e com meu arco de menino, pois o anseio por perambulação e sangue já existia em mim. Assim, atacamos de surpresa a praia de Dublin no momento em que a batalha estava unida. Por Satã, os escandinavos empurraram os normandos de volta à cidade e estavam despedaçando os portões, quando Richard de Cogan fez uma sortida desde o portão de trás e caiu sobre eles pela retaguarda. E então, Sir Miles saiu dos portões principais com seus cavaleiros, e os corvos se alimentaram intensamente. Por Satã, lá os machados beberam e as espadas não deixaram de se saciar!

“Então, Wulfgar e eu entramos na batalha, e o primeiro homem ferido que vi foi um guerreiro inglês que havia outrora me esmagado o lóbulo da orelha a uma polpa, de modo que o sangue fluíu sobre seus dedos encouraçados, para ver se ele conseguia me fazer gritar – não gritei, mas cuspi na cara dele, e então ele me deu um golpe que me deixou inconsciente. Agora, aquele homem me reconhecia e chamava pelo nome, ofegando por água. ‘Água?’, eu disse. ‘É nos rios gelados do inferno que você vai saciar sua sede!’. E puxei a cabeça dele para trás, para cortar a garganta, mas antes que eu pudesse enfiar meu punhal no esôfago dele, ele morreu. Suas pernas foram quebradas por uma grande pedra, e uma lança havia se quebrado em suas costelas.

“Wulfgar havia se afastado de mim e, naquele momento, eu avançava para dentro do grosso da batalha, atirando minhas flechas com toda a força de meus músculos infantis, cegamente e ao acaso, de modo que eu não sabia se acertava ou não, nem a quem, pois o barulho e gritos me confundiam, o cheiro de sangue que estava em minhas narinas, e a cegueira e fúria de minha primeira grande batalha estava sobre mim.

“Assim, cheguei até o local onde Jon o Louco estava aliado com alguns de seus vikings pelos cavaleiros normandos – por Saint John. Nunca vi um homem dar golpes como aquele *berserk* dava! Ele lutava seminu e sem malha

nem escudo, e não havia escudo ou armadura que pudesse resistir àquele machado. E eu vi Wulfgar – ele jazia numa pilha de mortos, ainda agarrando um cabo cuja lâmina havia se quebrado dentro do coração de um cavaleiro normando. Ele morria rapidamente, sua vida vazando dele em grossas ondas escarlates, mas ele me falava fracamente e disse: ‘Curve seu arco, Cormac, contra o homem grande em armadura de cota-de-malha’. E assim, ele morreu, e eu sabia que ele se referia a Miles de Cogan.

“Mas, naquele momento, Jon, sangrando de cem ferimentos, deu um golpe que decepou a perna de um cavaleiro na altura do quadril, embora este estivesse vestido em espessa cota-de-malha; o cabo do machado se estilhaçou na mão do viking, e Miles de Cogan lhe acertou seu golpe fatal. Naquele momento, todos os escandinavos estavam mortos ou haviam fugido, e os guerreiros arrastavam o Rei Hasculf Mac Turkill diante de Miles de Cogan e lhe decepavam a cabeça no mesmo instante. Aquela visão me enlouqueceu, pois, embora eu não amasse o dinamarquês, eu odiava ainda mais os normandos e, correndo pelos corpos dilacerados, curvei meu arco contra Miles de Cogan. Era minha última flecha, e ela se quebrou em sua placa peitoral. Um guerreiro me agarrou e suspendeu para Miles me ver, enquanto eu o amaldiçoava em Gaélico e quebrava meus dentes de leite em seu punho encouraçado, ao mordê-lo.

“‘Por São Jorge!’, disse Miles, ‘é o lobinho irlandês, filhote de Geoffrey o Bastardo’.

“‘Esmague-o’, disse Richard de Cogan. ‘Ele é meio gaélico – ele será um lobo para os O’Briens’.

“‘Ele é meio Geoffrey’, disse Miles. ‘Será um bom soldado para o rei’.

“Bom, ambos estavam certos, mas Miles viria a amaldiçoar o dia em que me poupou. Quando eu o reencontrei em batalha, anos mais tarde, dei a ele um ferimento que o marcou por toda a vida.

“Lutando em vão numa terra estéril. Por Satã, parece no entanto que agora seremos recompensados por nosso zelo. Você postou todos os guerreiros nos muros? É uma noite escura e sem estrelas, e devemos ter cuidado com Suleyman Bey. Há, nós o enganamos! Estamos dez mil peças de ouro mais ricos! Agora, você pode reconstruir este castelo, empregar mais guerreiros, comprar armaduras e armas. Juntarei um bando de valentões degoladores e viajarei para leste em busca de uma cidade gorda para saquear”.

— Cormac – os olhos de Amory estavam embotados e perturbados –, o que você acha que Suleyman Bey fará com a jovem Zuleika, quando descobrir que o trapaceamos? Ele não irá matá-la em sua fúria?

— Não ele. – Cormac bebeu intensamente – Ele a usará para enganar o velho Abdullah bin Kheram, como fizemos com ele. Se a garota jogar corretamente, ela ainda pode se tornar uma rainha.

— Cormac – Amory disse abruptamente –, não posso fazer isso.

O normando o olhou ferozmente e perplexo:

— Do que está falando?

Amory estendeu as mãos, sem saber o que fazer:

— Desculpe. Eu percebi isso quando ela estava no muro... não posso deixar essa garota ir embora... eu a amo...

— O quê! – exclamou Cormac, completamente assombrado – Que dizer que você vai retê-la... e não entregá-la a Suleyman Bey... por quê?!

— Eu a amo. – disse Amory teimosamente – Essa é a única justificativa que posso dar.

Fagulhas azuis do fogo do Inferno começaram a palpar nos olhos de Cormac. Seus dedos encouraçados se fecharam no copo de vinho e o destruíram.

— Você quer me passar a perna, é? – ele rugiu – Você quer me trapacear! É lobo mordendo lobo, com seu desejo maldito? Seu cão francês, vou lhe mandar para cortar as unhas do Diabo!

Amory esticou rapidamente o braço, em busca de sua espada, enquanto Cormac investia desde seu assento, mas o gigante irlandês pulou diretamente sobre sua garganta, estilhando a mesa compacta em lascas. Antes que o jovem francês pudesse retirar sua espada, o impacto do arremesso do corpo encouraçado de Cormac o deixou cambaleando, e ele lutava desesperadamente para afastar os dedos férreos do normando de sua garganta. Uma das mãos de Cormac havia se fechado como um torno numa prega da malha de Amory, em seu pescoço, mal lhe errando a garganta, e a outra mão agarrava repentinamente, para um aperto mortal. O rosto de Amory estava pálido, pois ele já vira Cormac arrancar o pescoço de um gigante turco com os dedos nus, e sabia que, uma vez que aquelas mãos de ferro se fechassem na sua garganta, nenhum poder na terra conseguia soltá-las antes que elas arrancassem a vida que pulsava sob ela.

Na sala, eles lutavam e se engalfinhavam – aqueles dois grandes guerreiros encouraçados, numa batalha estranha e silenciosa. Cormac não havia tentado puxar seu aço, e Amory não teve tempo de fazê-lo. Com toda a sua

habilidade, rapidez e força, ele lutava uma batalha perdida para se livrar daquelas terríveis mãos que apertavam. Amory golpeou com toda a sua força, acertando seu punho cerrado e encouraçado em cheio no rosto de Cormac, e o sangue respingou, mas o tremendo golpe não deteve nem um pouco o normando – Amory nem sequer achou que Cormac havia piscado. Eles se espatifaram de ponta-cabeça nos destroços da mesa e, ao caírem engalfinhados, Cormac rugiu breve e trovejantemente, enquanto seus dedos finalmente se fechavam no aperto que ele procurava. Instantaneamente, a cabeça de Amory começou a ter vertigens e a luz da vela ficou ensangüentada aos seus olhos dilatados. Os dedos de Cormac estavam afundados nas pregas soltas de sua touca, a qual, puxada para trás de sua cabeça, estava solta ao redor de seu pescoço; e apenas isto o salvou de morrer instantaneamente, mas mesmo assim ele sentia sua consciência se esvaír. Ele golpeava em vão os pulsos; sua cabeça foi curvada para trás num ângulo torturante... seu pescoço estava prestes a se quebrar... então, veio um rápido correr de pés no corredor externo: um guerreiro de olhos selvagens entrou repentinamente na sala.

— Meus senhores... mestres... os pagãos... eles estão dentro das muralhas, e o castelo está em chamas!

VI

Os sons do castelo desvaneciam enquanto os guardas assumiam seus postos e o restante se acalmava para dormir. No grande salão, o mendigo se movia; de seus farrapos, olhos estranhamente inapropriados para um mendigo brilhavam: olhos semelhantes aos de basilisco. Com um rápido movimento, ele se levantou, livrando-se de suas roupas sujas e esfarrapadas, e revelando o rosto demoníaco e a forma felina de Belek, o egípcio. Vestido apenas numa tanga despojada e com uma longa adaga na mão, ele se esgueirou pelo grande salão e subiu a escadaria em espiral como um fantasma.

Por todo o castelo, reinava o silêncio; diante da porta de Zuleika, o sonolento guarda bocejava e se curvava sonolento sobre sua lança. Qual a utilidade de um guarda diante de uma sala interna? Qual pagão conseguia passar pelos muros sem despertar toda a tropa dos defensores? O guarda não ouviu os pés descalços, que deslizavam silenciosamente pelas lajes. Não viu a figura parda que deslizou atrás dele. Mas sentiu subitamente um braço de ferro lhe envolver o pescoço, estrangulando o grito sobressaltado que tentava subir até seus lábios; sentiu a agonia momentânea de uma lâmina que lhe perfurou o coração, e depois não sentiu mais nada.

Belek soltou o corpo flácido ao chão e, rapidamente, lhe tirou as chaves do cinto. Escolheu uma e abriu a porta, trabalhando rápida, mas silenciosamente. Ele se esgueirou para dentro, fechando a porta.

Zuleika acordou percebendo que havia alguém no seu quarto, mas, na total escuridão, ela não conseguia ver ninguém. Mas Belek conseguia enxergar como um gato no escuro. Zuleika sentiu uma mão lhe estalar subitamente na boca e, ao erguer instintivamente as mãos para se desviar daquele ataque, seus pulsos esguios foram presos um ao outro.

— Fique quieta, princesa. – sibilou uma voz no escuro – Se gritar, morre.

A mão foi tirada de seus lábios, e Zuleika sentiu as próprias mãos serem amarradas; em seguida, uma mordaca lhe foi colocada na boca. Belek do Egito tinha suas próprias idéias sobre como tratar mulheres. Ele havia sido enviado para resgatar Zuleika, sim; mas sabia que mulheres muito freqüentemente preferem não ser resgatadas de seus captores, e que ela poderia preferir continuar com seus donos atuais a cavalgar para longe com Suleyman Bey. Belek não pretendia deixar que o grito de uma mulher o levasse à sua condenação.

Ele levantou sua esguia cativa e, carregando-a cuidadosamente sobre um ombro, andou silenciosa e cuidadosamente pelo corredor, a adaga de prontidão. Desceu a escada e deslizou através da grande cozinha. Ouviu o cozinheiro roncando na despensa. Normalmente, seria impossível para um homem se esgueirar pelo castelo de Sieur Amory sem ser detectado, mas esta noite todos os homens estavam nos muros, ou então dormindo profundamente à espera do chamado para o turno de vigia.

Belek cautelosamente destrancou uma pequena porta e deslizou para fora, mantendo-se próximo à parede. Estava escuro como breu, com nuvens baixas obscurecendo as estrelas, e não havia lua. Belek hesitou, incerto por um momento; logo, ele cruzou rapidamente o pátio e entrou nos estábulos. Ele sabia que o grande garanhão de Cormac estava alojado ali, e tremeu, receoso de despertar a fúria total da fera selvagem, a qual poderia fazer barulho suficiente para despertar todo o castelo. Mas a entrada furtiva de Belek não causou agitação; o grande animal estava alojado em outra parte dos estábulos. O egípcio deitou a garota numa cocheira vazia em outra parte dos estábulos, primeiro lhe amarrando os tornozelos, e depois se esgueirou de volta ao castelo. Entrando na cozinha, ele a atravessou até a pequena sala, onde a lenha estava empilhada, e se ocupou por alguns momentos. Então, ele fechou a porta e, apressadamente, abandonou mais uma vez o castelo. Um leve sorriso sombrio ondulou sobre seus lábios finos.

E agora, ele estava pronto para a parte mais perigosa de seu ousado trabalho noturno. Agachando-se como uma pantera, ele deslizou através do pátio até o

portão dos fundos. Só havia um guarda ali, curvado sobre sua lança e meio adormecido; era a hora da escuridão antes do amanhecer, quando a vitalidade está baixa. Belek se agachou e pulou, silenciosa e mortalmente como uma pantera. Sua mão poderosa se fechou ao redor do pescoço de sua vítima, e o homem morreu sem dar um grito.

Belek manuseou cuidadosamente o portão, sentiu-o mover sob suas mãos e abrir para dentro. Ele se agachou silenciosamente, quase prendendo o fôlego, e forçou seus olhos na noite. Ele conseguia reconhecer as obscuras e sombrias extensões do deserto, cortado por desfiladeiros e ravinas; havia homens se movendo ali? Nem mesmo o egípcio de olhos agudos poderia dizer, pois as nuvens estavam baixas e uma intensa escuridão repousava sobre tudo. Ele pensou em voltar atrás da garota, escapar com ela e desistir do plano. Os homens no muro acima dele não estavam dormindo. Seus baixos e breves trechos de conversa lhe alcançavam de tempos em tempos. Ele havia se esgueirado até o portão dos fundos e matado o guarda deles quase sob seus pés, mas isso foi atrás deles. Seus olhares estavam virados para fora; eles veriam qualquer coisa que se movesse do lado externo da muralha, caso ele deslizasse para fora, e flechas cairiam como chuva ao seu redor. Sozinho, ele se arriscaria, mas não ousaria fazê-lo com a garota.

Lá fora, entre os desfiladeiros, um chagal latiu três vezes e parou. Belek sorriu ferozmente; Suleyman Bey não havia falhado em cumprir sua parte no plano. Atrás de si, ele ouviu um quebrar e estalar que aumentava cada vez mais; uma luz sinistra ficou visível através da abertura do castelo, e os homens no muro começaram a falar alto e de forma apressada, quando um súbito grito selvagem se ergueu da fortaleza. Como que em resposta, um clamor de gritos ferozes soou do deserto lá fora, e subitamente a escuridão estava viva com sombras que atacavam.

O próprio Belek deu um único grito, em triunfo feroz, e correu rapidamente até o estábulo onde havia deixado a jovem.

O punhado de homens no castelo abre seu caminho para fora do círculo de fogo, mas são cercados no pátio e estão prestes a serem despedaçados, quando Abdullah bin Kheram vem cavalcando com mil homens. O mercador Ali havia lhe contado que sua filha é prisioneira lá. A luta cessa quando todos descobrem, espantados, que Zuleika é de fato a princesa Zalda. Khelru Shah – ou Suleyman Bey – é morto por Cormac, que talha seu caminho através dos árabes e foge; e Zalda declara seu amor por Amory. O sheik dá seu consentimento para que se casem, e uma poderosa aliança é formada para sempre entre os árabes e Amory.

AMANTE DA MORTE

(fragmento/sinopse)

Título Original: MISTRESS OF DEATH

À minha frente, no beco escuro, o aço colidia e um homem gritava como um homem só o faz quando golpeado mortalmente. Dando a volta numa esquina de um caminho sinuoso, três formas em mantos saíram correndo cegamente, como os homens o fazem em pânico e terror. Recuei contra a parede para deixá-los passar, e dois passaram por mim sem sequer me verem, respirando em ofegos histéricos; mas o terceiro, correndo com seu queixo sobre o ombro, se esbarrou em mim.

Ele guinchou como uma alma penada e, evidentemente se considerando atacado, me agarrou ferozmente, tentando me morder como um cão louco. Com uma praga, liberei-me de seu aperto e o lancei para longe de mim contra a parede; mas a violência do meu empurrão fez meu pé escorregar numa poça d'água nas pedras, e cambaleei e caí sobre um dos meus joelhos.

Ele fugiu correndo pela rua, mas, quando me levantei, uma figura alta avultou sobre mim, como um fantasma saído da escuridão mais profunda. A luz de um lampião distante lhe brilhava vagamente no morion, e a espada estava erguida acima de minha cabeça. Mal tive tempo de deter o golpe; fagulhas voaram quando nossos aços se entrechocaram, e eu devolvi o golpe com uma estocada de tal violência que a ponta de minha espada atravessou dentes, pescoço e retiniu contra o forro de seu capacete de aço.

Eu não sabia quem eram meus atacantes, mas não havia tempo para negociação nem explicação. Figuras indistintas estavam sobre mim na semi-escuridão, e lâminas sibilavam ao redor de minha cabeça. Um golpe, que tiniu em cheio sobre meu morion, encheu meus olhos com fagulhas de fogo e, soltando a ponta de minha espada, talhei a torto e a direito e ouvi homens grunhirem e praguejarem enquanto o gume de minha lâmina os talhava. Então, quando dei um passo para trás, para evitar um golpe cortante, meu pé se prendeu no manto do homem a quem eu matara, e caí estatelada sobre o cadáver.

Houve um grito feroz de triunfo, e alguém saltou para diante, a espada erguida

– mas, antes que ele pudesse golpear ou eu pudesse erguer minha lâmina acima de minha cabeça, um passo rápido soou atrás de mim, uma figura indistinta avultou na luz vaga e a lâmina que descia tiniu numa espada em pleno ar.

— Cão! – disse o forasteiro, com um sotaque estranho – Você mataria um homem caído?

O outro rugiu e talhou loucamente em sua direção, mas, naquele momento, eu estava novamente de pé e, quando os outros avançaram, eu os enfrentei com ponta e gume, estocando e talhando como um demônio, pois eu estava em fúria selvagem diante de tal situação, da qual o estranho me ajudava. Um olhar de lado me mostrou o último enfiando sua espada no corpo do homem que o enfrentava e, diante disto, enquanto eu os pressionava, arrancando sangue a cada golpe, os velhacos cederam e fugiram rapidamente pela rua.

Então, me virei para meu desconhecido amigo, e vi um homem esbelto e forte, mas pouco mais alto que eu mesma. O brilho do lampião distante caía vagamente sobre ele, e vi que ele usava refinadas botas cordovesas e gibão de veludo, sob o qual vislumbrei o brilho de refinada cota-de-malha. Um belo manto escarlate estava lançado sobre seu ombro, um gorro emplumado sobre sua cabeça e, sob este, seus olhos frios e ágeis dançavam incansáveis. Seu rosto era moreno e bem barbeado, com malares altos e lábios finos, e tinha cicatrizes que sugeriam uma carreira de aventureiro. Ele tinha algo de fanfarrão em seu porte, e cada ação dele indicava músculos como molas de aço e a coordenação de um espadachim.

— Eu lhe agradeço, meu amigo. – eu disse – Que bom você ter vindo no momento em que veio.

— Diabos! – ele gritou – Não pense nisso. Não foi mais do que eu faria por qualquer homem... por Saint Andrew! É uma mulher!

Não havendo resposta para isso, limpei minha lâmina e a embainhei, enquanto ele me encarava boquiaberto.

— Agnes de La Fere! – ele disse lenta e minuciosamente – Não pode ser outra. Ouvi falar de você, mesmo na Escócia. Sua mão, garota! Sempre desejei lhe encontrar. Não é uma indignidade, mesmo para Agnes Escura, apertar a mão de John Stuart.

Peguei-lhe a mão – embora eu sinceramente nunca tivesse ouvido falar nele –, sentindo músculos de aço em seus dedos e um aperto vivo e vigoroso, o qual me indicava uma natureza arrebatada e de arrepiar o cabelo.

— Quem são estes patifes que queriam lhe matar? – ele perguntou.

— Tenho muitos inimigos – respondi –, mas eu acho que estes eram velhacos furtivos, ladrões e assassinos. Estavam perseguindo três homens, e acho que tentaram cortar minha garganta para calarem minha língua.

— É bastante provável. – ele disse – Vi três homens em mantos negros correndo para fora da entrada do beco, como se Satã os perseguisse, o que despertou minha curiosidade, e então vim ver o que havia adiante, especialmente quando ouvi o ruído do aço. Por Saint Andrew! Dizem que sua esgrima é como um relâmpago de verão, e é exatamente como disseram! Mas vamos ver se os patifes fugiram mesmo, ou se estão apenas se escondendo atrás daquela curva para nos apunhalarem pelas costas quando partirmos.

Ele andou cautelosamente ao redor da curva e praguejou baixinho.

— Eles foram realmente embora, mas vejo algo caído no beco. Acho que é um homem morto.

Então, me lembrei do grito que eu escutara, e me juntei a ele. Poucos momentos depois, estávamos nos curvando sobre duas formas que jaziam estateladas na lama do beco. Uma delas era um homem pequeno, envolvido num manto como os três que haviam fugido, mas com um talho profundo em seu peito, o qual lhe tirara a vida. Mas quando falei a Stuart sobre o assunto, ele praguejou subitamente. Ele virou o outro homem de frente e o encarou surpreso.

— Este homem está morto há horas! – ele disse – Além disso, ele não foi morto por espada nem pistola. Veja! Vê como o rosto dele está inchado e roxo? É a marca de uma forca! E ele ainda está vestido com camisa de patíbulo. Por Saint Andrew, Agnes, você sabe quem é ele? – E, quando sacudi minha cabeça: – É Costranno, o feitiçeiro italiano, que foi enforcado no início desta manhã no patíbulo fora das muralhas, por praticar artes negras. Foi ele quem envenenou o Duque de Tours e fez com que a culpa caísse sobre um homem inocente. Mas Françoise da Bretanha, suspeitando da verdade, armou uma cilada para que ele confessasse para ela, e levou os fatos para as autoridades.

— Ouvi algo a respeito disto. – eu disse – Mas estive em Chartres por apenas uma semana, mais ou menos.

— É Costranno, sem dúvida. – disse Stuart, sacudindo a própria cabeça – Suas feições estão tão contorcidas que eu não reconheceria, exceto pelo fato de que o dedo médio não está em sua mão esquerda. E este outro é Jacques Pelligny, seu pupilo nas artes negras. Ele também foi sentenciado à morte, mas fugiu e não conseguiram achá-lo. Bom, sua feitiçaria não o salvou da espada de um ladrão de estrada. Os seguidores de Costranno o tiraram do patíbulo... mas por

que eles trariam o corpo de volta para dentro da cidade?

— Há algo na mão de Pellyny. – eu disse, afastando os dedos do morto. Era como se, mesmo na morte, eles agarrassem o objeto. Era um pedaço de corrente dourada e, amarrada a ela, uma curiosa jóia vermelha, que brilhava na escuridão como um olho furioso.

— Por Saint Andrew! – murmurou Stuart – Uma pedra rara... ouça! – ele se ergueu abruptamente – O vigia! Não podemos ser encontrados com estes cadáveres!

Saindo da rua, vi o brilho de lanternas em movimento e ouvi o pisar de pés encouraçados. Enquanto eu me erguia lentamente, a jóia e a corrente escorregaram de meus dedos – era quase como se elas fossem puxadas de minha mão –, e caíram bem em cima do peito do feiticeiro morto. Eu não quis perder tempo em pegá-la de volta; assim, corri para fora do beco, atrás de Stuart, e, olhando para trás, vi a jóia cintilar como uma estrela escarlata no peito do homem morto.

Saindo do beco para uma rua estreita e sinuosa, apenas um pouco melhor iluminada, corremos por ela até chegarmos a uma taverna, e entramos lá. Então, nos sentando a uma mesa um tanto afastada dos outros que brigavam e jogavam dados nas mesas manchadas de vinho, pedimos vinho, e o estalajadeiro nos trouxe dois odres grandes,

— À nossa melhor amizade. – disse John Stuart, erguendo seu canecão – Por Saint Andrew, agora que lhe vejo na luz, eu lhe admiro ainda mais. Você é uma mulher bela e alta; mas, mesmo em morion, gibão, largos calções curtos e botas, ninguém lhe confundiria com um homem. Bem que lhe chamam Agnes Escura! Apesar de seu cabelo ruivo e pele clara, há algo estranho e escuro em você. Dizem que você anda pela vida como uma das Parcas: imóvel, imutável, potente em tragédia e ruína, e que os homens que cavalgam com você não têm vida longa. Diga-me, garota, por que você vestiu calças e seguiu o caminho dos homens?

Sacudi minha cabeça, incapaz de dizer, mas quando ele insistiu para que eu lhe contasse algo de mim mesma, eu disse:

— Meu nome é Agnes de Chastillon, e nasci na aldeia de La Fere, na Normandia. Meu pai é o filho bastardo do Duque de Chastillon com uma camponesa; um soldado mercenário dos Companheiros Livres, até que ficou velho demais para marchar e lutar. Se eu não fosse mais resistente do que a maioria, ele teria me matado com suas surras antes que eu crescesse. Quando ele finalmente tentou me casar com um homem a quem eu odiava, matei aquele homem e fugi da aldeia. Um certo Etienne Villiers se tornou meu amigo, mas também me ensinou que uma mulher indefesa é diversão fácil

para todos os homens; e, quando eu o venci numa luta justa, percebi que eu era tão forte quanto a maioria dos homens, e mais rápida.

“Depois encontrei Guiscard de Clisson, um líder dos Companheiros Livres, que me ensinou o uso da espada antes de ser morto numa armadilha. Eu, naturalmente, assumi uma vida de homem, e posso beber, praguejar, marchar e me vangloriar com os melhores deles. Ainda estou para encontrar um páreo na habilidade espadachim”.

Stuart fez uma leve careta, como se minhas palavras não o tivessem agradado muito; ergueu seu canecão, bebeu intensamente a grandes goles e disse:

— Na Escócia, há homens tão bons quanto na França, e lá os homens dizem que a lâmina de John Stuart não é feita de palha. Mas quem é este?

A porta se abriu e um jato de vento frio fez as velas palpitarem e os homens tremerem nos bancos. Um homem alto entrou, fechando a porta atrás de si. Estava envolto num largo manto negro e, quando ergueu sua cabeça e seu olhar percorreu toda a taverna, caiu um súbito silêncio. O rosto tinha uma aparência estranha e não-natural, sendo tão escuro na cor que era quase negro. Seus olhos eram estranhos, tenebrosos e estavam arregalados. Vi vários bebedores fazerem o sinal da cruz ao se depararem com seu olhar, e então ele se sentou a uma mesa num canto afastado das velas e puxou seu manto para mais perto de si, embora a noite ainda estivesse quente. Pegou o canecão oferecido a ele por uma apreensiva mulher desleixada e curvou a cabeça sobre ele, de modo que seu rosto não estava mais visível sob seu chapéu desalinhado, e o zumbido da taverna recomeçou, embora um tanto moderado.

— Sangue naquele manto. – disse John Stuart – Se aquele homem não for um assassino, estou muito enganado. Taverneiro; outra garrafa!

— Você é o primeiro escocês que encontro – eu disse –, embora eu já tivesse lidado com ingleses.

— Maldita seja aquela raça! – ele gritou – O diabo leve todos eles! E malditos sejam meus inimigos, que me exilaram da Escócia.

— Você é um exilado? – perguntei.

— Sim! Com pouco ouro em minha bolsa. Mas a fortuna sempre favorece os bravos. – e ele pôs a mão sobre o cabo de sua lâmina, no quadril.

Mas eu observava o estranho naquele canto, e Stuart se voltou para encará-lo. O homem havia erguido sua mão e chamado o gordo dono da taverna com um curvar de seu dedo; e aquele patife se aproximou, limpando as mãos em seu avental de couro e com uma expressão de desconforto. Havia, naquele

forasteiro de manto negro, algo que repelia os homens.

O forasteiro falou, mas suas palavras eram um murmúrio, e o estalajadeiro sacudia a cabeça, perplexo.

— Um italiano. – murmurou Stuart – Conheço aquele tagarelar em qualquer lugar.

Mas o forasteiro mudou para Francês e, enquanto ele falava, a princípio vacilante, suas palavras ficaram mais claras e sua voz mais perfeita.

— Françoise da Bretanha. – ele disse, e repetiu o nome várias vezes – Onde fica a casa de Françoise da Bretanha?

O dono da taverna começou a lhe indicar direções, e Stuart murmurou:

— Por que esse mal-encarado patife italiano ia desejar ir até Françoise da Bretanha?

— Pelo que ouvi – respondi cinicamente –, não é grande surpresa ouvir qualquer homem perguntar pela casa dela.

— Mentiras sempre são contadas sobre mulheres bonitas. – respondeu Stuart, levantando seu canecão – Porque dizem que ela é amante do Duque de Orleans, não quer dizer que ela...

Ele ficou subitamente congelado ao levar o canecão aos lábios, olhos arregalados, e eu vi uma expressão de surpresa lhe passar pelo rosto moreno e cicatrizado. Naquele momento, o italiano havia se levantado e, puxando o manto largo ao redor de si, se dirigiu à porta.

— Parem-no! – rugiu Stuart, erguendo-se de um pulo e desembainhando sua espada – Parem aquele velhaco!

Mas, naquele momento, um grupo de soldados em morions e couraças vieram entrando aos empurrões, e o italiano deslizou por eles e bateu a porta atrás de si. Stuart começou a seguir adiante com uma praga, até parar quando os soldados barraram o caminho. Andando até o centro da taverna, e passando um olhar severo por todos os encolhidos ocupantes, o capitão – um homem alto em couraça brilhante – disse em voz alta:

— Agnes de La Fere, você está presa pelo assassinato de Jacques Pelligny!

— O que está dizendo, Tristan? – exclamei furiosamente, me erguendo de um salto – Eu não matei Pelligny.

— Esta mulher lhe viu sair do beco onde aquele homem foi morto. – ele respondeu, apontando uma jovem alta e loira, vestida em plumas e roupas espalhafatosas, a qual se encolhia no aperto de um guerreiro robusto e não queria me olhar nos olhos. Eu a conhecia muito bem: uma prostituta da qual fiquei amiga, e de quem eu não esperava falso testemunho contra mim.

— Então, ela deve ter me visto também – disse John Stuart –, pois eu estava com Agnes. Se você prendê-la, deve me prender também e, por Saint Andrew, minha espada terá algo a dizer sobre isso.

— Você não tem nada a ver com isso. – respondeu Tristan – Meu assunto é com esta mulher.

— Você é um idiota. – gritou Stuart borrascosamente – E se ela o matasse? Aquele patife não estava condenado à morte?

— Ele era carne para o carrasco, e não para um cidadão particular. – respondeu Tristan.

— Ouça. – disse Stuart – Ele foi morto por salteadores, que depois atacaram Agnes, a qual passava pelo beco por acaso naquele momento. Fui ajudá-la, e matamos dois dos patifes. Você não encontrou seus corpos, com máscaras em suas cabeças para preservarem seus ofícios?

— Não vimos isso. – respondeu Tristan – Nem você foi visto por perto, de modo que seu testemunho não tem valor. Esta mulher aqui viu Agnes de La Fere perseguir Pelligny até o beco e o apunhalar lá. Portanto, sou forçado a levá-la para a prisão.

— Sei muito bem por que você quer me prender, Tristan. – eu disse friamente, me aproximando dele com um passo tranqüilo – Não estive em Chartres um dia antes de você tentar fazer de mim sua amante. Agora você quer se vingar de mim. Idiota! Sou amante apenas da Morte!

— Chega desta conversa inútil. – Tristan ordenou laconicamente – Peguem-na, homens! – Foi sua última ordem na terra, pois minha espada o atravessou antes que ele pudesse erguer sua mão. O guarda se aproximou de mim com um grito e, enquanto eu estocava e detinha golpes, John Stuart saltou para o meu lado e, num instante, a taverna se tornou uma casa de loucos, com o bater de botas, lâminas retinindo, e as pragas e gritos da matança. Então abrimos caminho, deixando o chão alastrado de cadáveres, e ganhamos a rua. Ao atravessarmos a porta, vi a jovem que havia testemunhado contra mim, encolhida atrás de um banco derrubado, e eu a agarrei pelos cachos amarelos e arrastei comigo até a rua.

— Por aquele beco! – ofegou Stuart – Outros guardas estarão aqui, dentro em

pouco. Por Saint Andrew, Agnes, você vai se sobrecarregar com esta vadia? Temos que correr!

— Tenho uma dívida a resolver com ela. — rangi meus dentes, pois todo o meu sangue quente foi provocado. Eu a arrastei conosco, até darmos a volta no beco e pararmos para respirar.

— Vigie a rua. — ordenei a ele; e então, voltando-me para a vadia encolhida, eu disse em fúria calma:

— Margot, se um inimigo declarado merece uma estocada de aço, qual o destino que uma traidora merece? Há menos de quatro dias, eu lhe salvei de apanhar de um soldado bêbado, e lhe dei dinheiro, porque suas lágrimas tocaram minha tola compaixão. Por Saint Trignan, estou pensando em separar sua cabeça desses seus belos ombros!

— Oh, Agnes! — ela soluçou, caindo de joelhos e agarrando minhas pernas — Tenha piedade; eu...

— Pouparei sua vida indigna. — eu disse furiosamente, começando a tirar o cinto de minha espada — Mas pretendo suspender suas saias e lhe surrar, como nenhum sacristão já fez.

— Não, Agnes! — ela chorou — Ouça-me primeiro! Eu não menti! De fato, vi você e o escocês saírem do beco com espadas desembainhadas em suas mãos. Mas o vigia disse apenas que três corpos jaziam no beco, e dois estavam mascarados, mostrando que eram ladrões. Tristan disse que, quem quer que os tivesse matado, havia feito um bom trabalho noturno, e me perguntou se eu vi alguém sair do beco. Assim, achei que não machucaria ninguém, e respondi ter visto você e o escocês John Stuart. Mas quando falei seu nome, ele sorriu e disse aos seus homens que tinha os motivos dele para desejar pôr Agnes de La Fere num calabouço, indefesa e desarmada, e mandou que fizessem como ele os havia dito. Então, ele disse que meu testemunho sobre você seria aceito, mas o restante, sobre John e os dois ladrões, ele não aceitaria. E ele me ameaçou tão terrivelmente que eu não ousei desafiá-lo.

— Aquele cão imundo. — eu murmurei — Bom, tem um novo capitão da guarda no inferno esta noite.

— Mas você disse *três* corpos. — interrompeu John Stuart — Não eram quatro? Pelligny, dois ladrões e o corpo de Costranno?

Ela sacudiu a cabeça:

— Eu vi os corpos. Só havia três. Pelligny jazia no fundo do beco, totalmente vestido; os outros três, na esquina, e o maior estava nu.

— Hã? – exclamou Stuart – Pelo Céu, aquele italiano! Só agora eu me lembrei! Vamos! Para a casa de Françoise da Bretanha!

— Por que lá? – indaguei.

— Quando o italiano da taverna puxou o manto ao redor de si para partir – respondeu Stuart –, eu vislumbrei, no seu peito, um pedaço de corrente dourada e uma grande jóia vermelha... acredito ser a mesma jóia que Pelligny agarrava quando o encontramos. Creio que aquele homem seja um amigo de Costranno, um mago que veio se vingar de Françoise da Bretanha! Venha!

Ele saiu impetuosamente do beco, e eu o segui, enquanto a jovem Margot fugiu correndo na direção oposta, evidentemente feliz por sair com a pele intacta.

— Quando aquele italiano puxou o manto ao redor de si, vislumbrei sua mão esquerda... *ela não tinha o dedo médio!*

— Que loucura é esta? – murmurei.

— Sim, e vislumbrei aquela maldita jóia vermelha lhe brilhando no peito. Ouça, Agnes: suponha que Costranno conhecesse o segredo de trazer cadáveres de volta à vida. Suponha que a jóia continha aquele segredo; que, após Pelligny e os outros o tirarem do patíbulo, eles o estivessem levando para a casa dele, a fim de lhe restaurar a vida, quando foram interrompidos por aqueles vagabundos. Você deixou a jóia cair no peito dele. Sem dúvida, os encantamentos já haviam sido feitos. Além disso, os homens me dizem que aquele beco é pavimentado com pedras de um antigo templo pagão, o qual outrora se erguia num arvoredor do lado de fora da cidade, nos dias anteriores a Roma.

“Se tal homem foi trazido de volta à vida, ele se lembraria lentamente. Mas procuraria vingança. E foi o testemunho de Françoise da Bretanha que enforcou Costranno!”.

Fomos rapidamente até a casa dela, e encontramos um criado caído no pátio interno, estrangulado, com as marcas em sua garganta de uma mão sem o dedo médio. Encontramos outro criado, o qual enlouquecera ao ver o morto se aproximar do quarto de Françoise da Bretanha e levá-la na noite. Descemos um longo lance de escadas, do qual a jovem nada sabia, e entramos numa cripta misteriosa. Num estrado de pedra, Françoise da Bretanha estava deitada, nua, e Costranno erguia uma laje heptagonal de pedra do chão, revelando um negro buraco aberto à luz de uma tocha que queimava num nicho.

Enfrentei Costranno, enquanto Stuart rugia e praguejava por não poder alcançá-lo. Atravessei três vezes com minha espada o corpo do morto-vivo, sem feri-lo, e somente minha cota-de-malha sob meu casaco me salvou de suas terríveis estocadas. Finalmente, eu lhe decepei a cabeça, e corpo e cabeça caíram dentro da abertura negra. Pegando a tocha, olhei para baixo e um braço negro disparou da escuridão e me agarrou o casaco, tentando me arrastar para dentro do buraco. Golpeei com minha tocha, e a coisa me soltou. Eu tive apenas um vislumbre de uma coisa disforme, simiesca e negra caindo, e a tocha caiu, diminuindo até um ponto de luz lá embaixo, como um meteoro. Colocamos a laje de volta e carregamos Françoise para fora da cripta, e para dentro da casa acima, seguros da proteção dela contra o vigia da cidade.

- [1] **Érebo:** Morada provisória dos mortos, na mitologia grega (Nota do Tradutor).
- [2] **Bei:** Título adotado, tanto pelos monarcas da Tunísia quanto pelos governantes do Império Seljúcida e Império Otomano (Nota do Tradutor).
- [3] **Janízaros:** A elite do exército dos sultões otomanos (N. do T.).
- [4] **Talabarte:** Correia à qual se prende a arma a tiracolo (Nota do Tradutor).
- [5] **Morion:** Capacete usado por soldados europeus, nos séculos 16 e 17 (N. do T.).
- [6] **Lansquenets:** Tropas mercenárias de infantaria alemã, do século 16 (idem).
- [7] **Brigantina:** Espécie de cota-de-malha, usada do século 16 ao 17 (ibidem).
- [8] **Rodas:** *Ou Rhodes, cidade grega famosa pelo gigantesco colosso, esculpido na Idade Antiga (nota do tradutor);*
- [9] *O fato de os berberes — que, desde a pré-história (a nossa, não a de Howard), vivem no noroeste da África — terem se convertido ao Islamismo, desde os séculos VII a VIII, não os torna árabes (N. do T.);*
- [10] *Entenda-se 'com baixa auto-estima' (idem);*
- [11] **Cathay:** Nome dado à China, nos séculos XV e XVI (idem).
- [12] **Muxarabi:** Espécie de janela treliçada, de origem muçulmana (Nota do Tradutor);
- [13] **Shaitan:** Versão árabe do nome Satã (N. do T.);
- [14] **Chifre de Ouro:** Estuário que divide o lado europeu da atual cidade de Istambul (antiga Constantinopla). Era lá que o Império Bizantino tinha seu quartel-general naval (idem).